

Tudo Aquilo

Que

Deixamos Para

Trás

Bruna O Ferracini



Tudo Aquilo Que Deixamos Para Trás

Copyright © 2015 by Bruna Beatriz Ferracini Barbosa  
Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta  
publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais.  
(Lei 9.160/98)

A Deus, por não ter desistido de mim.  
À minha mãe, por ser minha super-heroína preferida.  
À Malia, por ter me deixado contar sua história.

“The roses you gave me kept me awake with the sound of their petals  
falling. ”  
– *Jack Gilbert*



“Você não tem medo?  
De quê?  
De se perder de você.  
Respondi a verdade:  
É exatamente isso que quero que aconteça.”  
– *Espera, Maggie Stiefvater*

# Sumário

## Primeira Parte: *Perdida* ♥

1  
2  
3  
4  
5  
6  
7  
8  
9  
10  
11  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
21  
23  
24  
25

## Segunda Parte: *Visitante* ∞

26  
27  
28  
29  
30  
31  
32  
33

## Terceira Parte: *As Últimas Três Canções* ♪

34  
35

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[43](#)

[44](#)

[45](#)

[46](#)

[47](#)

[48](#)

[49](#)

[50](#)

[51](#)

[52](#)

[53](#)

[Quarta Parte: \*Malia Dellara Doerr\*.](#)

[54](#)

[55](#)

[56](#)

[Nota da autora:](#)

[Agradecimentos](#)

[CONTATO](#)



## Primeira Parte: *Perdida* ♥

### 1

Nicolas,

*Consegui o “novo” endereço com o seu pai. Sua mãe se recusa a sair de casa e não gostou nem um pouco de me ver na porta da casa de vocês.*

*Peça desculpa a ela por mim, se for possível.*

*Eu entendo sua mãe, sabe, também não conseguiria olhar para alguém que lembre meu filho ou o motivo que o levou até aí. Eu sempre enxergava Oliver quando olhava para você. Sei que as coisas não devem ser fáceis onde você está, mas é um alívio não tê-lo por perto.*

*Isso não soou muito bem. Desculpe. Outra vez.*

*Não é que eu tenha esquecido Oliver, é só que você fazia com que a presença dele – ou a falta dela – fosse quase esmagadora. Mas eu me lembro dele, algumas vezes mais do que outras. Às vezes passo pela sala de música da escola e os outros alunos são tão péssimos! Apenas vocês dois entendiam o que estavam fazendo ali. De qualquer modo, parei de escutar atrás da porta nessas ocasiões, meus ouvidos já estavam doendo com os rangidos estridentes da guitarra. Se Oliver estivesse aqui, ele provavelmente entraria lá para salvá-la.*

*Não foi esse todo o motivo que me levou a evitar aquela sala. Era um dos lugares preferidos do Oliver, você sabe disso. Entrei lá uma única vez depois do acidente. Oliver amava todo aquele lugar: a guitarra vermelha e surrada, os violões desafinados, o piano preto, a bateria velha e até mesmo*

*as partituras espalhadas, mesmo que ele nunca as usasse.*

*Não consegui ficar por muito tempo. Comecei a chorar. Foi a primeira e única vez que me permiti fazer isso.*

*Meu pai odeia que eu chore. Ele não quer que choremos pelo meu irmão. Acho que ele o odeia agora.*

*Minha mãe parece um zumbi sorridente. Ela só fica lá limpando e limpando e limpando e fazendo tudo que meu pai pede, mas isso não é nenhuma novidade. Ela consegue fingir que nada aconteceu. Bem, eu não consigo.*

*Não consigo esquecer Oliver.*

*Não posso esquecê-lo.*

*Acredito que você também não.*

*Queria que Oliver estivesse com você. Queria que ele tivesse tido coragem de fazer o que você fez. Tenho certeza de que ele está muito orgulhoso. Você precisa saber disso, Nicolas. Você precisa saber que Oliver estaria feliz por você.*

*Não espero que você responda a carta. Entenda que não procuro respostas. Só preciso de alguém para conversar, alguém que sabe o que aconteceu naquela noite.*

*Alguém que sabe a verdade. Sobre tudo.*

*Então, sinto muito se eu estou incomodando. Talvez você tenha rasgado a carta sem nem ter lido. De qualquer forma continuarei escrevendo. Desculpe.*

*Oliver sempre dizia que eu me desculpava demais. Mais uma coisa sobre a qual ele estava certo.*

*Mas você também já sabia disso.*

*Com carinho,  
Malia*

## 2

O professor tem o rosto cansado. Castigado pelas horas exaustivas em frente à lousa verde caindo aos pedaços, tentando transformar a matéria chata em algo interessante capaz de entreter um ou outro aluno. Nunca é suficiente. Professores tendem a se achar super-heróis sujos de giz, se esforçando demais para colocar o número máximo de alunos dentro de universidades públicas e na maioria das vezes, falhando miseravelmente, vítimas do ensino carente que persegue os estudantes muito antes de eles terem consciência disso.

– Vocês têm exatamente um mês para realizar o trabalho valendo metade da nota em todas as disciplinas.

Protestos são ouvidos dos quatro cantos da sala de aula.

– Chega de reclamação!

Ele bate o apagador na mesa, espalhando pó nas carteiras da frente, a minha inclusive.

– Anotem antes que eu desista e deixe vocês sem explicação nenhuma. Certo, vocês estão na fase final do Ensino Médio. – *os alunos no fundo da sala batem palma* – Eu sei, eu sei. Também não vejo a hora de tudo isso acabar. Mas, por enquanto, se quiserem passar de ano é melhor se esforçarem. Continuando: vocês terão que fazer uma apresentação com o tema: “Quem sou eu?”. O que queremos é saber seus sonhos, aspirações, aprendizado, tudo aquilo que constitui a pessoa que vocês se tornaram nesses últimos três anos e quem vocês imaginem ser quando saírem daqui e escolherem seus futuros.

O professor levanta a sobrancelha, esperando algum questionamento, mas todos estão quietos pensando no que ele acabou de dizer. Posso ouvir as máquinas funcionando, formando ideias ou se desesperando por encontrar um vazio sem fim. Como eu.

– Vocês podem destacar alguma atividade especial, teatro, dança, enfim. – ele prossegue – Por favor, não saiam do tema. Vocês. Esse é o tema.

Vocês.

Você.

**Eu.**

O tema.

Quem sou eu? Quem eu sou?

Posso pensar em equações matemáticas mais fáceis de serem respondidas. Fecho o livro aberto diante de mim, esse livro não sou eu, embora ache que enquanto a leitura de um livro não termina, eu sempre seja parte dele. A heroína da história, forte, habilidosa e corajosa que salvou o mundo sem ter nenhuma escolha, essa não sou eu. Quer dizer, tirando a parte de não ter escolha.

– Não me interessa o que os idiotas desses professores querem. Só quero me livrar desse lugar o mais rápido possível. E dessas pessoas.

A menina loira exalando um perfume enjoativo no cabelo se vira na minha direção, abaixo os olhos para o livro, fingindo ler a sinopse pela milésima vez.

– E você esquisita? – Rachel Albuquerque me cutuca com a ponta do lápis – Vai falar sobre seus livrinhos esquisitos?

Aperto o livro contra o peito. Fazendo uma fortaleza de páginas e palavras.

– A esquisita não fala? – ela cutuca a capa do livro com força – Fico me perguntando se seu irmão sofreu mesmo um acidente. - ela franze a testa, pensativa, sem notar meus membros trêmulos – Se eu tivesse uma irmã como você, – a palavra irmã tem um som azedo na sua boca – eu também não aguentaria.

Os amigos de Raquel riem. Afundo ainda mais na mesa, apertando com cuidado a história da heroína que não se importava com o que os outros diziam. Sinto o cheiro das páginas e minha visão enevoada some lentamente. *Por favor, não.* Não posso chorar na frente dela, essa garota fica mais cruel quando choro.

Raquel continua tagarelando sobre sua futura carreira e carros luxuosos e namorados lindos e *futuros* deslumbrantes. Coisas que nunca terei. Pois não me foi *permitido* ter. Passo a mão suavemente pela capa azul do livro, contorno o pássaro na capa, quero abrir as páginas e cheirá-las, mas isso só acionaria o radar *esquisitice* da Rachel. Tento voltar à leitura quando percebo a garota de cabelos pretos longos me olhando, ela tem pele cor chocolate e um estilo muito parecido com a personagem do livro. Elizabeth Rodriguez. Ela sorri e eu tento retribuir da melhor maneira possível, mas é tão estranho e incomum fazer isso – principalmente na escola – que devo estar fazendo alguma careta.

– Não ligue para as coisas que a Raquel diz. – ela fala ainda sorrindo – Eu gosto muito desse livro.

Elizabeth coloca a ponta do dedo em cima do pássaro, ela pintou as unhas de dourado. Eu só tenho permissão para tirar as cutículas e cortar as unhas o máximo possível. Queria poder pintar minhas unhas de dourado, mesmo sabendo que essa cor não ficaria tão bem em mim como fica nela.

– Ela é corajosa, não é? – Elizabeth continua – Queria ser como ela.

– Eu acho você bastante corajosa. – minha voz vacila, limpo a garganta – Você me faz lembrar *dela*.

Sou pega de surpresa pela maneira como me sinto tendo essa conversa, com alguém que conhece o que estou falando. Não falo sobre livros com pessoas da minha idade. *Simplesmente não falo* com pessoas da minha idade. A Senhora Rosa é a única que gosta de conversar comigo sobre livros, mas ela é bibliotecária da escola, então é meio que uma obrigação ela saber sobre isso, embora não seja obrigação trazer os livros das filhas dela para mim, como esse em minhas mãos.

– Obrigada. – Elizabeth sorri agradecida – Mas eu não sou corajosa como ela. Eu queria ser, mas não sou.

Ela se vira e encara algo atrás de mim, olho por cima do ombro e noto Raquel prestando atenção na nossa conversa. Ela empina o nariz na minha direção e faz uma careta azeda e depois encara com ferocidade Elizabeth, as duas travam um duelo de olhares e continuam até Raquel vacilar e desviar ficando vermelha. Ela lança mais uma careta de desgosto na minha direção e se vira para continuar uma conversa animada com as sombras, como se nada tivesse acontecido.

Elizabeth é a única pessoa que Raquel tem medo. Não conheço a história inteira, mas sei que as duas eram amigas desde o ensino fundamental e se mudaram juntas para o ensino médio e quando Raquel ainda era amiga de Elizabeth, ela não era tão cruel. Então, Raquel começou a namorar um cara *barra pesada* – palavras da Rosa – e as coisas explodiram. Elizabeth parou de falar com Raquel, essa por outro lado se tornou pior do que já era e as duas andam de lados oposto, embora às vezes eu as veja sussurrando nos corredores juntas e como agora, pela maneira como Elizabeth continua sem desviar os olhos das costas de Raquel, percebo que elas devem sentir saudades uma da outra.

O sinal toca. Coloco minhas coisas na mochila e embrulho o livro em uma toalha de rosto felpuda para não amassar. Raquel passa por mim, empurrando a carteira com força fazendo-a bater no meu joelho. Uma pontada de dor se espalha por meu corpo. Estremeço e esfrego o local da

batida. Elizabeth já se foi, fico feliz por ela não ter de presenciado o que acaba de acontecer.

O professor me espera impaciente para fechar a porta. Sempre aguardo todos saírem antes de ir, tenho medo de alguém colocar algum bilhete maldoso na minha mochila com os dizeres: “*Chute-me.*”. Já aconteceu. E se não fosse por um garoto do terceiro ano que sentiu pena de mim, eu ainda estaria com hematomas dois anos depois do ocorrido.

Existe aquele momento ao fim do dia em que sinto um alívio tremendo por estar indo embora da escola. Passo pelos portões velhos de ferro, feitos para aprisionar, e quando começo a andar, deixo tudo para trás até o dia seguinte. Todas as *brincadeiras*, empurrões e nomes feios. Deixo tudo para trás e me concentro em colocar um pé na frente do outro. Andando nas ruas movimentadas de mais uma cidade cinza e sem graça, eu não sou a esquisita. Mas também não sei ao certo quem sou.

Penso naquela teoria de *Erving Goffman*, na qual ele diz que cada pessoa interpreta diversos papéis e usa as mais variadas máscaras para interagir de acordo com o ambiente. Portanto, é certo de que não somos exatamente as mesmas pessoas a *todo o momento* e em *todo lugar*. Ser *alguém* é complicado demais, as pessoas são muito mais do que deixam transparecer – *muito mais triste, atormentadas, desesperadas*. Penso em uma pessoa que se encaixa perfeitamente na teoria de Goffman e é assim que meu alívio se transforma em pesar.

Minha casa é uma fortaleza cercada de mentiras e máscaras reveladoras. Não sei se Erving já havia pensado nisso, mas só conhecemos uma pessoa de verdade quando permitimos que ela se revele para nós, quando permitimos que ela tenha *poder* sobre nós.

Quando deixo minha casa de manhã sempre olho para trás e não sinto nenhum pinga de remorso por estar indo embora. A escola é uma droga, mas ela é uma droga que tem tempo de duração para acabar.

Faço um desvio no caminho para casa e sigo em direção a caixa amarela do correio que fica perto do supermercado do bairro, é uma das poucas que eu já vi pela cidade: um objeto quadrado, amarelo e arcaico, com uma abertura no centro que engole os pequenos envelopes depositados pelas pessoas. Funciona, a mulher do supermercado me garantiu quando perguntei a ela, um funcionário do correio recolhe toda semana as cartas, os selos que eu colo no topo do envelope branco garantem que esse pedaço de papel chegue ao seu destinatário.

Perguntei a Rosa como eu poderia enviar cartas para uma pessoa e ela me disse que eu só precisava pagar uma taxa para os correios, o problema é que a loja dos correios fica no centro e eu demoraria um século para chegar lá com meus dois pés. Vendo minha cara de decepcionada ela disse que eu poderia comprar selos e colar na carta e depois eu só precisava depositar na caixa amarela que ficava na rua e trás da escola, ela se ofereceu para comprar os selos pra mim, então no dia seguinte eu trouxe um amontoado de notas de dois reais e perguntei se era suficiente, ela disse que sim e trouxe os selos no dia seguinte. Rosa reabastece meu estoque de selos sempre que eles estão acabando, quando ela faz isso, junto as moedas e notas que consigo encontrar em casa e coloco na mesa dela, mas o dinheiro sempre acaba voltando pra mim no meio dos livros que ela me empresta. Rosa diz que o dinheiro que dei da primeira vez ainda não acabou, o que eu sei que é mentira. Ela me perguntou certa vez para quem eu escrevia, mesmo que ela já soubesse, pois, já a peguei espiando enquanto eu escrevia o endereço do destinatário no envelope.

– *Para o Nicolas. – Respondi.*

– *Ah, – ela disse – não tenho notícia dele desde... – Rosa coça a garganta. – Ele está bem?*

– *Eu não sei. – falei com sinceridade. – Ele nunca me respondeu.*

Nicolas não era meu amigo. Ele era o melhor amigo do meu irmão. Nicolas era a sombra de Oliver, enquanto Oliver brilha, Nicolas se mantém afastado da luz, vivendo uma existência quieta e solitária. Oliver é barulho, Nicolas é silêncio. É por isso que decidi escrever para ele, porque silêncios ouvem e guardam segredos sobre o que ouvem.

A carta desliza pela abertura da caixa, ela cai lá dentro e faz um barulho seco. Viro as costas e vou embora e o silêncio me acompanha enquanto caminho.

≠

Pego a chave na mochila e, todos os dias, hesito antes de girar a maçaneta. É quando penso *nela* e por pior que seja, não vou abandoná-la. Por isso entro e sou tomada por completo desespero, os últimos meses têm sido os piores, com a formatura se aproximando e a vontade de se livrar de mim crescendo.

– Mãe? – chamo prendendo a mochila no apoio atrás da porta – Mãe?

Ando até a cozinha tomada pelo cheiro de comida sendo preparada, paro atônica. Minha mãe se movimenta pelo lugar com os braços levantados para

cima, uma colher de pau na mão. Ela está com os olhos fechados, fazendo círculos e rebolando ocasionalmente. Um fio conectado a um celular me deixa sem fôlego. Se *ele* descobrir estamos perdidas.

Devo acabar com isso, alertá-la. Mas a felicidade no rosto dela me impede de terminar esse momento, há uma paz em suas feições que dificilmente é vista, apenas quando ele não está por perto e mesmo nesses momentos é possível ver a tensão que nunca a abandona. Ela parece tão jovem que chega a doer em mim, encosto a cabeça no batente da porta, observando a felicidade momentânea da minha mãe. Ela abre os olhos e me vê, sua boca forma um pequeno “O”, surpresa. Depois ela sorri tirando o fone dos ouvidos.

– Meu anjinho. Não ouvi você chegando. Como foi seu dia?

– Mãe. – aponto o celular – Onde você conseguiu isso?

Ela tenta esconder o aparelho no bolso do avental. Puxo o celular dela. Quero chorar de alegria e rir de desespero. Contorno o celular com os dedos com carinho. É apenas um celular velho, mas é o celular velho da pessoa que mais amo no mundo. Depois que ele se foi, procurei o celular por todos os lugares possíveis, a tristeza ao constatar que aquilo também se perdeu com ele foi devastadora, mas agora uma pequena alegria volta a se insinuar nos cantos da minha boca, mamãe devia estar com o celular o tempo todo. Afinal, ela também sente falta dele. Só não tive coragem de perguntar, não suportaria vê-la fingindo que ele nunca existiu. Como nos foi ordenado.

– É perigoso. – encaro a tela rachada – Ele pode descobrir.

– Eu sei, Malia. – ela o pega de volta – Eu sei que seu *pai* não gosta dessas coisas. Me desculpe. – ela enfatiza a palavra “pai”, lembrando-me de chamá-lo assim, o problema é que essa palavra saiu do meu vocabulário há muito tempo atrás, mais precisamente quando descobri que ser um pai era exatamente o que o meu pai nunca foi e provavelmente nunca seria. Minha amiga Rosa gosta de acreditar em milagres, mas não sei se sou tão esperançosa como ela, nem se tenho fé suficiente para isso.

– O que você estava fazendo? Quando eu entrei?

– Ora, eu estava dançando.

– Dançando?

Pergunto como se aquilo fosse algo desconhecido pra mim. É claro que sei o que é dançar, mas essa é uma das muitas coisas que não faço. A não ser quando ele me puxava para dançar.

– E ouvindo música. – o rosto dela se ilumina – Eu estava com saudades



de ouvir música. Eu entendo que devemos *obedecer ao* seu pai, mas sinto tanta falta de ouvir música. Ouça Malia, você precisa ouvir essa aqui, é minha favorita!

Um gosto amargo brota na minha boca quando escuto a palavra *obedecer*.

Obedecer.

Obedecer.

A regra da minha vida.

– Não pense, Malia. – mamãe prende um fone na sua orelha e outro na minha – Apenas ouça.

Ouçõ. Uma voz grossa e agitada sobe pelos meus ouvidos, é estranha a sensação, como se alguém estivesse gritando na sua orelha. Tiro o fone e olho para o aparelho, depois o recoloco e voz se transforma em som, batida, ritmo, música, história. Entendo algumas coisas e outras são apenas letras e palavras desconexas, mas sei que é uma música feita para dançar. É a música preferida dele.

*Was dancin' to the jailhouse rock.*

Minha mãe prende suas mãos nos meus pulsos e então estávamos dançando pela cozinha. Bem, não exatamente dançando, apenas girando em círculos e jogando a cabeça pra trás rindo. Fecho os olhos e me deixo ser levada pela música, as mãos conectadas com as dela, um fio emanando som para nossa alma e o cantor dizendo que devemos dançar. Dançamos e por poucos minutos a palavra *obedecer* some, desaparece, evapora. Por poucos minutos Rachel não me humilha e tira sarro de mim. Por poucos minutos eu tenho escolhas e posso escolher ouvir essa música todos os dias, pois é exatamente isso que quero. Por poucos minutos apenas. Até a música acabar e a voz agitada partir, até mamãe retirar os fones e desprender nossas mãos. Ela gira o fio em volta do aparelho e me olha de esguelha. *Temos um segredo*. Ela parece dizer. *Temos muitos segredos*, penso.

Ela guarda o aparelho num jarro dentro de uma panela, um lugar em que ele nunca chegaria perto.

– Quem é o cantor? – pergunto, tentando agarrar o máximo possível daquele momento. Mesmo que eu saiba quem canta, pois ele já me falou sobre ele um milhão de vezes.

– Elvis. – minha mãe sorri – O nome dele é Elvis Presley. Eu o amava quando tinha sua idade.

– Não ama mais? – pergunto, mas nós duas sabemos que não é sobre Elvis que estou falando.

Ela se vira e me olha. Toda a juventude se esvaindo de seus olhos, tornando-os velhos, cansados, triste e atormentados. As pessoas dizem que somos parecidas, mas não sou bonita como ela. Cabelos curtos, cortados até o ombro e pretos, olhos castanhos levemente esverdeados, nariz pequeno nenhum pouco condizente com os lábios grossos e rosados. Minha mãe é deslumbrante e seria muito mais se não fosse pelos constantes machucados. A cicatriz do lado esquerdo da face, naquele tom branco opaco, é um lembrete de que coisas como dançar no meio da cozinha não são permitidas.

– As coisas mudam, Malia. – ela volta a preparar a comida me evitando – Foi só uma saudade boba, não vai voltar a acontecer.

Eu também sinto saudades, penso.

Todos os dias.

Cada segundo que passa uma parte da minha alma se esvai com ele.

E mesmo sabendo que coisas assim não terminam bem, eu quero que volte a acontecer. Quero que mamãe fale o nome dele e que me diga que está tudo bem em sentir saudade, que está tudo bem sentir aquela dor avassaladora que esmaga meus pulmões obstruindo minhas vias aéreas. Durante aqueles minutos enquanto dançamos com Elvis, ele esteve perto de nós. Durante aqueles minutos eu não precisava descobrir *quem eu sou* e não precisava me preocupar com o item proibido escondido na panela prateada, éramos apenas mãe e filha se divertindo, até esse resquício de felicidade ser tirada de nós.

### 3

A casa onde moramos é bem antiga, não sei exatamente o ano em que foi construída, mas às vezes fico imaginando que a família que a construiu deveria ser enorme por causa do número de quartos, sete no total, tirando os incontáveis cômodos inúteis que ainda estou tentando entender para qual finalidade serviam. Houve uma época em que gostei da casa ter tantos cômodos, é difícil encontrar alguém nessa casa se essa pessoa se esconder bem, mas depois de um tempo, não importava o número de espaços disponíveis. As distâncias não eram suficientes para abafar os gritos.

Estou terminando de limpar o último de quatro banheiros e depois ainda tenho que fazer as tarefas da escola, embora essa seja a parte fácil do dia. Minha mãe cuida da sala, cozinha, jardim e dividimos os quartos entre nós. Todos os dias é a mesma rotina e todos os dias ele confere se tudo está no devido lugar. Meu pai gosta de exibir a casa para ocasionais convidados, ele gosta de nos exibir também, eu e mamãe.

Certa vez esqueci uma flanela encima de um móvel, fiquei três dias sem ir à escola por causa disso. Nunca senti tanta saudade das maldades da Rachel.

Ele chega por volta das sete e meia da noite, o barulho do portão sendo aberto sempre me assusta, é esse o momento em que respiro fundo e parece que não volto a respirar até o dia seguinte. Preciso me lembrar de chamá-lo de pai, sei que isso chateia minha mãe, assim como chateava Oliver, é só que é mais confortável usar “ele” ao invés de uma palavra que não o define. Oliver e mamãe são pessoas boas que acreditam que pessoas ruins possam melhorar. Às vezes me pergunto se realmente compartilho alguma gota de sangue dos dois. Mas dessa vez ele não está silencioso como costuma ser, dessa vez algumas vozes acompanham a dele. Identifico dois homens e uma mulher. Quero perguntar para mamãe se ela sabia que teríamos visita, ela já está na porta, esperando e contorcendo os dedos.

Fecho o livro de matemática e o guardo dentro do armário atrás de mim, é lá que eu guardo os livros que pego na biblioteca também. Ele não gosta que eu leia livros que não sejam da escola, ele diz que livros assim colocam pensamentos ruins na mente das pessoas.

– Querida, olha só quem está aqui.

Meu pai aparece na porta e beija o rosto da mamãe. Ela o encara com

olhos arregalados.

– Daniel, da empresa. Você se lembra dele, certo? Essa é a esposa dele, Patrícia. E esse aqui – meu pai apresenta as pessoas e dá dois tapinhas amigáveis nas costas do menino que entra por último – é o Rafael, filho dos dois.

– Claro, me lembro. É um prazer revê-los.

Mamãe sorri entrando no papel *esposa feliz*.

– Malia.

Meu pai me chama, hesito antes de dar o primeiro passo e segurar a mão que ele me oferece.

– Cumprimente os convidados.

Ele me empurra na direção das pessoas, dou um beijinho no rosto da mulher e aperto a mão dos homens.

– Ela não é linda?

Meu pai pergunta e o rapaz ao meu lado me olha da cabeça aos pés ficando vermelho quando o encaro com uma sobrancelha arqueada. Ele deve ser um pouco mais velho do que eu, dois anos no máximo. Não me surpreendo com essa pergunta estúpida, como eu já disse, ele gosta de nos exibir para os outros. Mas, dessa vez, há algo diferente, é quase como se ele esperasse alguma aprovação. Do mesmo jeito que ele sempre tentava fazer com..

*Não pense nele agora, Malia. Agora não.*

– Sim, senhor. – Rafael diz por fim.

»

A conversa flui entre os três homens à mesa. Conversas corriqueiras sobre jogos de futebol, notas escolares e planos para o futuro. Meu pai adora pressionar as pessoas com esses assuntos. Até elas enlouquecerem.

Mamãe finge da melhor maneira possível estar se divertindo conversando com Patrícia, mas, para quem a conhece, os ombros duros e eretos não passam despercebidos. Ela está louca para que tudo isso acabe.

Assim como eu.

Esse fingimento torturador me deixa sem fome, jogo o tomate-cereja pelo prato. Meu pai me lança um olhar congelante do outro lado da mesa, enfio o tomate goela abaixo e ele sorri satisfeito.

Se ele estiver satisfeito não vai gritar. Não vai descontar sua raiva. Não vai me culpar pelo que aconteceu.

– Então, – Patrícia toma um gole de vinho e pergunta – onde está seu filho?

Sempre acontece. Mais cedo ou mais tarde, algum desavisado faz a mesma pergunta. Alguém cuja mentira do meu pai não alcançou. Patrícia é essa pessoa hoje.

Encaro a mulher com o copo de vinho pousado no ar. Mamãe encara o prato, seu rosto é devastador.

– Patrícia – o marido repreende – Me desculpe Fábio. Ana. Minha esposa não sabe o que aconteceu. Patrícia, por favor...

– Não se desculpe. Acontece. – meu pai saí do transe e oferece seu melhor sorriso desolado – Meu filho sofreu um acidente fatal há quase um ano. Ele foi atropelado.

– Oh, meu Deus. – Patrícia pousa a mão na boca escancarada – Sinto muito, muitíssimo mesmo. Eu não fazia a mínima ideia.

– Não tem problema. – mamãe sussurra.

Não, não tem. É claro que não.

Eles não sabem a verdade.

Não importa para eles.

O importante é que eles acreditem na história.

Que eles pensem que a família perfeita sofreu uma perda terrível, mas que está se recuperando.

Algo muito longe da verdade.

»

Não acredito que estou fazendo isso. Não acredito. Não acredito.

*Faça logo.*

Uma ideia mirabolante, ou melhor, um desejo mirabolante tomou conta de mim e a próxima coisa de que me lembro, é de estar com a mão na maçaneta do portão e logo depois o vento gélido joga meus cabelos para trás e penetra nas roupas vestidas às pressas no meu desespero em sair.

Me afasto de casa e não olho para trás. Tenho medo de que ele esteja lá, que ele tenha ouvido o portão se abrir. Contorno a casa do vizinho e pressiono as costas no muro da casa, tentando me acalmar. Meu coração parece uma sinfonia descontrolada.

Abro os olhos e concentro minha atenção na lua cheia, algumas nuvens intrusas passam por cima dela e mesmo assim não conseguem ofuscar sua luz

brilhante, os raios do luar iluminam a rua, as casas e o refletem no que me chamou atenção da janela do quarto. Obrigo as pernas a colaborarem, já estou aqui fora, não vou voltar. Penso em todos os personagens dos livros que já li, eles fariam isso, eles não desistiriam.

Respiro fundo. Espero que o ar esteja carregado de coragem.

As casas desse bairro foram construídas inspiradas na arquitetura americana, por isso, não há muros em algumas casas. Outras, como a nossa, desistiram de tentar imitar os americanos por causa dos roubos constantes. Mas o meu vizinho provavelmente não. Estou andando pelo jardim dele e pedindo que me perdoe, não estou roubando, só pegando algo emprestado. Acredito que aquele cômodo do lado de fora da casa seja um quartinho da bagunça, vejo que estou certa quando abro a pequena porta e me depara com diversas tralhas. Colchões velhões, sapatos e roupas roídos pelas traças, latas de tinta, brinquedos antigos, produtos de limpeza que deixam um cheiro quase sufocante de lavanda no ar. E lá no canto, refletindo a luz da lua, uma bicicleta vermelha e suja.

Hesito antes de entrar para pegar a bicicleta, digo a mim mesma que tentarei descobrir o nome do meu vizinho, acho que não vou me sentir tão mal pegando algo dele se souber seu nome. Porque agora estou me sentindo uma ladrazinha.

Minhas mãos parecem ter vida própria, elas já estão contornando o guidão empoeirado e arrastando a bicicleta pra fora. Limpo um pouco a sujeira da melhor forma possível, minhas roupas ficam cheias de marcas pretas acinzentadas. Confiro os pneus e por incrível que pareça eles estão bons, suspiro aliviada. A possibilidade de ter de voltar me causa uma dor física, preciso sair daqui.

Monto na bicicleta dizendo baixinho *desculpe, desculpe, desculpe*. Só que dessa vez não sei para quem peço isso. Dou um impulso com o pé direito e começo a pedalar, me desequilibro no começo, passou muito tempo desde a última vez que andei de bicicleta. Não consigo nem me lembrar de quando foi, mas tenho quase certeza que foi antes de eu ter consciência das coisas que mamãe e eu fazíamos em segredo. Coisas que ele não aprovaria.

Não sei exatamente o que estou sentindo, mas deve ser parecido com o sentimento dos personagens dos livros quando eles iniciam uma grande jornada. Você sabe, como quando *Harry Potter* foi atrás das *horcruxes* ou quando *Clary* precisou se entregar à *Sebastian* para salvar o mundo e os *shadowhunters*. Não sei, mas acho que eles devem ter sentido algo parecido.

Meu coração bate de um jeito incontrollável e impossível, minhas mãos estão suadas, todo meu corpo soa frio, meus olhos estão embaçados de lágrimas graças ao vento gelado e há aquele sentimento de excitação e medo que me impulsiona a continuar pedalando cada vez mais longe, e, é como se o fio que me prende e sufoca estivesse se rompendo com o giro dos pedais. Por isso, continuo girando, sem parar, me afastando, afastando, afastando.

As casas começam dar lugar a prédios altos e iluminados, confiro as horas do relógio no meu pulso. 03h32. Outro carro passa por mim, o último diminuiu a velocidade e uma senhora dentro do carro me olhou confusa. Acelero o ritmo e então, depois de um tempo, tudo se torna silencioso, ouço apenas a canção incestuosa do vento agitado e o zumbido melancólico dos postes de luz. É estranho estar no meio de uma rua escura, sozinha e com o coração dançando no peito e ainda assim, me sentir mais segura aqui do que em qualquer momento dentro da minha própria casa.

Faço algo que sempre quis fazer, abro os braços devagar e olho para cima, tenho que segurar o guidão várias vezes até conseguir, começo a rir sozinha com o vento lambendo meus cabelos e a lua iluminando meu caminho. O medo e a excitação continuam lá me impulsionando para frente. É a melhor sensação do mundo. Quero chorar, mas estou ocupada demais sorrindo e aquele fio que me prende e me sufoca ficou para trás. Nesse momento, eu juro que poderia continuar pedalando a noite inteira só para me sentir assim o máximo possível.

– Ei, garota!

Alguém grita em algum lugar atrás de mim, me assusto e o guidão da bicicleta vai com tudo para o lado direito, não tenho tempo de controlar a bicicleta e acabo indo de encontro ao chão. O impacto me deixa zonda e uma dor ardente se espalha do meu joelho para minhas panturrilhas, um pedaço de jeans está caído no asfalto e meu joelho sangra. Sinto vontade de chorar, mas engulo as lágrimas quando uma figura solitária se posta na minha frente.

– Você tem dinheiro? – a figura pergunta.

– O q-q-ue?

Gaguejo prestes a chorar. Não consigo enxergar sentada no chão, por isso me levanto e dou de cara com um homem de olhos injetados me encarando zangado, dou um passo para trás. As roupas do sujeito estão mais sujas que as minhas, e seu cabelo enebado parece não sentir água há muito tempo, ele está descalço e carrega um saco preto jogado no ombro. São seus olhos, quase sem íris que me deixam assustada e a maneira como me encara

com curiosidade e malícia.

Eu já vi olhos assim. Daria tudo para vê-los mais uma vez.

– Perguntei se tem dinheiro. – ele diz jogando o saco no chão.

A bicicleta está contorcida no asfalto, mais perto do homem do que de mim. Tento pensar em alguma alternativa de fuga, mas estou longe demais de qualquer casa e essa parte do bairro é exclusivamente de comércio e prédios abandonados. Meu joelho protesta a cada movimento mínimo, ele me pegaria de qualquer jeito se eu corresse.

– Não tenho nada, me desculpe. – coloco as mãos no bolso da frente da calça jeans e exponho os bolsos virando as palmas para cima, espero que ele veja que não tenho nada e me deixe ir.

Ele parece considerar o que acabo de dizer, o homem me olha de cima a baixo e vira um pouco o tronco para a direita. Deixo o ar escapar pensando que ele vai embora, mas então ele está se virando na minha direção e avançado sobre mim.

– Bom, – ele cospe no chão – você vai ter que servir então.

Começo a retroceder e agora o beija-flor se descontrola no lado esquerdo do meu peito. Não consigo desviar a atenção dos olhos do homem, só continuo dando passo mais largo para trás e ele permanece avançando, se divertindo com meu medo. Ele expõe seus dentes amarelos e estende os braços tentando me agarrar, me viro e corro. Mas não dou nem cinco passos antes de meus joelhos fraquejarem e minha camiseta ser puxada por mãos ossudas e trêmulas, não consigo gritar por socorro, apenas tento acertar algo com meus pés. O homem ri das minhas tentativas inúteis de escapar, ele consegue prender minhas pernas e aperta meus braços com o corpo. Fico totalmente parada agora, tomada por um desespero extremo.

O homem gargalha, fecho os olhos e me pergunto o que os personagens dos livros pensariam se me vissem desistir assim tão fácil. É então que ouço a voz de Oliver em suas tentativas inúteis de me ensinar autodefesa.

– *Se alguém estiver de imobilizando, o que você fará?* – ele perguntou certa vez.

– *Vou gritar o mais alto que eu puder.* – respondi entediada.

– *Não.* – Oliver riu. – *Qual o músculo mais forte do corpo humano, Malia?*

– *O músculo da boca?* – pergunto incerta.

– *Exatamente. Se alguém tentar te machucar, dê uma de cachorrinho e morda a pessoa, depois saia correndo pedindo por ajuda.*



– E se eu não puder alcançar a pessoa com a boca? – perguntei e pela sua cara, ele não tinha pensando nessa parte ainda.

– Existe sempre as partes baixas. – Ele riu quando o empurrei.

Não me dou conta de que o corpo do homem não me prende mais no chão até escutar uma voz desconhecida e sentir um gosto de sujeira na boca. O homem grita com os olhos arregalados pedindo que eu o solte. Me dou conta de que estou segurando seu braço com os dentes e recuo limpando a boca no agasalho.

– Sua louca! – ele berra. – Olha só o que você fez. – ele aponta para as marcas de dentes no braço.

– Você me atacou! – solto indignada.

– Do que você está rindo, garoto? – O homem olha para algo atrás de mim.

Uma figura de casaco se curva com as mãos nos joelhos e solta risinhos abafados, ele ergue a mão e gesticula para nós dois.

– Você tinha que ver sua cara. – Diz a figura com a voz abafada. – “Me salve, me salve!” – O desconhecido imita o homem.

– Não se meta nos meus assuntos. – o homem de olhos injetados aponta um dedo trêmulo.

– Aí, aí, – a figura de sobretudo faz um movimento com a mão, parece espantar algo ruim – não se pode mais brincar com as pessoas nos dias de hoje. Deixe a garota em paz, Alberto. Ou ela pode arrancar seu braço em uma próxima mordida.

O homem ri diante da ameaça, mas eu noto uma leve sutileza na voz do de sobretudo, ele parece brincar e ao mesmo tempo está mortalmente sério. O homem apanha seu saco no chão e cospe de novo, quase me acertando, sinto meu estômago embrulhar.

– Você não tem bolos para entregar? – há uma dolorosa frieza na voz do homem.

– Hoje não. – o sobretudo diz aparentando tédio, mas é a rigidez nos seus ombros e os punhos serrados que denunciam seu nervosismo.

– Que ótimo dia para bancar uma de herói, garoto. – O homem diz lançando um olhar raivoso na direção do outro.

– Ela não precisou da minha ajuda. – Diz o de casaco. – Não sei se você percebeu, mas ela se defendeu sozinha, a única pessoa que precisa de ajuda aqui é você, se quiser posso dar um beijinho no seu machucado para sarar mais rápido. – Ele sorri travesso.

– Nos vemos por aí. – O homem sai bufando. Ele dá uma piscadinha e sinto o jantar prestes a sair pela boca. Ele solta mais uma gargalhada, depois se vira e desaparece dentro de um prédio abandonado.

– Isso foi extremamente interessante.

Estou ocupada demais botando oxigênio nos pulmões para prestar atenção quando o sobretudo se vira e me encara.

– Tente respirar pelo nariz e soltar pela boca. Desse jeito você vai desmaiar.

A figura de sobretudo é um garoto, mais isso eu já sabia por causa da voz, só não imaginava que ele fosse tão novo, talvez um ou dois anos mais velho que eu. Acabo fazendo o que ele manda e sinto finalmente o alívio ao sentir o oxigênio chegando por inteiro.

– Pronta? – ele pergunta pegando minha mão e me puxando para cima, nossos narizes quase se batem com o movimento brusco. Tão perto assim me dou o direito de observá-lo melhor, o cabelo dele é preto e espetado para cima na frente e, ao contrário do homem de olhos injetados, o dele é brilhante e limpo. Suas maçãs do rosto são proeminentes e estão levemente rosadas, a pele clara deixa à mostra as veias azuis e verdes da bochecha, a boca não é carnuda demais nem fina demais, é perfeita e larga, mas são seus olhos o que mais me chama atenção, são verdes – e não do tipo de verde comum – é como se tivessem pegado uma folha de hortelã e imitado a cor colocando-a nas íris dele.

– Você usa lentes de contato? – não me contenho e acabo perguntando.

– Vocês, mulheres. – ele revira os olhos – Sempre a mesma pergunta. Não, não uso lentes. Tudo isso aqui. – ele faz um floreio indicando do rosto até os pés – É o magnífico eu.

– Ah. – sinto as bochechas esquentarem.

– Pois é. Ah.

Ele baixa os olhos para nossas mãos ainda entrelaçadas, solto a mão dele e encaro o asfalto.

– Argh. – ele grunhe se aproximando – Você se machucou?

– Eu...

O garoto coloca a palma atrás do meu joelho e o ergue, quase caio no chão de novo, mas ele é mais rápido e me ampara com a mão livre na minha lombar, tenho de segurar nos seus ombros para não cair. Meu rosto pega fogo. Ele examina o joelho sangrando e terminada de rasgar o jeans para expor o machucado, seus lábios se contorcem em um careta enquanto solta

palavrões baixinhos.

– Não é tão ruim. – ele pousa meu pé delicadamente no chão – Só precisa ser limpo e de um curativo.

– Tudo bem.

Ele fica parado, com a proximidade percebo que tem cheiro de hortelã. Igual aos seus olhos. Esse garoto seria descrito como bonito se estivéssemos em um livro. Sua sobranceira se ergue e um sorriso preguiçoso ilumina sua face expondo o dente canino torto, em seguida ele se vira e caminha a passos largos apanhando a bicicleta. O beija-flor volta pular no meu peito, não acredito que ele vai roubar a bicicleta do meu vizinho!

– Espera!

– Nós vamos para esse lado. – ele vem na minha direção e passa por mim. Me viro tentando acompanhá-lo. O que ele quis dizer com “nós”?

– Nós?

– Você gosta de torta?

– O quê?

– Bateu a cabeça também?

Bufo. Meu joelho dói a cada pisada e o garoto se afasta de mim com aquelas pernas longas.

– Para onde estamos indo? – pergunto ofegante. O garoto para e espera que eu o alcance.

– Tenho um compromisso e já estou atrasado. Quando chegarmos lá, cuidaremos do seu joelho, sim? – e então ele volta a se afastar.

– Se você me entregar a bicicleta, eu posso ir embora.

– Depois de tudo o que passei para te salvar? Não acho que seja uma boa ideia você ir embora ainda.

– Me salvar? Mas foi você mesmo que disse que *eu* me salvei sozinha. – Reclamo.

– Detalhes. – Ele acena com a mão, ignorando meus argumentos.

Depois de dizer isso, ele se vira e observa as ruas desertas, ainda cercadas por construções inacabadas. Sua postura grita desconfiança e só agora noto as juntas brancas dos seus dedos apertando o guião da bicicleta, de uma hora para outra, meus passos ficam mais rápidos. Eu e o menino dos olhos verdes ficamos lado a lado, é claro que eu preciso me esforçar mais para acompanhar os passos dele. Tento manter uma distância segura de um braço e o observo sempre que posso. Ele é muito alto, meu rosto fica na altura do seu ombro e quando ele me olha de esguelha sempre tem de abaixar

o rosto.

No começo, só é possível escutar o som seco dos nossos passos. Mas depois, quando meus ouvidos se acostumam com o silêncio noturno, posso ouvir ao longe o pio preguiçoso de uma coruja, o barulho estridente das cigarras, acompanhada do soneto dos grilos, o bater leve das asas de um morcego, um gato passa eriçando os pelos. As árvores balançam com a brisa suave, lançando perfume ao nosso redor, a escuridão é apenas um plano de fundo para toda a vida escondida e apresentada pelos raios lunares. É um silêncio bonito, uma escuridão encantadora. Estou sorrindo, sem saber exatamente o motivo. O garoto diminui o ritmo dos passos para acompanhar minha caminhada, sorrio para ele e – dessa vez – não preciso me esforçar, o sorriso está lá.

– Então, – paro e pego uma flor caída – qual é o seu nome?

– Qual é o seu?

– Você sempre responde uma pergunta com outra pergunta?

– Talvez? – um ar zombeteiro ilumina o rosto dele.

– Meu nome é Malia.

– Hum. Malia – ele me encara, testando o nome nos lábios – É um nome interessante.

– É o nome de uma cidade Grega. – explico.

Era um dos muitos sonhos da minha mãe. Viajar pelo mundo. Ela ainda guarda um mapa escolar com pontos vermelhos dos lugares aonde ela gostaria de ir e *Mália* é um desses lugares. Mas, como muitas coisas, esse sonho também foi tirado dela. Desfalecendo. Como a esperança. Meu nome é um dos motivos que não me deixam esquecer a verdade sobre o que vivemos. Sempre me perguntei por que meu pai não quis escolher meu nome, era de se esperar que ele quisesse todo o controle sobre nossas vidas.

– Nunca conheci ninguém com o nome de uma cidade, - ele observa divertido – muito menos de uma cidade Grega.

– Você ainda não me disse o seu nome. – comento.

– Não, ainda não. – ele para a caminhada e estende a mão direita – É um imenso prazer conhecer você, Malia. Eu sou Locke.

– Locke? – aperto a mão dele coberta por uma luva preta sem dedos – Tipo o filósofo ou o deus da mitológica nórdica?

– Não sei do que você está falando.

Ele volta a andar e sorri travesso. É dessa maneira que sei que ele sabe exatamente do que estou falando, da mesma forma que tenho certeza de que

“Locke” não é o seu nome verdadeiro. Mas, quem sou eu para exigir a verdade das pessoas? Sou a garota que fugiu no meio da noite por não querer encarar a verdade. E há também o jeito como ele se apresentou, como se não houvesse dúvidas de quem ele era, como se mesmo com um nome falso, ele fosse indiscutivelmente Locke e apenas isso. Me pergunto quanta coragem alguém deve ter para simplesmente *ser* e olhando Locke, com seu sobretudo até os joelhos, luvas sem dedos, botas pretas gastas e arranhadas, aquele sorriso travesso que não deixa seus lábios e olhos incrivelmente verdes, tenho a sensação de que ele é a pessoa mais verdadeira que já conheci. Quero fazer mais perguntas a ele, faz muito tempo que não converso com alguém que não seja Rosa ou a minha mãe, uma longa conversa, quero dizer. E Locke, com todas as suas peculiaridades, aguça minha curiosidade.

– Chegamos.

Desvio a atenção para onde ele aponta, estamos na parte comercial do bairro, quase perto do centro. Conheço a padaria porque já vim algumas vezes, mas já faz muito tempo que não venho, por isso não me surpreendo com o novo estabelecimento ao lado, uma lanchonete da qual eu não sabia a existência.

– Que horas são?

– Quatro da manhã. – Locke responde – Porque a pergunta?

– Achei estranho uma lanchonete funcionar até esse horário. – forço os olhos tentando enxergar pelas janelas – Parece que há clientes ainda.

– Só funciona de madrugada.

– Sêrio? Por quê?

Não conheço muito sobre estratégias de negócios, mas acho que uma lanchonete funcionar apenas de madrugada, não é algo lucrativo.

– Boa pergunta. – ele inclina o pescoço observando a lanchonete – Nunca me ocorreu perguntar. Acho que podemos fazer isso juntos um dia desses. Deus sabe que a dona adora uma oportunidade para falar.

*Juntos. Um dia desses.*

*Juntos, como um dia Oliver disse.*

Tenho vontade de sorrir com a escolha de palavras, talvez ele apenas queira ser gentil e mesmo assim a voz dele continua emitindo a mesma certeza de quando disse seu nome, como se fosse inaceitável qualquer outra opção. Sinto uma estranha felicidade por ter sido incluída em algo que provavelmente não vai acontecer. Sinto uma saudade esmagadora de Oliver e uma tristeza imensa. Porque mesmo quando a urgência de sair de casa se

apoderou de mim e os pedais me levando mais longe trouxeram uma sensação de liberdade esmagadora, mesmo nesses momentos, eu sabia que precisava voltar.

– No que está pensando?

Locke me tira dos meus devaneios.

– Nada.

– Não sabia que pensar em nada fazia as pessoas chorarem. – ele estende a mão e percorre o caminho de uma lágrima traidora.

– É apenas uma irritação nos olhos. – me viro de costas para ele não ver minha tola tentativa de mentir – Já vai passar.

– Ah, maldita irritação nos olhos. São horríveis, não?

Um lenço de papel surge acima do meu ombro, é estranho o que a gentileza pode fazer com as pessoas, principalmente aquelas que quase nunca experimentaram outro alguém tentando fazê-las se sentir melhor. Tenho mais vontade de chorar por causa daquele maldito lenço, mas Locke logo trata de contar uma história sobre estar em um ônibus lotado e não conseguir parar de chorar por causa de uma irritação nos olhos. É impossível não gostar de alguém que não para de falar até suas lágrimas serem substituídas por risadas abafadas.

– Desculpe. – encontro-o encostado no poste – Não queria chorar.

Não queria chorar na sala de música. Não queria chorar na frente de Locke. Não queria chorar por Oliver. Queria apenas que ele estivesse aqui comigo.

– Ninguém quer. – ele dá de ombros e sinto que há muito mais naquela frase do que sou capaz de compreender – Mas às vezes é preciso.

»

Ficamos parados no mesmo lugar, Locke não me apressa, só continua contando histórias e grunhindo “*maldita irritação nos olhos*” ocasionalmente. Digo a ele que estou melhor, então Locke me leva para um pequeno prédio de dois andares entre a padaria e a lanchonete, é uma construção discreta, mas me impressiono por nunca ter prestado muito atenção nas lajotinhas vermelhas e nas janelas de madeira marrom iluminados por uma luz fraca, é uma construção charmosa, se é que isso é possível.

– Ah, que ótimo. – Locke sorri pra mim – Ele deixou a porta aberta, vamos lá.

Ele abre a porta lateral, logo ao lado da janela de madeira, mas não

entro, fico do lado de fora com os braços cruzados.

– O que você está esperando? – Ele quer saber.

– Não vou entrar em um lugar desconhecido com alguém que eu acabei de conhecer, principalmente depois do que aconteceu há pouco. – *Oliver me mataria, crescendo mentalmente.*

Locke levanta uma sobrancelha e assente.

– Boa resposta. Já volto. – Locke desaparece dentro do lugar escuro e volta segundos depois com um guarda-chuva pontudo em uma das mãos. – Isso aqui provavelmente foi fabricado no século passado, é uma máquina mortífera, tome. – Ele me entrega o objeto pesado, ergo a ponta do guarda-chuva e percebo que a ponta pode realmente machucar alguém. – Se você se sentir ameaçada, basta me bater com isso, certo? – Locke sorri e dá tapinhas no topo da minha cabeça, faço uma careta para sua mão. – Só tente evitar o rosto, por favor, meu rosto é meu ganha pão.

Dou uma risada, ele desaparece dentro do edifício e eu o sigo ultrapassando o capacho da porta antes que meu cérebro lance alguma luz de bom senso, sou tomada pelos mais variados cheiros de dar água na boca.

– Você teve sorte. – Locke pendura o casaco em um gancho atrás da porta – Ele está fazendo torta de maçã hoje.

Não tenho tempo de perguntar a quem ele se refere, Locke tira meu cardigã vermelho e encosta a bicicleta na parede e logo depois estamos saindo do pequeno hall de entrada e vamos para o meio da fantástica fábrica de chocolates, só que não há nenhum chocolate a vista, ao contrário das diversas tortas distribuídas em cima de um balcão. Dizer que é uma fábrica é um exagero meu, na verdade, é uma cozinha grande, com três fogões convencionais e um a lenha que opera a pleno vapor, deixando o ambiente quentinho e soltando o cheiro de massa amanteigada no ar. Diversas vasilhas contendo cremes e frutas estão impecavelmente organizadas em uma mesa perto da geladeira de duas portas, sacos de farinha e fermento estão pousados desajeitadamente na bancada junto com uma camada branca que acomoda a nova massa manejada por um senhor sorrindo para nós.

– Locke! – ele bate as mãos no avental, uma nuvem de farinha cai ao redor – Achei que não viesse hoje, você costuma chegar mais cedo.

– Tivemos um pequeno problema de percurso.

Locke olha pra mim, fico esperando o senhor ficar aborrecido com Locke por ter me trazido, prendo o lábio inferior com os dentes, algo que faço quando estou nervosa e dou um sorriso hesitante para o senhor.

– Marina, lhe apresento Henrique, o melhor confeitiro da história.  
– Malia. – interrompo.  
– O que? – Locke se vira pra mim.  
– Meu nome é Malia.  
– E o que foi que eu disse? - ele bufa e volta a nos apresentar. Cruzo os braços e tenho vontade de lhe dar um tapa.

– Henrique, esta é Maria. – Locke continua franzindo as sobrancelhas – Ainda estou tentando decidir se ela é muito louca ou corajosa por sair por essas ruas sozinha e à noite, mas ainda não cheguei a uma conclusão.

Abro a boca pronta para falar que não sou louca, mas Henrique se aproxima e o sorriso que ele me oferece é ainda mais largo do que quando recebeu Locke, a sinceridade naquele gesto me pega desprevenida. Ele limpa as mãos no pano de prato e me cumprimenta.

– É um prazer, querida. – Henrique aperta minha mão – Só não entendi se seu nome é Marina ou Maria e o motivo de você estar segurando o guarda-chuva da minha mãe como se ele fosse uma espada. – O homem ri, minhas bochechas ficam vermelhas.

– Na verdade, é Malia e foi ele quem me deu o guarda-chuva. – aponto para Locke.

– Malia. Um nome muito bonito! – Henrique bate palmas. – E se quiser bater em Locke com esse guarda-chuva, fique à vontade. – Henrique pisca enquanto Locke faz cara de indignado.

– Obrigada.

Ele se afasta deixando minha mão coberta de farinha e açúcar. Henrique é um velhinho rechonchudo, mas eu também seria se vivesse cercada de tortas. Seu cabelo é completamente grisalho e as rugas e marcas de expressão desenham um mapa de histórias que se franzem graciosamente para acomodar seu sorriso. Henrique me conduz por entre os vários cantos da cozinha, apontando e dando nome a todas as substâncias. Ele fica muito feliz por me mostrar seu trabalho, estamos passando pelo creme de baunilha “*com baunilha de verdade*”, ele garante me estendendo uma colher para degustação.

– Então? – ele pergunta ansioso. – O que acha?

Mergulho a colher na boca. É quase palpável a expectativa de Henrique. Nunca pensei que fosse tão difícil descrever creme de baunilha, dizer que é delicioso seria incrivelmente desmerecedor. É divino. Baunilha de verdade deve fazer grandes diferenças. Estou quase lambeando a colher.



– Se o céu tivesse gosto, seria exatamente como esse creme de baunilha.  
– digo esperando que ele entenda – Doce, porém leve. Macio e consistente.  
Uma pequena porção de felicidade.

Henrique pisca sem parar.

– Ah, – ele diz com as bochechas vermelhas – fico feliz que tenha gostado.

– Aí meu Deus! – Locke aparece ao meu lado – Porque você foi dizer isso a ele? Agora Henri não vai parar de se achar o máximo!

– Mas, - balbucio – você mesmo disse que ele é o melhor confeito do mundo!

– Da história. – ele suspira levantando o dedo indicador – Eu disse o melhor confeito da história.

– Exato. – digo lentamente – E ele é realmente. É o melhor creme de baunilha da *história*! Eu poderia comer esse pote inteiro!

– E você continua! – Locke fecha os olhos e balança a cabeça – Vou ficar ouvindo ele se vangloriar a semana inteira. Dê-me paciência.

Você já disse que ele é incrível, eu só concordei. – cruzo os braços e ouço Henrique se afastar

Os olhos de Locke se fecham em duas fendas, ele tem a boca puxada em um sorriso torto.

– Existe uma grande diferença quando *eu* digo que ele é incrível. – Locke encosta a ponta do dedo no meu nariz – E uma garota *bonita* diz que ele é incrível.

– É verdade! – Henrique concorda.

– Viu?

Abro a boca e a fecho, pareço um peixe procurando oxigênio. Imagens de Raquel brincando comigo pipocam nas minhas pálpebras, imagens de Raquel dizendo que sou bonita para logo depois contar alguma piadinha que irá fazer todos rirem e a adorarem, menos eu. Imagens *dele, dele, dele*, quero tanto dizer seu nome. Imagens dele me resgatando no meio do mar de bocas escancaradas e dedos apontados para mim, imagens dele beijando minha testa e dizendo que sou bonita, imagens dele que não me abandonam. *Oliver*.

– Não diga coisas assim. – abro os olhos, as unhas afundadas na carne da palma.

– Você está bem, Malia? – as pontas dos dedos de Locke quase tocam meu queixo, me contraio e ele se afasta.

– Não diga coisas assim, não minta pra mim. Por favor, não brinque

comigo. Por favor. – minha voz parece vidro quebrado, uma garota de vidro estilhaçada.

Locke fecha a cara.

– Eu nunca minto Malia. – ele solto o ar com força – Eu nunca minto. Não se esqueça disso.

E depois se afasta.

»

Locke volta um tempo depois e me ajuda a subir no balcão para que ele possa cuidar do machucado no meu joelho. Faço o que ele pede sem conseguir olhar para ele, tento não gemer com o ardor do álcool. Locke faz tudo rapidamente e espalha a pomada para evitar infecção.

Sinto que de alguma forma Locke ficou irritado comigo agora a pouco e isso gerou um sentimento ruim entre nós dois. Quero pedir desculpas por dizer que ele estava mentindo, noto que é um assunto delicado para ele. Também é um assunto delicado para mim e na mesma medida em que quero me desculpar, sinto direito de ter a reação que tive. Passei a vida inteira ouvindo brincadeiras que me fizeram sentir amargura por qualquer elogio que não viesse de Oliver.

Oliver.

Fico desejando que ele esteja aqui comigo. Tenho uma imagem nítida dele me cutucando na altura das costelas e apontando para Locke como se dissesse: “Vamos lá garota, resolva isso.”

Se Oliver estivesse aqui ele bateria um papo animado com Locke, meu irmão teria gostado dele. Oliver gostava da maioria das pessoas. Ele era assim. Mamãe costuma dizer que Oliver nasceu com um tipo de amor pelas pessoas e pelo mundo que pode ser tanto uma benção como uma maldição. Prefiro pensar que é uma benção. Ele me amou, não é mesmo?

Suspiro.

– Já estou acabando. – Locke pensa que é um sinal de impaciência e me avisa.

Suspiro de novo.

Henri – que pediu para ser chamado assim dizendo: “*Henri faz com que eu me sinta jovem*” – perambula pra lá e pra cá na cozinha levando tortas e embrulhando-as em caixas brancas. Ele para ocasionalmente para conferir se está tudo bem comigo e se Locke precisa de ajuda com o curativo. Locke descarta a oferta e Henri sai apressado de lá; ele comenta baixinho que Henri

tem algum problema em ver sangue. É apenas um comentário qualquer que me dá a dica de que preciso dizer algo. Locke poderia fazer uma piada com isso, brincar como ele brincou com quase tudo até agora. É esse exatamente o problema, ele não faz.

Henri passa novamente perto de nós e me lança um olhar consolador. Ele sabe que aconteceu algo.

– Locke? – chamo fixando o olhar nas mãos dele desenrolando a gaze.

– Hum?

– Desculpa. – despejo aos murmuros – Não foi minha intenção dizer que você estava mentindo.

Os dedos de Locke param por meio segundo. É a vez dele de suspirar. A gaze da outra volta no meu joelho antes dele cortar pedaços de esparadrapo para prender o curativo. Locke examina seu trabalho e assente satisfeito.

Ele não disse se me perdoava.

– Você não precisa se desculpar.

Ele guarda a gaze e os remédios dentro de uma caixa branca. Mordo o lábio inferior vendo seus movimentos rápidos.

Outro suspiro escapa dele.

– Malia – seus olhos verdes encontram os meus – Pare de pensar sobre isso. Já acabou. Você não precisa pedir desculpas.

– Mas...

– Vamos só esquecer. – ele diz sério – Só esqueça.

– As pessoas não costumam dizer coisas como as que você disse para mim. Elas não são nem sequer gentis como você foi. – perco o fôlego com poucas palavras, preciso dizer rápido antes que me arrependa – Elas são muito cruéis, a maior parte do tempo.

Oliver e eu tínhamos consciência da força sobre humana necessária para continuar dizendo que tudo está bem. Não entendo até hoje como Oliver aguentava sentir e ouvir e permanecer calado sobre as coisas que o incomodavam. Passei a acreditar que se eu dissesse demasiadas vezes que nada estava errado, de alguma forma aquilo se tornaria verdade. Nunca reclamei com Oliver sobre as provocações dos outros alunos na escola. Ele tinha que lidar com outros assuntos que não envolviam meu fracasso social. Ignorar sempre foi minha opção. Eu não queria ser um peso maior do que já era. Eu aguentava. Continuo aguentando.

Não existe um remédio para esse tipo de coisa, a fórmula mágica que irá fazer com que as pessoas entendam o quanto te machucam. Você aguenta e

segue. Ponto.

A alternativa é a rendição.

Por mais que Oliver estivesse pronto para se render as pessoas e ao mundo. Eu não estava.

Eu sigo em frente.

Quero que Locke entenda isso. Quero que ele entenda que sou uma pessoa castigada demais pelas palavras dos outros. E eu amo muitas as palavras para ignorar o estrago e a cura que elas causaram em mim.

–Você não acha estranho? – Locke me traz de volta ao aqui e agora – Que as pessoas percam seu tempo sendo cruéis? Quer dizer, se você pode fazer alguém sorrir, por que insistir em fazer o contrário?

Quase posso sentir a presença de Oliver naquelas palavras. Os dois sabem escolher o certo a se dizer.

Locke pega uma mecha do meu cabelo e esfrega entre o polegar e o dedo indicador. Ele sorri.

## 4

Nicolas,

*Não sei se Oliver contou que quando éramos crianças fingíamos ser gêmeos. Oliver inventou uma história de que fui raptada por uma fada quando nasci e ela só me devolveu 365 dias depois. Sim, nascemos no mesmo 8 de dezembro, com um ano de diferença entre nós. 8766 horas nos separaram, mas não podíamos estar mais perto.*

*Coincidências como essa me fizeram crer que Oliver é meu milagre pessoal. Ele poderia ter nascido em qualquer família, em qualquer cidade, em qualquer parte do mundo, mas ele nasceu para ser meu irmão.*

*Talvez seja isso que o tenha destruído.*

*Oliver merecia mais.*

*Ele era o tipo de pessoa que não precisava se esforçar para que os outros gostassem dele. Oliver só precisava ser ele mesmo. Ao contrário de mim – vivendo escondida nos corredores escuros da escola – Oliver desfilava por eles com seu sorriso carismático e aura confiante. Ele era aquele garoto que quase todas as meninas queriam – as que não queriam estavam mais interessadas em garotas como a Rachel, mas isso não vem ao caso.*

*Meu irmão conseguia apartar qualquer briga com um discurso racional e algumas palmadinhas no ombro, os professores o amavam, e se já não bastassem seus modos educados, Oliver tinha um desempenho brilhante na escola. Eu, a irmã esquisita, era a única razão para Oliver não ter aceitado bolsas de estudo em escolas prestigiadas. Ele dizia que não aceitava as bolsas de estudo por estar muito bem onde estava.*

*Nós dois sabíamos a verdade.*

*Ele não aceitava por ter medo do que aconteceria se me deixasse sozinha na escola.*

*Com Oliver comigo as provocações não eram tão constantes.*

*Com Oliver comigo a situação dentro de casa não era tão assustadora.*

*Meu irmão tinha o poder de transformar uma situação ruim, ele acompanhava mamãe e eu pela casa com o celular berrando algum rock famoso e fazia com que a nossa rotina não fosse entediante. Oliver era o contrário do tédio. Ele amava Elvis Presley e vivia cantarolando suas músicas nos meus ouvidos. Ele cantava muito mal, mas eu o amava e*

*levantava meu polegar sempre que ele terminava um desempenho, como sinal de encorajamento.*

*Um tempo depois de ele ter te conhecido, Oliver me puxou pela casa querendo me mostrar algo e mesmo sabendo que precisava terminar minhas tarefas, deixei a empolgação de Oliver me contagiar.*

*– Eu preciso terminar as tarefas. – avisei a ele, mas por dentro eu estava rindo com todo o entusiasmo.*

*– Não vai demorar. Cinco minutos. Juro.*

*– O que você está fazendo?*

*– Estou tentando. – ele grunhe – Pegar isto! Pronto.*

*Ele soltou algo na cama e depois de ouvir o barulho do zíper, Oliver se virou e estendeu o violão para mim. Nunca vou esquecer a expressão no rosto dele. Ele estava muito feliz. Realmente feliz. Para quem não conhecia Oliver, talvez imaginasse que ele sempre fosse o cara mais otimista do mundo, mas eu sei o quanto Oliver era ótimo em fingir sentir algo que na verdade não sentia. Naquele momento, eu sabia o quanto ele estava feliz e então ele me contou sobre você. O garoto novo que o estava ensinando a tocar violão. Oliver me mostrou o que tinha aprendido. Ele se sentou e apoiou o violão na perna esquerda, os dedos dele dedilhando as cordas do violão. Ele estava fazendo música e era bom no que fazia.*

*Nicolas, você foi o primeiro amigo verdadeiro de Oliver. Vocês tinham essa paixão pela música que os unia. No fim das contas, acho que você entendia Oliver de uma maneira que eu não poderia entender.*

*Vou parar de escrever agora. Percebi que minha mão não para de tremer, daqui a pouco você não vai entender o que estou escrevendo.*

*A verdade é que uma palavra está me destruindo por dentro.*

*Era.*

*Toda vez que a escrevo sinto que estou de alguma forma apagando Oliver da vida.*

*Como ele decidiu se apagar.*

*Vou parar por aqui.*

*Obrigada por ler.  
Malia*

## 5

Henri me serviu três pedaços de torta. Limão, morango e pêssago. Meu estômago está inchado e dolorido, o que dificulta a caminhada de volta para casa. Locke se ofereceu para me levar. Eu aceitei desde que fosse até o ponto em que nos encontramos. Não quero que ele saiba onde fica minha casa, não que eu tenha medo dele ou algo do tipo, só não quero que ele veja essa parte da minha vida. Nem eu mesmo quero vê-la.

A última hora que passei ao lado de Henri e Locke foi como poder respirar novamente. Também me mostrou um pouco mais de Locke. Depois de fazer o curativo no meu joelho, Locke me acomodou em uma cadeira enorme de couro marrom gasto e pôs uma mesinha em frente para que Henri me servisse as tortas. Ele queria minha opinião sobre todas, mas parei na terceira.

Os dois trabalham em sintonia lado a lado, amassando a massa dos pães doce, enfeitando as tortas, tirando as formas do forno, adicionando o recheio, a cobertura e embalando tudo. Locke me conta que Henri vende os doces para a padaria, a lanchonete ao lado, o supermercado do bairro e alguns outros estabelecimentos da redondeza. Ele envia os produtos três vezes por semana, fico surpresa com a quantidade de caixas brancas amontoadas à espera de serem entregues. Henri parece cansado, mas não para de se movimentar e me manter informada sobre o processo de produção. Ele sente muito orgulho do que faz e inclui um Locke ruborizado no crédito do trabalho.

– Eu só ajudo. – Locke anuncia – Henri faz a obra-prima.

Ele rouba um sonho da caixa que Henri organiza e leva um peteleco na mão junto a um sorriso do velho senhor.

Observo Locke agora que o brilho do sol começa a surgir. Estou ficando muito boa em observá-lo sem que ele perceba. Às vezes sou pega no flagra e ganho um sorriso convencido que deixa minha face quente.

– É aqui. – paro de andar – Obrigada por me trazer.

Não olho para ele. Não mais. Passei o caminho inteiro olhando para Locke e tentando guardar cada pedacinho dele. Assim como fiz com Henri e com toda a preciosa noite que pretendo guardar.

Quero me lembrar dessa noite e da sensação de liberdade. Estou guardando momentos como esses para quando eu precisar usar minha

pequena munição de lembranças felizes. São elas que me fazem continuar seguindo em frente e por algum motivo, fico feliz que Locke e Henri estejam nelas, e não apenas Oliver.

Não quero lembrar de Locke se despedindo e dizendo algo como “até um dia, Marina”, é claro que ele falou meu nome errado a noite toda. E quero lembrar todos os meus nomes errados.

– Você não parece muito empolga em voltar.

Ele fala e não resisto e acabo voltando meus olhos na direção dele.

– Não estou. – me permito mais um momento de sinceridade – Mas preciso voltar.

– Você pode passar o dia comigo, se quiser. – ele dá de ombros como se não fosse nada demais, ele não sabe o quanto aquele convite significa para mim – Não é como se eu fosse me encontrar com Thor mais tarde, sabe?

Locke me olha de esguelha sorrindo.

– Obrigada Locke. – estendo a mão para ele com lágrimas pinicando os olhos – Por ter me salvado e por ter me levado para conhecer Henri e... Por todo o resto. Obrigada pela noite louca e sensacional. Eu nunca vou esquecer.

– Eu também não.

O sorriso brincalhão no seu rosto sumiu e deu lugar a um olhar penetrante na minha direção. É como se ele estivesse tentando enxergar minha alma, como se ele tentasse me decifrar. Há muito no caminho para que ele consiga ver o que estou desesperada para contar.

Locke segura minha mão por um tempo longo e angustiante, não desvio o olhar. É ele que cede e se inclina para depositar um beijo na minha palma. Aperto seus dedos e solto minha mão da dele, sentindo pequenas picadas elétricas espalharem trilhas de calor que chegam as minhas bochechas.

Dou meia volta e saio andando empurrando o guião da bicicleta, não dando tempo para que ele se despeça.

Oliver não se despediu.

Fecho os olhos por dois segundos, tentando manter a imagem de Locke guardada. É tentador a necessidade de olhar para trás e ver que aquilo não foi parte de um sonho, uma fantasia qualquer que eu queria desesperadamente que acontecesse. Por um tempo só escuto o *tcs tcs* da corrente enferrujada da bicicleta.

Até ouvir meu nome ser chamado. Meu nome correto. Paro. Locke diz meu nome outra vez. Não resisto e viro. Ele está lá parado, mortalmente sério.



– Nos vemos por aí, Malia? – ele pergunta.

Respiro fundo e demoro a responder. Ele não sai do lugar e não me apressa. Só espera pela resposta.

– Talvez. – digo e um sorriso preguiçoso toma o rosto dele. Locke está contente com um “talvez”, ele sabia que eu não teria coragem de dizer menos do que isso.

– Henri começa a preparar as encomendas às duas horas. – ele pisca – Estaremos te esperando.

É um ultimato. Retribuo seu sorriso e aceno em afirmação. Locke começa a andar de volta.

Naquele momento tenho a certeza que nunca esquecerei essa cena.

Mesmo que o sol nos engolisse e os oceanos transbordassem, mesmo que tudo acabasse em pó e sombras e todos nós fossemos esquecidos, mesmo que toda a existência terminasse em um estalar de dedos e não sobrasse nada para o que voltar. Eu poderia jurar que ainda me lembraria do sorriso de Locke quando ele olhou para trás. Seus lábios puxados em uma linha fina, a gola do casaco erguida cobrindo sua maçã do rosto, o vento ondulando o tecido preto perto das panturrilhas, uma sobancelha convicta erguida e o sol fazendo o verde dos seus olhos mais bonitos do que é humanamente possível.

Eu jamais esqueceria a imagem de Locke. E com essa mesma certeza, eu sabia que voltaria a vê-lo.

## 6

Nicolas,

*Antes de tudo acontecer, a professora de História nos mostrou um vídeo de Randy Pausch. Ela provavelmente deve ter mostrado para vocês também.*

*Pensando bem, naquela época vocês quase não compareciam às aulas.*

*De qualquer modo, o vídeo mostrava Randy, um professor universitário que foi convidado a realizar A última palestra. A ideia era simples: Se você pudesse fazer uma última palestra, só mais uma, sobre o que seria e qual mensagem você gostaria de deixar para quem estivesse assistindo?*

*Acontece que para Randy aquela seria – senão a última – uma de suas últimas palestras, isso porque ele tinha câncer e poucos meses de vida. Ele morreria em poucos meses e lá estava Randy sendo todo engraçado e bem articulado na frente da platéia. Eu fiquei pensando: Como ele consegue estar tão feliz sabendo que vai morrer em poucos meses? Então ele explica no vídeo – como se tivesse escutado meus pensamentos – que ele não estava triste porque já tinha aceitado o fato de que morreria. Ele diz algo como: As coisas são assim e eu não posso mudar, vamos seguir em frente.*

*As coisas são assim e eu não posso mudar.*

*Vamos seguir em frente.*

*Me pego pensando no que esse homem disse e no que aconteceu com Oliver.*

*É um bom conselho. Muito difícil de segui-lo, no entanto.*

*Randy devia ser um cara legal, ele tinha filhos e uma esposa e parecia amá-los muito. O destino foi muito cruel com Randy, mas como ele mesmo disse, não havia solução para o câncer dele.*

*Mas havia solução para o problema de Oliver. Ele não era irreversível.*

*O que me faz lembrar outra parte da palestra.*

*Randy diz que quando você está fazendo algo errado e alguém fala para você o que está errado, significa que a pessoa acredita em você.*

*Se ela para de lhe alertar, para de dizer o que está errado, é porque ela desistiu de você.*

*Não paro de pensar que desisti de Oliver.*

*Eu sabia que havia algo de errado com aquele Oliver. Mas ele não*

*estava lá o tempo todo, e sempre que eu tentava alertá-lo – quando o meu Oliver voltava – ele sorria e me fazia acreditar que aquilo era apenas uma fase.*

*Não era.*

*Eu desisti dele, Nicolas. Eu parei de tentar recuperar meu irmão.*

*E saber disso me corrói a alma.*

*Eu o amava e desisti.*

*Não posso me perdoar por isso.*

*Espero que Oliver me perdoe.*

*Com carinho.*

*Malia*

## 7

Por trinta minutos não sou pega. Trinta minutos. Quando fechei a porta do meu quarto e deitei na cama, não consegui descansar até ouvir o som dos passos ecoando através da madeira velha da casa.

Preciso tomar mais cuidado se for voltar a ver Locke e Henri.

Rosa conseguiu prender completamente minha atenção com um novo seriado que estamos vendo. Mas vez ou outra, sou arrematada pelas lembranças de hoje de madrugada, deve ser porque o personagem principal se pareça muito com Locke. Não totalmente na aparência, mas no jeito de andar e no olhar afiado. Ele tem até um casaco também. Sherlock. É o nome dele.

Sher - Lock.

Locke.

Sorrio.

– Você gostou do seriado? – Rosa se inclina na minha direção sem desgrudar os olhos da tela do computador.

Estamos sentadas na mesa dela na biblioteca. Tenho duas aulas vagas porque um dos professores faltou. Passo todos os meus horários vagos com Rosa, lendo ou vendo seriados. Quando cheguei à biblioteca vazia ela disse que precisávamos assistir a um novo seriado. Então, é isso que estamos fazendo.

Rosa está ainda mais radiante do que o normal. Vamos dizer que o humor dela acompanha suas roupas. Ela está vestindo uma saia longa alaranjada, uma blusa de alcinhas branca e um cardigã azul-turquesa. As usuais pulseiras adornando seus braços tocam notas musicais agudas. Os cabelos ruivos pincelado com mechas brancas quase tocam minhas bochechas. Rosa é uma figura e tanto.

Os outros alunos a chamam de louca. Mas ela é só uma mulher alegre com um estilo no mínimo peculiar.

Murmuro uma resposta positiva, encantada demais com as tramas e singularidades do personagem. É o primeiro episódio, mas posso ver que Sherlock e Watson formam uma boa dupla. Os dois se completam, e de um jeito cômico e sincero, eles cuidam um do outro. Posso entender o fascínio de Watson por Sherlock, é o mesmo fascínio que eu senti por Locke ontem e é o mesmo fascínio que Oliver sentia por Nicolas.

Não quero pensar muito sobre como Locke entrou em minha vida de

uma maneira que poderia ser trágica. Fico dizendo para mim mesma que a vontade de voltar a vê-lo deve ser consequência de ele ter me salvado, mas, no fundo, entendo que é mais do que um sentimento de gratidão. Quero ver Locke porque quero voltar a sentir que nada mais pode me atingir, e por atingir quero dizer que por algum tempo durante essa madrugada eu esqueci Oliver e nunca imaginei que seria tão bom esquecê-lo.

Encolho meus ombros com o sentimento de culpa penetrando meus ossos. Rosa percebe e pausa o seriado.

– Com frio? – ela pergunta cuidadosa verificando se o ar-condicionado não está com a temperatura muito baixa. Noto o momento exato em que ela entende o motivo dos meus tremores. Ela sabe que estou pensando em Oliver. Rosa sempre sabe. É a maneira que seus olhos se suavizam e um sorriso triste ameaça aparecer no seu belo rosto de fada. Ela segura minha mão, me confortando de um jeito que desejo que mamãe me conforte, mas ela nunca faz.

Rosa conhecia Oliver, afinal ele também estudou aqui e ela também sente falta dele. A bibliotecária da escola – talvez a minha única amiga – é única pessoa que cheguei perto de contar aquilo que vem me assombrando há tanto tempo, sobre Oliver e Nicolas e *todo o resto*. Ela também é única pessoa que eu gostaria de compartilhar minha história com Locke e Henri, mas tenho medo que ela não consiga guardar para si mesma e tente de alguma forma me ajudar e acabe destruindo o que resta. Não vou me arriscar a perder as coisas boas que conquistei, então não posso deixar Rosa saber das sombras no meu caminho que ameaçam me engolir.

Em algumas ocasiões, em alguns momentos – como agora – a falta de Oliver ameaça me amassar como uma bolinha de papel destruída. O fato de Oliver não estar aqui e tudo o que restou foi um espaço ansiando por sua presença, feito um livro tirado da estante, é o que mais me dói em dias como esse.

Se Oliver estivesse aqui, o primeiro lugar que ele me procuraria seria a biblioteca. Eu e Rosa conseguiríamos ouvir seus passos pesados esmagando o concreto quando ele ganhasse o corredor. Oliver não era nada sutil, ele não conseguia ficar parado. Se eu estivesse lendo um livro, pararia a leitura e esperaria ele adentrar a biblioteca perturbando o silêncio compreensivo dos livros.

Meu irmão olharia para mim e me perguntaria como eu sabia que ele estava chegando. Rosa e eu trocaríamos um sorriso cúmplice ouvindo Oliver

tagarelar incansavelmente. Depois os passos confiantes e decididos chegariam até nós vindos do corredor, Nicolas surgiria no batente da porta de maneira oposta a de Oliver. Ele acenaria para nós duas e sentaria à mesa próxima a porta. Nicolas tinha algum receio de ficar preso, ele estava sempre perto das portas. Um pássaro com medo de ser enjaulado. Nicolas vestiria sua máscara de indiferença, sem prestar atenção a nada e mesmo assim sorrindo quando Oliver perdia o fôlego com certo acontecimento empolgante. Ele completaria os relatos de Oliver, falando somente o necessário.

Oliver era o sol e todos nós ficávamos ofuscados pela sua luz. Girávamos ao redor dele – desgarrados como Nicolas e eu. Mas, ao contrário de Nicolas que poderia sobreviver a sua perda, a ausência de Oliver fez com que minha armadura se despedaçasse.

Como eu poderia viver sem meu sol?

– Todos os dias eu espero que ele entre pela porta. – Rosa me traz de volta ao meu mundo sem sol – Do jeito que ele batia a porta ao entrar, eu pensava que ele a quebraria até o fim do ano e assim o diretor teria que substituí-la.

– É por isso que você nunca ficava brava com ele? – dou um meio sorriso com os olhos cravados nas marcas de batida na superfície da madeira.

– Eu odeio essa porta. – Rosa dá uma gargalhada – Odeio mais ainda agora que Oliver não está aqui para esmurrá-la.

Meus olhos pinicam ao escutar o nome do meu irmão. Estou desesperava para ouvir sobre ele mais vezes, desesperada para garantir que sua existência não seja um eco vazio; desesperada para trazê-lo de volta. Desesperada por palavras que não ouço dentro de casa.

O silêncio é ensurdecedor.

– Preciso ir. – passo as alças da mochila nos braços – Obrigada por me deixar assistir ao seriado. Podemos terminar outro dia?

– É claro.

Estou entrando em pânico. Tenho a sensação de não caber no meu corpo, preciso me movimentar antes que uma correnteza de decepções e medos transborde de dentro de mim. Preciso sair daqui.

Rosa me abraça, seus braços longos feito trepadeiras me prendendo em compaixão. Retribuo da melhor forma possível, não estou acostumada a receber abraços, mas Rosa tem uma estranha tendência a despejar amor dessa forma.

– Antes de ir, tenho uma coisa para você. – ela se desprende de mim,

estudando meu estado – Duas, na verdade.

Antes que eu possa abrir a boca ela estende o livro que eu pedi para ela na semana passada. Seguro o objeto nas mãos e outra coisa aparece no meu campo de visão: uma caixinha de veludo azul.

– O que é? Você quer que eu entregue a alguém?

– Não exatamente. – Rosa tira o livro das minhas mãos e entrega a caixinha – É um presente pra você.

Remexo os pés, desconfortável. Aquelas lágrimas inconvenientes voltam à superfície.

– Vamos lá, abra. Não vai te morder, prometo.

Ela cruza os dedos e sorri. Respiro fundo e abro a caixinha, meus dedos brancos em contraste ao azul. A lua e o céu forrado de estrelas. Dentro do recipiente, reluzindo a luz esmagadora da sala, o crucifixo dourado brilha para mim. Sinto sua forma com a ponta dos dedos e ofego em admiração, é uma corrente simples e o pingente não deve ter mais do que cinco centímetros, mas é um dos presentes mais bonitos que ganhei na vida.

– É lindo. – engulo uma onda de emoção – Você quer mesmo dar para mim?

– As minhas filhas viram o colar na lojinha da igreja e acharam que eu devia comprar para você. – Rosa pega a corrente e gesticula para que eu me vire – Eu me lembro de ter pensado que se encaixaria perfeitamente.

Afasto o cabelo para ela poder prender o fecho. Depois de pronto ela ajeita os fios pretos e arruma o pingente que cai abaixo da garganta.

– Se você não quiser usar, está tudo bem, Malia. Eu nem sei qual é sua religião ou se você tem uma.

Eu não tenho, não sei nem o que é ter uma religião. A única referência que tenho de Deus vem da minha mãe e das poucas orações que ela ensinou a Oliver e eu. Já li alguns trechos da bíblia também, mas não posso dizer que tenho uma relação forte com o que há lá. Para Rosa, é muito importante acreditarmos em alguma coisa, mesmo que seja não acreditar.

– Você não está sozinha, Malia. – ela alisa o seu próprio crucifixo – Quero que você saiba disso, por isso comprei o presente.

– Obrigada. – digo perdendo a batalha e sentindo as lágrimas queimarem a face.

– Deus sempre estará com você e com Oliver. – Rosa está quase chorando também – Tenho certeza de que ele está batendo o portão do céu e enlouquecendo alguns anjos.

- Você acredita? – pergunto sufocada – Que ele está em um bom lugar?
- Nem por um segundo eu duvidei.

Aquiesço com a garganta apertada. Eu não sabia que precisava ouvir algo assim até ter ouvido. Por longos meses pedi a Deus e ao universo que Oliver estivesse em um lugar melhor, se divertindo, tocando música, sendo o sol de mais alguém. Se Rosa acredita, então eu também devo acreditar.

*Mas ela não sabe a história toda.*

Ela não sabe.

Ela não sabe.

Balanço a cabeça espantando esses pensamentos.

Dou meia volta e ando em direção à porta de saída. Passo os dedos pelas lombadas dos livros, um ritual que sempre me trouxe conforto. Os livros se desfazem nos meus dedos, páginas envelhecidas acompanhadas de histórias, personagens, amor. Eles estiveram comigo quando ninguém mais esteve. Nem mesmo Oliver.

Aperto a corrente dourada, misturo o pó mágico dos livros com seus contornos delicados, de alguma forma, sinto que não estou sozinha.



## 8

[illegible]

*Nós encontramos o corpo dele, Nicolas.*

*Um brinquedo quebrado em um mar de vidro.*

*Não importa quantas vezes eu escreva.*

*Não dói menos.*

*Não para de doer.*

*Malia*

## 9

A hesitação. O peso do vazio. A falta da risada de Oliver. Tudo isso me acompanha quando entro em casa. É o mesmo sentimento todos os dias. Arrasto meus pés cansados escada acima, beijo o rosto da minha mãe e espero que ela desça para o andar de baixo. Depois que saí da biblioteca, meus olhos se tornaram duas feridas abertas precisando de descanso. Definitivamente meu corpo não está preparado para ficar acordado de madrugada.

Prendo a respiração e me certifico de estar sozinha. Entro na última porta no final do corredor. Demora até meus olhos se acostumarem com a falta de luz, mas os outros sentidos estão alerta, o cheiro de madeira e café entra em todos os meus poros, o cheiro de Oliver. Com a mão procuro o interruptor, sinto os contornos ásperos da mesa, meus pés se chocam com alguma coisa no chão, por mais incomodo que seja tentar não quebrar nada, não consigo colocar as coisas de Oliver no lugar quando venho aqui. Quero deixar a desorganização de Oliver do mesmo jeito que ele deixaria. Quero entrar aqui e sentir – por mais falso que seja – que ele vai voltar.

Acendo a luz.

Respiro fundo.

Silêncio.

Silêncio.

O Silêncio é o que me mata.

Me movimento pelo quarto pegando alguns CDs. Não conheço quase nenhum dos artistas. Em resumo, o quarto de Oliver é um emaranhado de CDs espalhados por quase todos os cantos duelando contra cadernos, livros e roupas. A cama ainda está desarrumada e algumas gavetas da cômoda ficaram abertas e o conteúdo foi espalhado pelo chão. Uma *meia* jogada no canto do quarto, um CD com a capa quebrada, uma folha arrancada do caderno de Biologia. Resquícios de Oliver.

Sento no chão e absorvo o máximo que posso dos vestígios do meu irmão. O único vilão naquele cenário é a camada de pó que mostra a falta de vida humana naquele lugar. Deito-me no chão e me arrasto para debaixo da cama, o único local em que o pó é quase inexistente. Por minha causa. É triste saber que o único lugar em que você se sente tranquila é debaixo da cama do seu irmão, com o caos desorganizado de uma vida que não existe

mais à sua volta.

Encosto o rosto no chão frio, minhas companheiras aranhas fazem ninhos de teias aqui e ali, conto os vincos do piso de madeira e passo as unhas nas marcas causadas pelo arrastar do pé da cama. Esse era o nosso refúgio seguro, onde ninguém poderia nos alcançar, quando os gritos se tornavam angustiantes e Oliver pedia que eu fechasse meus olhos porque ele contaria uma história.

Nos encolhíamos debaixo da cama e então não estávamos mais no quarto de Oliver, era uma caverna, um castelo, uma floresta. Não saímos de lá tão cedo, mesmo depois de os gritos terem cessado.

Oliver e eu tínhamos um acordo mútuo de ignorar o mundo fora desses limites, contávamos como tínhamos passado o dia, os livros que eu estava lendo, as músicas que ele havia descoberto, a resposta espertinha que Nicolas tinha dado ao professor de Matemática, as roupas extravagantes de Rosa.

– *Me conta à história do livro que você estava lendo. – Oliver pedia – Aquela sobre o menino que muda de corpo todo dia.*

– *Ele não é um menino. – expliquei – Ele não tem sexo. É uma consciência.*

– *Hum. Então ele não é menino nem menina?*

– *Não.*

– *Mas ele se apaixona por uma menina.*

– *Ele poderia se apaixonar por um menino também. Ele não tem essas barreiras.*

– *Ninguém devia ter. As pessoas deviam amar quem elas quisessem amar.*

– *Acho que amor é mais do que querer.*

– *Como assim?*

– *Tipo, você não escolhe quem você ama, nem quem você é. Você não pode querer amar alguém e não pode fazer ninguém te amar. Mesmo que você queira muito. – tentei explicar.*

– *Amar é muito complicado.*

– *É.*

– *Você acha que é justo as pessoas suportarem certas situações ruins por causa do amor?*

– *Não.*

– *Não?*

*Suspirei. A calmaria continuava do lado de fora. Um peso morto no meu*

peito me instigou a continuar, eu queria ignorar a sensação ruim. Fugir dela.

– Nos livros que eu leio, quando alguém se apaixona, essa pessoa tenta fazer o que é melhor para a outra. Quero dizer, ela tenta ser uma pessoa melhor. Até mesmo os vilões que se apaixonam se tornam seres humanos melhores.

– Então você acha que amor é quando você tenta ser uma pessoa melhor?

– Não. Amor é quando outro alguém faz de você uma pessoa melhor.

– Achava que eram os livros que faziam as pessoas melhores.

– Exatamente. – me virei para Oliver e encontrei seu olhar confuso – Existe amor de várias formas, até mesmo em formato de papel.

– Ou notas musicais.

Sorrimos juntos.

– Mamãe diz que amar é fazer sacrifícios. – seu semblante ficou sério.

– Se você amasse alguém, você se curvaria às vontades dessa pessoa?

– Sacrificar uma vida inteira e chamar isso de amor é muito falso. – continuei – Quer dizer, é claro que há sacrifício no amor, mas isso deve partir das duas partes. Não quero que alguém me ame; se sacrifique por mim e seja infeliz. É egoísta e errado querer que alguém doe a vida por você. Se você amasse mesmo essa pessoa, não pediria algo assim.

Ele pensa antes de responder.

– É. – ele concordou.

Oliver esperou alguns segundos antes de continuar. Tecendo as palavras cuidadosas, observando as linhas antes de despejá-las, não querendo adicionar tristeza no nosso refúgio feliz.

É tarde demais para isso, Oliver. Pensei na época, mas também não quis entristecê-lo mais do que os gritos já haviam feito.

– Queria que mamãe parasse de se sacrificar desse jeito. – ele disse com um fio de voz – Queria que ela escolhesse a si mesma, pelo menos uma vez.

– Se ela fosse embora, - falei insegura – você iria com ela?

– Só se você fosse junto.

Ele segurou minha mão.

Meus olhos pesam e um bocejo nada gracioso leva lágrimas cansadas à superfície. Encaro a palma da minha mão nua, sem o calor de Oliver para me trazer sonhos bons.

Deito-me de barriga para baixo, uso o braço como travesseiro. Dessa

posição posso ver quase o cômodo inteiro, uma formiguinha fitando o vazio infinito, porque ainda que o lugar esteja abarrotado de coisas – como se Oliver fosse chegar a qualquer minuto e arrumar as pilhas de CD – sem ele aqui é o mesmo que ver o céu sem estrelas: imenso, escuro e amedrontador. Sem vida.

– Ollie, – o apelido dele tem gosto de saudade – assisti a um novo seriado hoje. Você gostaria, é bem sua cara. – continuo meu relato com os olhos fechados – Rosa foi com uma roupa muito bonita também, o sol não poderia competir com ela nem se se esforçasse. O professor de matemática disse que eu preciso melhorar minhas notas, ele falou que eu devo parar de querer encontrar um *sentido* nas contas. Todos aqueles números me enlouquecem.

Acontece sempre que venho até aqui, a necessidade de contar a Oliver o que ele perdeu. Sinto que posso conversar com ele, como se as paredes fossem absorver as palavras e levá-las ao encontro do meu irmão. Conto coisas inúteis, conto coisas importantes, deixo as partes que o chateariam de fora, falo em voz alta até minha garganta doer.

– Conheci uma pessoa. Duas, na verdade. – bocejo – Locke e Henri. Eles são legais. Vou tentar vê-los mais tarde.

Pedrinhas minúsculas me puxam para o sono. Falo sobre mamãe, sobre o celular dele e sobre o livro que estou lendo. Tento conter o sono, mas ele é mais forte. Ele me arrasta. Converso com Oliver até não ser capaz de mexer os lábios, mas, assim como não há respostas para as cartas de Nicolas e as palavras entaladas no fundo do meu peito, aqui também não há.

Só há silêncio.

Silêncio.

Silêncio.

## 10

Uma dor aguda se espalha pelas minhas temporãs. Aperto a cabeça com a ponta dos dedos tentando dissipar a agonia.

– Ah, - choramingo – droga.

Acordei assustada e bati a cabeça na armação da cama. A aranha no canto inferior direito parece me olhar com pena. É o sono falando. Engatinho

para fora, bato a poeira das roupas e escalo a montanha de CDs até o outro lado do quarto. Minha boca se escancara quando vejo a hora no relógio, os números vermelhos só podem estar brincando. Não acredito que dormi por seis horas! Espio o corredor e entro nas sombras da casa até chegar ao meu quarto, corro para o banheiro e tomo o banho mais rápido da história, saio com o cabelo pingando e as roupas molhadas. Tenho que estar lá embaixo quando meu pai chegar ou ele vai ficar desconfiado e meus planos para ver Locke e Oliver vão ir por água abaixo. Nada pode estar diferente. Nada. É impressionante o fato de que quando *tudo* estava errado com Oliver, meu pai não percebeu. Ou fingiu não perceber. É essa a capacidade humana de fechar os olhos para o que não se quer ver, passando feito fantasma pelas ruínas sem encarar a destruição. Se eu não tivesse fechado os olhos para aquilo que eu não queria acreditar, talvez Oliver ainda estivesse aqui.

»

Não pude sair. Depois do jantar – silencioso, constrangedor e incômodo – tirei os pratos da mesa, mamãe os lavou, eu sequei e guardei nos armários. Subi para o quarto e fiquei esperando que meu pai fosse dormir, mas isso não aconteceu. Já é uma da manhã e continuo esperando, ele deve ter encontrado algo fora do lugar, ouvido um barulho na noite passada, ele está montando guarda. Ou talvez esteja enlameado até os ouvidos com os próprios fantasmas.

Ainda posso ouvir os passos cambaleantes de Oliver, sua risada capciosa, seu barulho estranho.

Seus olhos.

Seus olhos.

Seus olhos.

O Oliver que não era meu Oliver.

Como meu pai não ouviu isso? Como ele deixou que Oliver chegasse à beira do precipício?

Mas, quem sou eu para falar algo assim, quem sou eu para acusar alguém, eu também vi Oliver chegar até um ponto sem volta. Pior, eu o vi pular e não estendi a mão para agarrar qualquer parte dele, eu podia trazer Oliver à superfície.

Eu o deixei cair.

Cair.

Cair.

E agora, sou eu que estou caindo. E me afogando na tristeza, nas águas salgadas da minha mente que dizem que não mereço estar aqui.  
Que devo partir.

Nicolas,

*Quando somos crianças tudo passa por nós através de um véu ingênuo. As lembranças são como um trem em alta velocidade; e é quase impossível se recordar de todas as partes dele, borradas e disformes, correndo de nós. Precisamos esquecer o que é ruim, e ser criança é a melhor forma de esquecer aquilo que faz o coração palpitar no peito.*

*Rosa acredita que quem protege as crianças são os anjos. Tenho essa imagem na cabeça de mãos gorduchas cobrindo o feio, aquilo que destrói a alegria, sem conseguir impedir que pequenas frestas ganhem luz. Anjos tentando afastas as crianças do mundo real, anjos que tiveram de – em algum ponto – partirem. E toda a visão do mundo real e daquilo que não queremos ver, ganha força. Somos empurrados para a realidade e recebemos um soco no estômago da vida.*

*Foi assim que decidi descrever os gritos, as brigas, as mãos levantadas ao ar prontas para cortarem a visão frágil de duas crianças. O apito no fundo do ouvido ganhando proporção à medida que o pânico cresce. As vozes infernais nos perseguindo.*

*Infernais.*

*As brigas eram o inferno abrindo as portas e nos engolindo.*

*Eu sabia que já tinha visto aquelas feições e vozes alteradas, mas esquecer é um privilégio que os anjos infantis nos dão.*

*Esquecer é um privilégio que a mente se recusa a ceder agora.*

*Esquecer seria fácil demais.*

*É como acordar de um sonho límpido e descobrir que a paz nunca foi alcançável. As vozes dos dois lados, quebrando minha cabeça pouco a pouco, transformando em pó a sanidade.*

*Eu balançava para frente e para trás até Oliver chegar e me prender em seus braços tão pequenos quanto os meus, até Oliver me levar para debaixo da cama, até fingirmos estar no País das Maravilhas, na Floresta Encantada, Terra do Nunca. Qualquer lugar longe. Longe das vozes. Longe dos gritos. Longe do horror surdo da violência.*

*No começo eram duas vozes duelando por espaço, uma autoritária e ríspida cortando a outra suplicante. Mamãe tentou se impor, tentou ganhar*



seu espaço, tentou se livrar das amarras invisíveis de alguém que deveria amá-la. Ela só queria viver sem ter que pedir permissão para cada passo dado. Ela só queria poder nos levar para brincar sem ter medo de ser pega. Ela só queria visitar a mãe dela sem ter que ouvir gritos depois.

As amarras da mamãe também eram nossas amarras. Ele também nos aprisionou. Ele também nos privou do mundo e, pior, dos nossos sonhos. Oliver e eu sabíamos da loucura que estávamos vivendo, nós sabíamos que havia algo de muito errado em ficar trancado em casa quase 365 dias por ano e só sair quando ele permitia. Oliver dizia que ele queria manter controle sobre tudo.

– Ele é doente. – meu irmão disse sussurrando debaixo da cama, a confissão formando poeira. – Não quero ser como ele.

– Você não é.

– E se eu for como ele? – ele estralou um dedo – Eu não quero ser um monstro.

Monstro.

Monstro.

– As pessoas não nascem assim. – falei num fôlego só – Elas se transformam em monstros.

– O que o fez ser assim? – outro dedo estralado – Como alguém pode ser assim?

Estralo.

Estralo.

Estralo.

– Ele escolheu ser assim. Ele escolheu ser um monstro.

Dizem que a infância nos molda. Podemos ser adultos amargos porque já vivemos situações amargas. Podemos levantar as mãos em punhos, porque já sofremos o impacto dessas mãos. Podemos ser monstros, porque fomos criados por monstros. Ou podemos escolher ser diferentes. Passar por cima das experiências ruins, espremer a insanidade entre os dedos, apagar os resquícios de violência.

Era isso que Oliver tentava fazer com sua gentileza ao mundo e as pessoas, com seu carinho e cuidado comigo, com sua tentativa de aliviar a tensão nos ombros de mamãe. Oliver queria recompensar, ele queria de alguma forma apagar os gritos com seus atos de bondade.

Li em um livro de uma autora chamada Maggie Stiefvater, que todas as pessoas têm suas bagagens, mas que algumas pessoas escolhem carregá-las

*nos bolsos internos e não nas costas.*

*Oliver escolheu carregar sua bagagem nos bolsos internos. Fora de vista, escondido.*

*Ele venceu o mundo.*

*Até que o mundo o venceu.*

*Ele quis escapar das vozes, ele quis se livrar dos gritos.*

*Eu sei porque também as ouço.*

*Eu leio para desaparecer*

*Eu leio para esquecer.*

*Oliver fez o que fez pelo mesmo motivo.*

*Com amor,  
Malia*

Descobri o nome daquilo que mamãe sofria quando estava no sexto ano. Marcos Oliveira foi o responsável por me ensinar o que “violência doméstica” significava. Era aula de Português e a Professora perguntou aos alunos se eles ouviram ou leram palavras cujo significado era desconhecido para eles, era o dia de procurá-las no dicionário, de aprender vocabulário. Lembro de algumas palavras ditas em voz aula naquela sala abafada no mês de junho: “abnegação”, “vulnerável”, “verossimilhança”, “caxumba”.

Marcos sentava na primeira fileira da sala, eu me mantinha na fileira encostada na janela, do outro lado dele, mais para o fundo, do lugar onde eu estava, era possível ver o perfil do rosto de Marcos. Ele mordida os lábios, lembro disso porque o vi pressionar os dentes na parte fofa do lábio inferior quando a professora me chamou para que eu dissesse uma palavra, me perguntei se aquilo doía e tentei fazer o mesmo, com mesma força, doía, muito. Eu sabia o que as palavras ditas pelos meus colegas significavam e sabia o que a minha significava também, mas eu a disse mesmo assim, enquanto olhava para Marcos: “angústia”. A Professora escreveu a palavra na lousa, com uma letra terrivelmente feia, o que me surpreendia sempre. Eu ainda observava Marcos de longe, era como observar um campo mimado, uma luta interna, isso conta como palavra? Luta interna. Deveria contar. Não é algo fácil de ser explicado mesmo que o nome já deixe claro sobre o que se trata. Algumas palavras precisam ser vividas para que as pessoas entendam o que elas significam. “Angústia”, “Luta Interna” e a palavra que Marcos hesitantemente disse em voz baixa para a Professora e para os alunos que não prestavam atenção, “Violência Doméstica”.

— Marcos está tentando dizer a palavra dele, Professora. —  
apontei para Marcos do outro lado da sala, ele levantou os olhos na minha direção e ele repetiu a palavra enquanto olhava pra mim.

A Professora parou no lugar onde estava. Ela encarou Marcos por alguns segundos antes de escrever a palavra, ou as duas palavras, na lousa. Dois alunos reclamaram para a Professora que aquela não era uma palavra, mas sim duas, a Professora os mandou ficarem quietos. Na segunda parte da aula, ela nos fez pegar o dicionário e pesquisar nossas palavras e escrever o significado no caderno. Escrevi o significado de angústia sem olhar no dicionário, em seguida, procurei o significado de violência doméstica, mas não existem palavras assim no dicionário. Eu ia me levantar para falar com

Marcos, perguntar se ele havia descoberto o significado, mas ele tinha saído da sala com a Professora. Ele não voltou mais naquele dia. A Professora escreveu o significado das palavras na lousa depois que voltou, ela não falou mais nada até o fim da aula, só ficou ali, lançando olhares para a carteira vazia de Marcos.

Violência Doméstica: “qualquer tipo de violência praticada no âmbito familiar por pessoas com ou sem parentesco, ela pode ser física, psicológica, sexual, moral...” Nenhum outro aluno ficou interessado por essa palavra, mas eu fiquei, por isso, quando a aula terminou, fui até a mesa da Professora e perguntei o que aquilo significava.

— Acho que tenho algo sobre isso em algum lugar aqui. — ela sorriu cansada e procurou algo na gaveta do armário da sala. — O governo manda essas coisas todos os anos, mas eles nunca pareceram tão úteis quanto agora. Achei!

Ela me entrega um papel que era dobrado como um mapa, imagens coloridas de uma história em quadrinhos ocupava toda o papel: uma mulher e seu marido discutiam dentro de casa, ele erguia a mão para cima e no quadrinho seguinte a mulher aparecia machucada, ela sabia que era errado o que ele tinha feito, mas não contou para ninguém e então, ele continuou com o que tinha começado até o dia que o marido deu sinal de querer bater no filho pequeno do casal, a mulher corre para o telefone e disca o número da polícia, o marido é preso, ela abraça o filho. Fim.

No canto inferior direito do papel, havia duas explicações sobre o que seria violência doméstica e violência contra a mulher e números de telefone onde as pessoas podiam ligar para pedir ajuda, caso se encontrassem em uma situação como a que eu vi no quadrinho.

— Posso ficar com isso? — perguntei.

— Pode sim. — a Professora disse, sentada na sua mesa.

— Tchau, Professora. Até amanhã. — fiquei parada na porta da sala, esperando que a Professora erguesse seu olhar na minha direção, como fez com Marcos, mas ela não fez isso. Talvez ela enxergasse em mim o que viu em Marcos e talvez ela me ajudasse como ajudou Marcos, porém, ela não viu nada, então eu fui embora, com o papel contra o peito.

Fomos para casa em silêncio, Oliver e eu. Meu irmão provavelmente se perguntava por que eu estava mais quieta do que de costume, porém, ele não abriu a boca para dizer nada e eu agradei por isso. Quando chegamos em casa, ele subiu as escadas lentamente enquanto eu

permaneci em pé na sala, mamãe tinha adormecido assistindo TV, pousei o papel na mesinha de centro perto do controle, quando ela acordasse, ela o veria e ela provavelmente o viu. Mais tarde eu encontrei o papel de novo, cortado em pedaços, jogado no lixo, irreconhecível, apenas eu e ela sabíamos o que aquilo um dia chegou a ser.

E é assim que o monstro ganha força.

Na semana seguinte na escola, a Professora fez um cartaz escrito “O que não deveria existir”, ela pediu que fôssemos um a um, escrever o que gostaríamos que não existisse no mundo: poluição, morte, insetos, doenças, bolo de abacaxi. Quando Marcos se levantou, fui atrás dele e esperei que ele escrevesse o que eu pensava que ele escreveria e, lá estava, as duas palavras outra vez. Assim que ele terminou, peguei a caneta da mão dele e escrevi a mesma palavra embaixo. Ele olhou pra mim. Eu olhei para ele. Nós éramos as pessoas que viram essa palavra acontecer, nós sabíamos o que ela significava e de uma forma terrível e triste, fomos conectados por ela.

Marcos foi embora na semana seguinte. Sua mãe o tirou da escola. No seu último dia de aula, ele caminhou até o lugar onde eu estava sentada no intervalo e me contou que estava indo embora, da cidade, para longe do pai. Ele e a mãe iriam morar com os avôs maternos.

– Tchau, Malia. – foi a última coisa que ele me disse antes de partir.

No dia seguinte, eu não o vi mais.

»

Hoje sou uma garota indo contra o sistema, se revoltando contra os líderes ditadores. Hoje estou enfrentando os vilões e perdendo pessoas ao longo do caminho. Hoje estou pulando de um trem em movimento, a sensação cresce e me engole, me coloca do avesso. Não é medo, está muito longe do medo; é liberdade. É um picolé contra a pele quente, um fio gelado escorrendo entre os dedos, escapando dos limites do meu corpo. Ganhando a batalha.

Eu entendo.

Cheiro as páginas dos livros. Já vivi mil vidas por entre páginas amarelas, algumas desgastadas nas pontas. Sou milhares de pessoas ao mesmo tempo, me apaixonei um milhão de vezes e desvendei centenas de mistérios. Os livros me deram oportunidades inimagináveis para viver. Agora estou fechando as páginas, guardando delicadamente as vidas em formato de papel. Lá fora a lua encontrou o ápice do céu, as nuvens cinza escondem sua

forma, guardam segredos esburacados.

– Por favor, guardem os meus também. – peço para nada nem ninguém em particular, talvez, para o universo. Talvez para Oliver.

Desço os degraus na ponta dos pés. Meu trem particular. Antes de cair nas garras da noite, volto e busco algo precioso, estalos agudos soam terrivelmente altos, mas não desisto. Agarro com a mão o que preciso, aninho no peito, com medo de que isso também evapore no ar.

Abro uma fresta da porta, a luz me cega momentaneamente. Estou sorrindo e pulo do trem.

Acolhida pela lua. Livre.

»

Permaneço nas ruas principais do bairro, puxo o capuz do casaco para esconder o rosto. Os carros passam zunindo perto de mim, alguns desaceleram, outros fazem o contrário. Quero que eles pensem que sou um morador de rua, um bandido, um fantasma, alguém louco o bastante para se aventurar por ruas sombrias à noite. Não me importo, desde que não descubram quem sou.

A caminhada até a casa de Henri leva cerca de vinte minutos de onde estou, com a bicicleta seria mais fácil, mas fiquei com medo de pegá-la quando vi as luzes acesas na casa do vizinho. A última coisa de que preciso é ser acusada de roubo.

As luzes dos postes refletem na tela do celular de Oliver, não pude deixá-lo para trás, sei que é estúpido e que eu podia ter sido pega, mas – mesmo com a tela rachada e os riscos que cobrem o aparelho, mesmos nos seus momentos mais insanos – meu irmão nunca se desfez do celular, é uma parte dele e estou tentando reunir todas as partes possíveis de Oliver. Ele deixou muitas para trás.

– Vamos viver uma aventura. – cochicho com o rosto virado para cima, mirando as poucas estrelas brilhantes no céu.

Tiro o fone de ouvido do bolso e conecto no celular. Me preparo para o que está por vir e aperto o botão maior, a tela ganha vida e uma dor lancinante corre pelas minhas veias. Oliver sorri para mim da tela do celular, com seus cabelos cor de areia e olhos castanhos esverdeados, o nariz reto e a boca escancarada em um sorriso bonito de Cheshire. O tipo de sorriso que faz com que as pessoas queiram sorrir de volta. Do lado esquerdo, espremida contra o ombro de Oliver, uma Malia sorri para o irmão, achando graça das

bobagens dele. Uma Malia feliz e completamente estranha para mim. Nunca notei que nossos olhos eram tão parecidos, essas são as coisas que passam despercebidas por nós, até que as perdemos.

Deslizo a tela com os dedos, o sorriso de Oliver se desfaz para mostrar o menu principal. Já vi Oliver fazer o mesmo tantas vezes que, quando encontro o símbolo da nota musical, o resto fica fácil. As músicas estão organizadas em pastas.

– *Existe música para tudo.* – Oliver costumava dizer – *Desde músicas para corações partidos até música para tomar banho.*

Começo a rir com o nome da primeira pasta: “Banho”. Sigo deslizando o dedo para baixo, encontro uma pasta exclusiva para Elvis Presley.

– *Porque você houve a mesma música diversas vezes seguida?* – perguntei quando ele apertou pela quarta vez o reproduzir novamente.

– *Porque você lê o mesmo livro diversas vezes?* – ele retrucou com uma sobrancelha levantada apontando para o livro apoiado nos meus joelhos.

– *Porque eu amo esse livro.* – respondi – *E porque, a cada vez que eu o leio, percebo coisas que passaram despercebidas na primeira leitura e compreendo melhor o livro. É como ler o livro pela primeira vez, mesmo que não seja.*

– *Exatamente.* – ele disse – *Com a música é quase a mesma coisa. Mas não é só por isso. Tipo, às vezes você escuta uma música e sabe o que ela diz, mas não a sente por completo. Então, alguma coisa acontece e você finalmente entende.* – ele começou a fitar o vazio – *Você finalmente entende o que a música quer dizer. Você a sente.*

Oliver dizia que se você não sente a música, é porque ela não foi feita para você. A música que Oliver ouviu repetidas vezes naquele dia não foi feita para mim. Eu não precisava compreender a letra, nem sentir as batidas, para entender a tristeza entrelaçada nas estrofes musicais. Fiquei pensando como uma pessoa podia ser tão triste como aquela melodia, sem sequer notar que a resposta estava sentada ao meu lado.

Foi quando Oliver morreu que eu, por fim, senti a música.

Eu entendi a tristeza.

Estou quase chegando ao meu destino. Tento deixar as lembranças de lado quando passo ao redor de uma fábrica, metade do muro está pintado de branco e a outra metade é cheia de desenhos coloridos. Gosto mais da versão colorida do que da branca sem graça, um pouco mais à frente vejo um aviso em letras pretas: Proibido Pichar O Muro.

Meus pés desaceleram para encontrar a parte colorida, é difícil ver no escuro. Identifico as asas de um pássaro, um barco encalhado em pedaços de corações ardentes, mãos voltadas para o céu rogando uma prece silenciosa, a versão de Deus como uma árvore no topo no planeta azul, com suas raízes dando vida a Terra.

É lindo. Não devia ser chamada de pichação.

Continuo a caminha com a imagem de uma menina presa por fios de náilon tentando destruir um muro de restrições. Seria legal saber quem desenhou esse.

»

Não criei coragem para reproduzir nenhuma música até agora.

Até agora.

Sei que estou parada há algum tempo, debaixo de uma árvore com o tronco grosso e galhos enormes, as sombras tornam a luz da tela mais vívida e espalha uma aureola branca ao redor. Volto a tela para cima e leio pasta por pasta. Não estou delirando. Está lá.

Meu nome.

Uma pasta de músicas com meu nome.

Uma *playlist* que Oliver fez para mim.

Antes de ele morrer.

Antes...

## MALIA



Sento na beirada da calçada. Meus olhos começam a lacrimejar com a luz forte do celular, mas não é só por isso, não é.

Oliver fez isso.

A data da pasta é de cerca de três meses antes do... *acidente*. Minha garganta parece estar em carne viva.

– Garota da cidade Grega. – uma voz conhecida chama do outro lado da rua. Levo um susto tão grande que caio para trás afundando minha bunda na grama molhada. Aperto o celular de Oliver contra o peito.

– Locke? – chamo de volta.

Ele caminha até a luz expor seu rosto.

– Malia – ele diz meu nome e fica parado. O vento que vem do norte joga seu cabelo para trás. Locke está igualzinho a duas noites atrás, mas não



deixo de notar que hoje o casaco – que se tornou tão familiar para mim em apenas um dia – foi substituído por uma blusa preta com as mangas dobradas na altura dos cotovelos.

– Oi – sussurro.

– Oi – ele fala – Parece que você viu um fantasma.

Demoro um pouco para responder. Aperto o botão do celular, a tela apagada se acende. Coloco o dedo sobre a pasta para abri-la e vejo a lista de sete músicas que Oliver selecionou.

– De certa forma, – limpo a garganta arranhada – acho que vi um fantasma.

Locke senta ao meu lado, as pernas longas batem no meu joelho.

– Bom, – ele chega perto de mim – é melhor não contar sobre o fantasma para Henri. É bem capaz que ele comece a colocar sal nas janelas.

Contraio os lábios, mas não consigo prender a risada por muito tempo. Logo, nós dois estamos rindo. Locke se recupera antes de mim e me observa limpar as lágrimas causadas pela risada, lágrimas dos melhores tipos. Ele apoia a bochecha na mão, ainda dando risinhos fracos.

– Viu? – ele tira um pedaço de grama da calça jeans – Você fica bem melhor rindo.

– É, tenho que fazer isso mais vezes. – concordo.

– Então, cadê o fantasma que te deixou assim?

Ergo o celular.

– Nossa, a música deve ser bem ruim mesmo.

– Não é isso. – digo com uma risada fraca – Meu irmão fez uma lista de músicas pra mim.

– E isso é bom ou ruim? – ele chega mais perto tentando ler o nome das músicas – Porque, olha, se Henri fizesse uma lista de músicas pra mim, eu choraria. – Locke faz cara de assustado – Sério, o velho tem um gosto musical péssimo.

– Mentira. – provoco. Locke coloca uma mão sobre o coração.

– Não diga que eu não te avisei. – ele muda de assunto em seguida – Você não vai escutar? – ele aponta para a primeira música.

–Vou. – digo hesitante.

Não é a ideia de escutar as músicas que Oliver escolheu que me assusta. É só que... Essas músicas são uma parte dele e meu irmão escolheu cada uma delas pensando em mim. Não sei por que ele quis fazer uma *playlist* ou aonde isso nos levará, mas tenho certeza que será em algum lugar. Oliver amava

música, ele não escolheria por mero acaso. Principalmente, não naquela época. Estou surpresa que ele tenha se dado ao trabalho de fazer isso. Oliver não se importava com mais nada naqueles últimos três meses.

Talvez, ao ouvir as músicas, essa seja a última vez que meu irmão estará presente.

E isso me assusta.

Muito.

– Você – dou meia volta na direção de Locke – pode escutar comigo? Só uma?

Locke pega um fone e prende no ouvido. Ele aguarda sem dizer nada e eu aperto a imagem da seta que é substituída por dois riscos em pé.

A música começa.

## **COLDPLAY – YELLOW**



Olhe as estrelas  
Veja como elas brilham para você  
E para tudo que você faz  
Sim, e elas eram todas amarelas

Eu já ouvi essa antes. Era uma das preferidas de Oliver. O som é bonito, é muito bonito. E como a música pede, eu olho para o céu. Eu olho para as estrelas. Poucos pontinhos brilhantes. É estranho eu pensar em estrelas e a primeira música de Oliver falar sobre elas. É quase como um sinal.

Quase como magia.

Sua pele  
Sim, sua pele e seus ossos  
Transformaram-se em algo bonito  
Você sabe?  
Você sabe que eu te amo tanto  
Você sabe que eu te amo tanto

Fecho os olhos com o rosto voltado para cima.

Ah, Oliver. Por que você fez isso consigo mesmo? Por quê?

A música acaba. Não deixo que outra comece a tocar. Não ainda. Um dos pés de Locke acompanhava a batida de fundo da música, mas agora ele está parado com a face tingida pela lua. Olhando para as estrelas. Como a música pediu. Uma íris está escura e a outra brilha em um verde profundo. A parte do seu rosto que está banhada pela lua é feita de mármore e se eu me esticar e tocá-la, ela estará gelada e macia.

Oliver estava gelado quando eu o encontrei.

Oliver estava...

– Não. – Locke impede meu avanço – Não faça isso.

Marcas de pequenas meias luas lotam a pele pálida entre o polegar e o pulso. Uma lágrima sangrenta escorre de uma delas, há algum tempo tenho deixado as unhas crescerem o suficiente para afastar a dor de dentro. Com alguns cortes do lado de fora, fica mais fácil me controlar. Por fora há cura e logo o sangue vai ficar seco e uma camada cicatrizada surgirá em seu lugar.

– Desculpe. – limpo a lágrima escarlate.

– Porque você faz isso? – ele pressiona uma marca grande.

Dou de ombros.

– Não consigo controlar. – conto uma meia verdade.

Locke me encara. Agora, nenhum lado do seu rosto é iluminado pela luz. Ele está sério e continua com o dedo pressionado na minha pele.

– Se você quiser contar, – Locke alisa as marcas com a ponta dos dedos – eu não vou julgar. Mas eu sei que deve haver algum motivo para você estar aqui no meio da madrugada e sei que algo está acontecendo com você.

– Eu estou bem. – sorrio fraco. – Sério.

– Não, Malia. – ele devolve o sorriso – Você está se machucando. Isso não é estar bem. Mesmo que você queira muito acreditar.

Ele termina e fecha meus dedos em volta do fone.

Locke é a primeira pessoa que enxergou. Ele é a primeira pessoa que vê as marcas e me confronta sobre elas. Ele é a primeira pessoa que não ignora.

Eu não estou bem.

E Locke sabe.

# 13

Nicolas,

*Se seu irmão fica duas noites fora de casa, você sabe que algo está errado.*

*Você sabe.*

*Eu não ouvia quando ele saía, mas ouvia quando ele chegava.*

*Oliver parecia um bebê que acabou de aprender a andar, ele se chocava contra as paredes e fazia barulhos estrondosos nos meus ouvidos. Ele ria muito e depois soltava maldições pelo caminho até seu quarto. Às vezes ele bebia um litro de água e pedia por mais, essas eram as noites razoáveis, quando ele se deitava e voltava ao normal no dia seguinte. Em outras piores, ele se sentava na cama e fitava o vazio por horas, até os raios de sol passaram pela cortina.*

*Quando o relógio tocava, anunciando o começo do dia, ele se levantava e ao sair do banheiro, Oliver era uma nova pessoa. O cheiro tinha ido embora, as marcas nas veias eram ocultadas por mangas compridas. Meu irmão beijava o começo dos meus cabelos e sorria. Sempre.*

*Ele acreditava estar bem. Oliver mentira para si mesmo. E por tempo suficiente, eu acreditei também. Tempo suficiente para não ter mais volta.*

*Dizem que tudo tem volta, menos o tempo. Você não pode pegar um pedaço do passado e dizer: “Ei, quero voltar, tenho umas coisinhas para resolver”. Se pudéssemos, eu voltaria para aquela primeira noite quando ele chegou aos tropeços, eu voltaria e imploraria para ele parar.*

*Eu faria qualquer coisa.*

*Não sei como você ficou, Nicolas. Mas espero que não tenha sido como o meu irmão.*

Com amor,  
Malia

# 14

- Você pode ver se... – aponto para a calça molhada.
  - Você quer que eu olhe sua bunda?
  - O quê? Não!
  - As mulheres geralmente se sentem ofendidas quando os homens fazem isso.
  - Eu não quero que você olhe para a minha bunda.
  - Ah, que bom. Henri me mataria se eu fizesse isso.
  - Eu só quero saber se a calça está suja.
  - Hum, – Locke faz uma pausa – você sabe que eu vou ter que olhar sua bunda para fazer isso, certo?
- Reviro os olhos.

# 15

No fim, a calça só ficou molhada.

– Você e Henri são parentes? – solto a pergunta que vem aguçando minha curiosidade. Estamos quase chegando à casa de Henri e eu juro que poderia encontrar esse lugar seguindo o cheiro de canela ao redor.

– Não. – Locke responde abrindo a porta – Henri e Amélia me ajudaram quando eu precisei. É uma longa história.

Locke bate a mão no ar e dá de ombros. As palavras “longa história” são um ponto luminoso na minha cabeça, mas me concentro na primeira parte.

– Amélia?

– A esposa do Henri. – Locke pendura a blusa de frio que estendo pra ele – Acho que você está prestes a conhecê-la.

– Ela não estava aqui na outra noite?

Locke abre a boca para responder, mas um estrondo interrompe suas palavras. Seguimos o caminho do barulho e encontramos Henri com os cabelos em pé e a lateral do pescoço vermelha.

– Porcaria. – Henri dá tapas *nem-um-pouco-delicados* em um notebook – Fofinha? Consegue me ver?

– Ele não tem um relacionamento muito bom com o Skype. – Locke explica. Aceno com a cabeça, mesmo sem saber o que é Skype.

– Henri! – uma voz feminina zangada grita – Não espanque o pobre computador! Não temos dinheiro para comprar outro.

– Desculpe, fofinha. – Henri diz envergonhado – Essas coisas me enlouquecem. – Ele ergue o olhar e nos encontra plantados no batente da porta.

– Malia, você voltou! – ele tenta se levantar, mas bate os joelhos na mesa e cai sentado novamente. Locke ri ao meu lado – Droga!

– Henri! Você está xingando na frente do Locke? – a voz soa pior ainda enquanto Henri segura os joelhos e faz careta – É esse o exemplo que você quer dar pra ele?

Locke sopra uma risada perto de mim vendo o desespero de Henri.

– Uma ajudinha, por favor. – Henri pede com os olhos esbugalhados.

Locke me conduz até a mesa em que Henri está sentado, ficamos em frente à tela do computador vendo uma mulher gesticular para todos os lados. Henri coça a cabeça.

– O cabelo dela é roxo?

Sim, definitivamente. Assim como os óculos com brilho nas pontas e o bolinho com glacê púrpura na camiseta dela. Amélia ainda usa um batom com um leve tom de roxo e unhas pintadas da mesma cor cintilante.

– Nem me fale. – Locke balança a cabeça – Ela tentou me convencer a pintar o meu cabelo da mesma cor.

– Locke? – a mulher ergue o óculo acima dos olhos.

Amélia é uma mulher rechonchuda de nariz arrebitado e olhos cor de jabuticaba. Do tipo que você não consegue diferenciar a íris da pupila de tão pretos que são. Talvez seja porque estou a vendo pelo computador e não ao vivo, mas tenho certeza que seria da mesma forma se ela estivesse aqui. Ela abre um sorriso quando vê Locke, seus olhos se iluminam e ela quer saber o que ele e Henri andam aprontando. Eu poderia pegar o amor dessa mulher pelos dois e carregar em um potinho.

– Oh, - Amélia bate palmas entusiasmadas – é mesmo uma garota.

Labaredas vermelhas lambem meu rosto.

– Oi. – aceno com a mão para a tela. Amélia se inclina para frente com os óculos na cabeça, ela franze os olhos e distribui outro dos seus radiantes sorrisos.

– Ela é muito bonita, Locke! – ela fala – Pobrezinha, Locke me contou o que aconteceu com você. Tsc. Tsc. Sinto muito, querida.

Ela fala como se o que aconteceu com aquele morador de rua fosse culpa dela. Henri bate desajeitado no meu braço. Eles são boas pessoas e pela maneira como Henri e Amélia interagem com Locke, chego à conclusão de que eles são uma família. Não importa qual seja a história longa que Locke não me contou.

– Não se preocupe, estou bem agora. – digo – Foi sorte Locke estar lá para me ajudar.

– Nem acreditei, - Amélia diz animada – quando Henri me contou sobre você. Locke e uma garota? Isso é inédito!

– Sutil. – Locke diz entre dentes.

– Ora, eu não posso ficar feliz? – ela chega mais perto e sussurra como se apenas nós duas estivéssemos conversando – Ele nunca trouxe ninguém para nos conhecer.

– Ah, – engasgo – tenho certeza que ele só quis me ajudar.

– Não seja boba!

– Amélia! – Henri reprende a esposa.

– Bom, espero poder te dar um abraço em breve. Estou fazendo um curso de decoração para Cupcake, mas logo vamos nos conhecer!

Isso explica a blusa. Locke responde as perguntas de Amélia sorrindo, coisas do tipo: *o que vocês comeram no jantar hoje? Henri está limpando a casa como combinamos? Vocês não estão comendo as encomendas, certo?*

Depois de um tempo, Locke deixa Henri e Amélia conversarem sozinhos.

– Ela é muito legal. – sento em um banco perto balcão e observo Locke retirar um bolo do forno.

– Ela é especial. – Locke acrescenta com as covinhas do rosto aparecendo no seu sorriso.

– Os dois são. – termino e Locke concorda.

Palavras não precisam ser ditas em certas ocasiões. O amor, no fim, é inexplicável.

O olhar que Locke lança – na direção de um Henri sorridente ouvindo Amélia falar sobre recheios de alfajor – esse olhar, nenhuma palavra pode descrever.



## 16

– Não acredito. – ofego – Não acredito. Não acredito. Não acredito.

– Puf. – Locke me encara por cima das caixas brancas lotadas de doces – Acredite, minha beleza descomunal é verdadeira. – ele sorri amarelo.

– Você viu isso?

As caixas brancas que eu carrego quase me engolem, mas ainda tenho forças para equilibrá-las em uma só mão enquanto a outra aponta empolgada para as letras pontudas na fachada do restaurante.

Não era uma lanchonete como pensei, é um restaurante, e encima da porta de vidro está escrito:

Restaurante *Felix Felicis*

– Felix Felicis – sou capaz de ouvir os olhos de Locke revirando.

– Me deixe adivinhar. – Locke empurra a porta de vidro com o ombro – Grifinória?

Esqueço momentaneamente a pergunta de Locke, o que há dentro do restaurante é o que eu gosto de chamar de paraíso na terra. Aparentemente é um restaurante como todos os outros e combinando com o cheiro doce embaixo do meu nariz, a cozinha exala o aroma dos temperos salgados. As mesinhas de madeira estão cobertas com quatro toalhas de tons diferentes: vermelho, verde, amarelo e azul. As luzes baixas imitam velas fracas perto do teto coberto de estrelas. Estrelas! As estrelas do Felix Felicis são feitas de pequenas luzinhas brancas encaixadas em pequenos buraquinhos na superfície azul-marinho. No lado esquerdo do restaurante, há um sofá vermelho em forma de L e três poltronas que circulam duas estantes enormes. São brancas e alcançam as estrelas de tão altas, e, o melhor de tudo: lotadas, lotadas, lotadas de livros.

– Pensando bem. – Locke tira as caixas dos meus braços – Não me surpreenderia se você fosse da Sonserina.

Abro um sorriso pra ele.

– Um dos melhores bruxos é da Sonserina. – digo – Mas, não, não sou da Sonserina. Lufa-Lufa é a minha casa.

– Ah, não. – Locke murmura enquanto eu seguro meus dedos formigantes perto da estante. – Conheço esse olhar.

– Que olhar?

– Esse. – ele me faz olhar para ele – Apaixonado e meio insano.

– O tipo de olhar – alguém diz atrás de nós dois – de alguém que ama livros.

– É. – Locke se vira para a pessoa – Esse olhar.

– Oi – aceno constrangida.

A mulher alta e negra acena afetuosamente com a cabeça. Parece até aqueles bonequinhos presos nos carros. Amélia se destaca com todos os tons de roxo, mas essa mulher se descava simplesmente por ela mesma.

– Vera, - Locke beija a bochecha dela – essa aqui é a Melina.

– Malia – corrijo.

Vera me olha de cima a baixo. Com uma ruguinha entre os olhos, ela me avalia. Meus dedos começaram a se contorcer de nervosismo. Fico tentando imaginar se fiz algo errado, me sentindo como uma formiguinha ao lado dos dois. Vera e Locke são igualmente altos e meu pescoço começa a doer de ter de olhar para cima. A rajada de vento que entra pela porta da frente faz os cabelos encaracolados de Vera ondularem ao redor do seu rosto redondo. Ela está usando um vestido amarelo que destaca o bonito chocolate da sua pele. A mulher bate com a palma da mão, afetuosamente, na bochecha de Locke e depois fala olhando para nós dois:

– Então, é verdade o que Amélia contou. – Vera diz enquanto Locke bufa – Há quanto tempo estão juntos?

– Juntos? – começo a tossir – Não estamos, sabe, juntos.

– Não sei como ainda me surpreendo com a capacidade sobre humana de fazer. – Locke resmunga.

– Esqueço os nomes que vocês dão a isso hoje em dia. – Vera apóia o dedo indicador no queixo – Você são... como dizem mesmo? Ficantes? Ou algo do gênero?

– Aí meu Deus – exclamo com a boca escancarada e as bochechas pegando fogo.

– Se fosse por Amélia, já estaríamos casados. – Locke zomba divertido.

»

– Eu só estava brincando. – Vera diz enquanto a porta da cozinha balança após Locke passar com caixas até a cabeça – Se acalme, você está respirando muito rápido.

– Desculpe. – afundo no sofá vermelho – Acontece quando estou nervosa.

Ou quando meu irmão não chegava.

Ou quando eu o encontrei morto.

Ou quando lembro que ele não vai voltar.

– Malia?

Escuto sobre a superfície meu nome ser chamado.

– *Malia? É você? – Oliver chama sentado no chão com as costas apoiadas na parede, os dedos estendidos para mim, seu corpo tremendo descontrolado. Congelado de dentro pra fora. – Você disse que nunca me abandonaria. Você lembra? Você disse, Malia. Você disse. Pegue algo para mim, por favor? Não consigo me mexer. – ele ri esganiçado, sinto a carne da garganta doer – Não consigo me mexer. Mas você consegue fazer, é só injetar no meu braço e depois eu vou dormir. Preciso disso pra dormir, Malia. Preciso disso. Por favor, vamos lá. É rápido, prometo não te incomodar mais. Malia? Não. Não. Malia? Volte aqui! Malia. – ele choraminga – Volte, Malia. Volte. Volte.*

*Fecho a porta com força. Tenho medo do que está lá dentro. Aquilo não é meu irmão, aquele não é Oliver. Não é. Não é. Não é. Não é.*

– Malia. Abra os olhos. Olhe para mim. Sou eu, Locke. Apenas...eu.

– Locke?

Locke. É apenas Locke. Pressionando meu ombro com dedos calejados enquanto eu seguro seu bíceps como se ele e tudo que o constituí fossem a única corda que me prende ao aqui e agora.

É a primeira vez – desde que os ataques de pânico começaram – que eu consigo voltar. É a primeira vez que alguém me tira daquele lugar torturante envolto por camadas finas de insanidade.

Eu não sei o que sentir em relação a isso. À Locke.

Mas, de qualquer maneira, não tenho chances de soltá-lo ou dizer qualquer coisa que justifique o que ele acabou de ver. Não tenho tempo nem de pedir desculpas para Vera com seus olhos de coruja investigando cada pedacinho do meu rosto.

– Malia?

Não tenho tempo por que alguém chama e eu reconheço aquela voz.

Não aqui.

Não aqui.

Nicolas,

*Você sabe qual é a sensação de estar se afogando? A sensação de queimação no fundo da garganta, a dor excruciante no cérebro, o medo violento que o faz abrir os olhos e ficar contemplando a superfície se afastar enquanto as bolhas de oxigênio passam por você?*

*É como não ter controle do próprio corpo, você balança os braços e tenta subir para qualquer lugar longe daquela sensação, mas você não consegue.*

*Começa a ficar pior; a dor, o medo. Seus ossos ficam pesados e você não entende de onde vem aquele aperto dolorido no centro no peito, não há como pensar, seu corpo está focando demais em permanecer vivo, mesmo que sua mente queira abrir a boca e sugar um pouco de alívio, o último alívio.*

*O início do afogamento é a pior parte. Quando você não sabe como escapar e a esperança não te abandonou ainda. Depois que a pessoa se rende e, enfim, respira; tudo para. A queimação, a dor, o medo.*

*E – apesar de saber que a dor vai passar se você se render a algo desconhecido – ainda assim, você continua tentando emergir, você continua lutando para chegar à superfície.*

*Os ataques de pânico são exatamente como se afogar. Não lembro quando começaram, nem a frequência em que acontecem, me esforço demais para esquecê-los e mais ainda para evitá-los. A respiração acelerada, o coração retumbando no peito, o suor frio, são indícios do que está prestes a acontecer. Nos dias de sorte, posso me esconder e lidar com isso sozinha. Sem ninguém assistindo.*

*Dizem que todo ataque de pânico é causado por um estopim, um reflexo de uma lembrança, algo que desencadeie certo acontecimento preso entre as portas da mente. Talvez seja verdade, talvez eu deva parar de pensar tanto no meu irmão, talvez tudo seja um estopim ultimamente.*

*As lembranças sempre são as mesmas. Três sequências dos piores momentos de Oliver e consequentemente, os meus piores momentos. Mas algo está diferente agora. Os sintomas depois e antes dos ataques; a*

*dormência nos membros, o peso martelando no meio das costelas, as palavras que sempre me alcançam, aonde quer eu esteja. O sentimento – terrível e indescritível – de estar morta de tantas maneiras diferentes que, estar viva e respirando, é apenas um detalhe.*

*O que há de errado comigo?*

*O que há de errado comigo?*

*O que há de errado comigo?*

*Estou morrendo, Nicolas.*

*Estou morrendo.*

*Malia*

## 18

– Malia? – ela diz outra vez – O queacon ...

– Já estou indo embora.

– Não. Malia, espera, eu não quis dizer isso.

– Preciso sair daqui. – não posso encará-la agora, não quando sei que ela viu meu surto. Não posso me dar ao luxo de olhar para a única pessoa – com exceção Rosa – que me trata bem na escola e ver a reação, o semblante de pena direcionado a mim. A garota que perdeu o irmão e não tem amigos, que vive cercada de páginas de papel e lembranças tristes.

– Locke? – ela está atrás de nós – Malia? Por favor, você não precisa ir.

– Liz – Locke dá meia volta – Agora não.

Elizabeth entende depois disso. Ela assente e me lança um último olhar antes de se afastar de nós. O peito de Locke toca minhas costas, ele não permite que eu me afaste um milímetro sequer, mas, mesmo se eu pudesse, não conseguiria me manter em pé sem o apoio dele.

– Não fuja. – ele sussurra – Não fuja, Malia.

E lá está. O meu nome. Não uma variação de nomes com M.

– Vamos sair daqui. – Locke fala baixinho, como se eu fosse um animal ferido e assustado que precisa ser manejado com cuidado.

Passo pelas mesas decoradas com as cores das casas de Hogwarts, as estrelas artificiais piscam junto comigo, rápidas demais, enlouquecidas demais. Encaro o chão e só volto a erguer o olhar quando vejo o asfalto da rua e a sarjeta pintada de branco. O ar dança branco à minha frente com as baforadas rápidas, o frio traz lágrimas salgadas que molham meus cílios. Sou um caos completo.

Um perfeito pandemônio.

– O que há de errado comigo?

Engasgo.

– Vem aqui. – Locke senta na parte branca da calçada e estende sua mão translúcida. Aceito e sinto um alívio enorme quando alcanço o chão e minhas pernas perdem a força. Cada episódio me deixa mais cansada do que nunca, sugando minhas energias e me desgastando pouco a pouco até não sobrar nada. Tenho medo do dia em que não sobrar nada de mim. Um espaço vazio no meio do universo infinito. Se estou sentindo isso agora, não posso nem imaginar o que acontecerá quando isso *terminar*.

– Descul...

– Nem começa. – Locke agita a mão – Não peça desculpa. Você faz isso demais, Malia.

*Você faz isso demais.*

Do mesmo jeito que Oliver dizia. Solto uma gargalhada gostosa e meu estômago reage na hora, se agitando de prazer enquanto eu contorço meu corpo para frente. Não paro por aí, continuo sorrindo até as lágrimas tingirem meus olhos, até Locke fazer sua melhor cara de “*essa menina é louca*”, até ele sorrir de volta e balançar a cabeça, incrédulo. Ele deve estar pensando aonde foi que se meteu e como conheceu uma garota tão maluca. Quero pedir desculpas de novo, só por isso. Por ele ter me conhecido. Por ter encontrado esse corpo esfarrapado, dividido em partes sangrentas, sem um pinga de alma ou vontade de viver.

Você deveria ter me encontrado quando eu era viva, antes de Oliver partir. Você teria gostado daquela garota, Locke, você teria visto a esperança que a cercava. Mas você não me encontrou, você não me encontrou.

A risada morre.

Morre.

Morre.

– Meu irmão diz que eu peço desculpas demais. – confesso engolindo a última risadinha dolorida.

– Ele está certo. – Locke alonga as pernas, observo um furo no jeans preto dele – Olha só, Malia...

Locke começa, mas não termina de falar. Ele alisa os cabelos rebeldes e coça a garganta, depois estala dois dedos antes de suspirar. Locke tem pausas que dizem muito, como quando ele ficou em silêncio ouvindo a música que Oliver escolheu para mim ou quando ele ouvir atento as preocupações de Amélia. Silêncios que falam muito.

– Meu irmão fez uma promessa pra mim. – conto antes que ele encontra palavras – Mas ele não cumpriu... Ele não cumpriu. – repito. *Você não cumpriu, Oliver. Você não. Você não.*

– Esse é o problema com promessas. – Locke faz outra pausa – Elas geralmente não são cumpridas. Na verdade, acho que o problema não são as promessas, são as pessoas.

Ele espera antes de continuar, fitando o vazio à nossa frente. A escuridão e o emaranhado de árvores escondidas nela. Imagino milhões de promessas quebradas em forma de sombras, um milhão de pedacinhos

escuros pintando de preto o mundo.

– É por isso que eu não prometo nada a ninguém.

– Nenhuma vez? – pergunto.

– Não. Promessas são feitas e pessoas saem decepcionadas, qual é a utilidade nisso? – Locke cruza as pernas, o buraco do jeans deixa transparecer sua pele pálida – Quero dizer, se você quer mesmo prometer algo a alguém, não prometa.

– Estou um pouco confusa agora. – é a vez dele sorrir. Locke limpa algo invisível na camiseta e então vira o corpo, seu joelho bate no meu, seus olhos batem nos meus. Até mesmo seu sorriso, bate com o meu.

– Eu *não* prometo a você, Malia, que sempre estarei por perto para te ajudar. Eu não prometo que tentarei te encontrar no abismo em que você se encontra, eu não prometo que estarei aqui amanhã ou depois e que você poderá contar comigo sempre que quiser. Eu não prometo que te salvarei de outro maluco, nem que eu sou um cara perfeito ou coisa parecida. Eu não prometo nenhum tipo de coisa a você, porque eu não tenho nenhum controle sobre a vida ou o amanhã ou mesmo, sobre você. Eu não prometo porque palavras não adiantariam nada. – Locke sorri triste – Mas vou te dizer o que farei, Malia. Eu vou, todos os dias, se você permitir, te ajudar. Eu serei seu amigo e farei exatamente o que eu disse e isso não é nenhuma promessa. Se você realmente se importa com alguém, você não faz promessas, você age. Você faz. E, Malia, eu quero que você saiba que eu me importo. – então, Locke solta o ar com força, observo uma sombra passar pelo rosto dele – Eu me importo.



*Coisas Escondidas*

Como canta a esperança  
Que na alma vem pousar  
E de repente vai lá e dança  
Para longe de mim ela foi voar  
Que dor essa que desmancha  
A vida, os sonhos e tudo aquilo  
Que um dia foi de me alegrar  
Se ser feliz é questão de escolha  
Por favor, me deixe começar  
Pois não aguento mais a desesperança  
Que com as garras da dor vem me sufocar  
Aqui canta uma alma perdida  
Sozinha ela precisa narrar  
Será que ninguém consegue ver  
O tipo de dor que ela precisa suportar  
Tipo esse muito conhecido  
Que em versos e estrofes vem se mostrar  
Lá vai ela uma última vez  
Através dos versos ela precisa clamar  
Um pedido, uma súplica sequer  
Por favor, venha me ajudar  
Preciso recomeçar

- Você sabe que me conhece há, tipo, dois dias, certo? Talvez menos.
- Não estrague o momento.
- Okay.
- E não peça desculpa.
- Okay.

## 21

### Elvis Presley - Bridge Over Troubled Water



Quando você estiver cansada, sentindo-se pequena  
 Quando houver lágrimas nos teus olhos eu irei enxugá-las  
 Eu estou do teu lado, quando o tempo maltratar você  
 E os amigos não puderem ser encontrados

Navegue, Garota de Prata, navegue  
 Seu tempo está ficando claro  
 Todos teus sonhos estão a caminho  
 Veja como eles brilham  
 Se você precisar de um amigo  
 Eu estarei navegando ao teu lado

Com o coro de fundo e os arranjos musicais, o ápice da música de Elvis preenche cada canto esquecido do mundo, saí dos fones de ouvidos e conecta todas as pequenas partes dos nossos corpos – meu e de Locke.

– Uau. – o garoto com cabelo rebelde diz.

– Uau. – a garota ao lado dele concorda.

Uau.

Foi Locke quem pediu para ouvir a próxima música da playlist. Ainda sentados na parte branca da calçada, fitando a bola acinzentada no céu, ouvimos a voz de Elvis ganhar trajetórias, feito águas turbulentas. Não é de se espantar que ele seja o cantor preferido de Oliver, depois dessa música, talvez ele tenha se tornado o meu cantor preferido. Os meus dedos dos pés se arrepiaram – se é que isso é possível – com o som do piano.

Se for assim que Oliver se sentia quando ouvia a música de Elvis, posso imaginar porque ele nunca tirava os fones de ouvido. É quase como se o mundo estivesse fora do eixo e tudo o que nos salva é a voz do cantor, você consegue entender o tipo de mágica envolvida nisso? O tipo de talento que é preciso ter para causar um sentimento tão grande de... amor.

– Acho que estou apaixonado por – Locke pega o celular e confere o nome do cantor – esse Elvis.

– Nem me fale.

»

Henri ficou indignado quando Locke perguntou se ele conhecia “um cara chamado Elvis”.

– Senhor, - ele exclamou espantado – não estamos criando esse menino direito.

A carranca de Locke nos fez rir como nunca.

– Sabe, - Locke falou em um fôlego só – Amélia vai adorar quando eu contar o que aconteceu com as encomendas dos bolinhos de laranja que não foram entregues.

– Você não... Não faria isso. – um pouco de cobertura de chocolate escorre da espátula que Henri segura assustado, ele parecia uma criança pega fazendo o que não devia, com medo das consequências.

– Observe. – Locke levantou uma sobrancelha desafiadora e se virou na minha direção enquanto Henri soltava maldições e em seguida dizia: “você não ouviram isso”. – Fiz uma *não promessa* à Amélia de que vigiaria Henri para que ele se mantivesse na linha. Altos níveis de insulina, essas coisas, o velho adora um doce.

– Me pergunto por quê. – murmuro relembrando a madrugada passada.

– Disse alguma coisa, Malia? – Rosa indaga espiando a tela do computador por cima dos óculos. – Espero que a impressora não esteja travando, ela é um pouco temperamental.

– Não é nada, só falando comigo mesma. – recolho as folhas com as letras das músicas da playlist. – Obrigada por ter me deixado usar a impressora.

– Não foi nada. Pode usar sempre que quiser.

Rosa espreme os olhos e chega quase a encostar o nariz na tela do computador. Oliver dizia que Rosa não troca as lentes dos óculos desde 1998. Vendo-a agora, posso entender porque ela se confunde tanto com as fichas da

biblioteca, e, se eu fosse o par de óculos sobre seu olhar fulminante, já teria derretido.

– Não entendo essa coisa.

– Talvez você deva trocar as lentes, sabe. – sugiro.

Rosa tira os óculos do rosto e observa pensativa a lente grossa, como se fosse a primeira vez que aquilo lhe ocorria.

– Seu irmão costumava dizer a mesma coisa.

Ele costumava dizer muitas coisas, o problema é que nós não prestávamos atenção. Até que ele foi embora e os sinais quebraram meus ossos, martelos em neon espancando cada pedacinho e dizendo em letras ofuscantes: *Como você não sabia o que estava acontecendo com seu irmão?*

Eu deveria ter desconfiado, prestado atenção nas entrelinhas.

Nicolas,

*Tenho medo de um dia acordar e descobrir que não me lembro do meu irmão – esquecê-lo do jeito que fazemos com coisas rotineiras, uma peça de roupa, um dever de casa, uma parte da minha vida.*

*Não é apenas esquecer quem ele era, o que ele fazia ou as coisas que ele amava. Tenho medo de esquecer como ele é fisicamente: os cabelos cor de areia, o tom verde dos olhos da mamãe junto ao castanho dos seus olhos, o dente canino pontudo, o sorriso tímido, as manchinhas perto do nariz, sua voz.*

*Acho que os sonhos foram a maneira que minha mente encontrou para reativar a memória quando sua imagem desbota nas bordas, feito uma fotografia velha que é reimpressa. Os sonhos são minha máquina de reimprimir Oliver.*

*O estranho com os sonhos é que eu sei que eles são sonhos, no exato momento que começam, tenho consciência que aquilo acontecendo não é verdade e é questão de tempo até o despertador tocar. Não me desespero nos sonhos, ao contrário dos ataques de pânico.*

*A camiseta que Oliver usa – sempre a mesma – é o sinal que me mantém calma. O nome da banda Oasis, com as palavras embaralhadas, se torna algo como ‘Aisos’. Li em um livro que quando estamos sonhando não conseguimos ler, já que encontramos as palavras embaralhadas, a camiseta foi, então, como descobri que estava sonhando desde a primeira vez.*

*Por isso, observo meu eu do sonho caminhar e sentar-se ao lado do meu irmão. Estamos em um lugar escuro e quando a Malia do sonho se senta, ela percebe que os seus pés ficam balançando em algum abismo que ela não consegue ver. Oliver se vira lentamente, com um sorriso de orelha a orelha – como se ele não quisesse estar em nenhum outro lugar do mundo. Então, meu eu do sonho encara o nome embaralhado e retribuí o sorriso de Oliver. Tento guardar tudo que consigo depois, cada palavra que ele diz, cada gesto, cada pedacinho dele, físico ou não. Às vezes, Oliver está acompanhado de um violão. Às vezes, ele fala muito, em outras só permanecemos encostados um no outro, encarando o breu aos nossos pés. Às vezes, o breu se transforma em um precipício e Oliver se joga dele, sem avisar e ainda sorrindo. Acordo assustada quando isso acontece, mesmo sabendo que é um sonho.*

*Na noite passa, Oliver falou pouco.*

*– Ainda está aí, Malia? – ele tocava uma melodia baixa no violão quando perguntou.*

*– Estou. – Oliver anuiu com a cabeça, entendendo que “aí” quer dizer em qualquer outro lugar que não seja onde ele está agora.*

*– Isso é bom.*

*– Acho que sim. – dei de ombros.*

*– E o Nicolas? – ele perguntou depois – Ele está bem?*

*Não pude responder a pergunta. Porque não sei a resposta. Foi o fim do sonho. Já faz meses que estou mandando cartas, e, tudo bem se você não quiser responder, Nicolas, mas Oliver me lembrou de que você também faz parte dessa história e quero saber se você está bem. Só preciso saber disso.*

*Esperarei a resposta.*

*Com carinho.*

*Malia*

## 23

– Malia, – mais cedo ou mais tarde isso ia acontecer, eu só estava torcendo para que fosse mais tarde – posso falar com você?

Elizabeth me pega quando estou saindo da biblioteca, tenho evitado esbarrar com ela o dia inteiro. Saí correndo da sala de aula e me escondi no banheiro no intervalo – o último não é nenhuma novidade. Ela tentou fazer contato visual comigo, chegou a abrir a boca antes que eu disparasse porta afora. Não deixei de ver seu rosto magoado.

– Eliza...

– Eu não queria que você fosse embora daquele jeito. – ela explica determinada.

Ela morde o lábio superior nervosa. Balanço a cabeça e começo a me afastar, não quero mais causar problemas para ela.

– Não vou mais...

– Não, Malia. – Elizabeth prende seus dedos no meu pulso – Eu quero que você vá.

– Como?

– O restaurante é dos meus pais. – ela encosta-se à parede – Quando te vi lá fiquei surpresa, só isso. E, obviamente, alguma coisa estava acontecendo com você...

Ela não termina e, pelo jeito que me encara, percebo que ela quer que eu preencha as lacunas que faltam. Posso ouvir a pergunta “O que há de errado com a Malia?” retumbando através dela.

– O que eu quero dizer é que você é bem-vinda lá. – ela solta por fim.

Elizabeth é uma garota legal. Não do tipo legal que saí por aí salvando os outros, acho que ninguém é tão legal assim. Mas, ela foi a única pessoa da minha idade que conseguiu olhar nos meus olhos e dizer que sentia muito pela morte do meu irmão. Ela até tentou sentar comigo no intervalo ou se ofereceu para fazer as atividades da escola comigo. Ela é legal e não sussurra veneno nos meus ouvidos pelos corredores. Preciso me lembrar disso, que ainda existem pessoas legais no mundo, pessoas que não me odeiam e que não sentem prazer em me machucar. Elizabeth é uma dessas pessoas.

– Obrigada? – sussurro sem saber se devo agradecer.

Ela se anima de repente, sinto que Elizabeth tirou um peso enorme das

costas.

– Você vai hoje? – Elizabeth entrelaça o braço direito no meu – Você precisa ir hoje. Malia, você vai adorar o Clube, é o único dia que mamãe me deixa ir. Ontem ela quase me arrastou de volta para a cama. – ela revira os olhos.

– Clube? Eu não sei nada sobre um clube. – espero que não seja nada que envolva sons altos e luzes piscando.

– O Clube do Livro! Como você não sabe? Locke não te contou? Ei, falando nisso, há quanto tempo vocês se conhecem?

Respondo a todas as perguntas como posso, deixando de fora a parte de fugir de casa durante a noite, ataques de pânico e o motivo que levou Locke a me conhecer. Deixo apenas as partes boas da história, as tortas de Henri, a provocação dos dois, meu quase encontro com Amélia e o restaurante *Félix Felicis*, pergunto sobre o restaurante à Elizabeth e ela responde:

– Há dez anos tento dizer à mamãe que sou da Corvinal. Mas, desde que ela leu o último livro, vem me persuadindo que o melhor caminho é a Sonserina, porque – Elizabeth levanta um dedo no ar e faz uma imitação perfeita da própria mãe – “O *segundo* melhor bruxo no mundo e o mais corajoso é da Sonserina”. Ela sempre gostou do Snape.

Elizabeth é aquele tipo de pessoa que aparentemente é muito calada, diz pouco, ouve mais do que fala. Mas, agora que começou a falar, acredito que ela só estava buscando uma oportunidade para não parar mais. Não que eu esteja reclamando, estou adorando seu falatório, principalmente porque, por causa dele, eu não preciso falar. Ela faz gestos altos com os braços e imita a mãe sempre que cita algum livro, com seu braço enlaçado no meu e o brilho no olhar chegamos à saída da escola.

– Você vai hoje à noite? – Elizabeth prende a respiração. – Por favor, Malia. Por favor!

– Eu vou. – concordo e ela dá um pulinho animado no ar e me abraça em seguida.

– Você vai adorar.

Elizabeth me abraça novamente e saí dando tchauzinhos.

– *Existem pessoas boas no mundo. – ouço Oliver sussurrar há milhões de momentos passados – E, as melhores delas, são encontradas apenas quando estamos distraídos e não procurando por nada. São quando coisas boas acontecem.*



»

– “Sempre”. – termino de ler e sou obrigada a fechar o livro e contemplar o vazio por alguns minutos.

Certos livros, os do tipo especial, precisam de um tempo para ser contemplados. Um tempo necessário usado para encarar as coisas à distância e ver aquilo que antes era invisível aos nossos olhos. A redenção de um vilão, o sacrifício de um herói. O momento que ficará marcado eternamente em páginas de papel e corações apaixonados. Estou tentando digerir um momento desses.

– Eu disse, não disse? - Oliver suspira com a cabeça apoiada na minha perna direita. – Ele é do time dos bonzinhos.

– Eu gosto dele, hum, gostava. – murmuro com a garganta apertada.

É estranho dizer isso: gostava. Como se em um segundo aquela personagem estivesse ali e no minuto seguinte... Não mais. Será que vidas humanas são tão frágeis assim? É possível que elas sumam em um roçar de papéis?

– Só não imaginava que ele pudesse ser tão, tão, heroico. – jogo as mãos para o alto, frustrada – Ele amou a mulher a vida inteira e protegeu o filho dela, tipo, é um destino muito cruel para alguém que...

– É um dos heróis da história? – Oliver ri – Não vai ser a primeira, nem a última vez que você vai ouvir isso, Malia, mas vou dizer do mesmo jeito: a vida não é justa, acostume-se. Além do mais, se Snape quisesse mesmo matar Harry, ele já teria conseguido. Ninguém é integralmente ruim e ninguém é integralmente bom, pessoas boas podem cometer erros e pessoas ruins podem fazer boas escolhas. Seus livros estão lotados de exemplos desses.

Empurro a cabeça dele, Oliver resmunga e se levanta. Afofo o travesseiro e deito encostada na parede, meu irmão deita ao meu lado em seguida e apaga a luz. É um pouco apertado agora que Oliver duplicou de tamanho, mas ainda não conseguimos nos livrar desse ritual, Oliver me fazendo ouvir músicas e eu lendo para ele. Para alguém que diz não gostar de ler, ele se interessa muito pelos livros que estou lendo, desde que eu leia, não ele. É bem irritante quando Oliver interrompe minha leitura para reclamar de algum romance clichê ou da ideia estúpida da personagem.

Meu irmão está batucando na madeira da cama quando, por fim, digo o que não me deixa dormir:

– Ele morreu. – falo inconformada.

– *Coisas assim acontecem.*  
– *Não deixa de ser terrível quando acontece.*  
*Ele ainda batuca. Em seguida, apoia a cabeça no braço e olha pra mim.*  
– *Malia?*  
– *O que?*  
– *Ainda somos eu e você contra o mundo, você sabe disso, certo?*  
– *Sempre. – sorrimos.*  
*Ele balança a cabeça, feliz com a minha resposta e depois se vira novamente. O colchão afunda do lado dele.*  
– *Sempre. – Oliver confirma antes de cair no sono.*  
Oliver morreu sete meses depois.  
Sempre.  
Sempre.  
Você disse sempre, Oliver.

»

Se mamãe notou o desaparecimento do celular, não falou nada. Nossa rotina dentro de casa continua a mesma, limpamos, cozinhamos, fazemos nossas tarefas particulares, fingimos que o quarto no final do corredor não existe.

Meu pai chega às sete, olha ao redor da casa e segue seu caminho. Em algumas ocasiões, ele nos cumprimenta secamente:

– Ana – ele diz o nome da minha mãe e estende as pastas do trabalho esperando que ela as guarde.

– Malia – então, ele diz meu nome e fica me encarando parado, sem sequer piscar. Às vezes, ele sobe as escadas e fica em frente à porta do quarto de Oliver. Mas nunca entra. Nesses dias ele me observa como um pássaro, seguindo todos os meus passos.

Ele queria que Oliver estivesse no meu lugar.

Sei disso.

Todos os dias, jantamos juntos. Todos os dias, lavo a louça e vou para o quarto esperar. Todos os dias, o silêncio me acompanha.

Mas, agora, desde a primeira vez que saí de casa e encontrei Locke, espero ansiosamente a melhor oportunidade para escapar novamente.

A melhor oportunidade para sentir a sublime sensação de me perder e me encontrar na escuridão lá fora.

»

Estou com medo.

Locke e eu estamos parados na porta no *Felix Felicis* há quase vinte minutos e eu ainda não decidi se é uma boa ideia entrar lá dentro. Há poucos carros do estacionamento, mas a barulheira de vozes é audível. Vozes muito altas, que pertencem a poucas pessoas. Devem ser membros do Clube.

– Não gosto de conhecer gente nova. – confesso para um entediado Locke.

– Ah, muito obrigado. É bom saber disso da garota que eu conheci há, quanto mesmo? É você que está contando...

– Quatro noites atrás.

Locke resmunga atrás de mim. Ignoro. Ele terminou de entregar as encomendas – incluindo a do restaurante – quando eu estava escondida atrás de um poste. Ele me tirou de lá e até agora estamos tendo essa conversa sem fim.

– Pelo amor de Deus, Malia! – Locke arranca tufo de cabelo – Vamos entrar de uma vez.

– É fácil pra você falar, Locke. – desabafo com vontade de bater minha cabeça na parede – As pessoas adoram você.

Do mesmo jeito que elas amam Oliver e Elizabeth. Do mesmo jeito que acontece com algumas pessoas especiais: por mais que você tente, não tem como não gostar delas. Mas, bem, eu não sou assim e Locke pode ir a qualquer minuto na minha escola para ter a prova disso.

– Maaaaliaa – uma voz aguda grita e segundos depois Elizabeth aparece agarrando meu braço, interrompendo o duelo de olhares que estou travando com Locke.

– Looockeeeee – Elizabeth o saúda.

– Quantos bolinhos de chocolate você já comeu? – Locke pergunta divertido.

– Perdi a conta depois do quarto. – Elizabeth balança a mão no ar com quatro dedos levantados – Não conte pra mamãe. – ela diz séria e depois cai na gargalhada.

– Problemas com açúcar. – Locke sussurra no meu ouvido.

– O que ele disse? – Elizabeth aperta meu braço, tenho de afrouxar seus dedos antes que a circulação pare – Locke tem essa mania de ficar sussurrando pelos cantos, mas, não estamos aqui para isso, então, vamos lá!

Estávamos te esperando, Malia! Todo mundo quer te conhecer...

– Meu Deus, ela não vai parar nunca? – Locke sai resmungando atrás de mim.

Ela não para. Elizabeth solta gargalhadas atrás de gargalhadas e debocha de Locke.

– Ele acha que é um vampiro com todo aquele casaco.

– Bem que você queria. – Locke pisca pra ela, mas não há nada de romântico nisso. Elizabeth revira os olhos e finge um vômito falso.

Sou empurrada pra lá e pra cá entre a conversa dos dois. Estou tão entretida e envolvida com eles que não noto Elizabeth abrir a porta do restaurante até estar rodeada por olhos curiosos e cheiro de batatas amanteigadas. Meu estômago ronca e em seguida se contorce de nervosismo.

Em situações como essa, minha primeira reação é fugir. O suor começa a se espalhar pela minha testa e meu coração bate enlouquecido quando dou o primeiro passo para trás em direção à porta, mas, então, como se pressentissem meu plano, Locke e Elizabeth seguram meus braços – um de cada lado. Sou arrastada para frente das pessoas curiosas.

Vera acena, dou um pequeno sorriso nervoso, Elizabeth aperta meu braço e depois se afasta dizendo que volta em um segundo. Locke segura meus ombros, seu polegar traça um círculo lento que acalma os batimentos enlouquecidos do meu coração. Ele toma a frente da situação e sai distribuindo sorrisos, apertos de mãos e beijos – seus lábios entram em contato com as bochechas ruborizadas das três mulheres encantadas com seus gestos. Locke me apresenta e não erra meu nome desta vez. Duas senhorinhas se levantam com dificuldade, elas são quase uma cópia perfeita uma da outra, a única característica destoante são as cores dos cabelos, enquanto uma tem cabelos brancos, quase translúcidos, a outra mantém os fios tingidos de preto, o que destaca os olhos azuis que as duas compartilham.

– Meu anjo, - a senhora de cabelos pretos fala – eu sou a Tereza.

– E eu sou Samira. – a outra senhorinha completa – Seja bem-vinda ao Clube, adoramos receber pessoas novas.

– Ela quer dizer pessoas jovens. – Tereza ri.

– Isso também. – Samira afirma sorridente.

– Temos medo de que um dia desses os arqueólogos nos confundam com dinossauros e venham nos buscar. – sou obrigada a rir diante do bom humor das duas, contente com a minha risada, Tereza e Samira se entreolham satisfeitas.

– Não fale assim, Tereza. – Locke responde a brincadeira entrelaçando seu braço com o dela – Os arqueólogos não podem levá-la ainda, não enquanto você se recusa a aceitar meu convite para jantar.

Os dois trocam sorrisos e Tereza arruma o cabelo descontrolado de Locke com as mãos gentis de uma avó.

– Acho que um parquinho será mais adequado para a sua idade querido.

– Além do mais, não podemos perder tempo com homens que não nos levarão direto aos finalmente. – Samira pisca.

Minhas mandíbulas doem por tentar conter a risada. Locke revira os olhos, mas noto seu rosto adquirir um tom vermelho vivo.

– Vocês precisam parar de ler esses livros eróticos.

– Meu jovem, na nossa idade...

– Não há mais tempo para esperar o príncipe no cavalo-branco.

– Então, vamos aproveitar o quanto pudermos. – as duas sorriem novamente, a sintonia delas é impressionante.

– Já te dissemos

– Que somos irmãs?

– Gêmeas? – elas completam a frase e olham com expectativa pra mim.

– Acho que ela já percebeu isso. – Locke responde e as duas começam a rir.

Deixamos Samira e Tereza batendo um papo animado sobre livros, queria poder ouvir a conversa, mas Locke me tirou de lá rapidamente quando a conversa começou a ficar... hã, mais adulta. Faltava muito pouco pra ele tapar minhas orelhas. Saímos de lá com um Locke incrédulo e com o rosto corado.

– Me lembre de nunca deixá-la sozinha na companhia daquelas duas. – ele diz com os olhos arregalados.

Reparo nas outras pessoas que apenas ouvi o nome quando Locke me apresentou. Vera e Liz – que pediu que eu a chamasse pelo apelido – estão distribuindo copinhos descartáveis em duas mesas juntas, é lá que estão os bolinhos de Henri e alguns tipos de salgadinhos e refrescos. Liz se vira na nossa direção com a boca suja de chocolate. Ela indica o bolinho e fez um *joinha* com polegar.

– Aí, minha nossa. Aí.

– Ei, algum problema Bia?

Dou meia volta e encontro Locke a cinco passos longe de mim, ele está dando atenção a uma moça que parece ter uma bola de basquete na barriga.

Caminho até os dois, meio sem saber se devo ou não. Enquanto me aproximo, Locke se vira e me puxa com delicadeza pela mão, acabando com a distância que faltava e de uma forma muito boa, me incluindo. Algo que eu não estou acostumada.

Dou um sorriso tímido para a moça loira, ela está sentada em uma cadeira que parece engoli-la, mas, pensando bem, qualquer coisa teria esse efeito. A mulher é miúda, quando ela tenta se levantar estendendo os braços na minha direção, tenho a sensação de que ela pode quebrar a qualquer minuto.

– Ui, é cada vez mais difícil levantar. – ela solta uma risadinha constrangida e depois beija meu rosto – Meu nome é Bia. Legal te conhecer, Malia. Quando Locke disse que traria alguém aqui, fiquei muito curiosa. Meu filho quase nasceu de tanta ansiedade.

– Ah, hum, desculpa? – tento me desculpar sem saber ao certo o que devo dizer, ela cobre a boca com a mão e ri da minha falta de jeito.

– Não se desculpe. Isso é bom. Faz tempo que não temos uma novidade por aqui. – Bia se aproxima de mim abaixando a voz – Tirando, é claro, as histórias absurdas daquelas duas. – e indica Samira e Tereza – Elas são uma diversão só, mas tem dias que espantam os clientes da Vera flertando com eles.

– As velhas são taradas. – Locke sussurra divertido.

– Nossa, nossa, nossa. – Bia coloca apalpa a barriga – Esse bebê está muito agitado hoje. – um de cada lado, Locke e eu, ajudamos Bia a se sentar.

– Será que a gente deve chamar a ambulância? – Locke pergunta angustiado.

– Não, não. Estou ótima, meu bem. Nada de ambulância. – Bia resmunga acariciando o barrigão. – O bebê já vai se acalmar, aqui.

Bia coloca as pontas dos meus dedos um pouco abaixo das suas costelas, lá consigo sentir uma agitação dentro dela, um retumbar vivo e aterrorizante. Ela põe a mão encima da minha e sorri emocionada, o bebê para de se mexer e é só quando não sinto mais nenhum movimento que percebo os movimentos finais dos meus lábios: *“Like a bridge over troubled water. I will lay me down...”*

– É uma música linda. – Bia fala com o rosto brilhando.

– Meu irmão me mostrou a música hoje, fiquei com a letra na cabeça. – digo uma meia verdade e espero que Locke não note.

– Quando meu filho nascer, você bem que poderia ir lá em casa cantar

pra ele. Dizem que eu não vou dormir nunca mais.

– É só me chamar. – respondo.

Estou me sentindo feliz por ter feito uma nova amiga, não, não apenas uma. Tereza e Samira, Liz, Vera, quem diria que em tão pouco tempo eu pudesse conhecer tantas pessoas. Talvez amizade leve tempo, mas, por enquanto, eu estava contente com o que eu tinha. Para quem nunca teve nada, isso é... Incrível.

– A gente já volta, Bia. Você vai ficar bem?

– Sim, podem ir, vou ficar quietinha aqui.

Saímos do meio da agitação de vozes até chegar a um cantinho mais calmo. Paramos perto de uma mesa, a iluminação naquele lado do restaurante é ainda mais baixa, noto que no centro das mesas há uma pequena travessa de vidro com água e no centro, na superfície, uma pequena vela fica boiando e solta um cheirinho gostoso no ar. Locke apoia a palma na mesa e abaixa o rosto perto do meu, nessa posição consigo ver apenas uma fenda do esverdeado dos seus olhos, os cílios pretos e grandes sombreiam as maçãs da face.

– Você tá bem? – ele pergunta com um sorrisinho torto.

– Estou. – abraço meu corpo antes de continuar – É legal aqui. As pessoas são... diferentes.

– Espere só até a discussão começar. A conversa fica bem enérgica. – uma movimentação à frente chama nossa atenção – Você vai ver isso agora. Vamos, vai começar.

Locke pisca e segue rumo ao sofá, sento na beirada e espero Locke sentar ao meu lado, mas antes que ele possa fazer isso, Liz se coloca entre nos dois e ocupa o lugar perto de mim.

– Aqui. – ela estende um bolinho de cenoura com calda e gotas de chocolate – Peguei pra você. Chocolate sempre me acalma quando eu preciso.

– Liz, chocolate pode ter qualquer efeito em você, menos acalmá-la. – Locke debocha ao lado dela.

– Não seja chato. – ela mostra a língua pra ele – Já basta mamãe tentando controlar meu chocolate.

– Dona Vera sabe das coisas.

Locke cruza os braços e levanta uma sobrancelha condenadora, ele tenta irritar Liz, mas os dois estão mais se divertindo como irmãos implicantes. Tenho a impressão de que Liz e Locke estejam fazendo isso para descontrair.

No caso, estão tentando transformar a situação mais acolhedora pra mim e devo confessar, eles estão tendo sucesso. Já não sinto mais o peso de estar em um lugar desconhecido com pessoas novas, não preciso me esforçar para encontrar um lugar, para me encaixar. Estar em um sofá vermelho, em um clube do livro, com uma chocólatra de um lado e o garoto de *sobretudo* que me salvou há algumas noites atrás do outro, por estranho que parece, é o melhor lugar do mundo para se estar. O único lugar mais acolhedor que este, é a cozinha do Henri, ninguém consegue competir com os milhões de doces que ele me faz provar.

Sentada ao lado de uma agitada Liz, começo a comer o bolinho de cenoura divino de Henri. As gotas de chocolate são tão macias quanto o recheio de chocolate meio amargo. Já estou lambendo os dedos quando a porta do restaurante se abre mais uma vez e todos se viram para ver quem chegou.

– Não acredito que iam começar sem mim. – diz o homem barbudo que acabou de atravessar a porta. Ele é alto e parece ser jovem, não tão jovem quanto Locke, mas jovem o suficiente para usar uma touca preta e ficar bem nela. A barba marrom cobre grande parte do seu rosto, mas posso ver daqui os dentes brancos se abrindo e quando o homem chega perto do lugar em que estou sentada, sinto um cheiro picante de qualquer que seja o perfume que ele está usando.

– O que? Você leu o livro? – dona Vera fala – Achei que você e Locke se recusassem a... Como foi mesmo que ele disse?

– Ler outro livro que nos faça chorar feito um bebê por causa de um homem fictício. – Liz completa a fala da mãe lambendo os próprios dedos cheios de chocolate.

– Se você quer mesmo saber. – o homem barbudo tira a mochila que está carregando das costas e senta em um banco vazio – Achei o final do livro péssimo.

– Bem, - dona Vera fica ereta pronta para atacar – eu achei que Will fez o que ele quis e isso é o que importa: a vontade dele.

– Um pouco triste, é verdade. – Samira começa olhando para a irmã.

– Mesmo sendo a vontade dele, não sei se deixaria Samira fazer uma coisa dessas. – Samira dá uma apertadinha no joelho de Tereza que concorda em silêncio.

– Ele já estava acabado. – Liz solta – Tipo, era como se ele estivesse morto naquela cadeira. Um cara como Will não suportaria ficar parado para



sempre, mesmo se fosse pela mulher que ele ama.

– Ele foi muito corajoso. – Bia diz baixinho e todos temos de nos esticar na direção dela para ouvir – Não importa se o que ele fez é certo ou errado, mas tenho certeza de que é necessário muita coragem para tomar uma decisão como essa.

Naquele momento, descobri qual livro estava sendo comentado ali. Eu já havia lido a história de Lou e Will, e, ainda dói saber o que aconteceu. Ainda estou tentando aceitar muitas coisas, não apenas as escolhas de Will, tão corajosas como apontou Bia e tristes ao mesmo tempo. Estou tentando aceitar outras escolhas, de outras pessoas.

Não tive a oportunidade de contar a Oliver sobre esse livro. Meu irmão já estava... A comunicação com Oliver já não era possível naquele momento. O que não me impede de ficar imaginando, não impede que o “E Se” fiquem rodando ao meu redor: E se eu tivesse contado a história de *Como eu era antes de você* para Oliver. E se eu falasse para ele o quanto a escolha de Will me chocou e de quanto meu coração doeu por Lou. E se ele entendesse o quanto a morte de um personagem era triste para mim. E se ele soubesse que a morte dele seria completa e terrivelmente pior. Oliver teria se posto no lugar de Will? Oliver entenderia por qual caminho ele continuava seguindo? A morte de Will e a do meu irmão não podem ser comparadas. Apesar de os dois terem escolhidos seus finais. Apesar de Oliver ter a consciência do caminho que estava tomando. Todos nós temos no fim. Apesar disso, Will nunca teria desistido de viver se possuísse a escolha que meu irmão tinha. Will teria lutado.

E, certo, é claro que é um livro e um personagem e essas histórias podem não ter acontecido de verdade, mas, para todos que as leem, elas acontecem. Por um determinado tempo elas são reais. Desculpe se estou soando como louca, mas acredito que a literatura tenha muito impacto na vida das pessoas, é por esse motivo que fico me indagando tanto, imaginando se Oliver poderia ter sido salvo se ele lesse as palavras finais de Will, as palavras de alguém que fez uma escolha assombrosa e valente, e, ainda assim, sabia o quanto a vida era valiosa para ser desperdiçado por um pouco de pó branco e a droga de uma agulha odiosa.

*Will teria dito que você foi um idiota, Oliver.*

– Olha, me desculpem. – o barbudo recomeça – Mas ele se matou, essa é a verdade.

*Ele se matou.*

Não gosto desse cara.

Não gosto dessas palavras.

As pessoas ficam em silêncio, contemplando as palavras do cara barbudo. O bolinho de cenoura não é mais tão apetitoso.

– Não sei. – Locke levanta ao meu lado – Quer dizer, eu entendo o personagem. Se fosse comigo não tenho certeza se gostaria de ficar em uma cadeira pelo resto da vida. Mas, sabe, não estamos nessa situação, então, talvez, e, espero mesmo que sim, nunca saberemos o que uma pessoa nessa posição sente ou pensa ou vive. Aqui estamos nós, todos inteiros ou mais ou menos inteiros.

Locke gira na minha direção, me encarando.

– Eu ouvi isso! – uma voz surge de repente e um homem com o mesmo sorriso radiante de Liz dá um tapinha brincalhão na cabeça de Locke – Espertinho.

– Você sabe que é verdade Marco. – Locke sorri para o recém-chegado apontando em direção à perna dele. É então que vejo o motivo da brincadeira. O homem veste uma bermuda branca que torna possível ver a perna do homem, bem, uma das pernas é feita de carne e osso, mas a outra é feita com um material brilhante e metálico. Uma perna falsa, uma prótese. O homem me vê encarando e sorri para mim. Escondo meu rosto sem graça e o um calor desconfortável se espalha pelo meu pescoço.

– Você deve ser a amiga da minha filha. – Marco estende a mão para mim, conheço mãos assim graças ao Henri, é por isso que entendo que Marco deve ser o chef do restaurante quando vejo pedaços de massa fresca grudada na palma dele – Ah, desculpe, estava preparando a massa quando ouvi esse engraçadinho.

– Não me importo. – cumprimento ele junto com um sorriso – Meu nome é Malia.

– Fico feliz que tenha vindo, Malia. – Marco pisca para a filha – Liz ficou repetindo enfaticamente: “Não assuntem ela!” – ele termina com a voz esganiçada – Se você não correu até agora, deve ser um bom sinal.

– Pai! – Liz solta um gritinho envergonhada.

Marco levanta os braços.

– Eu não a assustei. – ele retruca

– Vocês são impossíveis. – Liz bufa e um dos cantos do seu lábio sobe demonstrando que ela não está com raiva.

– Não me meta no meio disso. – Vera fala do outro lado da sala.

– Liz sabe que somos país *fodásticos*, amorzinho. – Marco manda um beijo para a mulher.

– Agora sou eu quem está envergonhada, Marco. – Vera revira os olhos. Ela tem o mesmo jeito de Liz de estar envergonhada e não ao mesmo tempo. Pela maneira como as duas encaram Marco, noto que elas o amam muito e conversas como essa são familiares para os três.

– Eu achei o livro muito bom. – Liz volta à conversa – Com o final surpreendente.

– Também gostei. Bem triste, mas muito bom. – Marco concorda.

– Você nem leu o livro, Marco. – Vera revira os olhos pela segunda vez.

– É como se eu tivesse lido já que você me contou a história inteira. – ele retruca.

– E você, Malia? Já leu o livro? – Liz pergunta e todos ao nosso redor esperam pela minha resposta, me sinto inquieta com tanta atenção. Recebo um sinal de incentivo de Bia e até mesmo o homem barbudo sorri tranquilamente para mim, mas é só quando foco meus olhos no rosto calmo e confiável de Locke que consigo dizer o que tenho guardando.

– Ele se matou. – digo por fim – Isso é verdade e não deixa de ser tremendamente corajoso. Mas, não é isso o que mais me interessa. O destino de Will já estava selado, e, por mais que a Lou tenha tentado, nada poderia fazê-lo mudar de decisão. O que eu fico pensando agora é em como a Lou ficou, mesmo que uma pequena parte dela tenha aceitado o que Will fez, queria saber o que aconteceu depois de um tempo, quando a falta dele se transformou em algo impossível de ignorar. – Locke mantém os olhos verdes em cima de mim e eu continuo meu discurso – E as outras pessoas? A família dele, os amigos dele, as pessoas que precisavam desesperadamente dele. Como ele pôde fazer uma escolha dessas e não pensar nessas pessoas? Será que ele não pensou, nem por um segundo, na falta que ele faria? – balanço a cabeça encarando o rosto triste de Locke – Não sei. Como Locke disse, não sabemos quanta dor Will sentiu até escolher não sentir mais nada.

Nicolas,

*É possível enlouquecer de tanto pensar?*

*Minha cabeça gira como aquela máquina criada por Alan Turing durante a Segunda Guerra Mundial que decodificava as mensagens nazistas, processando 159 milhões de possibilidades e não chegando a resultado nenhum.*

*Posso surtar a qualquer minuto.*

*É estranho, porque, às vezes, fico tentando encontrar uma saída. Para mim. Para mamãe. Para Oliver. Percebe porque estou surtando? Estou tentando encontrar uma fórmula mágica para alguém que morreu e não consigo interromper esse pensamento de que se eu tivesse encontrado uma saída antes, meu irmão estaria aqui e poderíamos dar um jeito no resto.*

*Iriamos conseguir.*

*Eu sei que sim.*

*Oliver estaria se recuperando.*

*Mamãe estaria se recuperando.*

*Nós iríamos sair daquela casa.*

*Nós iríamos deixar tudo para trás.*

*Poderíamos te visitar também.*

*Nós poderíamos esperar até vocês estarem bem e, então, iríamos para a praia.*

*Você sabia que eu, mamãe e Oliver nunca vimos o mar?*

*Meu irmão sempre fantasiava sobre o dia em que fugiríamos de noite levando mamãe e não pararíamos até chagar a praia. Não importa se nenhum de nós três soubesse dirigir, era só pegar o carro e virar as costas para tudo aquilo que deixaríamos para trás.*

*Como você deve saber, nada disso aconteceu. Mamãe sempre disse não aos nossos planos loucos. Ela só não percebia que o brilho no rosto dela nos dava esperança de que algum dia ela tomasse a iniciativa de nos tirar daquele inferno.*

*Ainda tenho esperanças.*

*Talvez algum dia dê certo.*

*Quando isso acontecer, vou até você e vamos viajar, não importa para qual lugar.*

*Vamos esquecer tudo.*

*Vamos ser felizes.*

*Com carinho.*

*Malia*

## 25

Locke faz aquilo de novo. Aquele negócio de enxergar minha alma. De ver o que esconde. Ele sabe que existe mais por trás. Desvio os olhos da hipnotizante íris verde.

Liz vira o corpo e me abraça apertado, ela sabe de *quem* estou falando. De quem sinto falta. Ela só não sabe a verdadeira história. Eu deveria estar me sentindo desconfortável, com Liz me abraçando na frente de todos. Essas pessoas não precisam saber o que aconteceu, ou, o que não aconteceu. Não quero sentimentos de pena, não quero explicar. Mas, não me sinto assim. Quero abraçar Liz de volta e é o que faço. Eu não sabia que precisava de um abraço amigo, ninguém nunca me abraçou por causa de Oliver. Fujo de Rosa quando ela tenta. Agora aperto meus braços em volta de Liz e permito que algumas lágrimas subam a superfície, pisco com o rosto apoiado no ombro dela, espantando a emoção o máximo possível.

O sino da porta toca agudo nos nossos ouvidos, mas não me viro para ver quem chegou.

– O que essa *coisa* tá fazendo aqui? – dou um pulo assustando quando ouço aquela voz. – Tira ela daqui agora!

Rachel balança na minha frente, limpo o resto de lágrimas e levanto as pressas. Estou abrindo a boca para me desculpar. Não faço isso. Não quero fazer. Rachel não merece minhas desculpas, não estou fazendo nada de errado. Mas ela está lá, parada com o dedo apontado para mim, gritando coisas que não posso mais ouvir.

– Cala a boca, Rachel. – Liz manda raivosa – Só fica quieta, pelo amor de Deus.

A boca de Rachel para no meio de um xingamento.

– Ela precisa ir embora. – Rachel abaixa o braço – Agora.

Estremeço. Dou um passo para o lado, pronta para contornar o sofá e sair do restaurante. Locke segura meu bíceps, ele está fuzilando Rachel, sinto toda sua raiva passando por mim.

– Me deixa ir. – peço.

– Não. – ele não olha pra mim.

– Malia não vai a lugar nenhum. – Liz levanta a voz – Mas você vai. Vamos conversar lá fora.

Rachel joga o cabelo para o lado e ultrapassa a porta com passos duros. Liz vai atrás dela um minuto depois, antes de cruzar a porta ela se vira e me pede desculpas com a boca.

– Nunca gostei dessa garota. – Tereza comenta.

– O que acabou de acontecer aqui? – Marco pergunta espantado.

– Boa pergunta. – Vera comenta.

Contraio-me quando ouço Rachel gritando do lado de fora. Liz joga os braços em direção ao céu e esfrega o rosto em seguida. Elas estão tendo uma briga feia, por minha causa.

Locke alcança meu pulso e me conduz para longe dos gritos e dos comentários sobre o escândalo de Rachel. Sinto uma necessidade enorme de enterrar meu rosto no peito largo de Locke. A garota berrando do lado de fora é a recordação que eu precisava. Uma recordação que me lembra de que essa não é minha vida. Ficar rodeado por pessoas legais, fingir que sou uma garota normal, essa não sou eu.

– Me fala. – Locke ordena.

– Não sei o que você quer que eu fale. – minto.

– Sabe. Sabe sim. Quero saber por que aquela garota gritou com você daquele jeito. Quero saber por qual motivo você deixou ela te tratar assim. – uma pulsação louca salta do pescoço dele – Ela é uma daquelas pessoas, não é? As que são cruéis com você.

– Não quero falar sobre isso, Locke. – esfrego meus braços.

– Há quanto tempo isso vem acontecendo? – Locke aponta em direção ao local no qual Rachel estava poucos minutos atrás.

– Não importa.

– Importa sim. Importa pra mim e deveria importar pra você. – Locke despenteia o cabelo – Droga, Malia. Eu só quero te ajudar.

– Você não pode. – solto um resmungo angustiado. – Rachel estuda comigo e ela sempre foi má, sempre. As coisas pioraram há quase um ano atrás sem...

Engulo com força as palavras que quase soltei.

– Sem? – Locke incentiva.

– Não importa. Eu não posso me defender dela... Eu não consigo.

Locke avalia o que acabo de dizer e depois ele impede minhas unhas de se afundarem ainda mais na carne do meu pulso. Ele encara as marcas. Mas outras marcas que ele não pode ver são as que incomodam. As que realmente doem.

– Não pode? Ou não quer?  
Ele se afasta.

»

Liz voltou meia hora depois com o rosto vermelho e os lábios tremendo. Fiquei mal a vendo assim, não queria causar nenhum tipo de transtorno. Liz e Rachel ainda são amigas ou algo do tipo. Acho que minha presença hoje só atrapalhou a relação delas.

Depois que Locke me deixou sozinha, caminhei de volta para perto de Bia e fiquei conversando com ela até Liz voltar. Tenho certeza de que vi um misto de pena no rosto da mulher grávida, mas ela tratou de disfarçar contando histórias sobre o bebê e o marido.

O cara barbudo, chamado Pedro, também se juntou a conversa e tentou aliviar o clima pesado. Ele conseguiu arrancar umas risadas do pessoal e conquistou minha simpatia.

– Sou professor. – ele contou – Já presenciei muitas cenas como essa na escola.

Dou de ombros, fingindo que isso não acontece muito.

– Você devia procurar ajuda. Contar para os professores ou o diretor. – Pedro aconselha.

– Não é tão ruim assim. – minto.

– É sim, Malia. – Bia acaricia meu rosto – Você não devia passar por isso.

– Está tudo bem. – tento demonstrar que aquilo não importa – Não é nada sério.

Bia e Pedro se entreolham e mudam de assunto. É melhor assim. Eles não precisam se preocupar comigo.

Quando Liz volta, corro até ela pronta para mais uma sessão de desculpas, mas ela descarta todas as minhas tentativas.

– Queria que seu primeiro dia aqui fosse especial. – ela comenta desanimada.

– Pode ter certeza de que foi inesquecível.

– Tenho certeza que sim. – nós duas rimos e por enquanto traçamos um acordo mútuo de esquecer o que aconteceu com Rachel.

– Eu disse pra Rachel que ela não pode entrar aqui até se tornar um ser humano decente. – diz ela – Ela não pode continuar com essa atitude de vadia escrota.



Um tempo depois já era hora de voltar para a casa e me despedir do pessoal. Saí o mais rápido possível sem dar certeza se voltaria ou não. Procurei por Locke e como não o encontrei decidi conversar com ele outro dia. Espero que haja outro dia.

Fico parada alguns metros longe da recente movimentação do restaurante, duas ambulâncias estacionam em frente ao prédio e em seguida aparecem três viaturas que fazem o mesmo. Um arrepio sobe pela minha espinha quando vejo os policiais saírem do carro. Não pode ser. Ele não faria. Ele não chamaria a polícia. Não é o jeito como ele gosta de resolver as coisas. Meu pai não quer um escândalo. Ele quer a imagem de uma família perfeita e chamar a polícia não colaboraria com os planos dele.

Troco o peso dos pés três vezes, pronta para correr se os policiais começarem a procurar. Também espero por Locke, espero que ele saia de algum canto e venha até onde estou. A recordação dele se afastando de mim, com raiva e decepção não é a lembrança que eu quero levar.

E a pergunta que ele me fez, sobre não querer enfrentar Rachel, não querer que as agressões dela tenham fim. Não estou preparada para responder nada disso.

*Queria que você estivesse aqui Olie.*

Talvez ele esteja. Em uma forma diferente. Tiro o celular do bolso do moletom e ponho os fones de ouvido. Rosa me emprestou o carregador do celular dela para carregar o de Oliver, ela ficou curiosa quando mostrei o aparelho.

– Achei que tinha sido destruído no acidente. – ela falou passando o cabo.

Dei uma resposta vaga. O celular está completamente carregado e posso continuar minha descoberta. Minha descoberta sobre as músicas que Oliver deixou para mim.

– Vai ouvir a próxima sem mim? – Locke aparece com as mãos no bolso do sobretudo – Estou magoado.

Ele finge se apunhalar no coração e chuta uma pedrinha na direção oposta.

– Ainda bem que você chegou a tempo então.

É a minha vez de estender a mão para Locke. Não era minha intenção ouvir a música sem ele. Ouvir a playlist é um momento que divido com meu irmão, mas também é uma experiência que quero repartir com Locke. Ele pode não entender o que as músicas significam, o que as letras querem dizer.

Não importa. Ele estar aqui do meu lado é mais do que posso pedir.

Locke cruza os tornozelos ao meu lado e não larga minha mão. Ele estende o braço e pressiona o play. Com os dedos entrelaçados nos meus, ouvimos o que Oliver deixou.

### **One Republic – I Lived**



Espero que quando você der um salto  
Você não tema a queda  
Espero que quando a água subir  
Você construa um muro  
Espero que quando a multidão gritar  
Gritem o seu nome  
Espero que se todo mundo correr  
Você escolherá ficar

Espero que você se apaixone  
E que doa muito  
A única maneira de saber  
É se doando por inteiro  
E eu espero que você não sofra  
Mas aceite a dor  
Espero que quando o momento chegar  
Você dirá

Quando a música diz sobre se apaixonar aperto os dedos de Locke. Me pergunto se as coisas que sinto quando estou com Locke podem ser chamadas de amor. Todas as noites quando a hora de fugir se aproxima, não é a sensação de liberdade que me move. É Locke. Saber que ele estará me esperando. Saber que Locke é real e bom e inteiro.

É loucura. Não deve ser isso. Eu não me apaixono. Não tenho tempo para isso. Não sustento sentimentos por outras pessoas que podem me tornar vulnerável. Tenho de cuidar da minha mãe. Tenho de lidar com a perda de Oliver. Tenho de escrever para Nicolas. Tenho de matar centenas de demônios todos os dias.

Oliver se apaixonava.

Oliver se envolvia em namoricos que não levavam a lugar nenhum.  
Oliver vivia.  
Eu não.

Eu, eu, eu  
Eu fiz tudo  
Eu fiz tudo  
Eu, eu, eu  
Eu fiz tudo

Eu aproveitei cada segundo que este mundo poderia me dar  
Eu vi tantos lugares, as coisas que eu fiz  
Sim, com todos os ossos quebrados  
Eu juro que vivi

Espero que você gaste seus dias  
E que eles adicionem  
E quando o sol se pôr  
Espero que você levante o seu copo  
Oh, oh oh  
Eu queria poder testemunhar  
Toda sua alegria  
E toda a sua dor  
Mas até que o meu momento chegue  
Eu vou dizer

Ele não tem o direito de me pedir isso. Ele não ficou comigo para viver ao meu lado. Ele não estará aqui quando eu me apaixonar e quando doer. Não aguento mais sentir dor. Você já me machucou demais, Oliver. E se viver é o mesmo que sentir dor. Eu não vou aguentar. Não sem você.

– Eu não vou aguentar. – fungo baixinho

– Shh. – Locke envolve meus ombros – Malia, estou aqui.

Prendo meus dedos nas golas do casaco dele e choro com o rosto colado no seu pescoço gelado.

– Locke. – digo tremendo – Eu não posso fazer isso.

– O que, Malia? – ele pergunta se afastando para me encarar – O que

você não pode fazer?

## Segunda Parte: *Visitante* ∞

### 26

*Me permitir, me apaixonar, viver.*

Eu não acredito que quase disse. Estavam na ponta da língua, pequenas asinhas de abelhas zumbindo e tocando meus lábios. Instigando-me a falar. Levantei e sai correndo como se formigas estivessem picando minha bunda.

Locke tentou me fazer ficar. Ele quis saber o que havia de errado. Se ele fez algo para causar meu afastamento. E eu apenas fui embora, sem dar resposta alguma a ele.

– Preciso ir. – gritei como se aquela explicação fosse suficiente.

Rosa estende a caixinha do lenço de papel.

– Você está mordendo o lábio. – ela explica.

Pressiono o papel nos lábios e pequenas gotas vermelhas são impressas na superfície branca.

– Você anda muito pensativa ultimamente. – Rosa comenta.

– Estou preocupada com as provas. – mentira.

– Tem certeza de que é apenas isso, Malia? – minha amiga levanta as duas sobrancelhas e me encara sobre os óculos.

– Hum. Mais ou menos. – acabo de imprimir a música da última noite e prendo o papel na pasta com as outras letras – É complicado. – confesso com um suspiro pesaroso.

– Tente me explicar. – Rosa deixa de lado o que está fazendo e apoia o queixo nas costas da mão.

– Conheci uma pessoa. – começo contorcendo os dedos – Ele é... meio que meu amigo.

– Um amigo? – Rosa se empolga visivelmente – Oh, Malia. Que ótimo! É ótimo você estar fazendo amigos.

Rosa bate palmas. Ela tira os óculos, o que quer dizer que sua atenção é totalmente minha.

– Me conte. Quem é? Eu conheço? Ele estuda aqui?

– Não. Você não conhece – digo com a voz rala – Mas você amaria ele, Rosa. Se você o conhecesse. Tenho certeza.

Imagino Rosa tendo uma conversa com Locke. Imagino os dois se tornando amigos em questão de segundos. Imagino meus dois melhores amigos juntos.

– Se ele é seu amigo, qual é o motivo da carinha triste?

Vejo Rosa aqui nessa sala lotada de livros e pó e histórias. Ela segura o queixo com as costas das mãos cobertas por uma luva verde-musgo e me fita com aqueles olhos grandes e amorosos. Vejo Rosa fazendo o mesmo, usando a mesma expressão para as filhas, uma expressão que diz que as minhas próximas palavras não importam. Independente do que esteja prestes a sair da minha boca, Rosa quer que eu saiba que ela estará ali, pronta. Comigo e por mim. E, nessa hora, minha boca se abre e eu molho meus lábios para contar tudo sobre Locke, sobre a noite que eu fugi de casa, sobre mamãe, Nicolas e sobre Oliver. Rosa está ali, como ela sempre esteve. Ela percebe que o que estou prestes a dizer é importante. Tão importante que faz todas as veias do meu corpo bombearem o sangue rápido demais. Rápido demais.

– Malia? – a maldita porta se abre em um baque cheio de rangidos – Você não devia estar na aula?

– O professor de biologia faltou. – respondo para a inspetora, a única pessoa na escola inteira que sabe o nome de todos os alunos.

– Ninguém me avisou, desculpe. – ela se volta fechando a porta, pequenos dentes se arrastando pela madeira.

– Essa porta é um pesadelo. – Rosa observa – Então? Não vai me contar sobre o seu amigo?

– Tá. – sopro o ar frio do corpo e prometo a mim mesma que um dia contarei toda a verdade à Rosa, mas por hoje, me concentro em Locke. – Ele trabalha em uma confeitaria. Foi lá que nos conhecemos. O nome dele é Locke, é, eu sei, um nome bem diferente. Eu acho que esse não é o nome verdadeiro dele, mas é como ele gosta de ser chamado, então. – dou de ombros e deixo de propósito as partes ruins de fora, ninguém precisa delas. – Você sabe quando as personagens descrevem os olhos de alguém nos livros e você pensa que nunca encontrará ninguém na vida real que seja daquele jeito? Locke não é assim. Ele tem os olhos mais verdes que eu já vi. São lindos, muito lindos. Do tipo que deveriam estar dentro de um livro. Ele é bonito também, mas, isso também não importa. – o sangue sobre pelo meu pescoço – Ele é legal comigo. Ele é bom e gentil e às vezes me trata como se eu

tivesse cinco anos de idade e precisasse segurar a mão dele para atravessar a rua.

– Não estou vendo nenhum problema nisso. – Rosa sorri do outro lado da mesa. – Ele parece ser um bom garoto.

– Ele é. – murmuro. – Ele é ótimo. O problema sou eu. Às vezes as coisas não acontecem como o esperado. Às vezes eu nem sei o que falar quando estamos juntos e é muito irritante isso. Locke consegue ver tudo e eu não consigo fazer o mesmo. – respiro o ar gelado – Eu nem sei se quero que ele entenda tudo. Tipo, eu sou muito esquisita. Eu não sei como conversar com as pessoas e na maior parte do tempo nem quero. Por qual motivo no mundo, ele quer ser meu amigo?

– Malia, você estava conversando muito bem até agora. – Rosa me repreende – E, me diga, por qual motivo você não merece amigos ou não se sente capaz de fazê-los? Por favor, Malia. Eu sou sua amiga. É certo que Locke deve ser muito mais interessante do que uma velha brega. – Rosa ri.

– Você é uma ótima amiga. – uma ótima quase mãe para uma ótima garota deixada para trás.

– Obrigada. – Rosa agradece, ela tomba a cabeça e sorri presunçosa. – A vida não é um roteiro, Malia. As falas não são marcadas e os personagens não seguem o script. A vida é muito melhor que isso. Tudo bem que às vezes, só às vezes, a gente quer que as pessoas façam o que tem de fazer. Mas elas não fazem. Elas nos surpreendem. A vida é o melhor livro surpresa que alguém pode ler. A gente nunca sabe o que vai acontecer na próxima página. É essa a grande mágica de estar vivo. Não saber o que vai acontecer e mesmo assim enfrentar. Você já ouvir falar de um ato de bravura tão indescritível como esse? Coragem, Malia, é só isso que a vida nos pede. E, bom, isso é não é nem um pouco fácil, na verdade, é aterrorizante. – Rosa sussurra na última parte, como se aquilo fosse um segredo que ela está compartilhando. Algo valioso demais para os cantos escuros da Terra. – Mas, é também o melhor e mais poderoso presente que Deus nos deu, que nós mesmos nos demos. Podemos fazer o que quiser da página seguinte, meu bem. Só precisamos escolher e enfrentar o que vem em seguida. – Rosa pisca – Não saber é um grande privilégio.

Nicolas,

*O quarto de Oliver é o lugar proibido da casa. Se meu pai nos encontra próximo ao lugar – encarando a porta, suspirando ao passar em frente do que um dia foi e nunca voltará a ser – o corpo dele endurece em uma postura alarmante, o tipo que me faz sair correndo pedindo desculpas. Pedir desculpas. Odeio ter de pedir desculpas por sentir falta do meu irmão, por sentir falta do passado e de todas as pequenas coisas que foram tiradas de mim.*

*As pequenas coisas. Essas são as que realmente despedaçam. O sorriso de Oliver. As mãos calejadas segurando as minhas macias. Essas mesmas mãos bagunçando meus cabelos no caminho da escola ou puxando a alça da minha mochila antes de um desafio de corrida. As bochechas dele rosadas no frio. A voz rouca e desafinada cantando. A melodia bonita construída com seus dedos longos e um violão surrado. O beijo de boa noite que ele me dava no topo da cabeça todas as noites.*

*– Te vejo amanhã, pentelha. – ele zombava antes de fechar a porta e me deixar no escuro revirando os olhos.*

*Nunca sequer passou pela minha cabeça que eu não o veria no dia seguinte.*

*Nunca sequer passou pela minha cabeça que eu escreveria essa carta.*

*Mas, o quarto do meu irmão, não é único lugar proibido nessa casa.*

*Quando cheguei em casa da escola na sexta, a escada que leva ao sótão estava pousada no chão. A minúscula luz amarela enchia o buraco negro da abertura. E, eu juro Nicolas, embora seja ridículo, que meu coração se encheu de esperança de que quem estivesse lá fosse Oliver.*

*Como se nunca tivéssemos encontrado seu corpo.*

*Como se ele pudesse ter ficado escondido nas rachaduras do sótão esperando, esperando, esperando a melhor oportunidade para sair.*

*Como se ele fosse uma fantasma que voltou a vida.*

*E foi assim que me vi subindo os degraus velhos, machucando os braços nos pregos soltos. Foi assim que eu cheguei à luz bruxuleante.*

*Mas, não era Oliver. Não era e eu senti todas as minhas costelas*



doerem com a respiração decepcionada. Eu senti meu coração se contorcer, escondendo a pulsação louca nas rachaduras negras do meu corpo. É idiota. A esperança de encontrar alguém morto.

Minha mãe levantou a cabeça assustada com a minha súbita chegada. Ela soltou um gemido aliviado ao notar que não era meu pai. E foi então que eu enxerguei o que ela tentava esconder cruzando os braços. Uma mancha roxa enroscada um pouco acima do pulso. Uma mancha em formato de dedos. Uma mancha combinado com o corte nos lábios inchados.

– Mamãe – quero gritar, mas só consigo dizer uma palavra sufocada.

– Eu só queria visitá-lo. – minha mãe coça o lugar roxo, como se fosse possível arrancar com as unhas – Levar flores. É tão errado querer isso? É tão errado sentir saudades?

– Não, não é. – cruzei o restante do caminho curvada para não bater a cabeça no teto baixo – Eu também sinto saudades.

Abaixei-me no chão perto dela. Roxa, magra e pequena. Impressionada demais para abraçá-la. Com medo de que aquele momento acabasse. Nunca falamos sobre Oliver desse jeito. Nunca falamos de Oliver como se ele existisse e não fosse um problema, um erro.

– Ele era um bom menino. – mamãe fungou – Você sabia que as enfermeiras na maternidade ficaram apaixonadas pelo meu pequeno Oliver? Elas disputavam para cuidar dele. Diziam que ele era apaixonante até com a fralda suja. – ela sorriu, mas seu sorriso não chegou aos olhos – O bebê mais lindo. Vocês dois. Bebês perfeitos. Filhos perfeitos.

Estiquei os dedos, tentando tocá-la, mas fiquei com tanto medo de ela se espatifar no chão, de se quebrar em mil pedacinhos inalcançáveis. Me limitei a apertar seu joelho e com esse pequeno gesto esperei que ela entendesse que eu estava lá. Com ela e por ela.

Ela ficou em silêncio por alguns minutos. Usei esse tempo para vasculhar ao redor. Faz tanto tempo, Nicolas. Tempo demais que o porão atormenta meus sonhos. Nos primeiros dias depois daquilo, sempre que eu fechava os olhos – pregados nas pálpebras com pregos invisíveis – estavam os contornos daquele lugar, os contornos do que encontramos ali.

É um lugar feio, cheio de caixas velhas com teias de aranha, escuro e úmido. É o cenário dos meus piores pesadelos e se você for observador e souber procurar, é possível encontrar alguns sinais de que Oliver esteve ali. Um moletom – que passou despercebido naquela noite – jogado perto da minúscula janela. Uma garrafa quase vazia com um líquido transparente.

*Um travesseiro amarronzado e um fino lençol embruacado. Detalhes de um castelo ruído e deixado para trás.*

*Pensei que não suportaria estar lá, não depois do que vi ali. Mas, não senti nada assustador. Nada parecido com medo. Apenas tristeza.*

*É apenas um lugar, no fim das contas. O lugar mais triste do mundo. Porém, ainda assim, apenas um lugar.*

*Mamãe começou a cantarolar enquanto trazia para perto de nós uma caixa de papelão lacrada. Reconheci a letra do remetente, embora não houvesse nenhum nome além do da minha mãe.*

*Ela usou um estilete para cortar a fita e depois nós nos inclinamos para ver o que a vovó tinha mandado. A mãe da minha mãe é apenas um borrão disforme nas minhas lembranças. Sei que a pele dela cheirava amora e seus cabelos eram brancos e macios. Sei que ela me erguia no colo com uma facilidade incrível. Mas, eu era pequena demais quando nossa relação foi cortada pelo meu pai. Acho que vovó fazia mamãe pensar sobre a situação que vivia. Ela era um perigo.*

*Isso não a impediu de bater a nossa porta algumas vezes. Após um tempo sem ser atendida, ela começou a enviar caixas. Presentes. Um pouco de luz para uma casa escura. Geralmente eram roupas novas, para mim e para Oliver. Pacotes de chás exóticos que mamãe adorava. Chocolate amargo e, os meus preferidos, livros novos.*

*Mamãe separou as roupas enviadas pra mim. Uma blusa branca macia feita de crochê. Duas camisetas com tirinhas divertidas da Mafalda. Um par de luvas vermelhas. As roupas destinadas a Oliver foram deixadas em um canto e não receberam nem um segundo olhar. Mamãe me passou um livro com a capa toda verde e depois cheirou os saquinhos de chá.*

*– Amoras. – ela sussurrou – Meu preferido.*

*– Vovó tem cheiro de amoras. – comentei.*

*– Ela tem cheiro de chá de amoras. – mamãe completou – Desde quando eu era pequeninha. Ela adora esse chá.*

*– Ela já sabe, - eu disse pisando em cacos de vidro – quero dizer, sobre Ollie? Ela já sabe?*

*E então ela ficou dura. Como se sua carne tivesse se transformado em pedra bem diante de mim. Mamãe balançou a cabeça e eu me arrependi de ter tocado no assunto, mas depois ela disse com a mesma calma que vi tantas vezes.*

*– Acho que ela sabe sim, Malia. – ela disse me deixando confusa.*

– Que bom. – respondo – Ela merece saber.  
– É. – mamãe disse forte – Nós também merecemos. Mais. Merecemos mais.

– O que você quer dizer com isso? – perguntei com o coração na boca.  
– Ainda não sei. – ela se levantou e saiu a passos largos me deixando sozinha no sótão, nem sequer levou o chá.

Nicolas, estou te contando isso porque você precisa saber. Todas as noites rezo para que mamãe reaja, para que ela faça algo de bom para si mesma pelo menos uma vez. Naquele momento, se você estivesse lá e a visse como eu a vi, você saberia. Havia uma determinação no seu rosto, uma chama dourada brilhando em cada centímetro dela. Uma simples centelha capaz de incendiar o mundo. Eu me senti aquecida. Senti que a esperança voltava.

Foi quando eu a vi. Na caixa. Uma lagarta dourada. Com olhos gigantes e antenas caídas. Uma lagarta de pelúcia escondida que coube na palma da minha mão.

Um sinal de esperança.

Uma lagarta como a da história que vovó nos contava quando éramos pequenos.

Talvez o dia tenha chegada.

O dia de renascer.

Com amor.  
Malia

Passo a maior parte do final de semana trancada dentro do quarto. Não ousou sair escondida. Meu pai está em casa e passa a noite toda assistindo TV. Desço algumas vezes para ajudar minha mãe. Comemos juntos. Em silêncio. Mas, dessa vez, o peso do silêncio vem junto com sentimentos elétricos e ácidos. Mamãe responde minimamente qualquer pergunta que ele faz, mas nunca sorri, nunca tenta ser a esposa perfeita. Ela está com raiva. Nunca a vi com raiva.

Meu pai não percebe, só manda e manda e manda. Fingi ter uma família perfeita. Finge ser um marido e pai exemplar.

As músicas da playlist zumbem na minha pele, nos meus ouvidos, dentro de mim e ao redor do mundo. Não escuto nenhuma outra canção. Espero que segunda-feira chegue logo para Locke e eu fazermos isso. Juntos.

A lagarta dourada repousa ao lado do travesseiro, me encarando com aqueles olhos grandes e cansados. Abraço minha barriga e enterro meu rosto no suéter azul que estou vestindo, ele veio na caixa, junto com a lagarta e o livro verde fluorescente chamado *Selva de Gafanhotos*. O suéter é longo e grande demais para mim, mas me sinto estranhamente bem usando algo que deveria ser de Oliver. Como se as mangas compridas tivessem aquecido seus braços antes dos meus.

O domingo está quase no fim. O sol já se foi há um bom tempo e sinto o sono me arrastar pouco a pouco. O arranhar no topo da garganta pede por água, tenho evitado descer para o andar de baixo, mas dessa vez preciso de água. Não aguento mais beber da torneira do banheiro.

Levanto da cama e desço as escadas, o breu é total lá embaixo e cada lugar escuro se parece com garras. Chego à cozinha e pego o que preciso, engolindo a água gelada que alivia os pedaços secos do meu corpo. Bebo mais um copo.

– Pensei que não fosse descer nunca.

Engasgo com as últimas gotas e minha garganta pega fogo. Dou meia volta tossindo e encontro meu pai bloqueando a porta. As linhas severas do seu rosto engolem qualquer bondade que possa existir. Já assisti a esse mesmo rosto sorrir para meu irmão, já vi essas mesmas mãos abraçarem ele e já vi sua voz se erguer em esplêndida felicidade. Também vi coisas muito

ruins, gritos, machucados, mentiras.

– Tentando se esconder, Malia? – ele pergunta cruzando os tornozelos em uma aparente tranquilidade.

– Não senhor. – respondo feito um soldado – Só cansada.

– Com a escola? – ele sugere e em algum espaço nessa simples pergunta sinto todos os pelos do meu braço se arrepiarem – Como você está indo, por falar nisso.

– Bem. – falo rápido. – Os números são um problema ainda, mas estou melhorando.

O melhor jeito de enganar é dizer o máximo possível de verdade. Oliver nunca soube fazer isso, ele era transparente demais. É impressionante a capacidade do ser humano de acreditar naquilo que precisa ouvir.

– Isso é bom. – ele parabeniza.

Sou obrigada a encará-lo. Meus olhos. O queixo de Oliver. Somos mais parecidos com mamãe, mas temos algo dele também. Oliver tinha medo de se parecer demais com o pai, mas ele tinha expectativas demais em relação aos outros. Oliver acreditava que as pessoas cometem erros e merecem segundas chances. Ele deu muitas chances para as pessoas. Chances demais.

Meu pai foi uma delas.

Até o dia que as chances acabaram.

E o filho amado levantou voz e enfrentou o monstro que ele não queria ser.

Oliver era apenas olhos, pele, osso e suor.

Ele disse tantas coisas no último dia antes de desaparecer. Ele estava a um passo do precipício. Se erguer foi o impulso final.

Examino a bochecha dele. Será que ele ainda sente a dor do soco? Como um membro fantasma que não para de doer mesmo depois de arrancado.

Meu pai nunca esperou que Oliver, logo ele, fosse fazer o que fez. Ele tinha muitos planos para o meu irmão. E Oliver o amava, por mais pequeno que fosse esse sentimento, ele o amava. Oliver sempre procurava fazê-lo feliz, as melhores notas, as respostas mais educadas, o mais simpático para os convidados, o filho preferido. Se meu pai estivesse feliz, ele não brigaria com a mamãe. Mas, o que meu irmão percebeu mais tarde, é que monstros sempre encontram desculpas para fazer coisas ruins. Não importa se eles estão felizes ou não.

Ele ainda bloqueia a porta, porém, não consigo ficar mais nem um segundo aqui. Caminho lentamente até a única saída disponível, meu pai

deixa um espaço mínimo para passagem.

– Você sabe que eu só quero que tudo fique bem entre a gente, não é mesmo Malia? – ele diz quando estou passando espremida entre ele e o batente da porta.

– Sim. – respondo sem fôlego. Ele pega meu braço, no lugar exato em que vi as marcas roxas na minha mãe.

– Não vamos ter nenhum outro acidente nessa família. – ele ameaça em um rosnado baixo, perto demais, perto demais. – Não me obrigue a fazer algo que eu não quero.

Ele me solta. Saio tropeçando pelo caminho, com lágrimas pinicando os olhos. Meu braço dói, meu corpo inteiro dói com a falta de ar. Mas, o aterrorizante de tudo é saber que ele quer sim fazer algo ruim. Com mamãe, comigo. Não sei. Talvez, outro acidente.

Acidente. Que palavra ridícula. Mentirosa.

– Boa noite, filha. – ele dá a cartada final e todos os meus ossos tremem antes que eu consiga alcançar as escadas.

Corro para cima com as pernas falhando. Chego ao meu quarto, tento duas vezes antes de conseguir girar a maçaneta da porta. Quando entro, arrasto uma pequena cômoda para junto da porta, pego uma cadeira e faço o mesmo.

A menina deixada para trás construindo uma muralha entre ela e o mostro.

Sento na cama, vigio a porta. Meus ouvidos estão atentos. Outra noite sem dormir. E, dessa vez, não são os gritos que me deixam acordada. É o silêncio. O silêncio que guarda as piores coisas. A lagarta agora não está com a expressão cansada e serena, ela fica em alerta, como eu. À espera do pior. Escondido no silêncio.

A carteira da escola estava incrivelmente macia hoje. O sono veio logo quando sentei na madeira dura da cadeira, resultado de uma noite mal dormida. Ou nenhum pouco dormida. Usei a bolsa como travesseiro e dormi feito pedra até a terceira aula. Os professores não chamaram minha atenção ou me incomodaram. A única professora que ficou zangada comigo desistiu de me dar uma bronca assim que viu meu rosto marcado por manchas pretas ao redor dos olhos.

– É melhor você ir para casa, Malia. – ela aconselhou.

Mas, como não temos telefone, não pude ligar para minha mãe autorizar a dispensa. Por isso, fui à biblioteca e pedi para Rosa me deixar dormir em uma mesa que fica escondida entre duas estantes.

Chegar em casa às quatro da manhã e ter de acordar às sete até agora não me causou metade do cansaço que sinto hoje. O estresse e o medo são como um longo rio de correnteza forte. Arrastando-me durante toda a noite e quando finalmente se acalmam, meu corpo cansado não é capaz de lutar. Quando volto para casa, me deito no sofá e só acordo cinco horas depois com um cobertor nos ombros e dois remédios ao meu lado.

Mas, não vou ficar em casa. Eu sei que deveria ficar aqui, viver uma mentira, ter medo. Por que o medo torna as pessoas cautelosas, longe do perigo. O problema é que eu vivi com medo durante muito tempo e esse sentimento nunca trouxe nada de bom. E, ao sair de casa, fecho o medo dentro de casa e posso ser um pouquinho feliz do lado de fora, na noite escura e tão linda. No vento zumbindo e circulando meus dedos, meu cabelo. Escuto o som dos animais, dos insetos e das folhas batendo umas nas outras feito sinos da natureza.

Respiro o ar gelado.

Estou fora.

Estou segura agora.

Ergo a cabeça, sigo os traços da lua amarela. Somos eu e ela, a lua, contra o mundo. Contra tudo aquilo que eu deixo para trás enquanto sigo em frente.

Vou até o quintal do meu vizinho, a grama molhada pelo frio gruda nos tênis e os passos fazem um barulho grudento. O cheiro de terra molhada é

bom, sinto vontade de me deitar na grama e observar a lua. Inspiro aos poucos um pouco da beleza de fora. O vento ultrapassa os pinheiros do canteiro mais distante do jardim, o ar frio traz até meu nariz o cheiro refrescante da árvore espinhenta. Abaixo e toco o chão cheio de orvalho, é quando ouço.

Passos.

O mesmo som os acompanha. Grudento e rápido. Não lento e cauteloso como os meus. Rápido e certo. Ao meu encontro.

Rápido. Pesado. Perto de mim.

Começo a correr.

Me atrapalho e caio. Com medo. Com o coração martelando nas costelas. Escorrego na grama e patino, mas consigo o impulso para me lançar em frente.

Corro. Aos tropeços.

Se eu chegar ao quartinho, posso me esconder. Porém, uma porta não garantiria minha segurança, mas outra pessoa pode fazer isso. Se eu bater na porta dos fundos do meu vizinho, gritando, ele terá que vir ao meu socorro.

*Por favor, faça isso. Por favor, não me deixe aqui.*

Corro e contorno o quartinho, passo reto. Rápido.

Mais Rápido que os passos atrás de mim.

Pulo os pequenos três degraus da porta dos fundos. Meu joelho se choca contra o chão duro, solto um gemido. Ergo a mão aberta, tento bater na superfície de ferro da porta, estou longe demais. Engatinho o resto do caminho. Ergo a mão de novo. Junto força o suficiente, mas minha palma nunca chega a encontrar a porta. Sou parada em pelo ar.

– Não, Malia. Não. – a pessoa que segura meus braços diz sussurrando em desespero. – Você não está em perigo. Está tudo bem, tudo bem.

Começo a chorar, lágrimas rápidas como os passos há pouco. Engulo o gosto salgado. O corpo inteiro se chacoalha. Sem controle. A pessoa perto de mim esfrega meus braços, ombros. Com os dedos frios ele me abraça por trás. Agachado atrás de mim. Viro-me aos poucos e encontro a única pessoa que me diria isso.

A única pessoa que saberia o motivo para eu correr.

A única pessoa que me garantiria que não estou em perigo.

A única pessoa que sabe de quem estou fugindo.

– Nicolas?



O melhor amigo de Oliver se surpreende com o abraço que dou nele. Nicolas congela no lugar, encostando as mãos na minha cintura e depois tirando. Abraço ele com força, feliz por vê-lo novamente. Feliz por não ser meu pai me perseguindo. Feliz ao ponto de mudar a batida louca do meu peito para um retumbar quase impossível de ouvir.

– Nicolas – o nome dele sai arrastado, pausado, ofegante, como se dizer cada sílaba o torna-se concreto.

Nicolas, enfim, se rende ao abraço. Ele acaricia meus cabelos, sua orelha fica contra minha bochecha e minha boca respira o mesmo perfume que eu sempre sentia quando Oliver estava com ele. Limpo as lágrimas na sua camiseta, aperto as laterais da cintura dele e começo a rir.

– É você mesmo. – termino de limpar as trilhas salgadas no meu rosto e me separo dele. – Eu pensei que não veria você nunca mais.

– Você disse que era um alívio eu estar longe. – ele retruca sério.

– Recebeu minhas cartas? – pergunto baixinho.

As cartas. Meu segredo. Nosso. Venho catando moedas esquecidas pela casa para poder mandá-las. Confissões escritas. Cada fantasma saindo na tinta da caneta.

– É por isso que eu estou aqui. – ele continua com a cara fechada, sempre a mesma expressão séria.

A luz da porta atrás de nós se acende. Meu vizinho, droga. Nicolas me coloca em pé e saímos correndo de lá. Vamos para o outro lado da rua, quando ficamos longe o suficiente para não ver minha casa, começamos a andar em um ritmo tranquilo.

– Espera um minuto. – digo prestando atenção em algo que ele havia dito. – Como você sabia que eu... – faço movimentos com os braços. – estaria aqui, quer dizer, eu não contei nada nas cartas.

Procuro na memória o conteúdo das cartas. Não me lembro de ter dito nada sobre sair durante a noite. As cartas eram exclusivamente para falar sobre Oliver, sobre nós dois. Essa parte escondida da minha vida ficou longe dos papéis.

– Eu não sabia. – Nicolas diz duro. Ele interrompe as passadas e volta a falar sem olhar para mim. – O que diabos você estava fazendo lá? – Ele aponta para o fim da rua. – Aqui fora?

Nicolas está estranho. Não é só a aparência dele que mudou. Ele está

maior, mais largo, encorpado e com o cabelo loiro curto, o que é uma novidade, já que nunca o vi sem o cabelo tocando o ombro. Da última vez, quando ele veio se despedir, sua aparência era de uma pessoa doente. Como Oliver, ele estava quase destruído, seu corpo e sua mente sofrendo as consequências de escolhas ruins. Mas, vê-lo agora, se não inteiramente saudável, se encaminhando para isso, faz com que eu pense que Oliver poderia estar aqui. Se recuperando.

Não é isso o mais estranho, porém. Nicolas está nervoso. Ele não consegue me olhar. Ele passa a mão na cabeça, encara o chão e respira descompassado.

Eu entendo.

– Nicolas, - começo tentando acalmá-lo. – Não é nada disso.

– Não é? – ele me interrompe. – Qual o outro motivo para você estar aqui? Exatamente quando como eu e – ele engole seco – seu irmão saíamos escondido.

Nicolas pensa que estou seguindo o mesmo caminho. Saindo escondido, voltando despedaçado. Morrendo aos poucos até a ponta de uma agulha se tornar mortal.

– Eu nunca faria isso. – asseguro. – Não estou usando nada. Eu juro.

Ele parece não acreditar. É claro que não. Oliver disse juramentos para mim também que não eram verdades.

– Posso te mostrar. – ofereço. – Onde estou indo. Se você quiser.

Ele pondera ainda sem conseguir me encarar e depois assente.

– Ótimo. – recomeço a caminhada. – É por aqui.

– Podemos passar em um lugar antes? – ele pergunta. – Estava indo pra lá antes de te encontrar.

Faço que sim com a cabeça, mas não me contenho e pergunto.

– Eu sei que é, bom, no mínimo curioso eu sair de casa no meio da noite. – admito. – Mas, o que você faz aqui?

– Pedi uma dispensa de dois dias. – ele explica. – Para falar com você e ficar com meus pais.

– Certo. – mordo o lábio. – Nicolas, você veio aqui sem contar pro seus pais?

Preciso saber, não parece correto se esse for o caso. Os pais de Nicolas sofreram muito com o que tiveram que fazer, mandar o filho para uma clínica de reabilitação é uma das últimas coisas que pais gostariam de fazer. Lembro-me de quando Nicolas veio dizer para onde iria e sua mãe ficou atrás dele,

feita uma águia vigiando. Os pais dele não desgrudaram do filho um segundo sequer desde que Nicolas disse o que havia feito. Sua condição, seu estado, como ele chamou. Ele e meu irmão tiveram destinos diferentes. Eu preferiria mil vezes ter mandado meu irmão para uma clínica.

– Falei pro meu pai que eu precisava sair. – Nicolas encolhe os ombros.  
– Minha mãe não sabe a hora de dar espaço, ela não faz por mal, só não entende que ficar me rondando acaba fazendo com que eu me sinta sufocado. Então, meu velho me deixou sair desde que eu dissesse onde estava indo e ligasse para ele de meia em meia hora. – ele explica – Foi um grande passo para ele, sabe, confiar em mim de novo, mesmo que com algumas condições. É claro que minha mãe não sabe de nada, ele disse que ela não está pronta ainda.

Nicolas termina de falar, o que deve ser o maior diálogo que tivemos. Ele nunca foi muito do tipo tagarela, nem eu. Ambos preferimos ouvir o que as pessoas têm a dizer. Com isso, deixávamos o falatório com Oliver. E a verdade nisso se mostra quando caminhamos em silêncio dois quarteirões. Se meu irmão estivesse aqui não haveria silêncio.

– Ela vai conseguir. – tento continuar a conversa – Confiar em você de novo.

– Não sei, não. – ele se encolhe um pouco mais.

– Ela quase perdeu o filho. – falo e chuto uma pedrinha no caminho – Coisas assim demoram a sarar. Ela está preocupada com você porque te ama.

Ele balança a cabeça ouvindo atento. Ele tenta se convencer.

– Tudo podia voltar ao normal. – Nicolas deseja. – Sei que não vai acontecer, mas bem que podia.

Ele sorri amarelo.

– Onde estamos indo? – pergunto desviando o assunto.

Caminhamos mais alguns metros a frente. Se seguirmos reto nessa rua sairemos perto da fábrica fechada, do nosso lado direito é possível ver as pequenas torres cinzas dos prédios abandonados. O céu, apesar de ser noite, não ficou completamente escuro, ainda podemos ver pequenas nuvens salpicando as estrelas e as formas dos edifícios mais altos.

– Você vai ver. – Nicolas fala quando chegamos a parte do muro pintado de branco, ele se detém e faz uma careta para tinta branca. Atrás desses muros há grafite de diversos artistas, como mais a frente nos locais onde ainda não foi pintado. Percebo que em cima da brancura feia, desenhos começaram a ser feitos. Um canteiro de flores com cabeça de animais, uma

sereia azul com dentes de vampiro, um dragão dourado que cospe fogo colorido. Um claro sinal de rebelião contra a falta de cores. É como se os artistas e os desenhos dissessem que não importa o quanto eles tentem ou quantas latas de tinta sejam despejadas, eles vão voltar. Em outras cores, com outras formas.

Nicolas procura algo no limite onde o asfalto acaba e o canteiro se estende cheio de árvores e arbustos. Ele parece encontrar o que procura entre duas árvores e anda até o meio delas. Vou atrás dele. Nicolas varre folhas secas do chão e pega embaixo de galhos e terra uma caixa-preta.

Antes que eu possa falar qualquer coisa, ele abre a caixa. Solto o ar com força.

– Não faça mais isso. – peço. – Nada de caixas misteriosas no meio do mato.

Nicolas contrai os lábios quando entende o que eu achei que havia dentro da caixa-preta. Dentro há várias latinhas de tinta em spray. Pequenas, grandes e de diversas cores. Cores que eu nem sabia da existência.

– Um pessoal se reuniu para pintar os muros da fábrica há alguns anos. Desde então eles deixam essa caixa aqui para quem mais quiser pintar. – Nicolas anda para fora do canteiro. – Quem usa geralmente acrescenta novas tintas, mas sem compromisso nenhum. Tem gente que não consegue pagar por novas tintas, mas ainda tem muita vontade de fazer grafite, então eles podem com isso aqui. – ele balança a caixa.

– Não sabia que você fazia grafite. – comento.

– É só uma coisa que gosto de fazer. - responde impassível, mas pelo modo como ele se encolhe todas as vezes que o assunto se foca nele, noto que Nicolas não gosta de falar sobre si mesmo. – Seu irmão me acompanhava às vezes. – ele tira uma latinha da caixa – Oliver nunca tentou, ele dizia que desenho não era um dos seus dons.

A voz de Nicolas some pouco a pouco. Rouco, mortalmente sério e concentrado na lata de tinta vermelha. Deixo que essa pequena história dos dois fique guardada nas minhas lembranças. Imagino meu irmão, no mesmo lugar que estou, vendo Nicolas rabiscar desenhos multicoloridos. Sentado e observando, sem falar para não atrapalhar. Ou tagarelando ao mesmo tempo em que vê o que está sendo feito.

– Malia – Nicolas chama. – Você quer tentar? - ele oferece a caixa que pego hesitante.

– Não sou muito boa com desenhos também. – confesso.

– Não precisa ser. – ele me tranquiliza – Faça algo que importe. Pra você.

Com isso, Nicolas anda até o muro e fica parado com a lata encostada no peito. Deixo-o sozinho. Grafitar deve ser uma dessas atividades que envolvem apenas o autor e o que ele deseja transmitir. Vasculho a caixa, ainda insegura se devo ou não. Minhas notas em artes não eram tão ruins, mas, mesmo assim, meus rabiscos não passam disso, rabiscos.

Porém, foi Nicolas quem disse que eu não preciso ser boa.

Faça algo que importe.

Pego a lata de tinta azul e deixo a caixa no chão. Ando para a direita, deixando espaço suficiente entre nós dois para que eu não atrapalhe. Tiro a tampa da lata e a ergo na altura do peito. Espero.

Algo que importe.

Traços começam a se formar na minha cabeça e minha mão acompanha. Firme, ela vai e volta enquanto a tinta se prende a parede. O cheiro não me incomoda como deveria, estou concentrada demais no que tenho a dizer. Desaperto a trava e volto a circular de novo. Outra vez. Até estar pronto.

Me afasto do muro, inclino a cabeça e vejo o resultado final.

Não um desenho.

Um verso.

**“E, ao redor das minhas lembranças, você dança...”**

**– The Avett Brothers**

O verso parece tão certo naquela parede. Tão certo para mostrar tudo o que estou sentindo. A pequena frase da música estava no começo do capítulo de um livro sobre amor impossível que eu li no ano passado.

E, vendo-o ali, em letras garrafais azuladas. Vendo-o vivo como uma farol no meio do oceano sem fim, penso em Oliver e todas as lembranças das quais ele faz parte. Um flash de lembranças dançando ao meu redor.

Oliver alegre. Triste. Fragmentado.

Oliver batucando os dedos no ritmo de milhares de músicas.

Oliver ouvindo minhas histórias.

Oliver fazendo caretas para um Nicolas carrancudo.

Oliver arrancando risada dos professores.

Oliver cuidando da nossa mãe.

Oliver sendo um pentelho com Rosa.

Oliver acariciando meus cabelos até eu cair no sono.

Oliver se enfiando embaixo das minhas cobertas quando tinha um pesadelo.

Oliver contando animado o sonho de querer trabalhar com música.

Oliver dando um soco no nosso pai.

Oliver gritando.

Oliver drogado.

Oliver morto.

Um arrepio corre pelo meu corpo. As palavras do muro machucam e aliviam a dor. Sinto o vento bater nas minhas costas e parar abruptamente e, por um minuto, sinto como se meu irmão estivesse em pé ao meu lado. Fecho os olhos e sinto dedos roçando nos meus. Sinto sua presença tranquila. Vendo o mesmo que eu. As palavras impressas naquele muro para sempre. Não importa quantas camadas de tinta branca sejam despejadas ali em cima. A marca sempre estará lá. Assim como a marca de Oliver em mim e em todas as pessoas que ele foi capaz de tocar.

Abro os olhos. Não há Oliver. E, do mesmo modo que posso procurar meu irmão em volta e não achá-lo, ele está presente em cada centímetro daquele lugar. Em cada célula do meu corpo, no ar que eu respiro. Girando e girando. Dançando ao redor das minhas lembranças.

Saio do meu transe. Meus dedos tocaram em uma superfície molhada. Não, espere. Procuro o que acertou meus dedos. Um rabo caramelo acerta minhas pernas antes de dois olhos castanhos e uma língua rosa entrar em foco.

– Nossa, você me deu um baita susto. – deixo o cão cheirar minha palma, o animal arrasta o focinho molhado e me lambe. – Você não deve estar perdido.

Comento comigo mesmo notando o pelo caramelo sujo e vislumbres de costelas por falta de alimentação.

Acaricio sua cabeça macia e o chamo para andar comigo. Ponho a lata de tinta dentro da caixa e sento no asfalto. O cão me segue e deita em cima dos meus tênis. Ele rola a barriga para cima e é então que eu noto que é uma fêmea.

– Oi, princesa. – faço carinho na sua barriga. – Acho que tenho uma barrinha pra você aqui.

Procuro nos bolsos do casaco a barra de cereal que deixei para mais

tarde. Começo a desembrolhar o cão fica em pé com as orelhas levantadas. Ela espera paciente. Parto a barra em pequenos pedaços e estendo, ela pega com delicadeza, mastiga e engole e depois espera por mais.

– Acabou, desculpa. – limpo as palmas da camiseta. Ela parece não se importar, fica feliz com o que recebeu e volta a deitar nos meus tênis. Não me mexo com medo de incomodá-la. Faço carinho no corpo magro. Ela solta um suspiro e me lambe. Continuamos assim. Cada uma recebendo carinho de uma forma.

Enxergo Nicolas no mesmo ponto em que o deixei, mas, agora o muro ganhou novos formatos. Ele pega uma tinta do chão e continua. Ele desenha o perfil de uma garota de cabelos cor de fogo. Ela olha para frente com o queixo erguido e os olhos espremidos. Orgulhosa. Uma mecha vermelha bate na boca reta.

Nicolas faz detalhes com a tinta preta, sombreados. Eu e a cachorra observamos ele trabalhar. Um pouco mais de vermelho. Olhos azuis. A garota olhando para frente, enfrentando um exército invisível. Ele faz o último detalhe, atrás da orelha da garota. Uma tatuagem. Ponto e Vírgula. Como na ortográfica. Nicolas toma cuidado para circular a marca. Quando se dá por satisfeito, ele anda cinco passos para trás e encara o grafite.

Nicolas passa um bom tempo na mesma posição. Todo o desenho é perfeito. Cada linha. Cada traço. Lindo. Ele tira um celular do bolso e o ergue, em seguida o flash de uma foto dispara. Ele se vira, por fim, e vai até onde estou sentada. A cachorra o vê e se levanta para recebê-lo.

– Vejo que você conheceu a Lola. – Nicolas sorri para a cachorra e coça o pescoço peludo dela.

– Então você tem nome. – digo pra ela que abana o rabo enlouquecida de felicidade – Lola

– Aqui. – Nicolas interrompe o carinho e tira um pacote com três bolachas maisena do bolso, ele oferece para Lola e ela começa a mastigar.

– Ela tem dono? – pergunto enquanto Nicolas parte no meio a segunda bolacha.

– Não. – Nicolas balança a cabeça – Ela sempre aparece aqui quando alguém esta grafitando. Trago comida pra ela, o pessoal que pinta aqui faz o mesmo. – Lola lambe o braço de Nicolas, agradecendo a comida quando come a última bolacha. – Alguém começou chamá-la de Lola e o nome pegou, mas ela não tem dono, pelo que eu saiba.

– Ficou lindo. – elogio apontado para a garota de cabelos vermelhos.

– Valeu. – Nicolas agradece e olha novamente para o desenho. – É melhor vê-lo ali do que preso na minha cabeça.

– Sim. – concordo sabendo o que ele diz quando leio novamente o verso que pinteí.

– O que você fez? – Nicolas pergunta indicando a frase. Me levanto e juntos ficamos em frente a frase.

Ele avalia. Do mesmo jeito que fez com o dele e volta os olhos para mim e depois de volta para a frase. Nicolas assente. Como se concordasse. Como se entendesse o que eu quis com aquilo.

– Espera aí. – ele pede e depois corre até a caixa-preta. Lola vai atrás achando que é uma brincadeira. Ele volta com a tinta preta e outra verde. – Posso fazer um desenho junto com a frase?

Faço que sim e dou espaço para ele trabalhar. Nicolas sacode a tinta e começa, encima do verso.

Assim que termina ficamos lado a lado. Vemos a combinação da minha frase com o desenho dele.

Um par de olhos verdes.

Os olhos de Oliver.

– Perfeito. – digo emocionada.

Nicolas segura minha mão.

»

Após guardar a caixa no mesmo lugar de antes, Nicolas disse que tinha que me mostrar uma coisa. É uma tentativa de me distrair, de amenizar o momento que dividimos. Os olhos do meu irmão, suas íris verdes iguais aos da minha mãe, ficam impressa em mim. Toda vez que fecho os olhos, vejo os contornos do desenho de Nicolas e entendo, naqueles traços cuidadosos, que ele também sente a perda do meu irmão.

– É ali. – Nicolas aponta.

Andamos até o ponto em que o canteiro dá lugar a uma pracinha. O caminho que tomo para chegar a confeitaria de Henri ficou atrás de nós, por isso, nunca vim até aqui. Nicolas anda em silêncio a maior parte do tempo, só diz coisas como “tome cuidado com o buraco” ou brinca com Lola tacando gravetos para ela ir buscar. A cachorra nos seguiu e não parece ter pressa para voltar.

Nicolas entra em um caminho de pedras com árvores e pequenas mudas de flores em volta. No meio da escuridão posso ver um brilho amarelado.



Nicolas anda na frente e tira um galho cheio de folhas secas da frente. Chegamos a um lugar cercado por árvores mais densas, é quando percebo de onde as luzes amarelas saem.

Lola nos ultrapassa e vai cheirar os bancos brilhosos. Ela bate a pata na luz e late. Sua cabecinha peluda tomba como se dissesse: “*Não entendo*”. Vou ficar ao lado dela e passo a mão no tronco de madeira cortado para fazer um banco, ao toque a madeira é lisa. A luz sai de uma pequena mangueira cheia de luzinhas, como as que vi no restaurante de Vera. Um caminho entalhado foi feito na madeira para as luzes encaixarem nos lugares onde a madeira foi retirada. Sento no banco e a minha bunda parece pertencer a um vaga-lume. Há luzes ao redor do banco também. A mangueira foi grudada com cola, mas parece ter nascido ali, junto com o tronco. Quem fez isso é extremamente talentoso.

– É sensacional. – digo tão feliz quanto Lola que continua tentando pegar as luzes – Quem fez?

Nicolas me observa feliz como uma criança por encontrar bancos luminosos. Ele não sorri, nem expressa nada. Mas responde minha pergunta traçando algo que passou despercebido por mim.

Acompanhando os bancos há uma mesa pequena, feita com várias toras de madeira. As luzes também brilham ali, só que essas formam uma letra: K.

– K? – pergunto.

– Não sei quem é. – ele explica – Mas eu já vi alguns desenhos com a mesma assinatura. Um dia eu estava andando por aqui e vi as luzes, quando cheguei já estava assim.

– Como funciona? – procuro alguma tomada no chão, uma bateria que explique o funcionamento das luzes.

– Não há energia aqui. – ele responde – Fiquei pensando nisso quando encontrei as luzes pela primeira vez. – ele pega um banco e pede – Me ajude a virar.

Fico ao lado dele e juntos reunimos forças para virar o banco de cabeça pra baixo. Lola late. Embaixo do banco uns fios estão ligados a uma bateria de tamanho médio.

– Ah. Pensei nisso. – comento e desvirmos o banco. – Alguém deve vir recarregar as baterias ou trocar por outras.

Abaixamos o banco de volta. Os troncos de árvore brilham fazendo o ambiente aconchegante e belo. A luz amarela se espreme por entre as árvores densas e iluminam os galhos, as folhas e até as flores sobreviventes do frio. É

como estar dentro de uma pequena bolha de luz.

– É bonito. – Nicolas comenta. – Não me canso de olhar para as luzes. Elas trazem, não sei explicar, um tipo bom de sentimento.

Concordo com ele. Lola ainda tenta pegar a luz colocando a pata por cima e depois retirando frustrada.

– Oliver viu isso? – pergunto imaginando a expressão do meu irmão ao saber da existência de bancos que brilham.

– Não. – Nicolas diz.

– É uma pena. – lamento triste – Ele teria adorado. – digo enquanto Nicolas assente.

As luzes, mais uma coisa que Oliver não poderá ver, brilham em sinal de conforto por nós dois. Lola se cansa da brincadeira e vem deitar aos meus pés, fazendo barulhinhos com a boca. A cachorra vira de barriga para cima e espera com a língua caída para fora. Nicolas abaixa e faz carinho nela. Lola me olha com os olhos castanhos e dá aquele sorriso canino, coço seu pescoço peludo.

– Você disse que ela não tem dono. – começo com uma ideia surgindo.

– Pelo que eu saiba, não. – Nicolas se vira perguntando com os olhos o que eu planejo.

– Acho que conheço alguém que poderia adotá-la.

»

Lola deu um pouco de trabalho. Ela nos seguiu durante parte do trajeto, mas parou quando faltavam apenas dois quarteirões. Daqui já é possível sentir o cheiro dos bolos assando. Lola sentou no meio da rua, cheirando o ar e ficou. Quando a ultrapassamos ela começou a chorar.

– Vem. – fiz sinal para que ela nos seguisse.

Lola se deitou e colocou a cabeça em cima das suas patas dianteiras, ela deu um suspiro cansado e ficou olhando nós dois.

– Já sei o que ela quer. – Nicolas disse pegando-a no colo. – Ela é meio preguiçosa.

Lola abanou o rabo e deitou a cabeça no ombro dele. Vendo-os assim, percebo o quanto Nicolas cresceu nos últimos meses. Lola, apesar de não ser um cão pequeno, cabe certinha nos braços do garoto e ainda fica confortável. Nicolas começou a relaxar, ele fala mais do que um dia falou comigo. Ainda assim, continua sendo o velho amigo de Oliver com a mesma expressão, dificilmente sorrindo. Quietos e atentos. Noto que ele gosta de estar aqui fora

pela maneira como respira fundo nas vezes em que o vento se torna mais forte, no jeito que ele ouve os ruídos e na sua postura calma. Ele tem algumas manias como passar a mão no rosto retirando mechas de cabelo invisíveis, reflexos do passado. Nicolas pede que eu conte como tenho passado, se as coisas são as mesmas na escola, se Rosa continua na biblioteca. Ele não toca em assuntos delicados, não me pergunta sobre coisas ruins, apenas tenta ser um amigo do mesmo jeito que um dia foi para Oliver.

– Locke trabalha na confeitaria com Henri. – conto – Ao lado da confeitaria há um restaurante e os donos de lá são os pais da Elizabeth, você sabe, que estuda comigo.

Ele parece reconhecer o nome. Continuo.

– Então, ela me convidou para participar de um Clube do Livro que acontece de madrugada. – Nicolas não está muito convencido. – Eu também não sabia que tanta coisa acontecia de madrugada, mas é bem legal.

– E você vem até aqui todas as noites sozinha? – é mais uma repreensão do que uma pergunta. Dou de ombros.

– É melhor do que ficar em casa. – e mais seguro, penso, mas isso não digo em voz alta.

Desvio os olhos dos dele. Nicolas suspira e limpa a garganta.

– Eu te deixei sozinha. – Nicolas aperta os olhos – Venho sendo atormentado por isso desde que fui... – ele tosse – internado.

Nicolas procura por mim, querendo que eu tire os olhos do chão e veja o quanto ele tem sofrido por ter me deixado. Ele acomoda Lola melhor nos braços, ela levanta a cabeça e espirra. Sorrio com a cena.

– Você não me deixou Nicolas. – asseguro a ele – Ir embora. Pedir ajuda, fazer o que você fez, foi a melhor escolha que poderia ter tomado.

– Eu sei, eu sei. Mas, pensar em você naquela casa com seu pai. – engulo uma bola de emoção enquanto ele prossegue – Oliver me contou. Você sabe. Sobre o modo como ele trata sua mãe. Sobre ela não poder sair. Sobre as brigas. – Nicolas faz uma pausa – É loucura Malia. Viver, ou melhor, não viver por causa dele.

Imagino Oliver contando sobre os monstros que nos atormentavam. Imagino meu irmão completamente despedaçado, apenas olhos, ossos, sangue e rendição. Deixando que as palavras saíssem do seu peito, uma por uma, construindo castelos de horror. Nunca contamos a ninguém, vivíamos sem silêncio, cercados por ameaças silenciosas. É por isso que escrevo para Nicolas, sei que ele sabe, e saber que, pelo menos, uma pessoa conhece a

verdade é reconfortante. Como se meus segredos, nossos segredos, não fossem ser esquecidos, mesmo se nós desaparecêssemos na névoa, ainda assim Nicolas estaria aqui e saberia a verdade.

– Não importa. – digo, mesmo sabendo que importa – Você precisa se focar em si mesmo agora. Terminar seu tratamento.

– Isso não significa que não posso ajudá-la. – Nicolas se inclina na minha direção – Malia, por favor.

– Nicolas. – balanço a cabeça, não querendo ver Nicolas mais envolvido – Escrever para você tem me ajudado. Estar aqui. – faço um círculo ao redor com os braços – Eu estou bem. – minto – E quero que você fique também.

Ele me encara. Uma linha fina nos lábios. Seus olhos me censuram e não sabem como continuar. Sorrio, mentindo para ele. Ele volta a andar, tentando esfriar a cabeça, tentando bolar um plano para me convencer, não sei. Ele se vira às vezes, abre a boca e depois desvia o rosto. Lola descansa a cabeça no ombro de Nicolas. Andamos um quarteirão em silêncio. Apresso os passos para ficar ao lado dele, seu corpo tenso mostra que nossa conversa não terminou.

Suspiro.

Daqui já posso avistar a casa de Henri e o cheiro de bolo irresistível faz minha boca salivar. Uma sombra ultrapassa a portinha escura, a sombra do sobretudo revela Locke antes que eu possa ver seu rosto. Sorrio. Dessa vez de verdade. Meu coração faz aquela coisa idiota de dar cambalhotas. Ignoro.

Locke anda até nós dois. Ele repara em Nicolas primeiro. Uma carranca desconfiada cobre seu rosto. Ele pousa o olhar em nós dois e na cachorra no colo de Nicolas. Lola balança o rabo para Locke.

– Malia. – ele diz sem demonstrar nada. – Você está bem?

Locke pergunta. Nicolas levanta as duas sobrancelhas. Lola late feliz.

– Uhum. – respondo. – Esse aqui é o meu amigo Nicolas.

Nicolas põem Lola no chão. Ela vai cheirar os pés de Locke.

– Nicolas. – termino as apresentações. – Esse é Locke.

Locke acena com a cabeça. Nicolas fica um pouco desconfortável. Ele nunca gostou de pessoas encarando. Não entendo qual é a de Locke, eu pensei que até esse momento ele já teria falado sem parar. Quer dizer, não que ele fosse a pessoa mais tagarela do mundo quando nós conhecemos, mas ele sem dúvidas não era tão fechado e carrancudo. Vejo algo se mexer no rosto de Nicolas, uma careta. Ele arregala os olhos um pouco, se eu não estivesse prestando atenção não teria percebido, é quase como se ele

houvesse lembrado... Não faço a mínima ideia do que, não pergunto de qualquer jeito.

Limpo a garganta. Locke agora acaricia as orelhas de Lola.

– E essa menina, quem é? – Locke diz com a voz suave. Aquele tipo de voz que usamos para falar com bebês e cachorros.

– O nome dela é Lola. – respondo sorrindo para os dois. – E, bem, ela está aqui porque eu pensei que poderia encontrar alguém para adotá-la.

– Esse alguém seria? – Locke pergunta interrompendo o carinho.

Como se soubesse meu plano, Lola corre em direção ao cheiro de confeitaria. Com o focinho erguido no ar, ela segue a trilha de aromas. Um pouco de milho, canela, abacaxi e chocolate. Ela bate a pata na porta que se abre. Corremos atrás dela.

– Lola. – grito. – Volte já aqui.

Ela tem a cara de pau de olhar para trás, abanando o rabo, com a língua pra fora e segue em frente.

– Henri vai tomar um baita susto. – Locke diz segundos antes de um grito irromper no ar.

Com Locke e Nicolas atrás, entramos na cozinha a tempo de ver a última bocada de Lola em um cupcake de baunilha. A cachorra pula no balcão tentando pegar outro, mas não consegue alcançar. Penso que Henri vai ficar furioso comigo, mas ele me surpreende dando uma gostosa gargalhada.

– Ela gostou do bolinho de baunilha. – ele diz risonho – Quem é essa coisinha linda?

Lola vai balançando o corpo de encontro ao confeiteiro, ela lambe as mãos dele melecadas de cobertura. Acho que Henri ama qualquer um que se empolgue tanto com as comidas dele. E, Lola, de longe é a que se empolgou mais.

– É a Lola.

– Malia! – Henri acena entretido com a cachorra. – Ela é sua? Quem é a cachorra mais linda desse mundo?

Locke disfarça uma risada com tosse.

– Se essa for sua ideia. – Nicolas sussurra na entrada da cozinha – Lola vai ficar do formato de uma bola em poucos dias.

Henri se levanta com uma mão no joelho e outro nas costas. É a primeira vez que ele percebe o outro garoto na sua confeitaria. Fico pensando em como nos parecemos, nós três ali parados: o garoto de sobretudo, a garota que foi deixada para trás e o artista em recuperação. Não que ele soubesse

sobre os dois últimos. Henri, sendo inegavelmente Henri, não se incomoda por ter mais um adolescente na confeitaria.

– Trouxeram um amigo. – ele cumprimenta Nicolas contente.

Locke revira os olhos.

– Nicolas, senhor.

– Ah, não precisa de tudo isso. Só me chame de Henri. – ele espanta a formalidade de Nicolas com as mãos. – Então, que ideia é essa que vocês estavam falando?

Peço ajuda para os dois. Nicolas dá um passo para trás saindo da jogada, Locke balança os ombros. Será que é demais pedir para um velhinho confeitoiro que ele adote uma cachorra encontrada na rua? Lola parece tão feliz rodando nos braços de Henri. Mais feliz do que ela jamais será se ficar nas ruas. Disso tenho certeza.

– Henri. – tomo coragem, ainda envergonhada. – Lola está a procura de um lar e eu pensei se por acaso, sabe, você gostaria de fazer isso.

Minha voz some no fim da frase. Henri sorri para todos nós e depois para Lola, mas então parece notar algum erro nesse plano todo. Ele dá palmadinhas na cabecinha da cachorra e se vira pra nós.

– Acho que primeiro precisamos falar com Amélia.

## 30

– Mas, pensando bem. – Henri diz enquanto beija a ponta do nariz de Lola – Ela vai voltar em dois dias. Podemos fazer uma surpresinha. O que acha Locke?

Locke franze a testa. Quero dar um beijo na ponta do nariz de Henri. Por tudo que ele está fazendo. Dou pequenos saltos até ele e abraço sua barriga redonda cheia de farinha.

– Ah, querida, vou te sujar toda. – ele avisa, mas me abraça de volta.

– Não tem problema. – digo apertando sua cintura.

É o segundo abraço em uma noite. Um recorde para alguém que não tem costume de tocar outras pessoas. Muito menos abraçá-las. Nicolas repuxa os lábios para cima. Ele diz depois que volto a ficar do seu lado que é interessante me ver feliz.

– Interessante? – indago estranhando o uso das palavras.

– Nunca te vi assim. – ele explica. – Genuinamente feliz.

O que é triste. Saber que ele nunca havia me visto sorrir sem ter de me esforçar. Quando nos conhecemos, o pouco tempo que passamos juntos foi sugado pela situação de Oliver. Pela situação dele próprio.

– É bom Malia. – ele recomeça – Vê-la feliz. É certo.

– Malia – Locke grita no balcão da cozinha – Você pode me ajudar com os pães doces, por favor?

– Espera um segundo. – faço Nicolas se sentar na velha poltrona ocupada por mim na primeira noite. Lola se acomoda aos pés dele.

A noite passa com as risadas de Henri. Ele leva duas tortas para Nicolas com um copo de leite. Henri pede para ele descrever todas as sensações que teve ao provar as tortas. Nicolas nunca teve que falar tanto. Mas, depois de um tempo, ele se acostuma e volta a relaxar. Henri quer saber onde nós conhecemos, eu e Nicolas. Onde encontramos Lola. A cada pergunta respondida a cara feia de Locke aumenta. No final da noite ele está até com um beicinho raivoso no rosto.

– Você está estranho hoje. – empurro seu ombro com o meu.

Locke esmurra a massa do pão em silêncio.

– Impressão sua. – ele responde dando de costas.

Deixo pra lá. Presto atenção ao que estou fazendo. Modelar uma massa

de pão é uma das sensações mais gostosas do mundo. Assim que acabo de colocar a massa na assadeira estou quase chegando perto de Nicolas quando Henri pede ajuda na decoração dos cupcakes. Locke estende o avental no balcão e caminha até Nicolas, sentando em um banco perto do meu amigo. Nicolas com os braços cruzados. Locke batucando o pé inquieto.

É no mínimo diferente ter Nicolas de novo. Perto de mim e sem Oliver. Os dois eram inseparáveis na escola. Certo momento Nicolas se perde em pensamentos. Às vezes ele me vê sorrindo e um sorriso se puxa no canto da boca dele, então ele fica me observando. Como se ele estivesse ali e em outro lugar distante. Como se ele se lembrasse de nós dois há quase um ano atrás e ficasse feliz com o que encontrou no presente.

Não era apenas Oliver que precisava de ajuda. Nicolas estava tão fragmentado quanto, mas ele tinha uma família que se importava e faria tudo pelo filho. Meu pai prefere viver uma mentira que pode manter as aparências do que admitir que a família dele não seja tão perfeita. Após a morte de Oliver, Nicolas desapareceu por quase dois meses. Quando eu acordava naqueles dias, aqueles três primeiros segundos no qual não nos lembramos de nada, eram os melhores três segundos de uma avalanche de segundos ruins do meu dia. Eu presava demasiadamente os primeiros segundos em que eu não me lembrava de nada, nem mesmo de Oliver.

Talvez lembrar seja o que nos devasta.

As lembranças boas principalmente.

Eu também me preocupava com Nicolas naqueles dois meses. De certa forma, foi a minha preocupação por ele que me impediu de afundar. Oliver não estava mais comigo. Mas Nicolas estava em algum lugar no mundo. Ele podia ser recuperado. Eu não podia perdê-lo também. Oliver não deixaria Nicolas se perder como ele fez.

Eu esperei. Até o dia em que Nicolas foi me encontrar.

Ele me contou para onde iria e garantiu que voltaria. Para mim. Por Oliver. Ele queria ficar bem. Sua pele naquele dia, apesar do calor que estava fazendo, suave fria e a cor branca da sua pele adquiriu um tom esverdeado. Abstinência. Nicolas me explicou. Os primeiros sintomas de se privar daquilo está te matando. Nicolas foi embora em um dia ensolarado, curvado e vestindo dezenas de agasalhos. Quanto mais ele se afastava de mim, quanto mais suas promessas de recuperação reverberavam, gradativamente eu quis que ele fosse embora.

Nicolas era uma lembrança boa pingando memórias ruins.



Mas, agora, quando olho Nicolas. Não vejo Oliver ou drogas ou abstinência. Vejo Nicolas. O melhor amigo do meu irmão. Meu amigo. Vejo um novo e melhorado Nicolas. Ainda que ele carregue cicatrizes e um peso em si que antes não existia. Carregar esse tipo de coisa faz parte do que ele viveu. Pertence a Nicolas e somente a ele. Talvez as lembranças sejam a pior parte. Mas as cicatrizes são as melhores. Elas estão lá porque nos curamos, regeneramos o que parecia irrecuperável. Podem ser feias e retorcidas, podem doer ocasionalmente, incomodar, mas tê-las é uma vitória.

Espero que as minhas cicatrizes se curem logo.

Por enquanto, me contento em ser feliz por Nicolas e sinto um grande machucado cicatrizando dentro de mim.

»

– Henri – desenho com o glacê uma florzinha amarela encima do cupcake de maracujá – Onde você conheceu Locke?

Já terminamos as formas de ameixa, chocolate e, os preferidos de Lola, baunilha. Henri é um ótimo professor. Ele ensinou os desenhos pacientemente, até elogiou minha primeira flor que ficou parecida com um elefante sem tromba. Lola adorou comer esse. Quem diria que fazer flor de glacê fosse tão complicado. Estou evoluindo de qualquer forma, pelo menos é o que Henri diz.

Fiz a pergunta depois de ver Nicolas e Locke curvados conversando aos cochichos. Tentei me inclinar na direção dos dois para escutar parte da conversa, mas eles falavam aos sussurros. Seus rostos não estavam virados na minha direção, assim não consegui ter nenhuma pista do assunto. Decidi perguntar então, já que nunca tive a oportunidade de fazer isso sem Locke por perto.

– Ele não contou? – Henri não tira os olhos do trabalho cuidadoso.

– Locke não fala muito sobre si mesmo. – digo ajudando Henri a por os bolinhos nas caixas.

– Não, ele não fala. – Henri aquiesce – É difícil pra ele falar sobre o passado.

– Por que?

– Creio que não cabe a mim a decisão de contar a história de outra pessoa. – Henri diz terminando a última caixa – Poso contar a minha parte, no entanto. – o confeitiro apoia o quadril no balcão, ele despeja algumas gotas de sabão neutro nos meus dedos – Locke era um menino quando o

conheci. Muito corajoso, devo acrescentar. Você já presenciou que ele tem alma de herói.

– Sim. – ensaboo as mãos, deixando a água levar o resto da cobertura.

– Há quatro anos dois garotos e um homem tentarem nos assaltar. Amélia e eu trabalhamos aqui há anos e nunca nos tinha ocorrido uma situação como aquela. O homem era visivelmente a cabeça do crime e aqueles pobres meninos apenas marionetes. Eles estavam com fome, sujos e desesperados. Às vezes é difícil ter consciência quando a fome fala mais alto.

– Henri abaixa a voz – Um desses meninos era Locke.

Puxo o ar com força para os pulmões.

– Ele estava péssimo Malia. Magro demais. Assustado e no momento em que o vi sabia que ele não queria fazer o que estava prestes a fazer. Ele chorava muito. – o sabão forma bolhas refletindo uma imagem de Locke pequeno – Amélia, como a mulher sábia que sempre foi, se virou para aquele menino e disse que tudo ficaria bem. Eu me surpreendi com o que ela disse, sabe, mas Amélia sempre soube melhor do que eu a enxergar as pessoas pelos que elas são. Então, Locke fez algo que o homem não esperava. Ele tirou a faca da mão dele e começou a gritar. Pedindo ajuda. Com a faca apontada, não em nossa direção, mas sim nos protegendo.

– Ele voltou atrás. – limpo as mãos no pano que Henri me oferece.

– Nos fazer mal nunca foi uma escolha para Locke. – Henri fala com carinho na voz – O homem e o outro garoto fugiram e uma viatura que estava no restaurante de Vera estacionou na calçada poucos minutos depois. Locke jogou a faca no chão e levantou os dois braços. Foi Amélia quem os abaixou e colocou o menino dentro de casa. Demos comida para ele, banho e uma cama quente para dormir e tudo o que Locke fez foi agradecer, pedir um milhão de desculpas e um pouco mais de comida para levar ao outro garoto.

Limpo os cantos dos olhos. Observo Locke conversar com Nicolas, os dois se encaram, Locke é o único a mexer a boca. Sinto meus braços formigarem querendo correr para abraçá-lo. O garoto de sobretudo com alma de herói.

– Ele voltou dias depois. Pedindo mais desculpas. – Henri continua – Amélia tentou convencê-lo a ficar, mas ele se recusava. Ainda se recusa, acho que uma parte dele ainda lembra-se daquela noite como algo que ele tem de pagar a nós dois. O que é uma bobagem. Locke fez por nós mais do que fizemos por ele. – o confeitiro limpa as memórias entaladas na garganta – Ele cuidou de nós desde então. Ficava na frente da confeitaria nos vigiando,

nos protegendo de qualquer um que chegasse perto, até que um dia ele finalmente aceitou entrar. Aos poucos conseguimos trazê-lo para nós. Ele começou a ajudar na confeitaria, levava caixas, abastecia o carro, limpava. Ele dizia que gostava de estar conosco. Tentamos dar dinheiro para ele, um salário, mas ele se recusou, ainda se recusa se quer saber.

– Teimoso. – Henri sorri enquanto bufo.

– Muito. Temos de colocar em um envelope dentro do casaco sem ele saber. Nas primeiras vezes demos de cara com o envelope devolvido com todo o dinheiro dentro, mas com o tempo ele passou a aceitar. Ainda pedimos que ele venha morar conosco, mas penso que deve ser um passo grande demais para Locke, um dia ele irá aceitar, tenho certeza. Até esse dia chegar vou ter de ligar com Amélia preocupada todas as noites quando ele vai embora.

Henri ri vermelho com o esforço para não chorar.

– É uma história e tanto. – comento.

– Pois é. – Henri passa o pano do balcão – Se me permite dizer Malia. Locke mudou desde o dia em que te conheceu.

Não sei como isso seria possível, Henri ri da minha cara de desacreditada.

– Ele está mais feliz. Não que ele não seja feliz, mas é como se ele fosse finalmente um garoto de dezenove anos quando está com você. Amélia também reparou nisso.

– É impressionante, não é? Como as pessoas podem moldar e quebrar e reconstruir a vida de alguém, apenas aparecendo nela. – admito.

– Eu sei. – Henri sai enigmático.

Nicolas e Locke interrompem a conversa. Meu olhar pousa no garoto de olhos verdes tão brilhantes. Sem saber bem o porquê, sorrio pra ele. Locke retribui o sorriso, é a primeira vez que o vejo sorrir essa noite. Sinto meu sorriso se estender mais e mais e mais e nem chega perto de ser o suficiente. Locke ri e eu vou junto. Nicolas não entende o motivo, mas ele não precisa entender. É unicamente entre Locke e eu. Sorrindo feitos bobos. Locke acena com a cabeça.

– Garota da cidade grega. – ele diz apenas.

– Garoto de sobretudo. – Locke parece gostar do apelido.

O beija flor bate as asas dentro de mim, entretanto dessa vez o ritmo não me assusta.

Eu o acolho.

»

São quase seis da manhã. Esperamos a lua encontrar o sol e começar a sumir no horizonte. Os pássaros piam saudando o novo amanhecer. O lado de fora é lindo. É sereno e visível. O lado de dentro nem tanto.

Deixamos Lola dormindo perto do fogão quente. Henri e Locke foram fazer as entregas quando saímos. Estamos perto de casa, ouvindo o vento trançar meus cabelos. Nicolas não contou outra história ou tocou no nome de Oliver. Ele está mais quieto do que antes, mas isso não incomoda. É como se a atitude silenciosa de Nicolas fosse tão familiar como o sangue bombeando nas veias. Com a luz do sol, os contornos quadrados do rosto de Nicolas tornam-se claros, suas bochechas não são fundas como antes.

– Gostei de hoje. – Nicolas espreme os olhos por causa do sol – Seus amigos são legais. Locke me contou como vocês se conheceram. O cara que tentou te assaltar.

Locke deixou de fora as piores partes e fico grata por isso. Nicolas não precisa se preocupar comigo. Ele tem de pensar em si mesmo.

– Estou tomando cuidado agora. – levando os braços não querendo entrar numa discussão – Pare de se preocupar.

Nicolas não acredita, seus olhos brilham dourados em direção ao sol. Abro um sorriso para tranquilizá-lo. Ele suspira.

– Aqui. – Nicolas tira um pedaço de papel do bolso – É o número de um amigo meu da clínica. Se quiser falar comigo, se qualquer coisa acontecer, me ligue.

Aceno com a cabeça aceitando o papel.

– Falo sério Malia. Qualquer coisa.

– Tudo bem. – dou três passos para trás, aperto os olhos em direção ao sol – Preciso entrar.

– Espere. – Nicolas respira fundo – Você me perguntou se eu estava bem em uma das cartas. É por isso que eu vim. Para te responder.

É por esse motivo que ele ficou pensativo no caminho de volta. Nicolas estava se preparando para esse momento. Aguardo sem pressioná-lo. Esperando até ele estar pronto para dizer o que tem de dizer. Ele fez isso por mim. Leu minhas cartas. Ele me ouviu, é a minha vez de fazer o mesmo.

– Hoje. Aqui com você. Estou bem. – ele enfim começa – Não sei se amanhã estarei me sentindo da mesma forma. Mas vou tentar ficar. Vou tentar melhorar cada dia mais. É uma das coisas que aprendemos na clínica.

Que nunca estaremos plenamente curados. E todos os dias lutamos uma batalha contra nós mesmos e nosso vício. – Nicolas continua amargo – Estou limpo há quase um ano e quero continuar. Mas o que não posso esquecer é que já fui um dependente e posso voltar a ser assim. – ele estala os dedos – Então, não sei ao certo como responder sua pergunta, mas vou tentar com isso: Estou me esforçando. Para ficar bem. E se amanhã eu acordar e sentir que não conseguirei atravessar o dia, vou procurar ajuda. E no dia seguinte farei o mesmo.

Interrompo-o antes de ele prometer. Não quero que prometa. Quero que ele cumpra tudo o que disse. Por si mesmo. Pela família dele. Não por mim. Jogo meus braços ao redor do pescoço de Nicolas, ele descansa a cabeça no meu pescoço e me aperta contra seu peito ofegante. Beijo sua bochecha e deixo o sol selar o novo recomeço de Nicolas. Imagino os braços de Oliver nos circulando e, da mesma forma como aconteceu em frente ao muro grafitado, eu o sinto.

# 31

– Seu guarda-costas não veio hoje?

Locke começa a noite engraçadinho. Não estou no clima para retrucar, devo estar roxa de frio. A baixa temperatura me pegou desprevenida quando saí de casa apenas com um agasalho. Locke esfrega meus braços quando chego perto dele e esquece a brincadeira por enquanto. As maçãs do rosto do garoto estão vermelhas, assim como a ponta do nariz, ele fica ainda mais bonito no frio. O calor que sobe pelo meu pescoço é bem-vindo. Desvio o olhar.

– Henri não tem encomendas hoje. – procuro a luzinha familiar da cozinha e não a encontro – Da última vez que fui conferir os dois estavam em frente à TV com cobertas e pipoca.

– Lola está aproveitando muito então.

– As meninas estão no restaurante, se você quiser ir lá.

– Ei cara, o que eu sou? – Pedro desce de um carro e tranca as portas, obviamente ele ouviu a última fala de Locke.

– Uma menina também. – com os olhos verdes feito fendas ele bufa.

Pedro vem até nós, pulando de frio, o homem barbudo oferece um sorriso charmoso. Solto uma risada.

– Olá Maliazinha. – Pedro enlaça meus ombros – Como vai?

– Ótima. Obrigada. – Locke responde por mim soltando o braço de Pedro – Sem toques, por favor.

Um vinco se forma na testa dele. Decido sair da brincadeira, preciso entrar em um lugar quente antes de virar picolé.

– O que elas estão fazendo? – Pedro quer saber.

– Puf – Locke bufa – Se você adivinhar te dou um beijo.

Pedro torce a boca.

– Não, valeu. – Locke faz um beicinho estalando os lábios.

No lado de fora do restaurante a quietude é interrompida com as risadas que ultrapassam as janelas. O brilho das pequenas estrelas artificiais são um convite alegre. Deixo os meninos conversando, sem prestar atenção ao que falam, eles vão comigo quando começo a andar.

– De novo? – Pedro grunhe – Elas não cansam de discutir isso?

– Discutir o que? – entro no meio da conversa.

– Da última vez que fui lá dentro elas estavam discutindo quem é melhor: Rochester ou Darcy?

– A loucura de Vera por um personagem de mais de duzentos anos precisa ser tratada. – Pedro diz – Não sei como Marco deixou a mulher dar aquele nome horrível para filha.

– Elizabeth não é um nome feio. – digo.

– Oh, - Pedro se ilumina – ela não sabe. Não posso perder essa, vem.

Sem nem avisar, Pedro sai correndo e me arrasta junto. Viro o rosto procurando por Locke que balança a cabeça, mas não faz nada para impedir. Ele acelera os passos para chegar até nós dois. Pedro abre a porta com tudo, entra glorioso, comigo a tiracolo. O barbudo procura entre as pessoas. Bia levanta a cabeça com um prato de macarrão pousado na barrigona, ela sorri com a boca suja de molho. Tereza e Samira agitam os braços e Vera cruza os dela sem se deixar levar pelos argumentos das duas. Pedro grita de felicidade quando encontra Liz saindo da cozinha. Ele toma fôlego e grita levantando meu braço com o entusiasmo.

– Elizabeth Darcy Bennet Rodriguez Nogueira – todos param de falar olhando Pedro que parece uma criança gritando empolgada ao ver um unicórnio na rua.

A pele negra de Liz se torna vermelha. Ela fuzila o barbudo com os olhos.

– Você é intratável. – ela diz ríspida.

– Seu nome é mesmo esse? – pergunto sem saber se acredito.

– Lindo, não é? – Vera parece feliz ao contrário da filha – Malia, me responda, se você pudesse escolher entre Lord Rochester ou o incrível – ênfase no incrível – Mr. Darcy, quem você escolheria?

Bia disfarça tossindo um não com a boca, um aviso. Ela come mais uma garfada de macarrão impedindo Vera de fazer a mesma pergunta a ela. Não respondo nada; Vera, Tereza e Samira aguardam minha escolha para pôr fim a discussão.

– Eu – Locke chega desgrudando os dedos agarrados a minha mão – Ela escolheria minha esplendorosa pessoa.

– Menos Locke. – Liz ri.

– Nenhum Darcy ou Rochester é páreo contra minha assombrosa beleza. – ele salienta empinando o nariz.

Fogo lambe meu corpo quando Locke pisca. Mas isso dura pouco, a porta vai e vem da cozinha se mexe e os cabelos loiros de Rachel entram em

foco. Ela segura um prato na mão e sai da cozinha sorrindo. A leveza nas suas feições me deixa impressionada, estou acostumada a ver Rachel sempre com a mesma expressão convencida e debochada. Nesse momento ela parece, bem, normal. Até mesmo amigável. Ela me vê também e abaixa o rosto, quase como se estivesse envergonhada.

– Não sabia que ela...

– Vamos sentar perto da Bia. – corto Locke.

A mulher grávida bate no lugar ao lado dela. A conversa continua como se Rachel nunca tivesse entrado no restaurante algumas noites atrás e gritado comigo. Isso é bom. Estou disposta a conviver em paz com Rachel se ela quiser também. É difícil esquecer esse tipo de coisa, alguém que te machucou usando aquilo que você mais ama: palavras e Oliver.

Rachel usava meu irmão quando queria me machucar de verdade: *“Ele não aguentou você e se jogou na frente do carro.”*, *“Como ele suporta uma coisa esquisita feita você.”*, *“Eu preferiria morrer a ter uma irmã assim.”*. A cada palavra Rachel abria um novo machucado e ainda que eu não acreditasse no que ela dizia, mesmo sabendo que eram provocações cruéis, ouvir Rachel falar de Oliver como se o conhecesse me consumia por dentro. E, algumas vezes, por milésimos de segundo, eu pensava que talvez Rachel estivesse certa e depois eu me odiava por ouvi-la. Por deixar que o veneno das palavras dela se infiltrasse. É como uma avalanche: cada provocação um floco de neve até que enfim a catástrofe está armada e você morre sufocada com as coisas que ouviu.

Eu procurava nos rostos familiares quando isso acontecia, alguns alunos olhavam incomodados, mas sem coragem de me defender. Outros curtiam a crueldade. Liz era uma das únicas que não ficava em silêncio. Como alguém feito Liz pode ser amiga de Rachel? Olho para elas. As duas dividem um prato de massa. Liz fala entre uma bocada e outra.

Então, sem notar o que faz, como se aquilo fosse tão costumeiro e correto, Rachel segura a mão de Liz e aperta. Seu rosto fica rosa e ela parece feliz por estar exatamente onde está. O jeito como Rachel olha para Liz e só para ela mostra tudo o que eu preciso saber. Rachel é mais do que amiga de Liz. Ela ama a outra garota. Liz fica deslumbrada com o gesto, ela sorri contente. A filha de Vera se levanta e leva o prato na direção da cozinha. Rachel me pega encarando, um O na boca, os ombros duros. Defensiva. Pronta para atacar.

Agito a cabeça. Dizendo que não quero outro combate. Abro o meu



melhor sorriso pra ela. Um sorriso que diz que ela não precisa fazer isso, que está tudo bem ser quem ela é e amar quem ela ama. Que ela não deve ser má para se proteger dos outros. Sorrio e digo tudo com um só olhar e um só sorriso. A menina loira compreende. O canto da boca se levanta incerto. Uma covinha nunca vista aparece.

»

Marco – o chef do Felix Felicis, pai de Liz e marido de uma louca por Jane Austen – trouxe pratos de macarrão ao sugo em duas bandejas. O cheiro de dar água na boca sobe com a fumacinha fumegante. Recuso quando ele me oferece, não tenho dinheiro para pagar, mas Marco ignora meus protestos e deixa o prato em cima do meu colo. Ele volta da cozinha em seguida com copos de suco de uva, bebo avidamente com segue da corrida que fiz com Pedro.

O barbudo conversa comendo o macarrão, pedaços de massa aparecem na sua boca e Locke torce a cara para cena. Bia está no seu segundo prato, o queixo sujo de molho.

– Essa criança, – ela diz limpando a boca – precisa sair logo. Nos últimos cinco meses eu só comi, dormi e fiquei inchada. A gravidez não é uma maravilha tão grande o tempo todo.

Samira e Tereza vieram apertar minha bochecha, uma de cada lado as velhinhas trocaram olhares curiosos.

– Muito magrinha, não acha Samira?

– Demais. – Tereza concordou medindo a circunferência do meu braço, elas pareciam a bruxa de João e Maria – Você precisa se alimentar mais para aguentar aquele moleque ali.

Locke passa a mão na franja e manda um beijo para as duas.

– Amor juvenil.

– Lembra-se dessa nossa fase, Tereza?

– Como se fosse ontem. – Samira diz nostálgica – Como se fosse ontem.

As duas saem. Escondo o rosto do olhar atento de Locke. Não vi sua reação quando Tereza falou sobre amor juvenil, estava mais interessada em esconder a minha.

Levo o prato até o balcão fugindo de Locke.

– Gostou? – Marco pega o prato sorrindo.

– Muito. Obrigada.

– Sempre que quiser. – ele diz entrando na cozinha. O lugar preferido

dele.

Os chiados de óleo e cebola enchem o ar. Fico nas pontas dos pés para tentar ver como é lá dentro. Marco vai e vem de um lado para o outro. Como Henri na confeitaria. A cozinha é branca e cinza, ao contrário do resto do restaurante cheio de cores, estrelas de led e livros amarelados. Uma foto que passou despercebida por mim fica perto da porta da cozinha. Reconheço Marco no meio de um grupo de homens, eles sorriem para a foto, os braços nos ombros dos colegas ao lado. Um caminhão vermelho ao fundo e o símbolo dos bombeiros na manga do uniforme cinza.

– Marco é aposentado.

Encontro Vera contemplando a foto. Centenas de recordações presas naquela foto.

– Ele sofreu um acidente? – pergunto lembrando da perna mecânica do cozinheiro.

– Sim. – Vera diz entristecida – Há quase dez anos. Os médicos não puderam salvar a perna, as queimaduras eram muito graves. Marco estava em coma induzido para não sentir dor e eu tive de autorizar a remoção da perna. Quando meu marido acordou e notou que algo faltava ele sofreu muito. Marco amava trabalhar como bombeiro, salvar vidas, esse tipo de coisa.

– Você não gostava tanto quanto ele. – noto pela maneira de falar que Vera, apesar de amar o marido, não gostava muito do antigo trabalho de Marco. A preocupação expressada nas marcas ao redor da boca. Preocupação essa que vi vezes demais no rosto da minha mãe.

– Acidentes acontecem, eu sabia disso. Pode soar egoísta, mas eu fiquei feliz por tê-lo em casa. Mas Marco não ficou. Ele entrou em depressão. – Vera conta enquanto gira a aliança dourada – Foi horrível. Ele dormia a dia inteiro e ficava acordado de madrugada quando estávamos dormindo. – ela espanta as lembranças ruins – Mas passou. Isso é passado.

– Vocês já tinham o restaurante?

– Não. – Vera sorri, ela encosta o cotovelo no balcão vendo o marido na cozinha – Ele começou a receber visitas de madrugada, amigos que trabalhavam com ele. Marco sempre gostou de cozinhar então ele fazia isso de noite. Os bombeiros começaram a jantar lá em casa e depois de um tempo a pagar pela comida. Eu tive de dar um fim nisso quando Elizabeth passou a ficar acordada com o pai e os amigos, ela dava muito trabalho para acordar no dia seguinte. Compramos o restaurando dois meses depois, esse lugar estava desocupado há dois anos. Demorou um pouco para deixar do jeito que

queríamos, é nossa segunda casa agora e um dos motivos que faz Marco sair da cama todos os dias.

– Você e Liz são o principal motivo. – digo sabendo que precisamos ouvir certas coisas mesmo tendo conhecimento delas.

A sineta da porta do restaurante toca.

– Kai – a voz de Locke se sobrepõe as outras, dou meia volta interessada em quem acabou de entrar no *Felix Felicis*.

– Bom Deus, - Vera sacode um pano de prato na direção do menino magrelo – Você desapareceu. Todos vocês, se bem quer saber. Onde a família Zenari se meteu?

Locke recebe o garoto com *aquele-tipo-de-aperto-de-mão-que-homens-nessa-idade-fazem*. Kai – o garoto magro e extremamente alto, de olhos levemente puxados e castanhos – fica envergonhado com toda atenção destinada a ele.

– Ei, cara, o novo membro da família já nasceu? – Pedro pergunta.

– Ainda não. – Kai responde com uma voz incrivelmente rouca e comedida – Falta pouco menos de um mês.

– Peça pra Ellie me avisar quando o bebê nascer. – Bia pede acariciando o barrigão.

Kai olha o tamanho da moça e sorri concordando. Ele e Locke alcançam o balcão. O garoto coloca as duas mãos nos bolsos dianteiros da calça, ele curva os ombros e encolhe o pescoço. Muita atenção. Entendo o sentimento. Kai é quase um palmo mais alto que Locke e vários centímetros maiores que eu. Sento no banquinho do balcão e ainda assim meu rosto fica na altura do seu peito ossudo.

– O que vai ser hoje querido? – Vera pergunta com carinho na voz – Algum desejo estranho?

– Graças a Deus que não – Kai agradece constrangido – Ela quer bolo de churros. E um pedaço de torta de limão.

– É pra já. – Vera se dispersa pegando o pedido – Seu pai está fazendo outra viagem?

– É – Kai assente – Ela fica sentimental sem ele por perto. Chora toda hora. – O garoto grunhe como se estivesse sofrendo internamente.

– Vai passar. – Vera garante tentando consolá-lo – É só até o bebê nascer.

– Como os monstros estão? – Locke senta no banco do outro lado deixando o garoto entre nós dois.

– Ansiosos. – Kai pensa um pouco – Destruindo a casa principalmente.

– Estão como sempre então. – Kai ri com os lábios fechados, esse garoto é tão sutil em tudo, até mesmo na risada. Como se não quisesse chamar atenção nem mesmo pra isso. Ele me pega observando-o e pisca os olhos castanhos na minha direção. Kai desvia o rosto.

– Oi – digo tomando iniciativa – Sou a Malia.

– Oi – Kai me oferece um sorriso contido – Meu nome é Kai.

Ele soa que vai terminar por ai mas então como se um meteoro invisível passasse na sua frente, Kai se vira na direção contrária.

– Epa. Então essa é a Malia– quando Kai diz boquiaberto outro meteoro se choca na cara do garoto e ele se vira pedindo desculpas – Tipo, é claro que você é quem diz ser, e só que Locke me contou algumas coisas...

Kai subitamente perde o ar no meio da frase.

– Pior que Amélia. – Locke resmunga

– Ah, entendo. – puxo a manga do garoto – E o que foi que Locke te disse?

Kai fica vermelho, depois roxo, ele prende a respiração e vejo uma gota de suor descer pelo seu rosto.

– Ai, cara. – ele reclama – Para de me bater.

– Locke – Vera chega fumegando, mas sorrindo ao mesmo tempo, se mostrando uma mãezona para os dois – Deixe o garoto em paz.

Kai fica aliviado com a intromissão, ele pega as sacolas brancas com o logo do restaurante e estende quatro notas.

– Coloquei alguns biscoitos para os pequenos. – Vera volta o troco – Sem reclamações Kai, e por conta da casa.

Ele suspira.

– Obrigado. - Kai oferece um sorriso tímido – Mesmo.

– Por nada querido. – Vera aponta para o teto de estrelas – Sua irmã disse que uma luz está falhando?

– Ah, é verdade. Sabia que estava esquecendo. – Kai procura um lugar para colocar as sacolas, estendo os braços e ele me entrega – Obrigado, vai levar dois minutos. Posso usar uma cadeira Vera?

– À vontade.

Kai sobe na cadeira e puxa do bolso da calça jeans um alicate e uma luz de led nova dentro de um saquinho. Ele encontra o led apagado entre os milhares de buraquinhos e o substitui pelo novo. Demora menos do que dois minutos. Kai recolhe a sacola dizendo outro agradecimento. A luzinha pisca

igualzinha a uma estrela recém-nascida.

– Foi você quem fez? – pergunto impressionada, Kai encolhe ainda mais.

– Foi.

– É impressionante. O trabalho que deve ter dado. – digo estarrecida sorrindo para os pontos luminosos.

– Meu pai me ajudou. Ele é eletricista. – ele explica deixando de lado todo o mérito.

– Kai é um gênio. – Locke elogia – Ele só é muito humilde para reconhecer.

Olhos castanhos são revirados. Sorrio. Kai enrubesce.

– Mais uma vez, obrigado Vera. – Kai fala – Prazer em conhecê-la Malia.

Kai diz isso olhando o chão.

– Igualmente. – digo não querendo deixá-lo desconfortável.

Kai bate a mão na de Locke estendida e se dirige a porta lançando um último tchau. Penso que ele é feito de medidas certas enquanto o vejo se afastar. Todo ângulos e leveza. Kai tem um cabelo sedoso e espesso, loiro nas pontas que balança conforme anda. O garoto aparenta querer sumir, se encolher até se tornar invisível. O efeito é definitivamente oposto, Kai pertence a todas as formas retas que tem. Ele é quase tão bonito quanto o garoto ao meu lado.

– Não vale babar. – Locke zomba e, por um segundo, noto certo sentimento no jeito como ele fala, mas isso some tão rápido quanto veio, feito fumaça no meio de um tornado.

Antes de Kai entrar no restaurante, guardei a história de Vera em um quartinho enfeitado de outras histórias perto do meu coração. É onde guardo a maioria delas, fictícias ou verídicas. Duas histórias em menos de um dia, a de Henri e agora a de Vera. Estou colecionando dezenas de histórias nos últimos dias e nunca passou pela minha cabeça que eu seria a protagonista de algumas delas.

Pulo o banco que me separe do garoto dos olhos verdes. Conto a história de Vera, ele ouve fazendo contato visual o tempo que a narrativa dura. Contato visual é uma das coisas mais perigosas que existem na terra, estou prestes a cair naquele mar verde e não sei se estou preparada para a queda. Nem para a dor inevitável.

– Acho que é esse é o motivo do restaurante abrir só de madrugada. –

gesticulado animada com a descoberta – Por causa dos amigos de Marco, eles continuam a vir aqui, não vem? Eu vi um caminhão de bombeiros aqui em frente.

– Não só os bombeiros. – Locke fala abaixando o olhar – Policiais também. O marido da Bia é um, eles tem um tipo de convênio com o restaurante.

– Como você? – pego o queixo dele e erguendo sua cabeça e levanto seu olhar – Você já sabia?

Locke sorri.

– Mas você disse que nós iríamos perguntar. – acrescento em seguida – Juntos.

– Eu precisava fazê-la voltar. – Locke diz pura e simplesmente. Meus dedos ainda seguram seu queixo, o começo da barba arranha minha pele quando interrompo o contato, sua pele pega fogo sobre a minha. Ele não desvia o rosto nos minutos que se seguem. Uma eternidade de segundos que pulsam em todas as minhas veias, nas orelhas e no coração.

Sou eu, por fim, que desvio o rosto. Não antes de ver a boca vermelha de Locke engolir em seco. Uma reação nervosa incomum pra ele.

– Malia – ele chama e não diz mais nada.

– Ajuda. – Locke se levanta ao som da voz de Bia – Estou entalada.

Rio vendo Bia afundada na cadeira, com os bracinhos balançando no ar. Locke a ergue do sofá com cuidado. Bia ajeita as roupas, puxando a camiseta larga, um pedaço da barriga ainda é visível. Ela acaricia o barrigão e abre a boca num bocejo.

– Vou pra casa. – Bia diz sonolenta – Thomas não vai sair cedo da delegacia e eu estou exausta.

– De jeito nenhum que você vai embora sozinha. – Locke não a deixa chegar até a porta – Pelo que eu saiba você não pode mais dirigir.

– É por isso que eu vim a pé. – Bia cruza os braços.

– Não acredito. – Locke fala como se estivesse repreendendo uma criança e não uma mulher que vai ter um bebê em pouco tempo – Thomas sabe disso?

– Por favor. – a mulher ignora Locke – Ele já se preocupa demais. E você também.

– Nada disso. – Locke segura os ombros de Bia – Vamos com você até sua casa. De carro. Está muito frio para sua condição.

– Estou grávida Locke. – Bia fecha os dedos – Não morta.

– Ótimo. Espero que continue assim. – Locke oferece o braço a Bia que aceita relutante – Vamos Malia.

Ele me chama. Vou até os dois e abro a porta para eles passarem. Dou uma última olhada no restaurante. Rachel e Liz conversam com Samira e Tereza, Pedro dorme no sofá com a boca aberta e dando leves roncos. Vera e Marco não estão à vista. Saímos sem nos despedir e somos recebidos pelo vento gelado. Bia treme e parece considerar a oferta de Locke.

– Henri não vai se importar de usarmos o carro? – Bia pergunta.

– Ele insistiria para usarmos. – Locke a tranquiliza.

Fico para trás até chegarmos a um carro branco que eu já ajudara a abastecer com as encomendas da confeitaria. A parte de trás é basicamente um frizer móvel, mas há um pequeno banco para duas pessoas também. Locke destranca o carro e entro na parte de trás cheia de aromas da cozinha de Henri. Ainda bem que não precisamos ligar a temperatura da parte de trás, pois tenho certeza de que congelaria com o frio que está fazendo. Fecho as portas duplas e sento no banco esfregando os braços para me aquecer.

– *Você é o tipo de garota que vai viver milhões de aventuras. – meu irmão disse certa vez me vendo abraçar a estante da biblioteca.*

– *Nos livros. – revirei os olhos na época incrédula – Você quer dizer.*

– *Não se preocupe, Malia. – Oliver falou feito um mago profeta, colocando tanto mistério na voz que quase me fez acreditar – Aventuras encontram as melhores pessoas.*

– *Ou as que não chamam por ela. – Oliver apertou minha bochecha, o que ele não tinha conhecimento era na força com a qual eu desejava que aquilo se tornasse verdade.*

Será que ele adivinhou o que me esperava. Não em aventuras com dragões e bruxos malvados. Aventuras como essas que estou vivendo nos últimos dias. Aventuras que desafiam todo o bom senso. Oliver viveu suas próprias aventuras, a maioria delas o levou de mim. Mas espero, realmente, que ele também tenha tido experiências que o fizeram feliz como estou sendo nesses últimos dias.

Abro os olhos que fechei sem perceber e reparo que Locke e Bia estão demorando a entrar no carro. Saio na rua, o pouco que consegui ficar quente vai embora.

– Locke? – chamo e ouço um resmungo em resposta. – Onde vocês...

Bia resmunga com o rosto vermelho, agarrada aos ombros de Locke que se curva para deixa-la se agarrar a ele. Os olhos verdes dele se arregalam em

completo desespero. A calça de Bia está molhada.

– Aí. Meu. Deus. Sua bolsa rompeu? – digo estupefata alcançando os dois. Bia morde os lábios e grunhe.

– Não sei o que fazer. – Locke pede ajuda segurando Bia. – Malia, não sei o que fazer. – sua voz soa como um fiapo assustado, nem quando Locke me defendeu do maluco que me atacou ele ficou com tanto medo como agora.

– Me coloque no carro. – Bia ordena – Vamos para o hospital. As contrações estão aumentando.

– Porque você não disse que estava sentindo contrações? – Locke pergunta chocado.

– Achei que era um alarme falso. Semana passada Thomas me levou pro hospital e não era nada. – Bia quase grita com lágrimas nos olhos.

– Hospital. – abro a porta do carro – Certo. Uma coisa de cada vez. Vamos para o hospital.

Bia entra no carro com nossa ajuda. Vou para a parte de trás e estou prestes a fechar as portas quando Locke se apoia no carro.

– Hospital, Locke. – digo nervosa – Temos que ir.

– Eu sei. Só preciso respirar um segundo.

Locke inspira rápido.

– Locke – procuro sua mão e seguro, ele agarra meus dedos – Nada de ruim vai acontecer.

– Coisas ruins acontecem o tempo todo Malia. – ele diz se apoiando em mim – Bia é... Ela é...

– Da sua família. – digo a ele – Eu sei. É por isso que você tem que entrar nesse carro agora e levá-la ao hospital.

Encaro Locke.

*Você consegue.* Digo apertando sua mão gelada.

O garoto confiante se transformou em um vulnerável. A apreensão dele me corrói por dentro. Quero abraçá-lo, quero prometer que tudo acabará bem. Não prometo. Ele mesmo havia dito que não podemos prever o futuro porque não temos controle sobre ele. Mas, neste exato momento, temos uma mulher grávida no banco da frente que precisa da nossa ajuda, da ajuda dele, principalmente.

– Tudo bem. Vamos lá. – ele finge um sorriso e fecha as portas de trás do carro.

Locke tenta ligar o carro duas vezes e o motor falha. Bia aperta o



estômago.

– Por favor, Petúnia. – diz ele tentando outra vez.

– Petúnia?

A gargalhada de Bia começa fraca e depois ganha força, Locke a olha sem entender de onde vem a graça, mas conforme a risada de Bia se espalha, os ombros dele começam a balançar e Locke ri junto com a mulher grávida enquanto eu observo os dois pela abertura entre o banco da frente e o porta-malas.

– Henri sabe que o carro dele chama Petúnia? – Bia provoca Locke.

A tentativa dela de acalmá-lo sofre efeito imediato. Ele abraça o volante encostando o rosto no círculo preto.

– Não fale assim. – sussurra Locke – Ela tem sentimentos.

Bia pousa os olhos ternos no garoto. Ela segura a mão dele que aperta a chave na ignição e juntos os dois giram. O carro ganha vida.

– Não se esqueça do cinto. – diz ela antes de encosta-se ao banco, uma mão na barriga, a outra ligando para o marido.

Locke esterça o volante e assim partimos rumo ao hospital. Observo o rosto de Bia se contrair e suavizar em seguida. Ela grita com o marido no celular, uma mãe perfeita tentando acalmar seu filho. A lua azul ilumina o carro, o resto da noite, as casas escuras com seus moradores adormecidos sonhando com infinitas possibilidades mundo afora. Em algum lugar aqui fora, Nicolas faz o mesmo, duelando contra uma criatura invisível. Pergunto-me se mamãe também batalha inconsciente, será que ela duela contra um monstro sem rosto ou seus pesadelos possuem identidade e dormem ao lado dela? Me pergunto se Oliver consegue sonhar, se ele pode fechar os olhos e descansar eternamente. Mas a imagem dele curvado em uma nuvem vendo sua irmã desaparecer nos lugares escuros da cidade; parece mais certa para mim.

As enfermeiras levam Bia em uma cadeira de rodas. Ela carrega na voz, nos gestos e no corpo, um misto de euforia e medo de desconhecido.

– Malia – grita Bia – Aquela proposta de cantar pro bebê para acalmá-lo ainda está de pé?

Fico ao lado dela enquanto Locke anda apressado segurando a mão da mulher. Ela olha de Locke para mim.

– Sempre. – respondo e deixo as enfermeiras entrarem nas portas duplas vai e vem típica de hospitais. Locke volta um pouco tempo depois quando é expulso da ala hospitalar por uma das enfermeiras. Ele caminha na minha direção, puxa os cabelos pretos e solta um suspiro preocupado.

– Vamos para sala de espera. – digo entrelaçando meu braço com o dele. Locke se apoia no meu corpo.

Ele fica sem falar absolutamente nada por quase quinze minutos. Suas unhas não sobreviverão a essa noite, o tap tap do sapato em direção ao chão ressoa pela sala toda. A recepcionista idosa lança um sorriso carregado de sabedoria, ela já deve ter visto cenas como essas incontáveis vezes.

– Irmão? – ela interroga reparando no meu braço que continua entrelaçado ao de Locke.

– É. – respondo quando vejo que Locke está longe.

– Os homens são sempre os mais aterrorizados. – ela sorri para si mesma e volta a se sentar ocultada pelo balcão.

Segundos depois as luzes de uma viatura espelham nos vidros da entrada do hospital. Três homens saltam do carro, um deles corre na frente carregando duas bolsas, uma delas é rosa e pequeninha. Uma máquina fotográfica gigante pendurada no pescoço balança conforme ele anda apressado.

Locke se levanta, esfrega as palmas na calça jeans e vai até o homem. Ele é bonito, mais baixo do que Locke, porém, mais musculoso. O rosto dele demonstra tanto medo quanto o de Locke há pouco.

– Não me diga que eu perdi. – ele chega até o garoto implorando.

– Eles a levaram para o quarto, mas o bebê não nasceu ainda. – Locke assegura.

O homem corre em direção as portas, ele entrega as duas bolsas para as enfermeiras e volta depois.

– Muito obrigada. – diz ele segurando o ombro de Locke – Sério, Locke, eu nem sei como te agradecer.

– Cuide dela. – Locke aponta com o queixo sorrindo para o policial.

– Pode deixar.

Ele desaparece nas portas vai e vem. Os outros policiais entram e dão tapinhas animados nas costas do garoto.

– Então você finalmente tirou a carteira de motorista. – o policial gorducho diz avaliando a reação de Locke.

– Bem... – Locke levanta as duas mãos – Não exatamente.

– Cara, você trouxe a Bia para o hospital sem carteira de motorista? – o outro pergunta.

– Não. Quer dizer, sim, mas, a bolsa dela rompeu! – Locke grita – Você queria que eu a carregasse a pé pra cá?

Os dois homens cruzam os braços, mas não conseguem evitar e caem no riso.

– Só estamos te zoando, Locke. – o gorducho diz – Mas, falando sério agora, você precisa tirar a carteira. Sem desculpas dessa vez.

Locke assente. O rádio preso no cinto deles começa a delatar uma ocorrência. Eles acenam com a cabeça e saem. As luzes piscam e o rosto de Locke ganha novas cores. Azul, vermelho, verde; sinto inveja de todas elas e quero beijar todas.

Ele senta-se novamente. Meu corpo irradia tantos sentimentos que chego a ficar tonta.

*Oliver, você já sentiu isso?* Desejo saber.

Locke não batuca o pé, ele relaxa no encosto do banco duro e presta atenção a qualquer movimento. Ele me pega observando-o. Locke analisa cada pequeno detalhe do meu rosto, ele vasculha as pequenas sardas. Faço o mesmo com ele, ainda não parei de me deslumbrar com seus olhos. A senhora da recepção decide sair da sala nesse momento e agora somos apenas eu e Locke e a lembrança que Oliver deixou.

Locke já sabe o que fazer quando vê o celular, ele procura nos meus dedos o fone dele e aguarda. Ainda vasculhando meu rosto, ainda vendo minha alma. A foto do meu irmão e minha pisca do outro lado da tela.

Dou play.

## Ed Sheeran - Photograph



Amar pode doer  
Amar pode doer às vezes  
Mas é a única coisa que eu sei  
Quando fica difícil  
Você sabe que pode ficar difícil às vezes  
É a única coisa que nos mantém vivos

E Oliver, do outro lado do mundo, em outra galáxia, cercado de estrelas e nuvens cor de limão, meu irmão – de forma misteriosa – sabe do que eu preciso. Ela sabe exatamente o que estou sentindo.

*Sempre.* Ele disse sempre e, talvez, agora eu perceba que essas músicas estão fazendo isso por ele.

Escorrego a cabeça deitando a bochecha no ombro de Locke, o casaco faz cócegas. Ele cheira a hortelã, baunilha, suor, amizade e coisas inexplicáveis. Quero guardá-las em um potinho mágico.

Nós mantemos este amor numa fotografia  
Nós fizemos estas memórias para nós mesmos  
Onde nossos olhos nunca fecham  
Nossos corações nunca estiveram partidos  
E o tempo está congelado para sempre

Nesse exato momento, com a voz do cantor embalando a noite, posso jurar que Locke e eu somos os únicos seres humanos acordados no planeta. Há uma calma do lado de fora que deixa cada parte do mundo bonita e, se eu pudesse escolher, pararia o tempo agora. O garoto abraça meus ombros e meu rosto vai descansar no seu peito que sobe e desce, sobe e desce. Ouço um retumbar acelerado onde estou com a cabeça e adoro o som daquilo. Acho tão lindo quanto a música tocando.

Então você pode me guardar no bolso  
Do seu jeans rasgado  
Me abraçando perto até nossos olhos se encontrarem  
Você nunca estará sozinha  
E se você me machucar, tudo bem querida

Apenas as palavras sangram  
Dentro destas páginas, apenas me abraça  
E eu nunca te deixarei ir  
Espere por minha volta para casa

Oliver me diz o que preciso saber. É a voz de outra pessoa. A letra de outra pessoa. Mas os sentimentos são meus, dele e do resto do mundo. Eu abraço Locke e meus olhos se fecham. Entrelaço meus braços na cintura dele e espero que Oliver fique guardado em mim, e, até eu virar cinzas sangrentas, até esse dia chegar saberei que há um pedaço de Oliver dentro das minhas lembranças preciosas. No celular surrado e em cada página da minha história.

Eu sinto meus ombros caírem, sinto o sono chegar, sinto que minha alma se entrega. Deixo as palavras remendarem outro machucado e abro outro, mas esse não dói. Esse é bom. Ele me faz lembrar que estou viva, inteiramente perdida e imensamente salva. Deixo que ele se ajuste ao meu corpo, contemplo os novos sentimentos, liberto os escondidos e assim como minha mente se leva pelo sono, me deixo levar por eles e nesse momento, não me importo se sairei machucada.

## 33

– Malia – a professora chama ao fim da última aula – Você não entregou o relatório sobre o trabalho. Espero que esteja fazendo-o. Você sabe que precisa da nota. – ela diz o mais suave que consegue.

– Estou quase terminando. – digo e sinto que não estou mentindo. Não dessa vez.

Locke precisou me acordar quando deram cinco horas. O bebê ainda não havia nascido.

– Vou te levar pra casa. – ele disse se espreguiçando.

Locke arrumou meus cabelos quando chegamos ao lugar em que pedi para ele me deixar. Ouvi o som do motor do carro até ele virar esquina na rua da minha casa. A música que escutamos acompanhou meus passos durante o dia. A carteira também foi ótima para o meu sono. Não anotei nem mesmo a data de hoje no caderno.

Estou prestes a sair pelo portão da escola quando me deparo com Rachel aguardando. Ela veio hoje com um short jeans e uma blusa vermelha e preta listrada e não ficou perto dos amigos, Rachel ficou o tempo todo com Liz e não deu atenção para os comentários dos outros alunos. Fico feliz por ela, mas não sei se devo ficar feliz com ela aqui fora me esperando.

– Vem. – ela manda – Eu moro perto da sua casa.

Vou com ela. Não deveria, mas, mesmo assim, vou. Rachel nunca deixou de mandar em todos, mesmo naqueles que não a ouviam, mas é fato que sua voz de comando é intimidante.

– Você sabe onde eu moro? – questiono.

– Seu irmão me mostrou uma vez. – fala ela apertando a alça da mochila.

Não acredito no que ouço. Outra lembrança de Oliver se forma na minha cabeça, ele no meu lugar, caminhando ao lado de Rachel, rindo com ela. Essa garota é a última pessoa que eu pensaria poder dividir comigo qualquer coisa sobre Oliver, mas aqui estamos nós. A menina dos livros e a menina que machuca com palavras.

Quem diria.

Um menino do primeiro ano andando lentamente na mesma direção nos encontra lado a lado e arregala os olhos. Uma imagem e tanto, devo

confessar. Rachel o ignora, do jeito como ignora qualquer um que não seja do interesse dela.

Cem metros. Duzentos. Uma guinada brusca embaixo de uma árvore. Bolinhas de sol cruzam o rosto de Rachel.

– Seu irmão nos pegou uma vez. – ela vai direto ao ponto, sem rodeios – Eu e Liz. Estávamos nos beijando escondidas e ele apareceu do nada e viu.

Rachel bate com o punho fechado sobre a coxa.

– Eu fiquei apavorada. – ela ri e não há nenhum humor ali – Ele poderia contar para escola inteira.

*Poderia.* Mas não fez.

– Mas, você sabe o que ele fez? – Rachel não espera uma resposta – Ele disse que não contaria a ninguém.

Porque não é interesse de ninguém, penso. Meu irmão nunca faria isso.

– Ele também disse, – fantasmas de Oliver giram ao redor dela – seu irmão falou antes de virar as costas e ir embora que não havia nada de errado ali para que eu me envergonhasse.

Ela cruza os braços e olha para a copa da árvore. Ela sorri para o céu. Talvez ela esteja sorrindo para o meu irmão, quero acreditar que sim. Rachel espera o relato dela entrar nos meus ouvidos e ficar guardado junto com o fantasma de Oliver.

– Foi a primeira e única vez que alguém disse algo legal sobre... – ela faz gestos – Eu e Liz. Oliver também nunca contou sobre o que viu aquele dia. – ela termina.

Rachel encara minha reação antes de prosseguir.

– Mas eu fiquei com medo e você foi a forma que eu encontrei para lidar com isso. – ela explica – Não é uma desculpa. Não espero que me desculpe, Malia. Eu fui uma vadia com você.

Seus cabelos louros ficam dourados no sol e ela aguarda. Qualquer coisa; gritos, tapas, que eu saia contando que ela ama uma garota. Não farei nada disso. Em vez de gritar ou fazer algo que talvez Rachel faria, eu viro as costas e começo a andar deixando a garota para trás. Quando chego a uma boa distância me viro de volta e a vejo ali, embaixo dos galhos cor de palha. Rachel tinha tanto medo de ser machucada pelas palavras dos outros que acabou usando as próprias palavras como armas, mas eu não sou assim. Quero que ela saiba disso.

– Rachel – ela me olha quando a chamo – não vou contar. – garanto a ela – Mas, se quer saber, meu irmão estava certo. Você não deveria se

envergonhar ou esconder o que sente.

Com isso, sigo em frente. Largo Rachel tremulando com a sombra das folhas, pensando no que eu disse, sufocada com os sentimentos que não deixa ninguém ver.



## Terceira Parte: *As Últimas Três Canções*



34

Os passos batem no chão.

Tup. Tup. Tup.

Procuro com o canto do olho, só ouço os passos e uma sombra que se esgueira por cima de mim. Alguém está me seguindo e tenho medo de descobrir quem é e mais medo ainda de não saber. Eu acelero o passo, a pessoa atrás de mim também. Entro em uma rua deserta e a sombra faz o mesmo.

Um homem. Pelo que eu posso ver da sombra.

Um homem, desconhecido, conhecido? Não tenho certeza. Nicolas disse que iria embora ontem à noite e mesmo se ele ficasse, Nicolas nunca faria isso, ele anunciaria que é ele.

Os passos continuam. Uma ideia, qualquer uma, por favor. Pense, Malia. O que você vai fazer? Ficar aqui e deixar que ele te pegue ou você vai lutar?

Pense. Pense. Pense.

Não agora, eu imploro. Ainda não terminei. Ainda faltam três músicas. Ainda não conheci o bebê. Ainda não disse para Locke tudo o que preciso dizer.

O sol é encoberto por uma nuvem negra e a rua fica subitamente escura. As casas do bairro formam garras esqueléticas cercando, cercando, cercando.

Eu deveria ter ficado mais tempo com Rachel. Deveria ter seguido o caminho com ela. Deveria. E se. Essas palavras vão me matar. Rachel, que me pediu desculpas do único jeito que sabe. Pelo menos finalizamos isso. Antes. Do que está prestes a acontecer.

Ele vai me trancar em casa. Como faz com mamãe e então seremos eu e ela e todas as lembranças que guardamos. Comeremos segredos.

Tup. Tup. Tup.

O homem não se cansa. Dou voltas e mais voltas, sigo reto, viro bruscamente, procuro uma loja na qual eu possa me enfiar.

Uma loja.

Uma confeitaria.

Henri!

Você consegue chegar lá, Malia?

Pense.

Qual é a distância?

Seguir reto por mais dois quarteirões. Posso cortar caminho na praça e então sairei na rua da confeitaria.

Reto.

Um quarteirão.

Os passos continuam.

Dois quarteirões.

O homem vem atrás.

Vejo a praça daqui.

O muro pintado. Os olhos de Oliver.

Girando. Ao redor das minhas lembranças.

Mais um pouco.

O tênis esfrega no asfalto e a borracha queima.

Mais um pouco.

Uma bolha se forma no meu calcanhar.

Mais um pouco e estou na praça.

Atravesso os galhos.

Onde foram todas as pessoas? Não há ninguém aqui. Nem uma única pessoa viva.

Bato os braços nos galhos, sinto os espinhos cravarem suas pontas afiadas nas minhas calças e o homem fica ofegante. Ele vai dizer algo, pedir que eu pare, mas não o deixo fazer nada disso. Eu disparo. A praça não tem fim. As plantas se fecham e balançam com o vento e eu me sinto como Dorothy sendo pega por um tornado.

O homem corre.

Eu corro.

A confeitaria. O asfalto quente. Os espinhos na pele. Corro. Com toda a força, com todo o empenho que tenho.

Quinhentos metros até lá.

O homem ficou atrás de mim. Quase não ouço seus passos, mas eles

estão.

Tup. Tup. TUP. TUPTUP. Vou te pegar.

Cem metros.

Oliver caído.

Oliver morto.

Oliver enterrado.

Três músicas.

Dez metros.

A porta.

– Henri – grito sufocada, ofegante – HENRI! – esmurro a porta.

O homem vem.

Dou uma olhada.

A luminosidade dói. Vejo um corpo magro. Cabelos iguais aos meus, pretos sem graça. Não é meu pai, mas também não quero saber quem é.

– HENRI – outro grito, outro soco na porta – Por favor, Henri.

Meus joelhos enfraquecem. A porta se abre e um braço branco, contornado de veias azuis e verdes me puxa pra dentro. Fecho a porta, tranco com a chave e encontro o peito de Locke. Sinto como se meus braços empurrassem a superfície lisa de águas turvas e emergo com a boca escancara, respirando ar puro.

– O que houve? – Locke me sacode.

Passarinhos erguem ninhos no topo da minha garganta, me esforço para falar e Locke sacode meus ombros.

– Alguém. – arranho a porta – Me seguindo, lá fora. - é máximo que consigo.

Locke me ultrapassa e abre a porta, solto um grito afogado, mas ela já está lá fora antes que eu possa impedi-lo.

Ele vai matá-lo. Oliver murmura.

Um minuto. Cinco. Sete.

Locke permanece sete minutos do lado de fora e eu não reúno coragem para segui-lo. Ele volta, manchado com a luz do sol, duas marcas entre as sobrancelhas. Ele volta pra mim.

– Não há ninguém lá fora, Malia. – diz ele suavemente, olhando para minha reação como se eu fosse louca.

Ele não poderia estar mais correto.

»

Lola acorda devido ao som alto. O meu som alto. Ela vem rebolando à medida que anda, seus pequenos e miúdos olhos castanho retraídos devido ao sono. A cachorra lambe meus dedos e sobe no meu colo como se dissesse: “*Estou aqui*”. Abraço seu corpinho peludo e quente. Ela tomou banho recentemente e seus pelos têm cheiro de coco. Beijo sua orelha, o nariz molhado e ela lambe minha boca. Sorrio.

Locke também estava dormindo antes da minha aparição. Os pelos quase brancos da cachorra estão espalhados pela sua roupa.

– Desculpe acordar vocês. – digo aos dois arrependia por ter surtado.

Tenho a sensação de aquilo que acabou de acontecer era real e ao mesmo tempo pode ter sido apenas uma peça pregada pela minha mente devido à falta de sono e ao estresse dos últimos dias.

– Sem problemas. – Locke entrega um copo com suco de laranja e um sanduíche de queijo derretido. Entrego um pedaço a Lola.

Locke cruza as pernas no sofá em frente ao que estou sentada, é a primeira vez que venho a casa de Henri e Amélia. Apenas uma porta separa a confeitaria da casa roxa; paredes roxas, sofá roxo, louça rosa. Alguns móveis rústicos, fotos dos três: Locke, Amélia e Henri. Uma TV grande e muda exibindo o noticiário local, um amontoado de cobertores onde Lola se deita. Um lar simples e aconchegante.

Engulo o resto do pão sem muita fome, enquanto eu termino, Locke lava a louça recém-usada. Ajudo-o a enxugar e guarda nos armários brancos de madeira.

– Melhor? – ele quer saber.

– Sim. – sento ao lado de Lola – Obrigada.

Locke senta com os cotovelos apoiados nos joelhos, as mãos entrelaçadas, o queixe entre elas.

– Tem certeza de que alguém estava te seguindo? - pergunta ele.

Acaricio as orelhas macias de Lola e ela mexe a cabeça pedindo mais. Se tenho certeza? Bom, não, eu não tenho certeza. Há quase um ano atrás eu tinha certeza de que meu irmão passava por uma fase e olha só onde chegamos. Há quase um ano atrás eu tinha certeza de que meu pai nos mataria depois que Oliver se foi e continuamos vivas. Noite passada eu tive a certeza de saber nomear o que sinto quando Locke está por perto e, bem, isso não mudou. Mas se eu tenho certeza de que um homem estava me seguindo? Não tenho tanta certeza disso.

– Sim e não. – respondo apertando as dobras fofas de Lola – Eu tinha

certeza e agora não tenho mais.

– Certo. – ele diz – Tudo bem.

Porém, não está tudo bem, não pelo jeito ansioso como Locke fala.

Tenho três músicas.

E então será o fim.

Busco o celular na bolsa e Locke senta ao meu lado. Ele cruza as pernas, faço o mesmo e nossos joelhos se tocam. Ele me cobre com um cobertor azul e Lola se aconchega no meu colo, apenas a cabeça pra fora.

– Faltam três músicas. – digo, mas o que eu quero dizer é que temos apenas três músicas até tudo acabar.

– Existem mais músicas no mundo. – Locke fala, mas, para mim só existem três e depois nada mais.

Um toque na tela. Clique. Lola levanta as orelhas escutando conosco. E agora somos quatro. Duas pessoas vivas, uma morta e uma cachorra.

### **Never Shout Never – The Past**



Eu canto músicas sobre o passado  
E como eu fui criado e despedaçado por completo  
Porque eu não me importava em ir à escola

E eu vi o olhar nos olhos dela  
Minha mãe quase chorou quando eu contei pra ela que queria ir  
Só para provar que eles estavam enganados

A canção é lenta e a voz do cantor soa como alguém querendo gritar, mas ele sussurra, sua voz se arrasta e a melodia rodopia calmamente. Um faixo de luz do sol em frente mostra minúsculas partículas de poeira indo e vindo. Lola tenta pegar as poeirinhas com a pata.

Lembro-me do meu pai soltando farpas pela boca, gritando com Oliver, dizendo que meu irmão seguiria as regras enquanto vivesse na casa dele. Lembro de capas de CD sendo arremessadas e esmigalhadas contra a parede, contra Oliver, contra os sonhos do meu irmão.

– *Você não precisa ser assim.* – Oliver implorou com um disco prateado quebrado em dois nas mãos.

Hoje eu me questiono se ele disse aquilo para nosso pai ou para si

mesmo. Meu pai perdeu o filho perfeito quando Oliver se ergueu contra ele, mas Oliver perdeu uma vida inteira de possibilidades.

Peço por socorro  
Esta cidade não vai receber todas as coisas que eu quero, as coisas que  
eu preciso  
E eu vou ficar e vou implorar  
Eu estou em meus joelhos  
Mamãe oh mamãe, por favor deixe-me sair

*– Me deixe ir, Malia. – ele pediu na última noite em que eu o vi vivo. Minhas unhas estavam cravadas na sua pele e eu o deixei partir. Soltei meu irmão e o libertei, a alma de um passarinho escorregando por entre meus dedos. Para nunca mais voltar.*

Peço por socorro  
Esta cidade não vai receber todas as coisas que eu quero, as coisas que  
eu preciso  
E eu vou pedir  
Tudo o que eu sempre quis era amor

Oliver era bom demais para esse mundo. Bom demais para viver despedaçado. Dizer isso me conforta, me convence de que Oliver não poderia viver em um lugar ordinário, pois ele era muito melhor do que todos nós juntos.

»

– O que vai acontecer quando as músicas acabarem? – Locke interroga enquanto segura minha mão impedindo que eu toque no ícone da próxima música.

– Acho que vamos descobrir. – falo, olhando para a imensidão verde dos seus olhos.

Ele não gosta da resposta, é a única que tenho a oferecer. Ele pressiona nossos dedos no ícone da próxima música e fazemos isso como temos feito durante os últimos dias: juntos.

**The Head and The Heart – Another Story**



Estas são apenas chamadas  
Queimando em sua lareira  
Eu ouço sua voz e parece  
Como se tudo fosse um sonho  
Eu queria que fosse tudo um sonho

Locke pausa a música na primeira estrofe. O garoto se levanta e oferece a mão, ele faz uma reverência.

– Vamos fazer isso direito. – Locke pega minha mão, ele me encaixa entre seus braços e coloca uma palma na minha cintura e a outra segura meus dedos febris – Um pouco de clichê nunca fez mal a ninguém.

– Não sei dançar. – digo retrocedendo.

– E quem disse que eu sei? – ele sorri maroto, desconecta o fone de ouvido e pausa o celular no sofá. Aperta o play e a música recomeça. Lola observa curiosa, a orelha pra cima, a cabeça inclinada.

Toda vez eu ouço outra história  
Oh, o pobre menino perdeu sua cabeça  
Todo mundo se sente um pouco louco  
Mas vamos vivendo com isso  
Sim, eles vão viver com isso

Somos transportados para dentro da música, eu sou a menina que perdeu a cabeça e não Oliver. E tudo bem, perder a cabeça de vez enquanto faz parte do processo de amadurecer. Tudo bem se sentir louco, pois é exatamente o que sinto quando Locke me gira nos seus braços e abraça minha cintura. É exatamente o que sinto quando ele me inclina e meus cabelos tocam o chão e o estou sorrindo de ponta cabeça. Estou louca por esse garoto de olhos verdes e é apenas isso.

Eu vou te dizer uma coisa  
Não vamos mudar muito  
O sol ainda se levanta  
Mesmo com a dor

E nós vamos sobreviver a todos esses sentimentos. Vou sobreviver como tenho sobrevivido à perda de Oliver. Vou adentrar as ruas como o sol faz toda a manhã mesmo sofrendo com a perda da lua. Eu me levantei todos os dias

desde que Oliver se foi ainda que a dor me jogasse em correntezas fortes de amargura.

Podemos seguir em frente  
Como um dia fizemos?

Podemos Oliver? Seguir em frente? Talvez Oliver não quisesse compartilhar essas músicas pura e simplesmente. Meu irmão quis me preparar com elas, ele colocou cada centímetro do seu coração nessa lista. Ele não escreveu cartas como escrevi para Nicolas. Ele deixou músicas para trás. Talvez ele soubesse que morreria, talvez fosse só uma questão de tempo e talvez essas músicas sejam uma mensagem. Uma espécie de farol no fim de uma jornada dizendo que as coisas não serão ruins para sempre, dizendo que eu tenho que acreditar, porque se eu não puder fazer isso, por mamãe e por mim. Quem mais fará?



# 35

– *Malia – chiado, chiado, chiado – Sou um péssimo cantor, você sabe. – silêncio – Espero que a melodia compense minha falta de afinação. Essa música é pra você.*

## Adeus, garota de papel



Você vê aquela garota de papel  
Ela vive em um mundo dourado  
Cercado por homens de letras, vestindo armaduras de palavras  
Você vê aquela garota de papel  
Ela sonha com o mundo  
Do mesmo jeito que sua mãe sonhou

Ela não tem ideia do quanto é linda  
E do quanto eu a amo  
Você não sabe o quanto é forte, garota de papel?

O amanhã sempre chega  
Mesmo que eu não esteja ao lado dela  
É por isso que digo adeus  
Meu Deus, ela não sabe o quanto sentirei a falta dela  
Espero que ela me perdoe  
Mas eu sou só papel e estou molhado  
Despedaçando

Você vê aquela garota de papel  
Ela não tem ideia do quanto é linda  
E do quanto eu a amo  
Você não sabe o quanto é forte, garota de papel?

Ela acreditou em um homem quebrado  
Que partirá seu coração  
Garota de papel, eu te desejo o universo

E todas as histórias que você puder viver  
Você vê aquela garota de papel  
O coração dela é feito da pedra mais preciosa  
É por isso que eu digo adeus  
Pois você sobreviverá, garota de papel

Você vê aquela garota de papel  
Ela não tem ideia do quanto é linda  
E do quanto eu a amo  
Você não sabe o quanto é forte, garota de papel?

Oliver chora na gravação, a última estrofe saiu tão arrastada que chega a doer. O celular continuou tocando a playlist enquanto eu estava rodando em círculos com Locke e agora estou prestes a cair. Pego o pedaço de metal e escuto meu irmão se despedaçar como o homem de papel. Ele chora perto do microfone que deve ter usado para gravar a música, ele funga uma, duas, cinco vezes até desligar o gravador.

E então estou correndo para fora daquela casa, para longe de Locke. Ouço Lola latir e o garoto ordena que ela fique dentro da casa. Corro rumo ao meu irmão Corro rumo ao homem de papel.

*Ela não tem ideia do quanto é linda.*

*E do quanto eu a amo.*

A chuva fraca embaça meus olhos e as gotas doces se cruzam com as salgadas descendo pelo meu rosto. Oliver disse adeus e eu estou indo ao seu encontro. Eu corro e minhas pernas doem tanto tanto tanto. Quero parar e socar o chão. Quero que o mundo pare de girar. Quero meu irmão de volta.

Oliver disse adeus. Até esse momento eu pensei que meu irmão se foi sem se despedir, mas seu adeus estava guardado dentro de um chip de memória, sua voz cortada contorce todos os meus órgãos. A bile sobre por minha garganta, azeda, forte, destroçada. Paro para cuspir o que meu estômago não consegue conservar. Mãos geladas cobrem meu pescoço, fazem um nó no meu cabelo.

Locke

– Sai daqui. – empurro suas pernas e volto a cuspir.

– Não. – ele revida.

Ele limpa minha boca com a sua camiseta e esse gesto é demais. Começo a chorar, dessa vez sem me importar se ele está vendo, choro como nunca chorei na vida. Locke me aperta contra seu peito e me deixa

desmoronar nos seus braços. Minhas pernas falham e ele vai comigo de encontro ao chão. Estamos de joelhos e estou manchando sua camisa com vômito e lágrimas e ele não se importa.

Locke é a rocha na qual eu me agarro. Ele não cambaleia um só segundo, o garoto me mantém firme e deixa que rios salgados evaporem no ar. Meu coração é comprimido no peito e sangra pela garota de papel. O sangue mancha o mundo dela e então não resta mais nada além do agora e do garoto que a mantém segura.

- Meu irmão está morto.
- Eu sei.

A chuva cai pesada nos vidros do carro, os coqueiros são jogados contra o vento, uma folha é arrancada e voa antes de atingir o chão e ser esmagada pelas bolotas de água.

O cemitério é um lugar deprimente. Lápides cinzas, terra vermelha, fotos assustadoras. Morte por todo lado. Estive aqui uma única vez quando enterramos Oliver; mamãe e eu sozinhas em uma tarde ensolarada. Ao contrário do que os filmes mostram – naquela tarde em que meu irmão foi enterrado – fazia sol. Uma garota e uma mulher observaram o coveiro abrir um buraco e abaixar o caixão simples de madeira escura. O máximo que conseguimos para Oliver. Um caixão, uma cova, duas pessoas para lamentar por ele.

Meu pai não veio. Ele teria jogado Oliver em qualquer lugar se pudesse, mas as aparências custam caro, então ele nos permitiu fazer um enterro de duas pessoas e um cadáver.

O sol no dia estava no pico do céu, mandando calor suficiente para fazer minhas roupas grudarem nas costas. Não senti absolutamente nada além do calor, acho que existe um tipo de anestesia natural que pessoas em luto produzem. Eu poderia ser atropelada por um trem e continuaria sem reação.

– Ele não está aqui.

Locke me levou com o carro de Henri. Foi bom o confeitiro não estar em casa naquele momento. O garoto me estuda com os braços em volta do volante.

– Malia...

– É loucura. Não precisa falar. – corto Locke – Mas eu não o sinto aqui. O cemitério é... Não é onde ele está.

– Eu não ia dizer que é loucura. – diz ele ligando o carro, os olhos encarando a rua deserta – Onde ele está Malia? Qual é o lugar que seu irmão mais ama no mundo?

Sei a resposta.

»

– Rosa? – chamo a mulher à medida que entro na biblioteca, faltam duas horas para a escola fechar e preciso da ajuda dela.

A secretária da escola olhou Locke desconfiada, mas depois que me viu deu de ombros e voltou a conversar ao telefone. A biblioteca fica ao lado da secretaria, do outro lado é a diretoria e no fim do corredor a sala de informática fica em frente ao lugar onde estamos prestes a ir, mas antes eu preciso da chave e Rosa pode me ajudar com isso.

– Malia – minha amiga sai do meio de duas estantes com livros nos braços – Pensei que estava ouvindo coiiiisaas. – ela prolonga a última palavra vendo Locke encostado na parede, ele acena.

– Esse é o Locke. – digo esperando que ela se lembre da nossa conversa.

– Ah, sim. – Rosa diz mirando sua atenção no garoto – Você não disse que ele era, assim, tão bonito. – ela sussurra.

Reviro os olhos e Locke sorri.

– Obrigada. – Locke tira um chapéu invisível da cabeça e se curva em uma reverência.

Rosa adere a brincadeira e finge usar um vestido bufante, pegando os lados, ela cruza os tornozelos e se curva sorrindo.

– O que posso fazer por vocês? – Rosa pergunta colocando os livros na estante.

– Rosa, - caminho até ela – você tem a chave da sala de música? Precisamos dela. – engulo – Eu preciso.

– O que aconteceu? – Rosa segura minhas mãos.

– Oliver – murmuro – Era o lugar que ele mais amava. Preciso ficar lá um pouco.

Rosa pega um molho de chave na bolsa. Ela entende, ela não questiona, ela me apoia. Como sempre fez.

– Essa é a chave da sala. – ela pega duas chaves do molho – A outra é a da porta da secretaria que dá direito na rua. Fique lá o quanto precisar, você me devolve depois. – Rosa aperta meus dedos nas duas chaves, do jeito que fez com o colar que me deu.

– Obrigada, Rosa. – abraço a mulher, ela me aperte nos seus bracinhos.

– Você sabe onde me encontrar se precisar. – Rosa sussurra nos meus cabelos e depois me solta. Deixo minha amiga com os braços ao lado do corpo, um quase sorriso na face, o calor do seu corpo ainda me aquece.

»

A sala de música é uma caverna: os cantos são escuros, desprovidos de luz e o centro é iluminado por um holofote preso na estrutura de metal perto

do teto. Papéis estão jogados entre as cadeiras e no pequeno palco de madeira. Entro na sala catando o lixo. Uma partitura rasgada, um papel de bala, um clipe prateado torcido. Abandonada, essa sala é assim. A escola não contrata um professor de música há quase dois anos, mas os instrumentos continuam disponíveis para quem quiser praticar.

O violão que Oliver usou para gravar a música está posicionado em um canto da sala, uma corda arrebitada, riscos na madeira clara. É triste ver os instrumentos jogados, largados, sem uso adequado. Sem Oliver e sem Nicolas. Pego o violão e sento com ele no colo, dedilho as cordas, o som é péssimo.

Locke explora a sala, ele pega uma baqueta do chão, observa a guitarra velha. Ele dá voltas pelo local escuro e sorri quando me pega encarando.

– Entendo porque ele gosta daqui. – diz ele.

Amo o fato de ele dizer gosta e não *gostava*.

– Não sei o que fazer agora. – admito. A urgência de algo ainda está presente, mas não sei o que fazer com ela.

– Você sabe sim. – Locke incentiva se acomodando em uma cadeira – Se seu irmão estivesse aqui, Malia, o que você faria? O que você diria a ele?

– Tantas coisas. – balanço a cabeça, o violão no colo sente falta de Oliver. A sala grita Oliver em todos os lugares. Ele está em todas as músicas que me deixou. Ele está em toda a minha alma, em toda essa sala.

– Então diga. – encoraja Locke – Fale pra ele, Malia.

– Oliver era – aperto o violão – era o irmão mais incrível do mundo. Eu posso contar nos dedos o número de vezes que nós brigamos, era Oliver quem nunca resistia e vinha me pedir desculpas mesmo se ele estivesse certo. Ele ama música, – abro os braços mostrando a sala – ele vivia e respirava música. Oliver poderia ser o que ele quisesse ser, ele era bom assim, mas acho que sou um pouco suspeita para falar.

Locke ri.

– Meu irmão sempre tentava ver o que as pessoas tinham de melhor. Ele tirava coisas boas de situações ruins. Ele tinha uma esperança inabalável. – respiro fundo – Não durou para sempre. Eu não sei quando começou ou o que o levou a fazer o que fez, mas Oliver, ele – não acredito que direi em voz alta, essa confissão guardada por tanto tempo – começou a usar drogas.

Tusso as palavras como se fossem tóxicas. Locke suspira.

– Oliver e Nicolas, havia dias em que eu pensava que eles não conseguiriam chegar em casa. É uma coisa horrível, ver seu irmão se

destruindo bem na sua frente e não conseguir fazer nada. Oliver não comia, não se esforçava na escola. Ele emagreceu muito rápido, no fim Oliver estava péssimo. Era quase como se ele já estivesse morto. Como se ele quisesse estar morto.

Não estou preparada para o que vem a seguir. Eu lidei com o pesar, com a tristeza, a nostalgia, com medo, o desespero. Todos esses sentimentos vieram à tona uma hora ou outra. Mas não raiva, nunca raiva. Por isso, quando ela aparece, não tenho forças para segurá-la. O sentimento é maior do que eu e precisa ser libertado. Tenho medo do que ficou guardado por tanto tempo. Sinto um turbilhão fervente esmagar meus ossos e sair em disparada.

– Você foi um idiota, Oliver. – grito batendo as articulações dos dedos no chão – Você sabia que era um caminho sem volta, você era esperto demais para não saber. Eu o odeio por isso. Odeio. É isso mesmo, Oliver, eu te odeio por ter me trocado por heroína, eu te odeio por não ter parado. Odeio cada parte de você que escolheu morrer. Você me deixou sozinha. – as lágrimas, o sal, o batimento acelerado no peito, palavras horríveis saindo da minha boca, palavras que me libertam – Você não se importou com o que aconteceria comigo. Eu odeio a droga daqueles sacos brancos que o faziam ser outra pessoa. Odeio as drogas por terem te levado e odeio Nicolas por ter feito o mesmo, mas Nicolas está aqui e você não, por isso te odeio mais.

Locke retira o violão do meu aperto. As cordas ficam impressas no meu copo, caminhos vermelhos e fundos. Como a raiva que sinto.

– Você odeia o que seu irmão fez, Malia. – Locke comenta – Não ele. A pessoa que ele é.

– Que ele foi. – corrijo.

– Não. – Locke diz enquanto cruza a sala prendendo o violão no suporte certo – Quem ele é. A morte pode apagar muitas coisas, Malia, mas nunca as pessoas, nunca quem elas são para nós. Você o ama menos agora porque ele está morto? É isso que você precisa colocar na cabeça. Seu irmão tomou um caminho errado, como você mesmo disse. – Locke apoia as mãos no chão se sentando, suas articulações soltam um estalo agudo – Mas quem ele é para você, o que ele fez por você, isso não pode ser mudado. Você pode escolher guardar as coisas boas, agradecer por elas, ou se concentrar nas ruins, o que não leva a nada. O que vai ser, garota da cidade grega?

Locke sorri. Abertamente. Lindamente.

– Eu o amo. – digo em voz alta – Eu jamais irei amá-lo menos. Mas não sei se estou preparada para dizer adeus.



– Não diga adeus, então. Você não precisa dizer adeus, diga o que você quiser.

Abaixo o rosto. Locke aguarda; compreensivo, paciente, real. Tão real quanto Oliver é. Tão real quanto o sinto.

– Não vou dizer adeus, Oliver. – respiro fundo – Porque não posso. Adeus é uma palavra muito forte, não é certa pra mim. – levanto os meus olhos, me concentro em Locke – Vou dizer obrigada. Por tudo. Por ser meu irmão. Por ter me protegido. Pelas lembranças maravilhosas e as músicas lindas. Obrigada, por ser quem você é. Pelas marcas que estão impressas em mim. Por ter te conhecido. Obrigada, por ter uma alma tão gentil. Obrigada. Obrigada. Obrigada. Por ser minha âncora. Você foi meu suporte por tanto tempo, aquilo que me fez ficar, mas, agora percebo que posso ser minha própria âncora. Obrigada por isso também. Eu amo você, Oliver, e não existem palavras suficientes para isso.

*Obrigada, Ollie, e até um dia.* Acrescento, mas não digo em voz alta. Oliver ouve, presta atenção, qualquer que seja o lugar que ele está, sei que ele entende e que me ama.

Eu não poderia ser mais grata.

## 38

- Ei, você tem alguma ferramenta no carro?
- Acho que sim, por quê?
- Vamos precisar.
- Vamos?
- Sim e depois precisamos passar em um ferro velho.
- Não vou perguntar.
- Ótimo.

A noite chega serena, sem fazer barulho, monumental. O silêncio que paira dentro do carro é confortável, o tipo de silêncio de pessoas que dividirão algo grande, significativo. Temos uma parada planejada e depois não sei o que vou fazer. Penso no que mamãe está fazendo vendo que as horas passaram e eu ainda não cheguei em casa, penso se ela tentará esconder do meu pai meu sumiço. Tenho esperança de que ela saiu para me procurar, mas isso é improvável, mas talvez eu esteja errada.

Henri liga. Locke diz que está comigo, que não aconteceu nada de ruim, que vamos nos cuidar. Henri acredita ainda que preocupado, ele confia em Locke.

– Você vai conhecer Amélia amanhã. – diz ele – Ela está eufórica.

– Espero que ela não se decepcione. – estou pensando que talvez Amélia não me conheça *amanhã*. Torço pelo contrário. Três músicas não são o bastante.

– Ela não vai. – Locke afirma com o tipo de voz que não abre brechas para discussão.

O endereço de Rosa ficou guardado em convites recusados de festas de crianças, almoços de família, um cinema em casa. Oliver às vezes chegava até a porta – eu ia atrás cruzando os dedos à espera de que daquela vez ele fosse – mas, depois meu irmão se voltava mandando desculpas em forma de mensagens de texto para Rosa. Ela nunca se mostrou magoada com a nossa recusa. *Somos tímidos, não queremos incomodar*, ela se contentava com essas explicações. Refazia os convites ainda assim.

A porta vermelha com fechadura dourada é tudo que espero que a casa da bibliotecária seja. Um pequeno jardim na frente ostenta rosas amarelas podadas perfeitamente. Uma árvore cortada em formato de bola, grama aparada e verde. Rosa precisa saber a verdade. Oliver gostaria que ela soubesse.

– É aqui? - Locke pergunta como se eu já tivesse vindo a essa casa alguma vez.

– É. - respondo conferindo o número 533 impresso em números redondos ao lado da porta.

Salto do carro e o garoto me acompanha. A noite esfriou e Locke cobriu

meus ombros com o sobretudo preto. O cheiro de hortelã aquece meu corpo. A presença contínua do garoto ao meu lado aquece meu coração. Não hesito, como pensei que hesitaria, toco a campainha e ouço passos apressados vindo em direção da porta. Uma pequena disputa acontece do outro lado até que porta a vermelha é aberta e duas meninas arregalam os olhos azuis na nossa direção. A filha mais velha de Rosa, com treze anos agora, adquire diferentes tons de vermelho quando vê Locke. A outra mais nova que deve ter sete ou oito anos abre a boca ao mesmo tempo que me puxa para dentro da casa.

– Mãeeeeeee – a menina com duas trancinhas grita – A Malia tá aqui.

– Você é mesmo real? - a mais velha diz enquanto olha Locke.

– É claro que ela é real, Flávia. – fala a outra agitando meus braços como se quisesse provar algo – Você não tá vendo ela aqui?

– Cala a boca, Brenda. - Flávia resmunga envergonha, mais com Locke do que comigo.

Rosa vem correndo da cozinha segurando um pano de prato. Ela usa um pijama cinza, a primeira coisa que noto, nada de cores extravagantes. Ela amassa o pano nas mãos.

– Entrem. - Rosa nos convida, a menininha ainda segura meu braço.

– Não queria vir tão tarde. – digo mesmo sendo pouco mais de sete horas.

– Não está tarde. - Rosa garante – Vamos nos sentar? – ela indica a sala, um homem sentado vendo o jornal se volta para ver o que está acontecendo e repara nos dois adolescentes dentro da casa dele.

– Viu, pai. – Brenda pula – É a Malia.

– Estou vendo. – o homem se levanta, boquiaberto também e estende a mão para Locke.

– Esse não é... – ele meio que pergunta à Rosa.

– Não. – Rosa balança a cabeça – É amigo da Malia.

Os dois vão até a sala, a menina mais velha se mantém atrás de Locke.

– Porque você não mostra aquele livro que ganhou do papai pro amigo da Malia? – a mãe sugere à garotinha, ela monta um biquinho, sem querer me soltar, mas depois aceita a sugestão e corre atrás do livro. Os pés tropeçam na camisola grande demais para ela.

– Venha. – Rosa me chama – Vamos conversar a sós.

Chegamos à cozinha. Rosa oferece milhões de coisas. Me contento com um copo de suco e bolachinhas de canela. Ela se senta, o pano retorcido no colo, nervosa. Rosa sabe que tenho coisas importantes para revelar, de

alguma maneira, acho que ela sempre soube. Só precisamos começar. Puxar o gatilho, lançar a bomba e ver no que vai dar. Uma cruz de Jesus pregada acima do fogão chama minha atenção, sua dor é visível nessa replica, sua serenidade também. As pessoas que vão embora se encontram com ele, penso, mas o que acontece com as que ficam? Quem cuida delas?

A imagem tranquila de Rosa é a resposta para minha pergunta. A força que emana daquela imagem é a resposta que preciso. O garoto na sala ao lado, ouvindo atento a história de uma garotinha, é a resposta necessária.

– Preciso lhe contar algo. - falo e não tenho medo – Sobre Oliver.

– Pode falar. - diz ela.

E não é um simples *pode falar*, não é um simples incentivo. É uma confirmação acolhedora, um jeito que poucas pessoas têm de dizer que nada vai mudar independente do que venha pela frente. Olhando para a cruz de madeira eu falo.

– Oliver não morreu em um acidente de carro. – digo – Ele sofreu uma overdose.

Com isso, puxo o gatilho e a bala dispara sem volta. Perfura uma coisa, preenche outra. Deixa a história clara, dolorida e verdadeira. Rosa aspira o ar com força, não me interrompe um minuto sequer. Eu falo, falo e falo enquanto Rosa aperta o crucifixo do pescoço. Duas trilhas de lágrimas descem por seu rosto, ela enxuga com o pano de prato e sorri entristecida. Eu digo a ela que Oliver a amava como uma mãe, eu imploro para que ela não pense que ele foi para o inferno, porque isso eu não posso suportar.

– Jamais pesarei isso, Malia. – diz ela – Se existe alguém merecedor da vida eterna ao lado de Deus, esse alguém é o seu irmão.

E é assim que eu choro. Não de tristeza, choro sentindo o alívio que me consome agora. A certeza de que Oliver está salvo, em um lugar bom, um lugar muito bom. Rosa me abraça de lado, com os joelhos no chão ela contorna minha cintura e faz carinho nos meus cabelos.

– Shh. – Rosa sussurra – Ele está bem. Oliver está bem.

Brenda aparece na porta e nos vê abraçada, duas pocinhas de lágrimas quase caem dos seus olhos vendo a mãe chorar, mas ela se mantém firme e volta para sala em silêncio.

– Suas filhas são lindas. – digo sorrindo.

– Ah, fique aqui mais umas horas e você voltará atrás no que disse.

Rosa brinca, limpando meu rosto com as mãos.

– Esse é o Capitão. – vejo Brenda oferecer um gato preto para Locke

segurar. - Essa é a Duquesa. – ela coloca outro gato, dessa vez branco, no colo dele – E esse aqui é o Bicuço. – um alaranjado se junta ao grupo, os gatos se esfregam no colo dele, soltando pelos multicoloridos na sua roupa.

– Que tal vocês ficarem para o jantar? – Rosa convida vendo Locke amontoado de gatos – Hoje é dia de lasanha.

– E ninguém pode recusar lasanha! – o marido dela grita da sala.

»

– Qual a próxima parada? – Locke pergunta quando saímos da casa de Rosa com a barriga cheia de lasanha.

O garoto do sobretudo aguarda minha resposta. Eu procuro uma próxima parada no meu cérebro, qualquer lugar que eu queira ir e acabo não encontrando nada.

– Acho que é o fim da linha. – resposta – Não há uma próxima parada.

O painel do carro marca 21h00 em ponto, muito tarde, penso, porém cedo demais para voltar pra casa.

– Posso te levar para um lugar, então? – Locke quer saber – Se você quiser claro.

– Pode. – aceno – Não quero ir pra casa ainda.

Locke liga o carro.

Minha atenção está voltada para as consequências que me aguardam, assim como as consequências que pegaram Oliver. As consequências de nossos atos chegam até nós repentinamente e quando paramos para perceber de onde elas vêm, já é tarde demais. Com Oliver e as drogas foi assim. Comigo, as consequências já haviam sido milimetricamente traçadas. O que é mais assustador ainda. Saber em vez de esperar o desconhecido.

Locke estaciona o carro. Sinto minha testa franzir quando vejo onde estamos.

– Esses prédios não estão abandonados? – questiono seguindo Locke.

Ele empurra uma porta feita para quebrar um galho, entramos no que seria a recepção dos apartamentos.

– Teoricamente, sim. – Locke responde. – Mas as famílias que moram aqui discordam disso.

– Famílias? – pergunto, é quando ouço os sons de um amontoado de pessoas vivendo num mesmo lugar. Panelas de pressão ligadas, crianças correndo acima de nós, bebês chorando, telejornais sendo assistidos.

– Eu nunca notei. – digo espantada – Não vi nenhuma luz do lado de

fora.

– É um truque. – explica ele – Para manter a polícia longe. Não podemos estar aqui, é mais fácil levar o disfarce se ninguém nos ver.

Subimos quatro lances de escada, a cada andar vejo luz saindo das frestas nas portas e os sons ficam mais intensos. Locke interrompe os passos no sexto andar e fica em frente a uma porta com o número 63 desenhado com tinta preta. Ele tira uma chave do bolso e destranca a porta.

– Pode entrar. – Locke convida acendendo a luz. A primeira coisa que reparo é no pano preto tampando a janela, esse deve ser o truque que não deixa luz aparecer do lado de fora.

O apartamento é um pequeno lugar de três cômodos, uma cozinha organizada, um banheiro e o que seria o quarto. Uma cama de solteiro fica encostada na parede ao lado de um sofá e uma televisão antiga. Há também um frigobar, um fogão e um pequeno balcão com duas cadeiras. Locke me oferece uma garrafa d'água, aceito bebendo o líquido gelado.

– Você é muito organizado. – elogio.

– Faço o que posso. – Locke mexe os ombros – Então, bem-vinda à minha casa. Não é muito, mas é o suficiente pra mim.

– É perfeita.

Locke sorri.

– Valeu. – sento no sofá, pego os últimos minutos que me restam e os concentro em Locke – Me conte. Qual é sua história?

– Minha história? – ele levanta uma sobrancelha.

– É. – respondo – Todo mundo tem uma história, você já sabe a minha.

– Não sua história inteira. – ele retruca – Mas estamos perto disso.

Suspiro.

– Se eu contar minha história, você termina de contar a sua? – Locke faz uma proposta.

– Combinado. – digo, se tenho apenas alguns minutos, quero que mais alguém saiba. Escolho Locke.

– Combinado. – ele afirma – Não é nada muito emocionante, já vou logo avisando.

O que ele não sabe é que tudo que tenha haver com ele tem sido extremamente emocionante para mim.

– Você já deve ter notado que não gosto de promessas. – ele desata a falar, seus olhos verdes grudados nos meus, sua alma em algum lugar do passado – Quando eu tinha sete anos minha mãe me deixou em um lugar

cheio de crianças e prometeu que me buscaria mais tarde. Eu era pequeno e só fui notar que o mais tarde nunca chegaria quando já faziam dois anos que eu estava no orfanato. É por isso que não gosto de promessas, Malia.

Porque a pessoa que ele mais confiava no mundo quebrou uma promessa. Não apenas uma, mas todas aquelas promessas que são invisíveis, que nunca foram pronunciadas, mas que sabemos sobre a existência mesmo assim. Promessas que mães fazem de nunca abandonar os filhos, de protegê-los, amá-los incondicionalmente. Promessas que irmãos fazem de sempre estar ao seu lado.

– Quando eu tinha quatorze anos, minhas chances de ser adotado eram quase nulas. Então eu decidi fugir do orfanato.

– Henri me contou como você se conheceram. – digo, poupando Locke dessa parte.

– Não me orgulho desse momento da minha vida. – diz ele.

– Você devia se orgulhar. – comento – Você mudou de escolha. Protegeu Henri e Amélia. Permaneceu ao lado deles todos esses anos.

– Obrigada, Malia. – Locke sorri – Mas eu penso que é o contrário. Eles que permaneceram ao meu lado.

Locke termina por aí, isso deve ser tudo que ele quer compartilhar por enquanto. Ou talvez seja tudo o que interessa, tudo o que importa. Locke volta para os dias em que esteve no orfanato, contando alguns acontecimentos; como quando as crianças ficavam empolgadas quando novos candidatos apareciam e como essas pessoas preferiam bebês em vez de crianças mais velhas. As missas de domingo, a gincana que acontecia todo ano entre as crianças do orfanato, a comida horrível, as camas duras e os travesseiros empelotados. Os meninos mais velhos que apareciam e batiam nas crianças pequenas. As ocasiões em que ele se meteu no meio dessas brigas e saiu com um olho roxo ou dedos quebrados. O alívio que foi ter fugido de lá aos quatorze anos. Alívio que durou pouco já que a vida nas ruas não era nada parecida com o que ele imaginava. A sorte em ter encontrado Henri e Amélia, mesmo que no meio de uma situação não tão sortuda assim.

Locke não fala sobre Henri e Amélia pedirem para ele morar com eles. Não fala sobre os salários recusados ou o instinto protetor que ele tem com os dois.

Ele os ama de um jeito que não pode dizer.

– Sua vez. – Locke fala.

E aí está. A grande deixa. O momento em que a cortina abre e a plateia



espera as primeiras falas do ator. Só não é fingimento, não é uma atuação. É tudo de verdade. Sinto mil olhos me encarando à espera do grande espetáculo, aquilo que vivemos para contar, aquilo que não queremos contar.

Falar sobre Oliver foi difícil. Mas nada chega perto disso.

– Quando você conheceu meu irmão? – pergunto.

– Como? – Locke se faz de desentendido.

– Eu disse que ele estava morto e você falou que já sabia. – explico juntando as pistas que apareceram para mim desde o dia em que Nicolas veio me visitar – E quando Nicolas esteve aqui, vocês dois pareciam já ter se conhecido. Antes.

Locke coça a cabeça, seus cabelos pretos caem na testa.

– Aqui. – diz ele – Conheci os dois no prédio. Existe outro prédio abandonado na rua debaixo, mas aquele é usado por usuários de drogas. Seu irmão e o amigo dele entraram no prédio errado e eu os encontrei. – Locke fala como se cada palavra exigisse força para não me machucar.

– Como eles estavam? – quero saber.

– Malia, – Locke se vira com a boca cerrada – eles estavam...

– Destruídos.

– Isso. – ele não se vira – Destruídos. Eu tentei os ajudar. Deixei que eles ficassem aqui até o efeito passar e eles se sentirem melhor, mas, pessoas assim nunca param. Elas sempre querem mais. Seu irmão – Locke aperta os dedos – me mostrou a foto de vocês. No celular.

– Então você me conhecia. – digo engasgada, reconstruindo essa imagem na minha cabeça – Quando nos conhecemos.

– Não no começo. – Locke me olha finalmente – Depois, sim. Eu me lembrei de você.

– E quis me ajudar também. – deduzo.

– Não apenas isso. – Locke diz sugando o ar entre os dentes apertados – Sua vez. – ele desvia o rosto.

Um bilhão de batimentos cardíacos por segundo.

Um trilhão de beija-flores sobrevoando meu estômago.

»

É difícil começar, mas quando começo, falar se torna a coisa mais fácil do mundo. Estive esperando por um momento como esse, na qual todas as peças se encaixassem e não fosse apenas eu a ver o desastre que esse quebra-cabeça é.

– Você tinha razão. – falo – Eu estou fugindo. Mas não é apenas do que houve com Oliver.

Locke aquiesce. Ouvindo. Sendo o ouvinte perfeito para nossa história – a da minha família. Respiro fundo; pó, encorajamento, confiança, segurança. Coisas que não tenho em casa. Coisas que mataram meu irmão quando ele estava vivo.

Conto sobre o casamento dos meus pais. Minha avó e seu cheiro de chá, velhice e chocolate em pó. Ela nos visitava uma vez por semana, e, de repente, não apareceu mais. Conto que pensamos que ela estava doente, mas o verdadeiro doente é nosso pai que proibiu minha mãe de receber visitas da família. Então, não era apenas minha avó que deveria se manter longe, mamãe precisava se afastar do mundo. Digo à Locke sobre as brigas.

As brigas infernais.

Conto sobre o nosso refúgio, as histórias inventadas, as narrativas fantásticas. O irmão protetor. Oliver se esforçou para tapar minha visão do que acontecia. Não funcionou. Conto sobre os machucados. Constantes. Vermelhos. Roxos. Verdes. Amarelos. Curados e machucados outra vez. Falo dos sonhos de Oliver. Do amor de Oliver. De como mamãe e ele mantinham uma ilusão de que as coisas se ajeitariam. Conto que esse dia nunca chegou. Falo sobre Oliver e meu pai, digo que ele era o filho que todos gostariam de ter e meu pai sabia disso. Narro os planos que meu pai guardava para Oliver e como esses planos desmoronaram. Lembro o dia em que Oliver se virou contra o nosso pai. Lembro o dia em que o encontramos morto. Lembro o desprezo que ele sentiu do meu irmão e lembro da tristeza estampada em seu rosto também.

Narro a história inteira. Palavra por palavra. Corte por corte. Sangro em algumas partes, sinto raiva em outros. O medo foi substituído. Recuso-me a senti-lo. E é como se um furacão perdesse força dentro de mim e todo aquele impulso poderoso e rotativo se esvaziasse. Estou vazia. Quieta. Dizer as palavras me deixou quieta. É bom me sentir assim.

Pelo rosto de Locke se passa tristeza, raiva, admiração. Tantas coisas. Não reconheço todas, mas elas estão ali. Enquanto falo - a voz perdendo força, as histórias se desintegrando nas bordas – Locke levanta e anda em linha reta e volta quando chega ao limite do cômodo. Ele e Nicolas se transformam em um só em frente aos meus olhos. Pássaros enjaulados buscando a saída.

*Ele está pensando que somos loucos.*

*Não, Locke não é assim.*

*Você não o conhece.*

Meu diálogo mental é interrompido com os sons das passadas do garoto, ele cruza a sala sem nenhum esforço. Um, dois, três, quatro passos e então ele está pegando meu rosto com suas mãos cheias de calos. Sou obrigada a me levantar, coloco minhas mãos nos pulsos dele, veias verdes, azuis e roxas saltitantes. O batimento descontrolado reverberando por todo lugar.

Todo lugar.

Meu nariz quase toca no dele – como na primeira noite que nos conhecemos – a respiração de Locke balança meus cabelos. E os olhos dele? Meu Deus, os olhos deles. Nem em dez mil anos eu seria capaz de esquecer esses olhos.

Esse garoto.

Esse momento.

Locke sendo parte fundamental da minha história.

– Você é garota mais corajosa que conheço. - ele murmura suavemente.

– Não sou. – respondo, meu rosto negando entre seus dedos – Só não tive escolha.

Porque a coragem não é algo que escolhi de bom grado, fui obrigada a tê-la. Fui obrigada a usá-la devido às circunstâncias. Mas Locke ignora meus protestos, ele ignora minha teimosia. Ele diz você é, você é, várias vezes até essas palavras ficarem impressas na minha pele.

Quando ele diz, eu acredito. Quando Locke sussurra que sou corajosa, me sinto a garota mais corajosa do universo.

## 40

- Posso te beijar?
- Porque você perguntou?
- Quero fazer as coisas do jeito certo. Posso?
- Se você quiser.
- Quero. Quero muito.

Usei grande parte do meu tempo lendo histórias de amor. Não apenas histórias de amor, diversos tipos de histórias nas quais o romance era essencial. Já li descrições de corações partidos, traições amorosas, declarações ferventes e beijos emocionados. Eu poderia usar todas as palavras dos livros para descrever o que o contato da boca de Locke com a minha está causando no meu corpo, no meu cérebro e no meu coração, mas nada que eu já tenha lido se compara com o aqui e agora de nós dois.

Passei boa parte da minha vida vivendo pelos olhos de outras pessoas. Meninos e meninas, homens e mulheres, vilões e heróis. Então, quando acontece de verdade, na vida de carne e osso, fico abismada com o que sinto. Tento colocar isso em palavras, mesmo que seja um desperdício de fôlego.

É como cair e gostar da sensação. Como se você estivesse se afogando por muito tempo e de repente recebesse oxigênio. É como ser despedaçada e remontada em questão de segundos. É como morrer e voltar à vida. Como se os ponteiros do relógio estivessem excessivamente lentos, mas não o bastante. É como estar em perigo e então ser salva. Isso tudo enquanto nossos lábios estão conectados.

O início é desajeitado. Nunca fiz isso antes. Meus dentes batem nos dentes de Locke e sinto-o sorrir. Ele me mostra o caminho com os dedos, o maxilar deste lado, o nariz de um jeito, a língua de outro. Quando pego o jeito, ele entrelaça minha cintura com os braços, uma mão na minha nuca. Abraço seu pescoço e fico na ponta dos pés. E mesmo que nem um fio de cabelo caiba entre o corpo dele e o meu, ainda sobra espaço demais entre nós.

Com isso entendo a vontade de se fundir ao outro. A vontade de ser um só. De parar o tempo.

Infinitamente.

»

Minha respiração absorve o aroma único de Locke. Não quero acordar, mas ouço o canto matutino dos pássaros e sei que chegou a hora de ir embora. O garoto dos olhos verdes me aperta contra seu corpo na cama minúscula que dividimos, e, que é – estranhamente – o lugar mais confortável que já dormi.

Lembro-me do beijo da noite passada. Lembro-me de não pertencer ao meu corpo. Lembro-me do sabor de Locke – hortelã, canela e doçura. E depois lembro que foi ele quem interrompeu o contato entre nossos lábios, foi ele que me fez deitar na cama, me colocou para dormir com a cabeça no seu peito. A respiração dele fazendo cócegas no meu pescoço.

Não tiramos nem os sapatos, mas sinto a finura das nossas roupas e o calor que emana do corpo dele. Locke acariciou meus cabelos até meus olhos ficarem pesados. Ele me abraçou e permaneceu me segurando em seus braços até a sua própria respiração se tornar lenta.

Locke resmunga, aperta seus dedos ossudos na minha lombar. Seus lábios que me beijaram ontem estão resmungando nos meus cabelos. Guardo esse momento, esse sentimento e tudo o que vem com ele na minha caixa de recordações. Guardo todos os cheiros e sabores. Beijo a camiseta de Locke, bem no lugar onde fica seu coração. Os olhos verdes ofuscantes se abrem aos poucos, uma linha fina de cílios pretos contornando o verde.

– Bom dia. – diz ele sorrindo torto.

– É, oi. – respondo abobada percebendo o tamanho da sorte que tenho por tê-lo.

– Café da manhã? – ele pergunta sem mexer um músculo sequer.

– Acho que podemos ficar mais um pouco aqui.

O sorriso que ele me oferece desarma qualquer força de vontade interna.

– Uma ótima ideia. – Locke diz abraçando minha cintura.

Eu sei que coisas assim não duram muito, principalmente comigo, mas, por enquanto, vivo meu conto de fadas sem deixar de sentir o rompimento que se aproxima.

»

O cheiro de ovos fritos se mantém grudado em nossas roupas conforme as rodas do carro giram em direção ao destino final. Locke não parece tão convencido quanto eu, mas estou fazendo isso para mantê-lo seguro. Longe de tudo o que não quero compartilhar.

– Tem certeza disso? – Locke questiona pela décima vez – Não quero que você entre lá sozinha.

O que Locke não entende é que estive sozinha naquela casa desde que Oliver partiu. E, bem, estou viva. Com algumas bagagens pesadas nas costas, marcas que jamais se apagarão, mas inteira nos lugares certos e sangrando nos lugares errados.

– Meu pai foi trabalhar. – verifico o relógio – Não se preocupe.

– Malia – Locke bagunça os cabelos – O que você me contou sobre o seu pai, meu Deus, Malia, não posso deixar você entrar lá sozinha. Não posso te deixar lá.

– Eu entro. – repito o plano – Pego minhas coisas. Convenço mamãe a vir conosco e depois vamos pra casa da minha avó. Você não vai me deixar.

– Não vou. – ele enfatiza.

– Certo. – digo abrindo a porta antes que ele possa me prender por mais tempo.

Locke grita quando bato a porta do carro. Não olho para trás, não interrompo a caminhada nem uma vez sequer, nem quando ouço os pés de Locke se chocarem no chão, nem quando sinto sua respiração se acelerar com medo. Por mim. Estou deixando o garoto de olhos verdes para trás. Estou dizendo adeus sem que ele saiba. Vou seguir o plano, vou tentar convencer minha mãe e tenho quase certeza de que irei falhar. Não vou embora sem ela.

Não posso deixar minha mãe para trás. Mas posso deixar Locke, posso me permitir guardar as lembranças dele, de Henri, Vera, Liz, Bia. O meu combinado eram três músicas e usei muito mais do que isso.

O tempo acabou.

Querido Nicolas,

*Recentemente descobri que cheiros também são lembranças. Eles não têm formas ou cores, mas são tão vivos quanto os filmes guardados nos nossos cérebros. É por isso que, o cheiro de pó de café me lembra das manhãs durante as férias, quando mamãe, Oliver e eu acordávamos tarde e comíamos café da manhã de almoço.*

*O cheiro de limões sicilianos, o sorvete preferido de Oliver, trás a recordação de um garoto rechonchudo coberto de sorvete branco pela cara, sorrindo sem os dois dentes da frente. Os biscoitos de canela que vovó trazia vêm acompanhados da forma disforme do rosto lindamente enrugado de uma velhinha macia. O cheiro de pó de madeira são os pontos riscados no batente da porta marcando nosso crescimento.*

*Cheiros em todos os lugares. A alavanca das recordações.*

*Minha casa está impregnada de aromas familiares, desastrosos e podres. Cheiros bons e ruins disputando lugares no mundo. No meu mundo.*

*Quando entro em casa minha reação inicial é a de tampar o nariz, respirar pela boca e passar longe dos cheiros. Mas é idiotice, eu sei, a respiração volta e com ela as lembranças aromáticas.*

*Estou escrevendo essa carta para dizer o porque os cheiros me incomodam tanto. Não são os velhos, os usuais, os que estiveram lá desde sempre. É o aroma novo que sinto quando as solas dos meus pés alcançam a calçada de casa. Um cheiro novo, um cheiro que anuncia a chegada de algo inédito. Algo pútrido. Algo corrosível. Que dilacera. Algo parecido com o fim.*

*Estou com medo.  
Malia*



A porta se abre. Destrancada. Um arrepio aperta minha coluna. Entro no escuro e fresco ar da garagem. Deixo Locke do lado de fora.

*Não me siga.* Grito em pensamento.

Tudo bem, Malia. Você está aqui dentro. O que você precisa fazer agora? Qual é o plano? Você tem que tentar, certo? Faça isso pelo garoto te esperando lá fora. Faça isso por Ollie.

Tampo o nariz quando sinto o cheiro azedo. O aroma que me deixa enojada. Não sei de onde ele vem, não sei nem se ele é real ou fruto da minha imaginação. Talvez ele seja um aviso. Não vou pensar nisso agora.

Pegar mamãe. Arrumar nossas coisas. Voltar para Locke.

*Lembre-se do plano.* Locke grita de volta na minha cabeça.

O carro não está na garagem. Um bom sinal. Ando sem fazer barulho. A casa já espalha barulho suficiente, deixo com ela os rangidos. Sou a garota silenciosa agora mais do que nunca. Entro na porta da cozinha. A claridade voa pela janela aberta. Não há cheiro de café nem migalhas de pão na pia da cozinha. Aperto a mão no peito, o coração acelerado, a pele pegajosa.

*Vamos continuar, Malia.* Oliver sussurra.

Vamos. Continuar. Um passo de cada vez. Chego ao pé da escada, piso no carpete que cobre os degraus. Procuro mamãe no quarto dela. Encontro a cama arrumada. Luzes vermelhas piscam nas minhas pálpebras cerradas. O quarto de Oliver é o próximo. Poeira, música perdida, abandono. Nada mais. O meu quarto vem em seguida. As coisas exatamente como as deixei. O livro verde em cima do travesseiro brilha, agarro sua capa fingindo que as folhas são algum tipo de feitiço protetor. Desço os degraus. Devagar. Meu corpo já demonstra sinais de cansaço e medo.

*Continue procurando.*

Um gemido alcança meus ouvidos. Mordo a língua. Não grite, Malia. Vá até lá.

– Mãe – digo para a sombra encolhida aos pés da poltrona.

– Que bom que chegou. – outra sombra maior se levanta – Eu estava te esperando.

Solto o ar com força. O rosto do meu pai é severo, cruel, diabólico. Ele sorri.

– A brincadeira acabou. – ele fala.

*Enfrente o gigante. Enfrente o gigante.* A cantiga pula nos meus ouvidos.

Enfrente. O. Gigante.

*Um. Dois. Vinte e um. Trezentos e dez batimentos cardíacos.*

*O menino de cabelos castanhos sussurra estupefato. A menina não ouve, não vê, não sente; ela prossegue buscando, buscando, buscando. A menina alcança a escada cheia de farpas e pula os degraus um por um. Cada degrau conta dez batimentos. Cada degrau grita para que ela dê a volta e fuja.*

*Saia daí, garota estúpida. Fuja antes que as aranhas alcancem seu coração e o matem com centenas de picadas de alfinetes de gelo.*

*Ela prossegue. O cabelo preto gruda na boca, ela lambe as rachaduras dos lábios. Respira. Inspira. Se prepara mesmo sem saber que jamais estará preparada para o que está prestes a ver.*

*O garoto a para na metade do caminho. Ela limpa os pedaços de madeira das mãos. Ela inspira o cheiro ocre de sangue. Ele quer que ela espere um segundo, o garoto pressente o que encontrará lá em cima. Ele sabe que tudo está acabado. O fim. O navio partido e afundando no mar sereno, sem volta.*

*Mas essa é sua melhor oportunidade. O homem feito de espinhos com coração de ferro e olhos em brasas não está em casa. O rei do castelo em chamas procura lá fora o herdeiro que despedaçará seu coração inquebrável.*

*Ela quer chegar ao destino final. Ela pede que o amigo acompanhe seus passos. Os olhos dele transbordam enchentes de tristeza e ela tem vontade de fazer o mesmo.*

*O restante dos degraus são montanhas pontiagudas. Ela ultrapassa todos os obstáculos, a cada passo mais perto, os grunhidos da atmosfera denunciam o final terrível que a aguarda. Ela ajuda o companheiro fraco. O cabelo ensebado do garoto esbarra no seu nariz e ela sente o cheiro de desespero.*

*A menina tateia o escuro a procura da luz. Sete passos. Cinquenta batimentos. Um interruptor. TAP. Não pega. TAP. Luz. Gritante. Sensível. Amarela.*

*O garoto estremece e escorrega as costas contra a parede, sua roupa fica presa nas fardas dali, ele arranha as costas e a menina o alcança perguntando se ele está passando mal. Ela sente as costelas a mostra, ela*

*nota a íris voltando ao tamanho normal. O menino coça a pele de dentro do cotovelo, ele quer arrancar facas invisíveis que o fazem sangrar. Ele arranha, arranha, arranha até a cor vinho cobrir seu antebraço. Ele não tira os olhos de um ponto que a menina busca criar coragem para olhar. Ela o acalma, ela pede que ele a ajude.*

*Por favor.*

*Por favor.*

*Deus, por favor.*

*Ela implora coisas incoerentes.*

*E se vira.*

*E encontra.*

*Quem procura, acha. Não é isso que dizem? Acha aquilo que não quer.*

*Que não quer. Não quer.*

*Ela engasga. Vomitando em um canto do lugar amarelo. Azedo.*

*A garota arranca vidros dos olhos.*

*Ela vê o verde opaco dos olhos do herdeiro.*

*Vinte e um gramas a menos no seu corpo. O peso da alma.*

*Vinte e um gramas a menos no corpo dela. O peso da sua vida.*

*Ela o encontrou ao lado de uma seringa. Um saco de pó branco no meio dos dedos sem vida. Picadas de abelhas no mesmo lugar em que o outro garoto sangra agora. Um sorriso tranquilo no rosto, um sorriso de quem está em paz. O corpo contorcido nunca pareceu tão confortável.*

*Como se as vinte e uma gramas fossem demais e precisassem voar.*

A brincadeira acabou.

Ele sabe. Sempre soube. Do mesmo modo que ele sabia as coisas erradas que estavam acontecendo com Oliver. Ele me encara daquele mesmo jeito também, como se na sua frente estivesse a criatura mais abominável que ele conhece. Eu o vi olhar desse jeito para Oliver apenas uma vez. Meu irmão tinha o olhos vidrados e mortos na ocasião e dou graças a Deus por ele não ter visto o que vejo agora.

Um apito contínuo soa nos meus dois ouvidos. Um sinal agudo e sem fim. Não escuto nada além do *pii* doído. Mamãe aperta as mãos juntas, implorando com o rosto vermelho. Implorando por mim. Balanço a cabeça, digo que ela precisa parar de ser assim. Não ouço minha voz, mas sei que ela sai das cordas vocais quando ele se vira furioso.

Estou enfrentando-o. Ele não gosta disso.

Ele grita algo.

Mamãe chora.

Sua boca forma o nome dele.

*Fábio. Não faça isso.*

Fazer o que? Quero perguntar. Ele já nos quebrou o suficiente. Seus atos já nos custaram muito.

– *Preciso esquecer. - Oliver balbucia – Não posso ser como ele.*

Você não é. Nunca será.

Ele esquecia por um tempo.

Meu pai esmurra a mesa ao lado da poltrona. Dou um passo involuntário para trás e ele se diverte. Ele gosta do medo. Ele sobrevive disso. Uma presença tóxica que matou nós três.

– Pegue suas coisas. – ordeno para mamãe.

Vamos sair daqui. Vamos ser livres.

É o momento errado. É o momento certo. É o momento agora.

Já.

Não existe momento para uma decisão dessas, por isso imploro para ela com toda a força que tenho.

Meu pai vê o que se passa entre nós duas. Ele começa a gritar.

Vagabundos. Drogados.

Ele pensa que estou fazendo o mesmo que Oliver. Mando-o calar a boca.  
– Você o matou também. – grito.

*Feche os olhos.* Nicolas murmura.

Obedeço. Vejo uma figura grande correr na minha direção. Sinto a mão quente apertar meu bíceps. Mamãe chora.

– Vocês são uma desgraça. – ele cospe no meu rosto.

Oliver e eu.

Sinto o aperto afrouxar. Estou meio em pé, meio caída. Com os olhos fechados sinto sua mão dura bater na minha bochecha. Ele ainda me segura quando quero cair. Ele me empurra e eu vejo minhas pernas se embaralharem e ouço um *créc* quando minha cabeça bate no chão. Glóbulos pretos nos meus olhos.

Meu pai soca meu rosto. Abro os olhos.

Mamãe grita. Ela pede socorro. Ela tenta tirá-lo de cima de mim. Ela está escolhendo.

Outro soco. Abro os olhos para ver o que cai no meu pescoço.

Lágrimas. Do homem que nos fez tanto mal. Algo quente se junta com as lágrimas dele. Algo saindo do meu cabelo.

– Ele *era* meu irmão. – falo sufocada – Eu também amava Oliver. Eu o amava mais do que tudo.

Fecho os olhos pronta para a dor. Mas ela não chega. Em vez disso o peso não está mais em cima de mim e dois olhos verdes iluminam a sala.

– Locke – sorrio antes de apagar.

## 46

É no mínimo peculiar não ter controle do seu corpo. Um pouco assustador; um pouco intrigante. As vozes são o mais estranho de tudo. Conheço as vozes, sei de quem são e sinto os toques familiares dessas pessoas. As vozes desconhecidas são uma novidade, quando elas aparecerem me esforço para abrir os olhos, curiosa para saber a quem pertencem. Sinto toques gelados também, não apenas os carinhosos da minha mãe. Sou transportada de um lado ao outro durante algum tempo, mexida e remexida, apago e volto piscando os cílios grudentos para depois cair em um sono tranquilo.

Não tenho medo.

O desconhecido é hospitaleiro.

– Ela está em observação, Ana. – a voz masculina diz baixinho, mamãe funga – Vamos deixá-la descansar. Você precisa também.

Quando ouço o crepitar da porta se fechando, volto a dormir.

»

– Amo você. – Oliver bagunça meus cabelos e em seguida vira pó.

Um pó reluzente, mais do que pó, mais do que diamante.

Ele é mais do que pó e sombras.

»

Os olhos do homem são bolinhas de gude-gude pretas. Elas ficam maiores com os óculos grandes que ele usa, a armação vermelha descansa nas bochechas magras.

Pisca. Pisca. Pisca.

Pisco junto.

– Ai, nossa. – ele levanta os braços, quase me toca, mas volta atrás – Você acordou. – ele sussurra dando pulinhos.

Tenho vontade de sorrir para esse estranho.

– Acho que sim. – sorrio reparando como meu rosto se repuxa.

Faço uma careta, encontro o que dói com os dedos. Inchado. Uma trilha mais grossa, como um corte cicatrizando. Perto do olho direito.

O estranho perde o sorriso.

Agora eu sei de onde vem o barulho. Hospital. Estou em um quarto de hospital e apesar de nunca ter estado em um, é o tipo de coisa inconfundível para qualquer ser humano. As máquinas apitando. O soro saindo da sacola e entrando nas minhas veias. Os lençóis com cheiro de desinfetante e a cama dura. A camisola azul-claro que estou usando.

– Tem cheiro de água sanitária. – digo cheirando o tecido azul.

O homem ri.

– A comida não é muito diferente também. – ele balança a cabeça e observa sua mão recostada na beirada da cama. O homem revira os olhos para si mesmo e sai apressado. – O que estou fazendo! Tenho que chamar o médico. Você acordou. Sua mãe vai ficar muito feliz em vê-la.

Ele espera.

– Pode ir. – incentivo.

– Ah, é mesmo. – ele fica vermelho – Médico.

– Água também, por favor.

– Médico e água. Beleza.

O homem desaparece pela porta e sinto falta de sua presença imediatamente.

Fico hipnotizada com as gotinhas caindo do saco de soro, acho que estou ainda meio grogue, a claridade é um farol ofuscante. A porta se abre, com os movimentos lentos demoro a levantar o rosto e ver quem está na porta, mas assim que o vejo, as máquinas conectadas ao meu coração começam a apitar frenéticas.

Lanço uma careta para as máquinas.

– Oi – digo subindo os ombros. Oliver dizia que pareço um canguru querendo voltar para a bolsa da mãe quando faço isso.

Noto que alguma coisa está errada quando ele não me responde. Seus dedos ainda na fechadura da porta tremem. Ele inspeciona meu rosto, não sei o que vê, mas posso sentir que não é nada bonito. Chamas lambem os olhos de Locke e não gosto da bondade sendo substituída por elas.

– Locke – o nome dele mais parece um pedido nos meus lábios.

Ele está ali na porta e ele é tão lindo. Só preciso de um abraço. Talvez o contato dos seus lábios nos meus cure a dor. Levanto uma mão e meu pulso imobilizado aparece. Abaixo o braço rapidamente, mas Locke já se foi quando meus dedos encontram o tecido áspero do cobertor do hospital.

O clique da porta se fechando vem junto com o cessar enlouquecido das



máquinas. Elas voltam ao ritmo normal. Sem Locke.

»

– Oh, - o estranho diz enquanto observa Locke se afastar – tem sido difícil pra ele.

O homem sorri entristecido. Ele abre a porta para um homem mais velho passar, ele veste jaleco e tem diversas folhas nas mãos, atrás dele uma enfermeira entra e começa a mexer nos meus tubos.

– Tudo bem, querida? – ele acaricia minha testa.

– Uhum. – respondo.

– Seu tio contou que você acordou com sede. – o médico gesticula para a enfermeira me servir um copo d'água, ela oferece um canudinho que pego com os dentes e sugo o líquido gelado, quando termino me viro na direção do estranho que observa o médico fazendo perguntas sobre como estou me sentindo.

– Espera um segundo Doutor... - procuro um crachá, o médico bate no bordado com seu nome no bolso do jaleco – Carlos, desculpe, o senhor disse "tio"? - faço aspas com os dedos de uma mão apenas.

O estranho de óculos vermelhos pisca.

– Ah, sim. - ele sorri encabulado.

O estranho dá de ombros. Uma abelha persistente ronda meu cérebro em busca de algo. Arregalo os olhos quando percebo. O cabelo preto, os olhos, a pele clara, a fisionomia magra e alta.

– Você se parece com a minha mãe. – mas não é só isso, não é.

– Ela é três anos mais velha. - ele explica como se essa pequena frase solucionasse todos os mistérios do universo.

– Então, você é meu tio. – acho que nunca na vida pensei que tivesse um tio, lembro da vovó, mas dele... A abelha zumbe outra vez, procurando o pote de mel, é aquela sensação de ter a resposta na ponta da língua e não conseguir alcançá-la.

– Theo – ele se apresenta – Me chame de Tio Theo. – ele parece muito feliz de ser chamado assim.

– Tio Theo – testo e ele fica satisfeito.

Devo estar encarando. Tenho certeza de que estou encarando. Dou respostas curtas ao médico, a enfermeira me oferece mais água.

– Devagar. – ela aconselha.

– Está sentindo fome?

– Não.

– Tontura?

– Não.

– Dor?

– Um pouco.

– Vamos cuidar disso. – assim que o médico fala a enfermeira pega um vidrinho e uma seringa, injetando uma substância que é misturada ao soro.

– Você terá que comer um pouco daqui a duas horas. Seu estômago precisa se acostumar antes de tentarmos uma refeição completa. – o médico anota na prancheta.

Não estou prestando atenção nele, mas sim em Theo limpando as lentes na camiseta. Ele é muito parecido com mamãe, mas, o jeito dele, a forma como meche as mãos, como fica relaxado, como sorri para a enfermeira, o jeito como seus olhos brilharam quando o médico disse que eu estava me recuperando bem.

Oliver.

Theo é uma versão mais velha de Oliver. Uma versão de quem ele poderia ter sido. Será que Theo sabe que o sobrinho era como ele? A semelhança dói. Ainda estou me acostumando a ideia de ter um tio, noto agora que terei de me acostumar as semelhanças também.

O médico cita meu diagnóstico. Presto atenção enquanto ele fala lesão, pulso quebrado, contusão na cabeça.

– Tivemos que cortar seu cabelo para dar pontos no corte. – Doutor Carlos diz como se se desculpasse – Tenho uma filha da sua idade e sei o quanto o cabelo é algo importante. Mas, a boa notícia, Malia, é que não houve traumas graves.

– Obrigada. – passo os dedos pelo cabelo curto, os fios não batem mais nos ombros, as pontas formam pequenas ondas embaixo das orelhas – Não ligo para o cabelo.

– Você devia dizer isso pra minha filha. – ele sorri.

O médico e a enfermeira saem algum tempo depois. O remédio para dor começa a fazer efeito à medida que bocejo sendo sugada pelo sono.

– Mamãe? – pergunto para Theo, os pensamentos meio disformes.

– Ela já deve estar chegando. – responde ele – Precisou ir assinar alguns papéis na recepção.

– Estou com muito sono. – digo.

– Não se preocupe, quando você acordar ela estará aqui. – Theo me

tranquiliza.

– Se Locke voltar, – engulo uma bola sentimental – você pode pedir para ele ficar?

– Digo sim. – Theo aquiesce.

Caio no sono em seguida. A respiração de Theo e o barulho das máquinas me embalando em um sono sem sonhos.

»

Ergo os dois braços me espreguiçando. Os grilos cantam do lado de fora e a luz da lua entra pelas frestas da persiana.

*Olá, velha amiga.*

Me sinto uma criança falando com a lua, mas ela merece uma saudação, afinal, a bola branca e esburacada me acompanhou até aqui.

– Filha?

Sorrio para mamãe. Ela alonga os dedos ao redor da boca e funga.

– Mãe, não. – meus olhos se enchem de lágrimas a vendo diminuir de tamanho engasgando com o choro.

– Seu rosto. – ela suspira. Seu cabelo preto está oleoso e sem vida, as olheiras fundas, a juventude se esvaindo. – Me desculpe, filha.

– Shh – abro os braços – Vem aqui.

Mamãe contorna meus ombros. O lado machucado do meu rosto lateja, aperto mais forte ignorando a dor. Ela toca delicadamente meu pescoço, embalando meu corpo nos seus braços. Ela beija meus cabelos e se afasta, limpando os olhos. Sendo forte. Como sempre foi.

– O doutor Carlos disse que você receberá alta em breve. – ela anuncia.

– Cadê o Tio Theo? – pergunto. Mamãe sorri.

– Foi comprar roupas pra você. – diz ela – Ele vai voltar logo.

– E a vovó?

Uma sombra negra passa pelo rosto dela. Mamãe encara o chão e pisca com força. Tenho aquela sensação de ter dito algo errado.

– Sua avó – ela faz uma pausa – morreu há quase dois anos.

– Como assim? – questiono com um grito baixo – Isso não... É verdade. E as caixas? Ela mandava presentes.

– Fui eu.

Viro o rosto na direção da voz de Theo. Ele entra no quarto com sacolas penduradas nos dedos, conheço um logotipo de uma loja de roupas, mas o resto é desconhecido. Pessoas passam apressadas em frente a janelinha de

vidro que me dá sinais do que acontece no corredor do hospital.

– Continuei enviando as caixas depois que minha mãe morreu. – diz ele melancólico. Ele deixa as sacolas nos pés da cama e vai até onde mamãe está. Meu tio coloca a mão no ombro dela e aperta suavemente, confortando-a.

– Sinto muito. – digo aos dois.

– Nós também sentimos. – Theo responde com os olhos em mim dizendo que eu também faço parte daquela família.

– Vovó amava muito vocês. – Theo fala – Você e seu irmão. Ela queria que eu dissesse isso a vocês. Que ela nunca deixou de pensar nos netos dela nem por um dia.

– Não vou esquecer. – que ela me amava, ou seu cheiro, ou que mesmo distante ela ainda esteve presente.

Não falo para eles, no entanto, que eu me lembro de quando vovó ia até nossa casa pedir para mamãe deixar meu pai e ir morar com ela. Não conto sobre a menininha que rezava para que a mãe fosse embora e levasse ela e o irmão junto.

- É isso que eles chamam de comida aqui? Marco ficaria horrorizado.
  - Henri – uma mulher reclama – Você vai acordar a menina.
  - Oi – sorrio para Amélia, ela lança um olhar zangado para Henri – Não tem problema, estou dormindo demais. É bom acordar.
  - Esse velho bocudo. – Amélia ralha.
  - Oi, Malia – Henri fala com a boca cheia de comida do hospital que a enfermeira trouxe pra mim – Isso aqui é horrível.
  - É mesmo. – concordo torcendo o nariz para a comida sem sal.
  - Querida, é tão bom conhecê-la. – Amélia senta na beirada da cama, seu cabelo roxo é o maior ponto de luz do quarto.
  - Fico feliz em conhecê-la também. – respondo – Locke falou muito sobre você.
- Quando falo o nome dele me dou conta de que ele não está no quarto. Quanto tempo faz desde que não o vejo? Amélia disfarça bem, mas percebo seu olhar de pena.
- Espero que tenham sido só coisas boas. – Amélia diz enquanto Henri continua a atacar a comida do hospital – Henri largue isso. Agora!
  - O que? – ele pergunta confuso – Estou fazendo um favor a Malia.
- Henri pisca. Um riso gostoso aquece minha face.
- Hum – ele limpa a boca enquanto pega uma caixa branca dentro da bolsa da esposa, meu estômago ronca em reconhecimento – Quase esqueci. Trouxe pão de mel pra você.
- Amélia entrega a caixa. Um segundo depois já estou com metade de um pão de mel na boca, saboreando o doce de leite caseiro e o chocolate meio amargo. Henri pega uma caixinha de leite, a combinação de leite puro com a massa do pão de mel é ainda mais deliciosa.
- Maravilhoso. – elogio entre uma bocada e outra.
  - Vai com calma, querida. – Amélia aconselha como uma mãe preocupada – Não queremos que você passe mal.
  - Desculpa. – diminuo o ritmo, a caixa está quase vazia – Me empolguei um pouquinho, não sabia que estava com tanta fome.
  - Não culpamos você. Com uma comida como essa é difícil sentir fome.
- A próxima hora é preenchida com as alfinetadas amorosas de Henri e

Amélia se provocando e contando o que anda acontecendo na confeitaria. Eles abrirão uma loja própria e querem minha ajuda com o nome. Amélia vira a tela do celular para que eu veja o logo da confeitaria.

– Tivemos que mudar as pressas. – Amélia conta – Por falar nisso, não sei como agradecer. Aquela bolinha me conquistou em um piscar de olhos.

– Eu adorei. – comento com a garganta apertada.

– Você acha que Locke vai gostar? – Henri quer saber ansioso.

Faço que sim com a cabeça. Os olhos de Henri brilham, assim como os meus. Amélia revira os dela, somos dois bebês chorões. E nós três amamos aquele garoto de olhos verdes.

Incondicionalmente.

É fácil pensar na palavra. *Amor*. É fácil associá-la a Locke. Queria que ele estivesse conosco. Queria que ele sentisse como o amamos.

Queria poder dizer as palavras em voz alta.

É como se elas não fossem verdade. Como se precisassem sair da minha boca e ganhar o mundo.

»

Mais tarde o conselho do médico em pegar leve com a comida começou a zombar da minha cara enfiada na privada do banheiro.

– Droga. – digo num muxoxo – Odeio vomitar.

Amélia juntou meus cabelos e acariciou minhas costas. Ela umedeceu uma toalha e passou no meu rosto.

– Viu? – ela tenta me animar – Já está melhor. Como diz Henri é melhor pra fora do que pra dentro.

Por falar em Henri, ele correu porta afora como se sua bunda estivesse pegando fogo quando comecei a ter ânsia.

– Aquele velho fraco. Não pode ver sangue ou vômito que foge feito uma criança.

– Não é muito agradável. Sinto muito por você ter de ver isso.

– Shh – Amélia me passa o enxaguante bucal – Estou mais acostumada do que você imagina. Locke já teve seus dias ruins também, quando o conhecemos ele era tão magrinho. – ela suspira fazendo uma pausa longa – Ele botou pra fora toda a comida que preparei pra ele, seu estômago não estava adaptado a comer tanto.

Amélia e eu pensamos a mesma coisa. Nenhuma criança deveria passar por isso. Ninguém, na verdade. Ela pega uma escova e penteia meu cabelo

antes de me ajudar a subir na cama, é a segunda vez que saio dela, a primeira foi para tomar banho e vestir as roupas que Theo comprou. A camisola vinho cheia de gatinhos brancos é a roupa mais confortável que já vesti, nas outras sacolas estão outras peças para quando eu sair do hospital: calças jeans escuras e claras, camisetas leves de alcinha, com manga cumprida, meias, calcinhas e sutiãs. Um chinelo felpudo e um tênis novinho também.

– Eu só precisava de uma roupa. – reclamei com Theo quando vi todas as roupas encima da cama.

– Bobagem. – ele espantou minhas objeções – Foi muito divertido comprar roupas para você. É como se eu tivesse minha própria boneca.

Mamãe começou a rir mesmo garantindo que pagaria pelas roupas.

– Não seja chata você também. Finalmente tenho uma filha para vestir, não estrague meu barato.

Meus olhos começaram a pinicar quando ele disse a palavra *filha*. Mamãe saiu do quarto.

– Sabe, sua mãe ficou muito assustada quando Locke contou como conheceu você. – Amélia fala cobrindo meus braços com o cobertor cheirando a água sanitária – Não a culpo por sair escondida, mas acho que você precisará ter um pouco de paciência com a sua mãe agora.

Não entendo aonde Amélia quer chegar.

– Ela disse que vai deixá-la de castigo. – a mulher avisa – Sinto muito.

– Tudo bem. – Amélia levanta a sobrancelha quando me vê sorrir – Nunca fiquei de castigo. É algo... Normal.

E Deus sabe que precisamos de normalidade agora.

– Você é uma peça rara, Malia. – Amélia sorri – Entendo porque Locke gosta tanto de você.

Contraio os ombros a menção do nome dele.

– Dê um tempo a ele. Não foi só sua mãe que ficou assustada com o que aconteceu. Locke raramente se deu a liberdade de se apegar a alguém como fez com você. E agora ele pensa que quase te perdeu, o que é muito difícil pra ele.

As palavras de Amélia fazem meu sorriso duplicar de tamanho. Os óculos roxos caem do seu rosto quando ela joga a cabeça para trás e dá uma gargalhada que provavelmente se espalhou pelo hospital inteiro. Ela murmura algo sobre jovens e nossos jeitos peculiares. E depois acrescenta que queria que todos pudessem ser assim.

– Assim como? – indago.

– Apaixonados. Simplesmente apaixonados.



– Olha, não precisamos fazer isso em silêncio. – aliso a camiseta nova que estou vestindo enquanto Locke me ajuda a encher a mala que meu tio trouxe – Mamãe não me proibiu de falar com você, ela só não quer que eu vá à confeitaria por enquanto.

Locke grunhe. Ele pega duas meias e faz uma bolinha colocando uma dentro da outra.

– Locke?

– Malia – ele responde sem vontade.

– Dá pra falar mais do que só o meu nome?

– Vamos arrumas suas coisas, sim?

Empurro as roupas de qualquer jeito dentro da mala e fecho o zíper com força. Busco os produtos de higiene pessoal no banheiro e os prendo em um bolso lateral. Locke observa minhas ações zangadas. Quando termino empurro a mala para longe e sento cruzando os braços.

– Já está arrumada.

– Eu não diria que *isso* – ele indica o monte amarrotado – é arrumado.

– Você não fala comigo desde quando...

– Não vamos falar sobre isso. – ele me corta e cruza os braços do mesmo jeito que os meus.

Seus olhos verdes são duros e recaem para o meu rosto machucado. Sei o que ele vê. Hematomas roxos, verdes e alguns amarelos. Em diferentes estágios de cura. Os olhos de Locke se suavizam, ele observa meu pulso quebrado e se pudesse também olharia os pontos no meu crânio, mas eles estão cobertos por mexas de cabelo para esconder a falha feia.

Ele está vendo uma boneca em manutenção. Mas sei o que ele pensa quando me olha. O que ele sente.

– Não me olhe assim. – peço – Já vi esse olhar no rosto do meu irmão e no da minha mãe.

– Malia... – Locke esfrega as têmporas.

– Não, Locke. – levanto da cama e pego suas mãos calejadas, faço com que ele olhe nos meus olhos quando começo a falar – Não é culpa sua. O que aconteceu comigo. O que meu pai fez. Você não tinha como adivinhar.

– Eu não devia ter deixado você entrar sozinha. Não devia ter permitido

que você se aproximasse daquela casa.

– Sabe, meu irmão, minha mãe e até mesmo eu pensávamos que o que meu pai fazia era culpa nossa. Quando ele batia na mamãe, Oliver sempre se culpava, eu me culpava e mamãe também. Pensamos que é normal aguentar uma situação ruim quando achamos que a merecemos. Nós tentávamos colocar uma justificativa no que ele fazia, mas depois de um tempo, e, isso pode levar anos, a gente percebe que não somos os culpados e sim as vítimas. – meus dedos sobem pelo cotovelo dele, nossas peles se arrepiam – Sempre haverá pessoas para se culpar e sempre haverá monstros que se aproveitam disso. E Deus, espero do fundo do coração, que essas pessoas descubram que não deveriam viver com medo ou sentindo-se culpadas. Espero mais ainda que elas encontrem alguém como você.

Locke suspira.

– Se você não tivesse entrado. – engulo em seco quando penso no que poderia ter acontecido – Você não faz ideia, não é?

Locke pensa que poderia ter evitado alguns machucados, o que ele não entende é que evitou coisas muito piores.

– Do quê?

– Você sempre estive no lugar certo. Na hora certa – estamos quase abraçados quando digo isso, meu hálito quente beija seu pescoço nu.

– Não o tempo todo. – ele retruca teimoso.

– Em todos os momentos importantes.

A ponta do nariz dele desce pela pele sensível atrás da orelha. Fico na ponta dos pés abraçando seu pescoço. Eu poderia dizer as palavras agora. Eu estou dizendo e ele nem sequer sabe.

– Malia?

– Locke?

– Você não faz ideia, não é?

– Do quê? – sorrio contra o pescoço dele.

– É você quem estive no lugar certo e na hora certa. – a ponta do nariz dele acaricia minha bochecha – Foi você quem me encontrou.

Em seguida, ele me beija.

Meu Deus, espero que todas as pessoas do mundo também sejam beijadas assim.

É o único tipo de beijo que vale a pena.

– Opa! – vou parar no outro lado do quarto quando tio Theo irrompe pela porta – Acho que vamos ter de bater um papinho sobre mãos bobas e

bocas atrevidas meu rapaz.

Locke sorri. Pronto para ser Locke outra vez. Ele faz cara de que está muito interessado em mãos bobas e bocas atrevidas.

Meu rosto esquenta. Vermelho pelo motivo certo.

## 49

– É sua?

Questiono deslumbrada e empolgada. Tio Theo limpa os pés no carpete da entrada que diz em letras grandes “*Bem-Vindo à Livraria Era Uma Vez*”. Sim, esse é o nome da livraria. Quando meu tio disse que tinha um pequeno negócio de venda de livros ele estava sendo modesto. A livraria fica no primeiro andar em um prédio com três andares. O primeiro piso é o mais amplo, as estantes são feitas de madeira escura e as ilhas que ficam dispostas no centro sustentam a mesma cor bonita, as laterais dão espaço para os clientes circularem junto a cadeiras confortáveis para uma leitura rápida antes das compras. Os *best-sellers* estão expostos nas vitrines de vidro ao lado dos livros preferidos de Theo, mas que não fizeram tanto sucesso assim. Palavras dele.

– Quero ler todos. – digo.

– Fique à vontade para pegar qualquer livro que quiser. – tio Theo me dá o passe livre da felicidade.

Cheiro o ar. Cheiro de livros novos e velhos. O melhor perfume do universo.

– Sua mãe está esperando no andar de cima. – subimos uma escada e chegamos ao primeiro apartamento, o que pertencia à vovó e que agora é nosso. Uma bola se forma na minha garganta quando sinto os aromas do chá preferido dela logo na entrada.

– É bom ver esse apartamento ocupado outra vez. – Theo diz.

Mamãe veio na frente para arrumar as coisas. Tirar pó, trocar os lençóis. Theo me buscou no hospital e levou quase trinta minutos tento uma *conversinha* com Locke. Ele carrega minha mala e eu empilho as caixas de remédio na mesa da cozinha.

– Seu quarto é o último. – ele fala levando minha mala até lá – Minha mãe tinha tudo preparado para o dia que vocês viessem morar aqui. Era como se ela já soubesse que isso aconteceria.

Outra bola na garganta.

Theo deixa a mala em cima de uma cama. Mamãe já passou por aqui. A cortina na cor creme balança com a brisa fraca, roupas de cama rosa claro cobrem a cama e um guarda-roupa branco está com as portas abertas. Uma estante da mesma cor do guarda-roupa tem alguns títulos empilhados.

– A Lagarta Dourada – passo o dedo pela lombada daquele e pego o livro infantil nas mãos – Conheço esse.

– Você lembra? – Theo abre minha mala colocando as peças no cabide, ele me vigia pelo quanto do olho.

– Lembro um pouco da história. – falo.

– Achei que não se lembrasse. – ele pendura uma calça jeans – Você era muito pequena. Você e seu irmão.

Abro o livro. As ilustrações mostram uma lagarta dourada, feita de ouro que tinha de fugir de outros bichos e de piratas que queriam roubá-la. Eu amava essa história. Amava as aventuras e espertezas da lagarta.

A lagarta. Como aquela que veio na última caixa. Aquela que Theo enviou.

– Era você. – digo quando a abelha finalmente para de zunir – Você lia as histórias pra mim. Não a vovó.

Theo para o que está fazendo e se vira.

– Você adorava quando eu lia pra você. – ele diz com a voz rouca.

Uma imagem chega como um raio. Tio Theo em uma versão jovem, os cabelos compridos, óculos bregas, uma garotinha sentada no joelho dele prestando atenção nas palavras e nas vozes estranhas que o tio usava para ler a história.

A garotinha que se apaixonou por livros porque queria viver as aventuras de uma lagarta.

– Por que não me contou?

– Pensei que você não se lembrasse.

– As lembranças são um pouco embaçadas, mas eu me lembro.

– Que bom. – um sorriso genuíno repuxa seus lábios finos, ele empurra os óculos com a ponta do dedo. Mamãe grita do banheiro que está terminando de tomar banho.

– Vou terminar de arrumar. – digo colocando o livro na estante e seguindo em direção ao armário.

– Se precisar de ajuda, estarei na livraria.

Antes que ele saia pego o livro verde da mala. Pequenas gotas de sangue mancharam as páginas pintadas de verde.

– Era você que mandava os livros, não era?

Theo não fala nada por um tempo. Ele olha o livro nos meus braços. As gotas de sangue, a tinta verde. Cores que não combinam.

– Tinha esperanças de que você ainda gostasse de ler quando os

mandava.

Pergunto-me o que aconteceu com a lagarta de pelúcia. Se ela está adormecida em algum canto do meu antigo quarto.

– Os livros que você mandou me ajudaram muito. – digo pensando na metamorfose da lagarta dourada – Eles foram meus únicos amigos por um longo tempo.

Quando perdi Oliver e Nicolas. Quando Rachel ainda era má. Quando eu não tinha ninguém além de mamãe. Algumas pessoas só têm livros, algumas pessoas só possuem páginas para salvá-las. É impressionante, certo? Que algo tão frágil quanto papel possa fazer de alguém algo tão forte quanto diamante. As pessoas subestimam o poder das palavras. Se muitas delas me feriram, outras mais me curaram.

Theo cruza o quarto e me pega em seus braços. Meu tio abraça meu corpo pequeno contra o seu. Nos braços dele me sinto uma borboleta de papel virando diamante. A garota de papel, como na música de Oliver.

– Sei como é. – diz ele rindo.

Quando me solta, as lentes dos seus óculos estão embaçadas.

– Estou feliz que esteja aqui, Malia. – Theo diz à medida que atravessa o quarto.

– Eu também, tio. – respondo vendo-o partir – Eu também.

»

– Você está... – Rachel batuca um dedo no queixo, procurando a palavra certa para descrever meu estado.

– Ótima! – Liz diz rápido censurando a namorada com os olhos.

Sim, namoradas. Alianças idênticas estão presas em correntes prateadas ao redor do pescoço das duas. Liz me contou ao telefone que elas estão namorando *finalmente*. Ela parecia muito feliz quando me contou a novidade e ficou radiante quando olhei para as mãos das duas entrelaçadas. Rachel e Liz vieram me fazer uma visita depois que souberam da minha alta. Pensei que seria desconfortável vê-las pisarem em cacos de vidro perto de mim. É a reação das pessoas ultimamente, elas acham que precisam ter cuidado comigo. Que eu posso murchar a qualquer palavra errada. Mas, tirando um pequeno susto muito bem disfarçado quando viram meu rosto, Rachel e Liz estão indo bem. Rachel principalmente.

– Ótima não seria a palavra certa, mas eu gostei do cabelo. – Rachel fala.

– Obrigada

Liz dá uma cotovelada nas costelas de Rachel.

– Conhecemos seu tio na livraria. Mamãe vai ficar louca com esse lugar quando vier aqui.

– Seu tio é um gato. – Rachel elogia passando patê de alho em uma torrada.

– Rachel – Liz sussurra meio que repreendendo, meio que enciumada.

– Mentir é errado, está na Bíblia. – ela morde a torrada – É por isso que eu só digo a verdade.

– Ah, é? – Liz arranca a torrada dela e a enfia na boca – Vou começar a te contar quem são as pessoas que acho *gatas*.

Rachel sorri balançando os ombros o que faz a pele marrom de Liz ficar vermelha.

– Liz? – interrompo a discussão – Você teve notícias da Bia?

Ela havia me ligado quando eu ainda estava no hospital, mas a impedi de me visitar mesmo com ela insistindo estar bem. O filho dela acabou de nascer e não achei que seria bom ficar se locomovendo quando ela deveria descansar.

– *Malia – ela reclamou – Não estou morta. Eu só tive um bebê!*

– *Que tal eu ir visitá-la quando sair do hospital? Assim eu posso conhecer o Otávio.*

– *Perfeito!*

Pude ouvir o começo do choro de um bebê ao fundo e ela teve de desligar para amamentar o pequeno.

– Ela queria vir conosco hoje. – Liz explica – Mas teve que ficar em casa por recomendações médicas.

– Ela pediu para avisar que semana que vem fará um jantar e quer você lá. – Rachel completa arrastando pela mesa um convite azul.

Dento do envelope há uma foto de um bebê recém-nascido dormindo tranquilamente. Com os pequenos olhinhos fechados e a boquinha levemente aberta. Penduro a foto com dois imãs na geladeira e lá está: a marca de uma nova vida. A de Otávio e a minha traçada com todas aquelas coisas boas que vieram de uma decisão impensada de fugir de um lugar que eu costumava chamar de casa.

Acho que meus amigos fictícios teriam orgulho de mim.

– Malia – Rachel bate palmas chamando minha atenção – Fórmula de bhaskara, lembra? – ela indica a folha de exercícios de matemática, a

primeira da pilha das coisas que perdi na escola na última semana.  
Suspiro e vou até os números impossíveis.



Nicolas,

*Não há necessidade de vir até aqui. Estou bem. Dessa vez é pra valer.*

*Sei que você ficou assustando com o que te contei, mas você deve permanecer onde está e, quando voltar, que seja definitivamente.*

*Muitas pessoas estão cuidando de mim. Espero que isso te tranquilize, repito: estou bem. Voltei ao hospital para checar meu pulso e fazer outros exames complementares e o Dr. Carlos disse que sou forte como uma rocha. Uma rocha multicolorida, mas se recuperando.*

*Rachel e Liz me ajudaram com os trabalhos da escola. Sim, você leu certo: Rachel. Ela não é uma má pessoa, no fim das contas, só alguém que escolheu agir de modo errado com os outros. Mas ela está se redimindo. (Não bufe, nem revire os olhos, estou contando a verdade).*

*Seu pai conversou comigo na escola. Meu coração se transformou em um peixe pulando contra pedras afiadas quando o vi, pensei que algo tinha acontecido com você. Mas então ele me contou que você tinha ligado para ele e contado o que havia acontecido, ele se ofereceu para ser o advogado da mamãe e não vai cobrar nada por isso.*

*Não sei como posso agradecer a sua família pelo que estão fazendo por nós. Queria poder te abraçar agora, mas vou ter minha chance quando você voltar. Sua mãe nos perdoou pelo que Oliver fez, ela tem sido ótimo com a minha mãe e comigo.*

*Ela nos visitou recentemente e minha mãe e a sua ficaram contando histórias sobre você e Oliver. Aquela coisa que as mães fazem de dividir os momentos marcantes dos filhos.*

*A Dra. Perkins, minha psicóloga, disse que é bom lembrar, como elas estavam fazendo. Gosto da Dra. Perkins porque ela é uma boa ouvinte, ela não diz que a tristeza que sinto quando penso no meu irmão é algo ruim, mas me lembra de que tenho uma vida inteira pela frente e que momentos assim vão vir e voltar e com isso a pressão que sinto no peito por causa de Oliver vai diminuir com o tempo.*

*A saudade é inevitável, ela nos cerca até mesmo na nova casa.*

*– Às vezes, esse sentimento vai voltar de forma esmagadora. Mas depois ele vai embora. – ela disse – As coisas melhoram. Lembre-se disso, é uma*

questão de tempo.

*Mamãe também está fazendo sessões com um psicólogo, ela diz que é bom ir às sessões, que ela se sente mais leve. Entendo o que mamãe sente, tenho sentido isso desde o dia em que contei a verdade para Locke. Segredos pesam mais do que imaginamos.*

*Na última semana fui ao consultório da Dra. Perkins todos os dias. Ela disse que tínhamos muito trabalho pela frente e que poderíamos diminuir as sessões em breve, por enquanto, ela gostaria de me ver todos os dias. Nas primeiras três consultas conversamos sobre Oliver, eu estava focada em falar sobre meu irmão, como ele era, o que se tornou e as consequências que suas escolhas geraram.*

*– Tudo bem. – ela esperou, prestando atenção à medida que minha voz morria e meus olhos pinicavam – Vamos nos concentrar em você agora. Acredito que já falamos o suficiente sobre seu irmão. Quero saber mais sobre você, Malia.*

*E então lá estava: eu. De novo. A Dra. Perkins aguardou minha resposta e tentei pensar em todas as coisas que faziam de mim o que sou. Não Oliver. Ou mamãe. Ou você. Ou Locke. Eu, Malia. A garota com nome de uma cidade grega.*

*É tão difícil responder isso, Nicolas. É tão difícil saber quem você é. Falar sobre Oliver é fácil, ele era meu mundo e eu estive sentindo e respirando Oliver por tanto tempo que acabei se esquecendo de mim.*

*Mas, quanto mais eu pensava no que a Dra. Perkins pediu mais eu percebia que não havia encontrado um vazio infinito. Eu não me deparei com uma parede de tijolos que não me deixava ver o outro lado. Eu sabia quem eu era e sabia que existiam tantas outras coisas que eu ainda não havia descoberto sobre mim.*

*Entendi o que ela estava pedindo. Entendi que chegou a hora de cuidar de mim. Não de Oliver ou mamãe. Essa história também é sobre uma menina com nome de uma cidade grega.*

*Eu a encontrei.*

*Ela tem o rosto do irmão, de um garoto de olhos verdes, de todos os livros que ela leu e isso é apenas o começo.*

*Com carinho,  
Malia*

É o final da nossa última sessão da semana. A Dra. Perkins fala que estou indo muito bem com a terapia, é quase como se ela tivesse me dado uma nota dez em um exame difícil, a sensação é a mesma. Realização. Estar indo bem em qualquer coisa também é uma novidade pra mim.

Ela termina de anotar no seu caderninho com meu nome na capa, sua cabeça balança pra cima e pra baixo, mesmo que eu não esteja falando nada. Ela sorri tampando a caneta e percebo o quanto ela é jovem e bonita. Tio Theo me contou que Melissa – a Dra. Perkins – já foi cunhada dele.

*– Ela é um amor. – ele me confessou quando estávamos no carro vindo para terapia – Mas aquele irmão dela tsc tsc. Não sei onde eu estava com a cabeça. Na verdade, sei sim.*

Melissa empurra a porta vai e vem e me espera passar. Ao final das sessões ela acompanha o paciente até a sala de espera, como é Theo que vem me buscar também, eles conversam um pouco antes de irmos embora. Mas, dessa vez, para meu êxtase, não é meu tio que me aguarda sentado nas poltronas da sala de espera.

– Oi – ele diz e levanta passando as palmas das mãos na calça jeans surrada.

– Oi – respondo sem conseguir disfarçar minha alegria.

A Dra. Perkins aperta a mão de Locke e antes de ir embora dá uma risadinha.

*Vamos ter muito do que conversar na próxima sessão.*

– Eu não sabia que você viria. – ponho as mãos nos bolsos de trás da calça, contrariando minha vontade de correr para os braços de Locke.

– Amélia ligou pra sua mãe. – ele indica o lado de fora do consultório – Ela queria nos mostrar uma coisa.

Amélia está esperando em um carro minúsculo que parece uma joaninha. Quando me vê olhando, ela ergue o braço e acena eufórica, a pele embaixo do braço balança no mesmo ritmo. Ela faz gestos no ar e diz com os lábios: *ele não sabe de nada*. Locke não vê isso. Sorrio e faço um sinal afirmativo com o dedo.

– Como você está? – Locke pergunta. Sua atenção agora volta para o consultório médico.

– Bem. – respondo – A Dra. Melissa é legal.

– Que bom. – uma ruguinha se forma nos cantos dos olhos verdes dele – Acho melhor a gente ir. Tenho medo de deixar Amélia sozinha com um carro por muito tempo.

Caminhamos no calor abafado do lado de fora em silêncio. A semelhança com a primeira vez que estive ao lado dele me deixa tonta. Só que, naquela ocasião, tínhamos os sons da noite embalando nossos passos. Dessa vez, é barulho de carros e o estalar do sol no asfalto que nos segue rumo ao carro joaninha.

Quando chegamos Amélia se inclina para fora da janela me dando dois beijinhos no rosto.

– Vamos lá, pessoal! – ela bate as mãos no volante.

Locke sorri.

No banco do passageiro uma cabecinha peluda surge por baixo do braço de Amélia. Lola lambe meu rosto, dou um beijo no focinho dela. Assim que Locke chega perto da porta do passageiro, Lola sai de perto de mim e se acomoda no banco com os olhinhos castanhos focados na paisagem à frente. Ela olha de lado para ele como se dissesse *não me tire do meu lugar*. O garoto bufa e abre a porta de trás.

– Primeiro você. – ele faz floreio e entra em seguida.

O banco de trás é mais quente que o lado de fora, mas não me importo com o suor nas costas ou o bafo quente dentro do carro. Meu ombro toca o de Locke e ele não faz menção de se afastar. Ele usa uma camiseta de mangas curta branca e assim de perto vejo o contorno das veias roxas, azuis e verdes. Tenho vontade de traçar os caminhos da sua pele.

Amélia arranca o carro impulsionando meu corpo pra trás.

– Eu avisei. – Locke resmunga segurando na porta.

Não ligo para as arrancadas bruscas e as paradas inesperadas. Amélia põe a língua pra fora feita uma pilota de corrida vencendo obstáculos. Lola curte o vento nas orelhas com a língua pendurada. Ela também não se importa com o jeito que Amélia dirige. A cada movimento inesperado meu corpo fica mais perto do de Locke, até que ele segura meu ombro esquerdo, com o braço ao redor de mim.

– Assim é melhor. – ele explica me puxando para mais perto e eu deixo.

É claro que deixaria. É Locke.

É simplesmente Locke.

»

– Chegamos! – Amélia bate palmas saindo do carro. Lola vai atrás dela.

Olho ao redor e noto que não estamos muito longe da confeitaria ou do restaurante de Vera. Se meu senso de direção estiver correto, o restaurante fica a cinco quarteirões de distância.

Espero Locke abrir a porta, mas ele toca minha bochecha ao invés disso. Ele esfrega o dedo e fica por um tempo demasiadamente longo com a mão encostada na minha pele quente. Locke alisa o contorno de um hematoma verde.

– Aqui. – Locke mostra os dedos manchados de batom vermelho – Sempre limpe as bochechas depois que Amélia te beijar ou então você ficará desfilando com o desenho de lábios vermelhos no rosto.

Locke abre a porta do carro e me ajuda a sair. Henri está junto com Amélia, ele me abraça cheirando a farinha. Amélia não se contém no lugar, ela olha para frente e depois pra nós dois.

– Não é lindo? – ela pergunta por fim.

Vejo o motivo da empolgação toda. As vitrines de vidro ainda não foram preenchidas e as mesinhas de ferro branco ainda estão desocupadas em baixo do toldo verde, mas, mesmo assim, já posso ver o lugar cheio de pessoas. Crianças com o rosto grudado nas vitrines pedindo aos pais um pedaço de bolo ou um cupcake colorido. Meninas adolescentes sentadas nas cadeiras de ferro tomando cappuccinos gelados. Homens de terno passando para um rápido café.

– Uau. – digo sorrindo para Amélia – Ficou lindo. Muito mesmo, Amélia. Tenho certeza de que será um sucesso.

– Eu sei! – ela dá um gritinho – Mas não é apenas isso que queremos mostrar.

Henri e Amélia olham para mim. Sorrimos. Locke cruza os braços.

– Podem me contar, por favor, o que vocês três estão escondendo. – ele exige.

– Não é nada de mais. – Henri sorri.

– Henri, vamos acabar logo com isso. – Amélia pula sem sair do lugar – Minha ansiedade não aguenta mais esperar.

Henri vai até a frente da loja, grudado no muro em cima do toldo um lençol branco estrategicamente posicionado esconde o segredo que os dois guardam.

– Posso? – Henri pergunta todo sério.

– Sim. – gritamos juntos.

Ele puxa o lençol. Amélia bate palmas. Lola late como se reconhecesse sua inicial na placa com o nome do lugar.

### **L&L Confeitaria e Café**

É o que está escrito na placa dourada. Observo Amélia e Henri orgulhosos e depois me viro para Locke esperando sua reação. Ele está parado com o rosto voltado para cima, vendo sua inicial na placa.

Locke & Lola

É isso o que as iniciais significam. Locke abaixa os olhos para a cachorra sentada nos pés da dona. A mulher aguarda com as mãos entrelaçadas.

– Sei que você queria os nossos nomes ali. – Amélia fala calmamente – Mas nós queríamos o seu.

Amélia contou quando me visitou no hospital que Locke não achava certo ter o nome em uma placa dourada, então ela resolveu fazer algumas mudanças para que ele não ficasse aborrecido.

– Quis acrescentar outro L quando conheci esse monstrinho. – Amélia acaricia a cabeça de Lola.

– O que queremos dizer com isso. – Henri limpa a garganta – É que isso tudo não teria sido possível sem você.

Locke nega com a cabeça. Aperto seu braço e desço meus dedos até chegarem aos seus. Aperto. Ele para de negar. A placa dourada reflete nas lágrimas contidas nos seus olhos.

– Não sei o que dizer. – ele fala por fim.

– Não precisa dizer nada, meu bem. – Amélia garante, a emoção de Locke são palavras mais do que suficientes.

A mulher abraça Locke e mesmo ele sendo quase trinta centímetros mais alto, o garoto se curva e descansa a cabeça no ombro dela. Pequenos tremores viajam pelo corpo de Locke enquanto que ele aperta a cintura fofa de Amélia.

– Eu te amo, filho. – ouço Amélia sussurrar.

Ela não diz filho como velhinhas fofas dizem quando falam com pessoas mais novas. Ela diz filho como minha mãe diz. Como Vera fala com Liz e como Rosa chama suas meninas para mesa de jantar. Ela diz essa simples palavra com toda veracidade de uma mãe, porque ela é uma mãe.

Locke aperta sua cintura com mais força. Henri funga ao fundo. Lola,

cansada de esperar, pula com as patas dianteiras em Amélia e Locke.

– Acho que ela também quer fazer parte do abraço. – Henri diz rindo.

Locke se desprende de Amélia e abraça Henri também, do mesmo jeito frágil de minutos atrás. O confeitiro retribui dando tapinhas no ombro do filho, lágrimas salgadas descem por seu rosto enrugado.

– Eles são tudo pra mim. – Amélia fala vendo seus dois meninos se abraçando.

Penso em mamãe, tio Theo, Vovó e Oliver. Minha família de sangue que não tive a chance de escolher, mas que teria escolhido mesmo se me fosse concedida essa chance. Penso em Liz, Bia, Rosa, Pedro, Tereza, Samira, Amélia, Henri e Locke; a família que o destino me deu.

Sangue, afinal, era apenas um detalhe insignificante.

– Em nome de Deus, desde quando você cozinha?

Liz, vestida com avental branco e toquinha cirúrgica, coloca as suas mãos na cintura e mostra a língua pra Locke. Ele tira os braços dos meus ombros e se levanta do sofá em que estamos sentados tomando cuidado para não incomodar o bebê que dorme no meu colo.

– Estou indo salvar esse jantar. – Locke anuncia.

– Nem vem. – Liz cruza os braços – Não chegue perto da minha cozinha.

Mas Locke vai do mesmo jeito e ela corre dele para dentro da cozinha de Bia sussurrando zangada para não acordar Otávio. O bebê de Bia é gordinho como todos os bebês devem ser, com uma penugem clara na cabecinha pequena e dobrinhas pelo corpo. Tive medo de pegá-lo, mas Bia garantiu que eu levo jeito. Ela agora está com uma taça de suco na mão conversando com Samira e Tereza, ela está linda, mesmo que negue me mostrando as olheiras.

Otávio ficou me encarando com uma mãozinha segurando meu dedo antes de adormecer nos meus braços. Locke não consegue acreditar que um bebê desse tamanho saiu de Bia.

– *Como isso é humanamente possível? – ele perguntou medindo Otávio com as mãos separadas.*

– Preparada pra amanhã? – Rachel ocupa o lugar que Locke deixou. Ela acaricia o pezinho de Otávio.

Amanhã. Último dia de aula. O trabalho final.

– Nunca estarei preparada para falar em público. – respondo e me arrepio só de imaginar em todas aquelas rostos observando cada palavra que sair da minha boca.

– Você vai se sair bem. – Rachel diz.

– Espero que sim. – respondo sem acreditar nisso.

– Foque sua atenção em um objeto ou uma pessoa e tudo vai dar certo. – ela aconselha – É o que eu faço.

Não consigo imaginar Rachel nervosa com apresentações, mas agradeço pela dica mesmo assim. O trabalho final do ensino médio tem sido minha principal discussão nas sessões com a Dra. Perkins. Estou uma pilha de



nervos. Os alunos da escola ouviram boatos sobre o que aconteceu comigo, mas eles não sabem com certeza e estão esperando o dia de amanhã para descobrir de onde vieram meus machucados.

– *Você não precisa dizer nada sobre isso, Malia.* – *Melissa falou na última sessão – Mas se for isso que você quiser, não deixe nada te impedir, mas apenas se for bom pra você.*

Otávio abre os olhos, como se soubesse que preciso de uma distração. Ele abre a boquinha quando Rachel conversa com ele. O bebê sorri e faz um barulho que se parece com soluços. Bia chega perto de nós e seu filho balança uma perninha dando um sorriso especial para a mãe.

– Está na hora de alimentá-lo. – ela diz pegando-o – Obrigada por cuidar dele, Malia. Eu estava precisando de uma folga.

– Não precisa agradecer. – respondo.

Rachel beija a cabeça macia de Otávio. Ouvimos barulhos de panelas sendo jogadas no ar e um urro de Locke. A garota loira arregala os olhos e segue rumo à cozinha, mas Bia não se abala. Nem Otávio.

– Você se acostuma com esses dois. – Bia diz vendo minha indecisão de seguir Rachel e ver o que está acontecendo – Quer subir comigo? Ver o quarto do bebê?

Faço que sim com a cabeça e vou atrás dela. Seguimos caminhando até o fim do corredor. Fotos de Bia e Thomas na faculdade, em viagens e no casamento emolduram as paredes. Lugares em branco onde antes existiam quadros estão esperando as fotos de Otávio.

Bia se acomoda em uma poltrona azul e indica uma cadeira ao lado dela.

– Queria ter ido te visitar no hospital. – diz ela olhando para o filho – Como andam as coisas com você e sua mãe?

Bia cobre o rosto do bebê com um paninho fino e se vira na minha direção.

– Estamos nos ajeitado. – respondo, as corujas marrons desenhadas na parede do quarto nos vigiam serenas – Tio Theo é maravilhoso. Ele está fazendo de tudo para nos ajudar. Mamãe não quer viver só do dinheiro que minha avó deixou, ela está fazendo cursos agora e procurando emprego. Ela diz que vai usar o dinheiro para pagar minha faculdade ano que vem.

– E você já sabe o que vai estudar? – Bia pergunta.

– Sinceramente, – tenho vontade de suspirar – não. Acho que nunca imaginei que chegaria tão longe, que faria faculdade, então não pensei no que eu realmente gostaria de fazer.

– Você pode esperar. – Bia tira uma das mãos que segura o bebê e aperta meu braço – Sua mãe vai entender.

A vontade de ter Oliver comigo volta outra vez. Queria ter visto o que ele faria no meu lugar, o que ele teria escolhido. Mais uma oportunidade que a morte deixou para trás.

Bia termina de amamentar o bebê e dá batidinhas nas costas dele. Um som forte sai daquele corpo pequeno e nós duas rimos. Ela coloca o Otávio no berço, ele já está dormindo. Longe de todo o horror desse mundo, protegido por corujas marrons e inocência. Ele terá muito que enfrentar nos próximos anos: os primeiros passos, o primeiro dia de escola, o primeiro amor, o primeiro coração partido, as primeiras escolhas. No fim, todos temos que percorrer caminhos sinuosos e esperar pelo melhor.

Um sino começa a soar na sala e ouvimos Liz e Locke discutirem.

– O jantar deve estar pronto. – Bia fala com um pouco de medo na voz.

– Se nada der certo, – digo – a pizzaria está aberta.

Bia fica mais aliviada. Começamos a rir. Ela abraça minha cintura por trás e juntas descobrimos o que cheira queimado.

– Até que não está com uma aparência muito ruim. – Bia tenta amenizar o clima.

Olhamos para a carne que parece um pedaço de carvão.

A campainha toca e Marco entra com sacolas e bandejas isopor. Liz bate com o pano de prato em Locke.

– O jantar chegou. – Marco anuncia.

Um suspiro coletivo irrompe no ar.

Meus olhos se fecham no caminho de volta para casa. O jantar rendeu boas gargalhadas, alguns constrangimentos quando Tereza e Samira me perguntaram se Locke e eu estávamos usando proteção e minha única alternativa foi gaguejar.

– *Não estamos fazendo isso. – faço movimentos desconexos – Sabe.*

– *Querida, pode falar a palavra sexo. – Tereza cobriu minhas bochechas quentes – Ela não morde.*

Por sorte, consegui ser salva por Pedro que não parava de rir e disse que não via a hora das duas pegarem Locke para as mesmas perguntas. Espero não estar perto quando isso acontecer.

Locke e eu somos uma linha reta. Não estamos no começo dela, disso tenho certeza. Seus dedos apertando os meus, as voltas que seus braços fazem ao redor da minha cintura, a maneira como às vezes ele fica calado e eu o pego me olhando em silêncio, me dão a certeza de que estamos em algum lugar naquela linha dos relacionamentos.

– Malia – Locke me acorda, o movimento do carro cessou e não estamos na minha casa – Fiz uma parada para te mostrar um lugar.

Ele destranca a porta do carro e me busca do outro lado. Os cascalhos me fazem tropeçar na escuridão, mas quando andamos cerca de dez passos as luzes da cidade se tornam visíveis.

– O que são aquelas luzes alinhadas? – pergunto apontando para uma fileira de luzes brancas.

– Uma pista de pouso. – a voz de Locke some quando um som ensurdecedor paira acima de nós.

Me agarro ao corpo de Locke quando o vento gelado e forte nos atinge, quando olho para frente vejo que estamos muito perto do fim do caminho e o que substitui a terra batida é uma imensidão negra. Um segundo se passa quando o avião desce acima de nossas cabeças, tenho a impressão de que posso tocar a barriga da máquina se esticar os dedos. Mas então, ela já se foi, seguindo o caminho das luzes brancas, freando até parar completamente.

– O avião pode andar assim tão baixo? – questiono ainda agarrada ao corpo frio de Locke.

– Todos andam. – ele mexe os ombros.

– Você vem aqui sempre? – estou um pouco preocupada agora, o vento e o buraco que espera silencioso para engolir pessoas desavisadas me deixa nervosa.

– Só quando preciso pensar em coisas importantes. – diz ele e então Locke faz uma pausa e deixa a frase no ar, ele ainda não terminou – Vou morar com Henri e Amélia. Terminei de mudar minhas coisas hoje de manhã.

Era por isso que Amélia não se continha dentro de si de tanta felicidade. Era por isso que Henri quase chorou a noite toda quando via Locke perambular pela casa de Bia. Os dois deixaram que ele contasse a novidade pra mim.

– Locke – agarro sua camiseta – Isso é ótimo. Quer dizer, eles queriam tanto que você fosse morar com eles. Como você está se sentindo?

– Não sei. – ele traça as ondulações das veias nos meus pulsos – Estou feliz e com medo.

– Medo?

– Medo de que não gostem de me ter por perto o tempo todo. – ele diz enfim o que o angustia tanto e isso não é apenas algo que surgiu repentinamente, foi construído no íntimo dele com o passar dos anos. Como meu medo em relação às pessoas e o que elas poderiam fazer para me machucar.

– Ah, Locke – aperto mais firme sua camisa – Eles são seus pais. Eles te amam.

Locke levanta o rosto e sorri para mim.

*Eles te amam.*

E o que as pessoas esperam ouvir. A confirmação.

– Eles são, não é?

– É claro que sim. – sorrio – Mas, mesmo que um dia eles se cansem de você, tenho certeza que tenho um bom lugar na minha casa que você pode ocupar.

Brinco com ele. Aquela sobrancelha negra sobe e ele sorri todo majestoso.

– Tenho certeza de que seu tio adoraria isso.

Reviro os olhos lembrando o quanto Tio Theo tem sido protetor.

– *Elas são minhas meninas, Locke. – o peguei ameaçando Locke mais cedo naquela noite enquanto terminava de me arrumar para o jantar – Ferre com elas e eu ferre com você.*

Fico imaginando a imagem do meu tio tentando dar uma de durão. Os

óculos caindo, as calças beges e os suspensórios vermelho não combinam com a figura que ele quer passar quando Locke está por perto. Mas Locke ouve tudo o que ele diz e garante que vai tomar conta de mim.

O que me faz lembrar...

– Ei, – digo me desprendendo do corpo dele – em que lugar na linha de relacionamento a gente se encontra?

Locke franze as sobrancelhas com a pergunta e eu penso que devo estar falando algo muito idiota.

– Ou a gente tipo, não está nessa linha. Nem em um relacionamento. – falo rápido – Por mim tudo bem, sabe. Não precisamos estar na linha dos relacionamentos, nem em um relacionamento, se você quiser.

– Malia – ele interrompe – Onde diabos você ouviu falar de uma linha de relacionamento?

Não respondo. Com vergonha de contar sobre a revista que meu tio deixou em cima da mesa no café da manhã e nos nomes dos ex-namorados riscados no canto da página.

Locke suspira e ri de mim. Eu também riria se não estivesse com tanta vergonha. Dou quatro passos em direção ao carro, mas Locke não me deixa ir muito longe vendo meu aborrecimento.

– Você nem me deixou responder. – ele segura meu cotovelo.

– Não precisa. – balanço a cabeça e os cachos que mamãe fez com papel crepom sobem e desce feito molas.

– Precisa sim. – ele fala – Mas esqueça dessa bobagem de linha.

– Tá.

– Sabe, quando se trata de você. – Locke me solta e passa uma mão no cabelo – Nomes e rótulos são apenas isso: nomes e rótulos.

Outro avião se aproxima, porém não desgrudo meus olhos dos dele. Locke acaba com o espaço que nos separa querendo se fazer ouvir apesar do barulho, ouço meu nome dito naqueles lábios impecáveis até que o avião passa.

– Se quer saber se você é minha namorada. Sim. Você é, se você quiser, é claro. – ele sorri como se não soubesse do que eu quero.

– Quero. – respondo por que ele quer que eu diga em voz alta.

– Bom. – diz Locke chegando mais perto – Mas se quer mesmo saber, Malia, você não é apenas isso.

– O que eu sou então?

Locke respira fundo e me lança aquele sorriso torto que chega aos seus

olhos verdes. Meu coração retumba como uma escola de samba. Seus lábios chegam perto dos meus, o cheiro de hortelã me atinge, assim como os arrepios que descem pela minha espinha. E, quando minha boca toca a dele, quando eu suspiro com o contato, Locke sussurra:

– Você é meu futuro.

## Quarta Parte: *Malia Dellara Doerr*

### 54

*Nicolas,*

*Muito aconteceu desde minha última carta. É impressionante como o tempo não se estende quando você se sente genuinamente feliz. É um sentimento que desejo para todos aqueles que amo. Você é uma dessas pessoas.*

*A Dra. Perkins diz que tenho dificuldades em demonstrar sentimentos, mas que perto de Locke essa dificuldade desaparece. Ela disse que sou uma lousa cheia de rabiscos sentimentais. Bom, muitas coisas aconteceram entre nós dois. Deixei Locke ver partes de mim que nunca permiti serem vistas por ninguém. Ele fez o mesmo.*

*Enfim, nossa conversa se resumiu a Dra. Perkins dizendo que tenho medo de dizer às pessoas que as amo porque tenho mais medo ainda de perdê-las. Acho que ela estava tentando me mostrar que quando eu não digo as três palavrinhas mágicas, alguma parte de mim se sente mais preparada para a partida inevitável daquela pessoa. Ou seja, tenho medo de dizer eu te amo porque tenho medo de ficar sem as pessoas que eu amo. Estou tentando mudar isso, portanto, lá vai: Eu amo você, Nicolas.*

*Viu só? Nem foi tão difícil. Mas, falando sério, as três palavras destinadas a você são a mais pura verdade. Não se esqueça disso.*

*Depois do que passei horas atrás, senti vontade de dizer isso. É noite agora, a escola fechou há tempos, mesmo assim ainda sinto a trilha de palavras flutuando no auditório. Hoje foi um grande dia, como a Dra. Perkins chamou na nossa sessão antes da escola. Você lembra do trabalho final? Aquele que pedia para falarmos sobre nós mesmos? Então, hoje foi o dia da apresentação.*

*– Pessoal. – o diretor subiu no palco para dar um comunicado antes de começarem as apresentações – Quero mais uma vez pedir que devolvam a porta da biblioteca. – ele suspirou e apertou a ponta do nariz grande – É patrimônio público e vocês estão destruindo isso. Quem souber de alguma informação sobre o, ham, paradeiro da porta, venha falar comigo.*

*Bia estava lá rindo do diretor. Rachel e Liz também. Rachel até mandou alguns alunos calarem a boca quando eu subi no palco. O silêncio me deixou mais nervosa. Pus a trilha sonora de Oliver para tocar e esperei a primeira música acalmar os professores inquietos e os jovens desesperados para o fim daquilo.*

*Lá estava eu: Malia Dellara Doerr. Em frente a cem alunos com o coração do meu irmão tocando ao fundo.*

Olhe as estrelas

*A corrente com a cruz dourada que Rosa me deu de presente subia e descia com o ritmo da minha respiração. Os alunos focavam seus olhos de gavião e os professores se contorciam na cadeira. Todos esperando.*

*Era minha vez de falar.*

Navegue, Garota de Prata, navegue

– Muitos de vocês, enquanto faziam o trabalho, devem ter ficado se perguntando como um trabalho tão simples poderia ser tão complicado. – Comecei. Com minha voz se elevando à medida que as palavras saiam. – Outros de vocês tiveram a resposta sem nem mesmo precisarem se esforçar. Saber quem você é e o que faz de você essa pessoa é algo que nunca para de mudar. Eu não sabia qual seria minha resposta até alguns dias atrás. Mas eu sei agora.

*Respirei fundo e soltei o ar pela boca. Uma técnica que a Dra. Perkins me fez repetir no consultório. As mãos de Rachel e Bia estavam grudadas, o que me fez sorrir.*

A única maneira de saber  
É se doando por inteiro

– Vocês conheceram meu irmão. Ele era uma das pessoas que saberia o que dizer aqui. Na verdade, ele saberia o que dizer em qualquer lugar que fosse. Ele era assim. Uma peça de quebra-cabeça que se encaixa em todos os lugares. – silêncio – A primeira coisa que vocês precisam saber é essa: Eu amo meu irmão. Eu sempre vou amá-lo.

Amar pode doer  
Amar pode doer às vezes



– Oliver não morreu em um acidente de carro. – uma pausa, uma respiração, uma batida no coração – Ele sofreu uma overdose. Eu achei o corpo dele. Meu pai obrigou minha mãe e eu a mentirmos sobre o motivo da morte do meu irmão porque ele se importa com o que as pessoas pensam, mas, se querem saber, o jeito como meu irmão morreu não diminuiu em nada o meu sentimento por ele.

Eu canto músicas sobre o passado

– Nunca vou parar desejar que ele estivesse aqui. Mas também não vou me curvar a dor e a incerteza. Não vou deixar o mundo me destruir e essa é a segunda coisa que vocês precisam saber sobre mim: eu não vou me render. E espero que vocês não se rendam também. – Rosa segurava a própria cruz que tem em volta do pescoço, quando olhei para ela, minha amiga sorriu e acenou como se dissesse: *continue*. – Há dias em que precisarei chorar por lembrar como era ter meu irmão comigo, mas esses dias chegarão para que eu possa sorrir depois, grata pelos momentos que pude estar ao lado dele.

O sol ainda se levanta  
Mesmo com a dor

– É uma droga, eu sei. – comecei a rir e algumas pessoas me acompanharam, o rosto de Liz brilhava com lágrimas, ela não sorriu – Mas é assim. E eu não posso mudar, mesmo desejando muito.

Ela não tem ideia do quanto é linda  
E do quanto eu a amo  
Você não sabe o quanto é forte, garota de papel?

– Vocês estão aqui para saber sobre mim. Então, o que eu tenho a dizer é: meu nome é Malia Dellara Doerr, tenho 17 anos, amigos maravilhosos e uma família incrível. – pensei em Tio Theo e mamãe que fizeram um café da manhã digno da realeza quando souberam o que eu faria hoje e me abraçaram diversas vezes desejando boa sorte – Sou louca por livros e bolinhos de laranja. – mais risadas – Não faço a mínima ideia do que vai acontecer amanhã ou ano que vem. Nem o que estarei fazendo até lá, porque, como meu amigo diz, não temos controle sobre essas coisas. Mas eu vou descobrir. Vou viver para ver. Vou ser mais do que pó. Espero que vocês sejam

também.

*Quando terminei, Rachel se levantou e começou a bater palmas enquanto Liz chorava intensamente. Bia se juntou a ela. Em seguida, os professores e os alunos, mesmo que alguns não tivessem certeza do motivo de estarem batendo palmas.*

*E, Nicolas, foi como se um rinoceronte tivesse descido de cima das minhas coisas.*

*É magnífico o poder das palavras. Eu estava livre, das mentiras, da vergonha que papai colocou na minha cabeça. Aquela corda elástica que me puxava foi rompida, eu senti que poderia voar. Senti que poderia deixar Oliver voar.*

*– É isso que eu estou dizendo. – a professora de artes disse apontando pra mim.*

*Quando sorri para ela e comecei a descer do auditório, um casaco preto não passou despercebido. A porta do auditório se fechou, mas não antes que eu visse olhos verdes reluzindo na minha direção.*

*Com carinho,  
Malia*

– Vamos ter que desmontar. – Tio Theo assume depois de se tornar o cara mais teimoso do universo por quatro horas, ele ganha de Locke no quesito teimosia – Não me olhe assim! A culpa é das instruções, como eu ia saber que devia montar os pés primeiro?

– Estava escrito nas instruções, tio. – respondo cruzando os braços contra o peito.

O amontoado de madeira no chão do meu quarto mais parece uma obra de arte moderna do que uma cadeira. Não quero nem imaginar como será montar o resto dos móveis. Theo faz um biquinho magoado e eu sou obrigada a tranquilizá-lo dizendo que tentaremos mais tarde. Ele larga o papel de instruções como se milhões de víboras estivessem subindo pelos seus braços. Algo que percebi sobre o meu tio é que ele se interessa por tudo, mas raramente se dá bem fazendo atividades como, por exemplo, carpintaria ou culinária. Ele tenta, no entanto, o que é admirável, mas mamãe e eu ficamos felizes quando ele volta para os livros.

– Tive uma ideia. – Tio Theo se joga no chão no meio das bolinhas de brancas e fofas que cobrem o tapete do quarto, ele sorri feito criança e pega meu pé me fazendo cair ao lado dele – Balance os braços e as pernas, Malia. Desse jeito.

Reviro os olhos, mas faço o que ele pede.

– Parecemos pinguins que não conseguem sair do chão.

– Balance esses braços, pinguinha. – Tio Theo ordena, quando terminamos ele está ofegante pelo pequeno esforço.

Meu tio se levanta com cuidado para não espalhar os pedacinhos brancos. Ele me ajuda a levantar e então eu vejo o que estávamos fazendo.

– Não é porque não temos neve que não podemos fazer anjos de isopor.

Com isso, ficamos parados vendo o formato dos nossos corpos e das asas que nunca teremos até que o vento espalhe as bolinhas e nossos anjos sumam.

»

*A sala de acordos não era como eu imaginei que seria. O pai de Nicolas disse que a pena havia sido aplicada na audiência anterior e essa*

seria apenas uma reunião para decidir o que aconteceria depois que meu pai cumprisse com o que o juiz decidiu. O vento gelado do ar-condicionado chicoteava minhas costas, as marcas na mesa de madeira da sala do fórum eram uma boa distração para evitar o olhar do homem que deveria, mas nunca foi de fato, meu pai.

O advogado dele sorriu para mamãe quando ela se sentou na cadeira e acenou com a cabeça para o meu tio que estava sentado ao meu lado. Tio Theo tirou o casaco que vestia e colocou nos meus ombros apertando de leve meus braços antes de soltá-los e se virar para frente para encarar meu pai. A sobrancelha direito do meu pai subiu, mas ele desistiu dessa batalha de olhares quando percebeu que meu tio tinha anos de experiência na arte de enfrentar pessoas.

O juiz limpou a garganta e disse algumas palavras que significavam que a sessão poderia começar. O pai de Nicolas se ajeitou na cadeira, ele sussurrava alguma coisa com a minha mãe. Meu pai batia os dedos na mesa. Meu tio cruzava e descruzava as pernas. O juiz recebeu os papéis oferecidos pelo pai de Nicolas enquanto esse se punha de pé e recita os termos do acordo. Meu pai estava proibido de se aproximar de nós e ele deveria depositar uma quantidade  $x$  de dinheiro na minha conta até eu completar meus estudos na faculdade. O carro, a casa e qualquer coisa dentro dela ficam com ele, os fantasmas dentro dela também, porém, eu não tinha certeza se isso o assombrava como assombravam mamãe e eu. O pai de Nicolas entregou algumas folhas para o advogado do meu pai, ele leu algumas coisas antes de colocar as folhas em frente ao seu cliente, com uma caneta em cima.

— São os papéis do divórcio, Sr. Doerr. — ele empurrou as folhas e apontou para alguns pontos do papel — Assine aqui, aqui e aqui, por favor.

Meu pai ergueu os papéis perto do rosto e sorriu amargo. Pensei que algo fosse acontecer, pensei que ele gritaria, rasgaria os papéis, faria o que ele faz de melhor: ignoraria as vontades das outras pessoas e as machucaria com suas próprias vontades. No entanto, ele apenas abaixou os papéis, pegou a caneta e fez alguns movimentos sobre o papel, assinando. Com dois depois, ele arrastou os papéis na direção da minha mãe, meu coração doeu quando vi os dedos dela tremendo ao pegar o papel.

— Ele era meu filho também. — meu pai disse, encarando a superfície machucada da mesa — Eu também sinto falta dele.

As pessoas na sala ficam em silêncio. Meu tio para de cruzar e

descruzar as pernas. Os dedos da minha mãe param de tremer. Os advogados abaixam o rosto. O zumbido do ar-condicionado preenche o lugar. Minha boca se abre e fecha como um peixe procurando por ar. Tenho muitas coisas para dizer. Tenho anos e anos de silêncio para transformar em palavras. Quero dizer a ele que também sentimos a falta de Oliver, quero dizer que eu sei que ele o amava e que quando Oliver se foi, a única parte boa que ainda existia dentro do meu pai, também partiu junto com Oliver. Quero dizer que o fato dele ser um pai ruim e uma pessoa terrível, não muda o fato de que Oliver era o filho dele, quero apontar para seu rosto e lhe contar os medos que Oliver tinha, o medo de que ele fosse parecido com o pai, o medo de que ele fosse um monstro como o homem sentado do outro lado da mesa. Quero dizer que criamos uma fortaleza imaginária embaixo de uma cama empoeirada para nos esconder dos gritos que ouvíamos dentro de casa, que saímos do nosso castelo para encontrar mamãe machucada, limpando as lágrimas e tentando ser forte na frente dos filhos como se os hematomas no seu rosto não fossem um mapa da violência que ela sofria. Quero gritar. Quero que ele sinta toda a dor que causou. Quero que ele se sinta culpado por Oliver ter se transformado em cinzas. Quero que ele sinta toda dor que eu e mamãe sentimos. Quero que ele saiba que Oliver está em um lugar bom, agora que está sem ele. Mas eu não digo. Eu não digo. É tarde demais pra certas coisas. Algumas coisas apenas precisam ser deixadas pra trás. Às vezes, só nos resta caminhar para frente.

— Nós sabemos. — falo por fim — Mas o amor que você sentia por Oliver nunca foi o bastante para que você decidisse fazer escolhas diferentes. E não é isso uma das coisas que o amor faz? Nos transforma?

Meu pai olha nos meus olhos. Uma cópia dos meus, assim como os da mamãe são uma cópia dos de Oliver. O homem do outro lado da mesa pisca, mas não há nenhum sinal de arrependimento em seu rosto e é assim que eu decido apagá-lo da minha vida, pego uma borracha invisível e o risco, suas marcas ainda são visíveis, mas prometo a mim mesma que escreverei algo novo por cima, algo bonito, algo que possua amor.

Mamãe, Theo e eu saímos da sala. Meu pai e os advogados permanecem lá dentro. Quando estamos fechando a porta, na sala ao lado, um homem de terno chama por uma mulher sentada nas cadeiras de espera do lado de fora, a maçã do rosto dela está cortada e um hematoma se espalha como uma flor roxa perto do seu olho. Ficamos nós três parados, encarando a mulher, ela agarra a alça da bolsa com força e parece em

*dúvida se deve entrar na sala ou não. Sua atenção é atraída na nossa direção. Ela respira fundo, um, dois, três segundos se passam. Mamãe faz um movimento com o rosto como se dissesse “Faça isso, siga em frente, é a única maneira de se tornar livre.” A mulher que está do meu lado, a mulher que me criou e amou, está se desfazendo das armaduras que colocou para enfrentar o ex-marido abusivo, mamãe entrega sua força para essa estranha e a mulher a veste. Ela sorri para nós, ela ergue o rosto e entra na sala para sua própria batalha. Talvez a pessoa que a machucou não receba uma pena justa, talvez ela se sinta injustiçada e magoada e abandonada pela lei, porém, vestir a armadura e seguir para o campo de batalha já é um começo de muita coragem e grandes vitórias se constituem de pequenos começos.*

»

As pontas do meu cabelo foram repicadas por Rachel na última vez que as meninas vieram à minha casa. Os fios pequenos batem nas minhas orelhas em um emaranhado bagunçado e bonito. Os machucados estão quase desaparecendo e com um pouco de maquiagem, as marcas se tornam imperceptíveis. Não para todos, é claro, eu ainda sei que elas estão embaixo de base líquida e pó. Locke e mamãe também não se esquecem. Eles procuram as marcas invisíveis em mim.

O verão trouxe ventos abafados e chuvas quentes. É noite agora e minhas costas suam apesar do vestido leve que uso. É um dia bonito para uma inauguração, mesmo que esteja fazendo trinta e cinco graus lá fora. O vestido vermelho que Theo e mamãe compraram é o primeiro e único do meu guarda-roupa, por enquanto. Giro em frente ao espelho, o tecido acompanha meus passos, bate dos meus joelhos ossudos e volta para o lugar.

– Ela precisa ir mesmo com esse vestido? – Tio Theo pergunta resmungando para mamãe. Eles estão me observando da porta do quarto, coisa que fazem muito. Checando para ter certeza de que estou bem.

– Já conversamos sobre isso. – mamãe resmunga de volta.

– Você sabe como garotos são. – Theo joga os braços para cima – Não podem ver um pouco de joelhos a mostra que ficam loucos.

– Como você sabe disso? – mamãe cruza os braços, ela sorri pra mim.

– Querida, – Theo cruza o quarto, ele pega uma presilha em uma caixinha em cima da penteadeira e prende a lateral do meu cabelo – sei tudo sobre homens. Principalmente os bonitos e morenos de olhos verdes.

– Você está se descrevendo. – ela retruca.

– Exatamente! – ele segura meus ombros e pisca – Não deixe que ele te seduza, Maliazinha. Homens são perigosos.

– Ceeerto. – respondo.

Mamãe bufa e, ao ouvir isso, Theo revira os olhos. A interação dos dois me faz pensar em Oliver e eu. Em como nós dois seríamos. Em como nós dois não seremos.

A campainha toca. Meu tio expressa deleite com a presa que o aguarda na porta da nossa casa. Ele adora atormentar Locke. Esse, por outro lado, se diverte muito com as tentativas de ameaça do meu tio. Ouvi certa vez, quando mamãe preparava o jantar, meu tio dizendo que sente como se eu fosse filha dele.

*– O que é estranho, porquê, Deus sabe que eu nunca quis ter filhos. – ele diz como se estivesse chocado – Você sabe, crianças dão muitos gastos. Mas, a Malia, é meu dever protegê-la, sabe? Estou soando louco?*

*– Nem um pouco. – mamãe falou sem ter coragem de olhá-lo, preocupada em esconder as lágrimas que escorriam pelo seu rosto enquanto ela cortava cenouras.*

A lembrança me faz sorrir. Tio Theo corre saltitando para atender a porta. Dou uma olhada pela última vez no vestido. Quando me viro, mamãe bate palmas e pede uma voltinha. Faço o que ela pede.

– Linda. – ela beija minha face – Vamos resgatar Locke.

Mamãe gosta do garoto de olhos verdes. Ela tenta ser durona quando está perto de Locke, mas mesmo tentando, posso ver mamãe se derretendo aos poucos. Acho que ela se sente em dívida com ele, pela noite em que Locke nos salvou. A noite em que ele impediu que eu fosse espancada pelo meu pai.

O pai de Nicolas preparou os documentos do divórcio e agora meus pais estão finalmente separados. Não antes de muitas recusas do meu pai em assinar os papéis. Pelo que fiquei sabendo, o pouco que mamãe me deixa saber, ele ainda está preso, mas não será por muito tempo. Não sei se isso é o bastante, mas é o que temos por enquanto.

Desço as escadas em direção à livraria. Locke me observa descer com cuidado para não tropeçar nos livros espalhados por ali. Um brilho passa pelos seus olhos verdes e fico pensando se joelhos a mostra tem um poder tão grande como meu tio diz. Ele sorri quando chego são e salva ao chão. Meu tio faz movimentos atrás da cabeça de Locke, franzo a testa na direção dele e

balanço a cabeça.

Locke está lindo em uma calça jeans preta, tênis azuis-marinhos e uma camiseta social branca. Ele beija a mão da minha mãe e vem me buscar. Locke demora um tempo olhando para o meu vestido. Theo arranha a garganta e Locke pisca pra mim sem que meu tio veja.

– Pronta? – ele pergunta.

– Sim.

– Então, vamos. – ele coloca minha mão na curva do seu braço – Trarei ela de volta antes da meia-noite.

Mamãe assente.

– Se divirtam, crianças. – ela empurra meu tio para o lado e abre a porta. Pulo o pequeno degrau que leva a calçada. O carro joaninha está estacionado no outro lado da rua. Locke deu entrada na papelada para tirar a carteira de habilitação. Não contei à mamãe que ele ainda não tem permissão para dirigir, muito menos para o meu tio.

– Ei, acho melhor eu ir com eles. – nos viramos quando ouvimos a voz do meu tio

– Fomos convidados também, ora.

Theo abre a porta, pronto para nos acompanhar. Locke suspira ao meu lado. Mamãe puxa a camiseta dele de volta para dentro. Ele tenta se desvencilhar, mas acaba desistindo quando ela briga com ele.

Meu tio acena e faz aquilo de apontar dois dedos para os olhos e depois para Locke.

– Seu tio é uma figura e tanto. – Locke comenta.

Ele beija minha testa quando rio. Não consigo tirar minhas mãos dele ultimamente e ele parece sentir a mesma necessidade de me tocar. Abraço sua cintura fina. Semana passada eu o vi sem camisa terminando de pintar a confeitaria, ao lembrar disso estremeço. Locke pareceu muito satisfeito com minha boca aberta e minhas bochechas vermelhas. Foi naquele mesmo dia que ele me contou que voltaria a estudar. Depois de se mudar para a casa de Henri e Amélia, ele tem tomado muitas decisões importantes. Fico feliz por Locke cuidar de si mesmo quando ele passou boa parte da vida cuidando dos outros. É claro que isso não vai mudar, ele continua cuidando de Henri e Amélia. De mim. Aperto sua cintura e ele percebe que estou com um redemoinho de pensamentos dentro de mim.

– O que foi? – ele quer saber.

– Nada. – digo – Só estava pensando em você.



– Hum. – ele levanta uma sobrancelha – Ótimos pensamentos, então.

Sorrio.

– Você está linda, Malia. – seu sorriso some quando ele diz isso – Você sempre foi.

Ele se inclina para beijar meus lábios e os beija-flores recomeçam sua dança no meu estômago. Puxo seu pescoço, inspiro o cheiro de hortelã da boca dele. Espero que isso nunca pare de ser tão bom. Meus joelhos vacilam e Locke me prende em seus braços. Quero me perder dentro dele. Quero ser ele. Quero dizer...

– Eu te amo. – é um sussurro gritante, um grito de vulnerabilidade. Depois que digo tenho medo de que ele saia correndo. Tenho medo de perdê-lo. Tenho medo de jamais ser capaz de dizer essas palavras outras vezes, porque essas palavras pertencem ao garoto em frente a mim.

Locke respira sem fôlego. Sua testa grudada na minha. Seus lábios se abrindo perto dos meus.

– Ah, Malia. – ele segura meu rosto, beija o canto da minha boca – Eu te amo. Eu te amo, garota da cidade grega. Eu te amo.

Existem palavras mais bonitas? Não consigo pensar em nenhuma.

E, assim que me perco em seus lábios. Que sou levada pelos sentimentos que me consomem, penso que, *eu te amo*, é, com certeza, a única declaração que não morre, que não pode ser deixada para trás. Que permanece intacta com passar dos anos, que se fortalece. Penso que, essas pequenas palavras, *eu te amo*, têm o poder de viver para sempre.

## 56

- Você vai me dizer seu nome verdadeiro um dia, não vai?
  - Meu nome verdadeiro é Locke, menina da cidade grega.
  - Estou falando sério.
  - Eu também.
  - Tá.
  - Vamos fazer assim. O que você escolhe: meu nome ou meus beijos?
  - ...
  - ...
- Fico com os beijos.

## **Nota da autora:**

Se você está passando pelas mesmas situações que a Malia, Oliver e a mãe deles passaram ou conhece alguém vivendo nessa situação, por favor, entre em contato com alguma dessas instituições e procure ajuda:

Central de atendimento à mulheres vítimas de violência:

Telefone: 180

Disque denúncia nacional de abuso e exploração contra crianças e adolescentes:

Telefone: 100

Programa de orientação e atendimento a dependentes (PROAD):

Telefone: (11) 5576-4990

CVV – Centro de valorização à vida:

Telefone: 141

Todas as letras das músicas citadas foram retiradas dos sites: Vagalume e Letras. Todos os artistas, cantores e bandas estão devidamente indicados ao lado dos títulos das músicas. Você, leitor, pode encontrar o trabalho deles nesses sites ou adquirir os CDs ou entrar em seus sites oficiais para mais informações.

Qualquer erro que eu tenha cometido ou liberdades tomadas enquanto escrevia a história são da minha inteira responsabilidade.

## Agradecimentos

Uau. Não acredito que chegamos ao fim. Em alguns momentos durante a escrita deste livro, me peguei pensando que não conseguiria terminar de escrever a história, mas, se cheguei junto com você até aqui, é por causa dessas pessoas:

Obrigada, primeiramente, a Deus, por ter me dado forças, por ter me ajudado a atravessar um mar de escuridão e por jamais ter soltado minha mão.

Aos meus pais, por incentivarem meu amor pelos livros.

À minha irmã, Flávia, meu monstinho número um, por ser quem você é.

À Lola, meu monstinho número dois, por me mostrar o que é amor.

Átila, obrigada por ser o cachorro mais carinhoso do mundo, vou sentir saudades.

Ao pessoal do Clube do Livro de Ribeirão Preto, pelas ótimas conversas, esse livro também é para vocês.

As minhas amigas/primas/irmãs (os): Letícia Barbosa, Larissa Silva, Larissa Santa Terra, Thaís Albuquerque, Isabela Moraes, Vitória Ferracini, Guilherme Lima. Por acreditarem em mim quando eu não acreditei. Esse livro é pra vocês.

Aos cantores e bandas que fizeram parte dessa história, agradeço pelas músicas e pela inspiração.

A Adam Lambert, alguns dias antes de eu terminar de escrever *Tudo Aquilo Que Deixamos Para Trás*, tive a oportunidade de vê-lo cantar ao vivo com o Queen e, meu Deus, cara, eu te amo. Você não fez parte da playlist da Malia, mas sempre fará parte da minha playlist pessoal. Obrigada por ter me feito querer ouvir música de novo. Eu amo você. Eu amo você.

À J.K.Rowling, por ter me dado um mundo mágico. À Cassandra Clare, pelas palavras e por Magnus Bane (muito obrigado por Magnus Bane, sério). À J.R. Ward, por escrever, simplesmente.

A todos os escritores e personagens que me fizeram chegar até aqui.

Mais uma vez, gostaria de agradecer à Malia, por ter aparecido na minha vida e mudado tudo.

Por último e tão importante quanto os citados acima, gostaria de

agradecer a você que está lendo isso. Sem você, leitor, isso não seria possível.  
Sinta-se abraçado. Amo você. Amo você. Amo você.

# CONTATO

- [bruna-bffb@hotmail.com](mailto:bruna-bffb@hotmail.com)
- Instagram: @brunaferracini
- Facebook: Bruna Ferracini
- Curtam a página no Facebook: Tudo aquilo que deixamos para trás – livro (<https://www.facebook.com/Tudo-aquilo-que-deixamos-para-trás-livro-459601087568817/>)

Oi, pessoal, espero que vocês tenham gostado do livro tanto quanto eu gostei de escrevê-lo. Para mim, como autora e leitora, é muito importante saber a opinião dos leitores, por isso, não esqueça de fazer um comentário na página do livro na Amazon. Opiniões, elogios e críticas serão bem aceitas e bem utilizadas.

# Table of Contents

## Primeira Parte: Perdida ♥

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

13

14

15

16

17

18

21

23

24

25

## Segunda Parte: Visitante ∞

26

27

28

29

30

31

32

33

## Terceira Parte: As Últimas Três Canções ♪

34

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[43](#)

[44](#)

[45](#)

[46](#)

[47](#)

[48](#)

[49](#)

[50](#)

[51](#)

[52](#)

[53](#)

[Quarta Parte: Malia Dellara Doerr](#)

[54](#)

[55](#)

[56](#)

[Nota da autora:](#)

[Agradecimentos](#)

[CONTATO](#)